

HELENA SILVA e PAULO KELLERMAN

COMANDOS



# **Voltámos todos**

*Memórias de uma companhia de comandos*  
Moçambique 1971-1973

Sentimentos como liberdade, sacrifício, vontade, disciplina, amor, matar ou morrer, confiança, saudade, medos, saber, querer, poder, camaradagem, amizade para toda a vida, tudo pode o leitor encontrar ao longo das páginas deste livro que não é a simples e formal história de uma qualquer tropa, mas sim a história do viver dos homens da 32ª Companhia de Comandos ao longo de 30 meses, na instrução, no combate, no regresso a casa e nas marcas deixadas em cada um, até aos dias de hoje, quarenta anos depois.

*Tenente General Júlio Faria  
Ribeiro de Oliveira*





HELENA SILVA  
PAULO KELLERMAN

# VOLTÁMOS TODOS

*Memórias de uma companhia de comandos*

Moçambique 1971-1973

Título: *Voltámos todos — Memórias de uma companhia de comandos*

© Helena Silva e Paulo Kellerman, 2013

Revisão de conteúdos e transcrição literária: *Ana Mercedes Stoffel*

Revisão histórica: *Rodrigo Moura*

Infografia: *José Barbosa*

Revisão de texto: *José Guardado Moreira*

Fotocomposição, impressão e acabamento: *Multitipo—Artes Gráficas, L.<sup>da</sup>*

1.<sup>a</sup> edição: *Julho de 2013*

Depósito legal n.º 361 492/2013

ISBN: 978-989-98510-0-9

## PREFÁCIO

Escrever, sobre as memórias de uma companhia comandos, no caso vertente a 32<sup>a</sup>, parece coisa fácil e até dispensável. Mas não o é de todo. Muitas pessoas não sabem o que é nem como se forma um grupo destes, como é o seu pessoal, oficiais, sargentos e praças. Como é que pensavam e ainda pensam todos eles e não só, mas também os seus amigos, companheiros de armas e familiares. Mas os autores vão mais longe, mostram-nos quais os sentimentos de todos os intervenientes na vida intensa de uma companhia de comandos, entre Janeiro de 1971 e Julho de 1973.

Sentimentos como liberdade, sacrifício, vontade, disciplina, amor, matar ou morrer, confiança, saudade, medos, saber, querer, poder, camaradagem, amizade para toda a vida, tudo pode o leitor encontrar ao longo das páginas deste livro que não é a simples e formal história de uma qualquer tropa, mas sim a história do viver dos homens da 32<sup>a</sup> Companhia de Comandos ao longo de 30 meses, na instrução, no combate, no regresso a casa, e nas marcas deixadas em cada um, até aos dias de hoje, quarenta anos depois.

E, assim, o leitor ficará com a noção do que foi esta companhia, ao ler, certamente com espanto, as centenas de afirmações, daqueles que dela fizeram parte bem como com algumas das suas esposas ou namoradas, amigos e camaradas de armas. Ficarão ainda a conhecer como foi possível encontrar a força interna que fez surgir um colectivo eficiente e disciplinado que atingiu de forma brilhante o objectivo para o qual foi preparada e instruída, combater em contra-guerrilha durante mais de dois anos em teatros de operações africanos. «Há muita coisa escrita sobre a guerra colonial. Mas uma companhia unida que se reúna para escrever a sua própria história...

Não me lembro de nenhuma. E até nisto eles são diferentes e especiais». É uma afirmação de Carmo Jardim, uma amiga, que ilustra bem o que se sente ao ler o livro.

Fica evidente que os princípios e valores constantes do «código comando» moldaram definitivamente o espírito dos militares da companhia, dando a sensação de que a forma de estar é a mesma de há 40 anos atrás, embora por vezes, modificada pelos diferentes desempenhos de cada um ao longo da sua vida civil. O amor à Pátria, a camaradagem, o amor pelas responsabilidades, o carácter, a lealdade, a fidelidade, a obediência e a determinação podem sentir-se ao longo das centenas de declarações transcritas nas 'Memórias e sentimentos', título da primeira parte do livro.

Em termos de acções de combate a actividade desta companhia é demonstrativa da excelente formação dos comandos e de uma excepcional capacidade para o mais variado tipo de missões. O gosto pela aventura e o elevado espírito de missão são evidentes nos diferentes casos descritos nas «operações e momentos marcantes». O resgate de uma companhia de atiradores, os assaltos com helicópteros, a protecção a comboios e acções de recuperação de populações, são acções em que as emboscadas, os golpes de mão são factos que entusiasma o leitor com gosto pela aventura, incluindo incidentes e, por vezes até, situações críticas. O mais curioso, porém, é que o espírito de entreatajuda e o desembaraço alicerçados na preparação psicológica e forte espírito de missão contribuíram para a resolução dos incidentes surgidos.

A capacidade de liderança do comandante reflecte-se exponencialmente no valor do desempenho dos seus homens. Na leitura deste livro encontramos o exemplo acabado de um líder — o capitão de artilharia comando Humberto Carapeta que é descrito pelos elementos da companhia «como uma pessoa excepcional, que deixou uma marca indelével em cada um dos homens que comandou», sendo para o autor a «personificação daquilo que se crê ser um comando» correspondendo assim ao que se pode ler no Código Comando «sempre generoso na vitória e paciente na adversidade, o verdadeiro comando trata com solicitude, acarinha e estimula aqueles que lutam e sabem vencer todos os obstáculos». No entanto, é da mais pura justiça considerar estas afirmações como uma homenagem a título póstumo.

Ao ler estas memórias da 32ª Companhia de Comandos fica-se com a sensação, de que a companhia ainda existe, que continua coesa, que a

situação de guerra ainda aumentou os laços entre os seus componentes e os mantém até hoje, apesar da separação e dispersão geográfica que sempre se verifica.

Num curso de comandos a preparação para o combate sempre andou a par da chamada acção psicológica. Mas, depois de se ler este livro, fácil será concluir que formar um «comando» não é só o transformar de um homem numa máquina de guerra, mas antes em criar nele «um estado de alma» ou «um modo diferente de estar na vida» como afirmava o mentor dos comandos, o saudoso coronel de artilharia comando Gilberto Santos e Castro, considerado para sempre — o comando número um.

O que atrás deixei escrito foi elaborado com a seriedade e emoção de quem, sendo também comando, foi Comandante do Batalhão de Comandos de Montepuêz e teve a honra de ter sob o seu comando a 32ª Companhia de Comandos.

Júlio Faria Ribeiro de Oliveira  
Tenente General



## APRESENTAÇÃO

*«Aquilo que foi doloroso suportar torna-se agradável depois de suportado; é natural sentir prazer no final do próprio sofrimento.»*

SÉNECA

*«A estratégia sem tática é o caminho mais lento para a vitória. Tática sem estratégia é o ruído antes da derrota.»*

SUN TZU

Será aparentemente pacífico afirmar que uma companhia de comandos é, acima de tudo, um colectivo, uma organização eficiente e disciplinada onde a vontade individual se dissolve em prol de um objectivo comum e alegadamente superior.

Mas, precisamente por isso, é curioso verificar que o que distingue, e em última análise determina, os comportamentos e as reacções de cada um dos elementos que formam determinada companhia é essa mesma individualidade que se pretendeu neutralizar ou, pelo menos, suspender.

Para conhecer e perceber melhor o que é uma companhia de comandos teremos, então, que começar por conhecer cada um dos indivíduos que a formava, tentando perceber as relações de influência que se estabelecem entre o «eu» e o «nós».

Uma conclusão possível de alcançar após dezenas de horas de conversa com elementos da 32ª companhia de comandos é, afinal, uma certeza óbvia e lógica: o valor do colectivo depende de forma inequívoca do valor das partes que o compõem; se a companhia foi forte, tê-lo-á sido por ser formada por indivíduos não apenas fortes mas que conseguiram direccionar essa força num mesmo sentido e com um objectivo comum.

Todos suportaram a passagem pela guerra porque não estavam sozinhos, porque integravam algo maior, mais abrangente; mas todos a suportaram de modo diverso. Todos viveram o mesmo mas todos o viveram de modo diferente, com nuances na percepção e na vivência, apreendendo a realidade sob ângulos diversos. Todos filtraram essa mesma realidade através das suas individualidades; todos viram o mesmo mas não viram igual. Todos marcharam na mesma direcção e dispararam com idêntica determinação, todos partilharam segredos e cervejas com idêntica confiança e generosidade, todos saltaram dos helicópteros com a mesma destreza e confiança, todos foram heróicos ou atrevidos, todos se arrependeram de algo, todos foram e todos regressaram; como um ser único e indivisível, um ser único e indivisível com muitas identidades.

Mas essa experiência comum, transversal a todos, não impediu que alguns se dedicassem à leitura ou à fotografia e outros não, que alguns contemplassem o pôr-do-sol africano com prazer e outros não, que alguns visitassem as «meninas» de Luanda e outros não, que alguns cometessem actos de selvajaria e outros não, que alguns chorassem e outros não, que alguns escrevessem diários e outros não, que alguns recordem os anos de guerra como os melhores das suas vidas e outros não, que alguns regresassem com consciências pesadas e outros não, que alguns apenas queiram esquecer e outros não.

Que alguns aceitassem participar neste livro e outros não.

Ao acompanhar, através das declarações de cada elemento da 32ª entrevistado, os trajectos e as experiências individuais dos homens que a integraram, bem como as sensações e impressões de cada um, percebemos facilmente o modo como percursos e posturas de vida muito díspares acabaram por confluir em torno de um conjunto de valores e convicções que se tornaram, afinal, comuns a todos, acabando por suplantar as diferenças e especificidades individuais e conferir a estes homens um paralelismo identitário que muito os orgulha, pois certamente que não haverá nada como uma guerra para nivelar e aproximar pessoas muito diferentes.

Esta convergência, de que todos foram protagonistas, consubstancia aquilo que muitos consideram ser a maior herança da sua experiência enquanto comandos do exército português e da sua presença na guerra colonial: a valorização de uma dimensão humanista conquistada em condições extremas mas que viria a marcar indelevelmente a vida do pós-guerra de cada um, tornando-se para todos um traço determinante de personalidade.

Este livro não pretende avaliar, e muito menos julgar, as opções ou comportamentos de ninguém.

Tenta apenas contribuir para o conhecimento e contextualização dessas opções e desses comportamentos, porque para formar uma opinião é imprescindível possuir informação, porque não há compreensão sem memória, da mesma forma que não há presente sem passado. Tenta perceber a realidade distante e complexa que foi a guerra colonial portuguesa e sobre a qual é fácil e tentador formar juízos de valor intransigentes. Tenta perceber não apenas factos mas também o contexto e a motivação, as condicionantes que estão intrinsecamente relacionadas com esses factos. Tenta perceber que por trás de acontecimentos e posturas, de actos, há sempre motivos concretos e não apenas acasos e arbitrariedades.

Um livro que deve ser lido tendo sempre presente que a verdade é composta por diversas e complementares verdades, que a verdade de cada um é sempre parcelar; tendo presente que conhecer não significa aceitar ou concordar, não significa condenar ou justificar; tendo presente que conhecer significa tão só recolher os elementos necessários para perceber.

Considerando que, por vezes, surge no discurso de algum dos entrevistados o desabafo de que a sua guerra foi como a dos filmes, talvez a leitura destes testemunhos possa ser, afinal, como ver um filme: quem por lá passou, talvez se reveja, se reencontre momentaneamente consigo próprio, no que lê; quem não esteve lá, talvez consiga imaginar-se e projectar-se, *ver* como teria sido.

E de facto, pode-se ler este livro como se víssemos um filme formado por pequenos capítulos que se completam, contando uma história comum mas multi-direccional, com diversas dimensões, diversos ângulos, diversas vicissitudes e especificidades; pequenas histórias que se cruzam numa história maior, pequenas mas significativas partículas de história. Da História viva.



## PRIMEIRA PARTE

# Memórias e sentimentos: a guerra na primeira pessoa



Os livros nascem, muitas vezes, motivados e impulsionados pela mais simples e instintiva das características humanas: a curiosidade. Curiosidade em tentar conhecer, em tentar perceber, em tentar compreender; curiosidade, também, em responder a questões particularmente complexas: como teria sido comigo, se fosse eu? Que teria feito, sentido, temido, desejado?

Esta curiosidade partilhada, que aproxima escritor e leitor, torna-se especialmente incisiva e arrebatadora quando se abordam com temas extremos e intensos, marcantes, polémicos, dolorosos; como a guerra, por exemplo. Mas como escrever com seriedade sobre vivências de guerra quando não se viveu pessoalmente essa experiência? Como transmitir de forma realista e fiel, neutra mas também apaixonada, uma realidade tão multidimensional e complexa, tão contraditória e dolorosa? Não haverá outra forma que não seja partir da audição atenta, criteriosa e crítica de pessoas que viveram os acontecimentos que se pretende conhecer e perceber que os sentiram no espírito e na carne, que os têm vivos na memória.

É esse, então, um dos propósitos desta primeira parte do livro. Escutar dezenas de pessoas que têm como traço comum a passagem pela guerra colonial portuguesa (a maioria, neste caso, pertencentes a uma companhia em particular) e relatar com fidelidade e espírito crítico não apenas as vivências individuais e concretas de cada um mas também conseguir extrair desses relatos uma imagem ampla e abrangente, tão contextualizadora e esclarecedora quanto possível, percebendo o que está para além do concreto, do óbvio, do superficial; ou seja: vislumbrar os aspectos que sobressaem como particularmente marcantes do ponto de vista colectivo, tentando deduzir em cada testemunho o que é estruturante e genérico, o que é comum a todos, aplicável a todos, marcante para todos.

E todos significa não apenas os próprios intervenientes directos, que testemunham e participam na experiência de construir o livro, mas igualmente quem está de fora, os leitores que ao ler pretenderam satisfazer a sua curiosidade, estabelecendo (ou não) diferentes graus de identificação e empatia, não tanto com as individualidades específicas e as histórias circunstanciais mas, principalmente, com a memória colectiva e intrínseca (a substância da História) que ressalta da comparação e justaposição dos relatos pessoais.

Dividida em três capítulos, dedicados sucessivamente à companhia, aos oficiais e algumas das pessoas que conviveram com eles no período da guerra colonial em que participaram, percorre e analisa os depoimentos daqueles que quiseram partilhar connosco essa experiência.

## CAPÍTULO UM

### A COMPANHIA

#### «Aqui trabalha-se, luta-se, morre-se»

O filme *Platoon*, baseado na experiência pessoal do realizador Oliver Stone e vencedor do Óscar para melhor filme em 1986, é um retrato cru e violento, controverso, da presença americana no Vietname, acompanhando o dia-a-dia de um soldado que se voluntariou para defender o seu país e do pelotão em que foi integrado. O início é fortíssimo: acompanhado por uma banda sonora opressiva e melodramática (*Adagio for strings*, de Barber), o protagonista desce do avião e caminha pela pista como se estivesse a entrar num novo mundo; de certa forma, a primeira imagem que tem do Vietname é a de soldados americanos mortos, anónimos e semi-abandonados, que são transportados para o mesmo avião de onde acabou de sair, de regresso a casa. É uma imagem que o introduz de imediato na realidade que o aguarda e que, um pouco mais tarde, vai definir e caracterizar como um inferno; ou, mais concretamente: «o inferno como impossibilidade da razão».

Mas claro que a realidade é sempre mais complexa do que a ficção. Apesar da perspectiva simplista da guerra como uma descida ao inferno ser comum e generalizada, especialmente junto de quem não passou por lá, ao conversarmos com os elementos da 32ª Companhia de Comandos houve vários que caracterizaram os dois anos e meio que passaram em África como umas quase férias ou mesmo como os seus melhores anos. Como perceber e explicar tais afirmações? Terá sido a guerra colonial portuguesa substancialmente diferente de outras guerras, de forma a poder

ser perspectivada por alguns dos seus intervenientes como férias? Talvez um indício de explicação resida, afinal, no próprio *Platoon*; o filme tem como epígrafe uma citação bíblica: «*Rejoice, O young man, in thy youth*», que incentiva os jovens a aproveitarem a sua juventude. A referência é claramente irónica: como poderão estes jovens aproveitar a juventude se vão descer ao inferno e, provavelmente, morrer? Mas poderá também conter uma pista para melhor perceber as afirmações dos elementos da 32<sup>a</sup>, aliás assumida por alguns dos entrevistados: quando se é jovem, aguenta-se tudo.

Aparentemente, aguenta-se mesmo tudo. Quarenta anos depois da passagem pelo mato moçambicano, as memórias (ou, pelo menos, as memórias assumidas e verbalizadas) destes homens são predominantemente positivas e a experiência humana resultante da passagem pela guerra e da integração na 32<sup>a</sup> foi não apenas fulcral na definição da personalidade individual de cada um mas também motivo inequívoco de orgulho, de afirmação pessoal, de sensação de dever cumprido, de liberdade.

O protagonista de *Platoon* acaba por concluir que a passagem pela guerra implicou uma luta quotidiana contra si próprio, a descoberta de que o inimigo (ou, pelo menos, um inimigo) reside em si próprio; conclui que a guerra, mesmo depois de terminada, permanecerá presente para sempre e que lhe restará mergulhar nessa experiência limite como uma possibilidade de busca de um sentido e de uma forma de bondade que possa sustentar o resto da sua vida. São conclusões cinematográficas, apesar de supostamente baseadas na experiência concreta e autêntica do autor do filme e, por isso, devem ser abordadas com cautela; mas a arte é sempre uma imitação da vida, um espelho deformado ou idealizado da realidade e não uma invenção pura e simples.

Talvez valha a pena encarar como possível a existência de pontos comuns entre as conclusões deste personagem e a evolução do raciocínio de alguns dos elementos da 32<sup>a</sup>: a passagem por uma experiência humana extrema, potencialmente perturbadora, poderá só ser suportável se dela se conseguir retirar algum elemento que permita recontextualizar a vida, colocando em perspectiva opções, escolhas, caminhos, prioridades; ou seja: nada voltará a ser igual mas o que vier, depois da passagem pela guerra, não precisa de ser obrigatória e exclusivamente negativo.

Talvez seja por isso que alguns destes homens recordam a sua passagem pela guerra com aparente (e inesperada, para quem está de fora)

displícência: souberam sublimar a sua experiência, de modo a retirar dela algum elemento positivo suficientemente poderoso para ser estruturante na formação das suas personalidades pós-guerra. Não se tratou simplesmente de esquecer ou ignorar, de condescender ou aligeirar o negativo; tratou-se, antes, de conseguir encontrar algo positivo por entre toda a negatividade que o envolvimento numa guerra não poderá deixar de representar e ser capaz de focalizar nesse lado positivo o essencial dessa experiência de vida.

A eficácia da introdução cinematográfica acabou por se revelar contraditória; contextualizou e forneceu pistas de abordagem úteis mas, como não poderia deixar de ser, proporcionou uma imagem simplista e redutora, quando comparada com a complexidade da realidade. Porque a realidade (prová-lo-iam os testemunhos recolhidos) não é a cores ou a preto e branco, como os filmes, mas composta por uma intrincada infinidade de tonalidades e matizes que interessa descobrir e tentar perceber. É essa realidade, esse filme autêntico composto de pessoas concretas, medos concretos, esperanças concretas, heroísmos concretos, crimes concretos, mortes concretas, ferimentos concretos e aprendizagens concretas que transparece dos relatos dos entrevistados, correspondendo à curiosidade e interesse de quem lê com dados, perspectivas e conclusões concretas. Correspondendo com pistas de resposta a questões particularmente complexas que o leitor poderá fazer-se: Como teria sido comigo, se fosse eu? Que teria feito, sentido, temido, desejado?

### *«Cada um é livre, faz o que entender»*

Talvez não seja pergunta que se faça a comandos (uma tropa de elite formada por voluntários) mas, ainda assim, arriscamos indagá-los sobre o que pensaram em relação aos seus compatriotas que, evocando razões familiares ou políticas, decidiram abandonar o país e, desse modo, contornar a obrigatoriedade de cumprimento do serviço militar e uma previsível ida para África; alguns dos militares entrevistados manifestam alguma revolta em relação aos seus contemporâneos que fugiram ao cumprimento do serviço militar, outros tentam disfarçar um inconfessável respeito por uma opção que, na altura, poderia ter implicações inimagi-

náveis e gravosas; contudo, a grande maioria revelou simplesmente uma grande indiferença em relação às opções alheias.

*«Cada um é livre, faz o que entender.»<sup>1</sup>*

Esta frase parece resumir um determinado estado de espírito vivido no início da década de setenta (pelo menos por estes homens), testemunhando uma certa *liberdade coagida* em que os jovens se sentiam viver; afinal, a aparente liberdade individual era fortemente condicionada pelo contexto social e político, pelo acesso ou não à cultura e à educação, pelas circunstâncias financeiras e as expectativas de vida, pela pressão ostensiva ou subtil dos pares, das famílias, das vizinhanças. Cada indivíduo sentia que apenas ele próprio sabia de si e da sua vida, que faria o que bem entendesse e como decidisse, que poderia optar de acordo com a sua vontade e consciência; e talvez assim fosse: mas sempre dentro de parâmetros muito estritos e definidos.

*«... Então, eu não era livre de pensar aquilo que queria? Não, não era. Porque me incutiram um certo pensamento, estava condicionado; incutiram-me desde pequenino aquela forma de pensar e eu não podia pensar de outra maneira; e depois, vivendo no meio de uma família, da igreja e do exército, estava completamente convicto de que essa era a verdade, não é?»<sup>2</sup>*

Ou seja, a verdadeira opção a tomar por cada jovem português não seria tanto entre ir ou não à tropa mas antes, mais realisticamente, entre que tropa escolher. Haverá, em muitos casos, um chamamento patriótico, sincero e inquestionável; mas, outras tantas vezes, prevaleceu um certo pragmatismo resignado:

*«... Eu queria era despachar-me da tropa... A minha intenção era essa, fazer a tropa e despachar-me.»<sup>3</sup>*

Cada um decidia por si, de acordo com os condicionalismos a que estava submetido, com maior ou menor convicção, maior ou menor resignação, oscilando entre uma verdade oficial e uma percepção individual que nem sempre coincidiam, consentindo uma momentânea dissolução da vontade individual na vontade colectiva, política, nacional.

---

<sup>1</sup> Soldado Carlos Pereira.

<sup>2</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>3</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

Certamente que haveria inúmeros casos de genuína convicção na justeza da obrigação de ir à tropa e lutar em África, na necessidade de morrer a defender o país se o destino assim o determinasse, na possibilidade de honrar a história e cumprir um dever; talvez até existisse regozijo e orgulho, nalguns casos. Mas, excluindo pontuais excepções, prevalecia, de forma muito consciente no espírito de quem marchava pelas matas moçambicanas ou bebia cerveja nas rochas da Ilha, a certeza de que estava apenas a cumprir uma etapa da sua vida, que existia um fim anunciado; que em determinado dia, haveria uma viagem de regresso a efectuar e a guerra ficaria para trás, talvez interminável mas definitivamente para trás. O dever estaria cumprido e a vida prosseguiria, mais fácil, mais livre; porque

*«... A nossa vida não era aquela, a nossa vida era acabarmos a tropa e seguirmos para a nossa vida civil, realizarmos as nossas ideias...»<sup>4</sup>*

Não haveria, portanto, tempo ou vontade ou interesse em olhar para o lado e julgar as opções alheias. A liberdade de escolha representava, afinal, que cada um teria de viver com as suas escolhas e respectivas consequências, com as suas limitações e incertezas, com a sua consciência, com a memória do que fez e de quem foi. A passagem pela guerra representa, assim, uma harmonização estranha e periclitante entre um individualismo muito marcado...

*«... Eu fui para lá tentar defender-me a mim... primeiro defender-me a mim e depois fazer aquilo que eles queriam que fizesse...»<sup>5</sup>*

... e uma total e sincera cedência à conveniência do colectivo, da companhia:

*«... Posso dizer-lhe que nós tivemos uma companhia extraordinária porque embora houvesse respeito pelas hierarquias, todos éramos companheiros...»<sup>6</sup>*

Os elementos da 32<sup>a</sup> eram homens conscientes e orgulhosos da sua especificidade e unicidade mas, simultaneamente, estavam cientes de que integravam algo maior e mais abrangente: uma companhia que era muito

<sup>4</sup> Furriel José Gomes.

<sup>5</sup> Fernando Perdigão.

<sup>6</sup> Furriel José Gomes.

mais que uma simples soma das suas individualidades. Integravam algo que não só não os privava dessa individualidade (até porque o interesse pessoal mais elementar coincidia com o interesse colectivo genérico: sobreviver) como lhes conferia uma sensação de pertença, de utilidade e poderio, de superação. Sentiam-se parte de uma engrenagem que não dominavam, cujos mecanismos de funcionamento e motivações não compreendiam inteiramente mas percebiam que a sua presença contava, fazia a diferença; descobriam a sua utilidade e importância, mesmo que em momentos de maior desânimo lamentassem ser apenas «*carne para canhão*», enfrentando até às últimas consequências o significado das suas opções e comportamentos. O instinto de sobrevivência ditava um reforço do individualismo mas, simultânea e contraditoriamente, intensificava a generosidade para com os camaradas da companhia, determinando o estabelecimento de relações de inter-dependência e solidariedade, de companheirismo, de confiança que mitigavam a cada momento o instinto individualista e que, em última análise, prevaleciam; relações estas que, em muitos casos, viriam a redefinir posturas de vida e que, hoje, muitos afirmam ser a maior e mais preciosa herança da sua passagem pela guerra.

### «*A tropa nunca fez mal a ninguém*»

Porque foram, então? Simplesmente porque tinham que ir e, portanto, a partir de determinado momento, quiseram ir. Foram, focalizados no dia em que regressariam:

«... *Eu dizia-me: vou para a tropa e se morro ou se sair vivo, pronto. A partir daí, senti-me aliviado: agora é que eu posso começar a tratar de mim e andar para a frente.*»<sup>7</sup>

Pelo meio, haveria uma experiência de vida inesquecível (para o bem e para o mal), suficientemente forte para desencadear focos de dúvida nas certezas íntimas que qualquer jovem de vinte anos carrega consigo; mas, ainda antes de sofrer na pele as agruras da guerra, havia a certeza partilhada por muitos de que a tropa, a simples passagem pela tropa, possuía virtualidades. Quais?

---

<sup>7</sup> Soldado Artur Fraga.

«... Fez bem àqueles que não sabiam qual era a mão direita e a mão esquerda. Quando se estava numa formatura e se dizia «direita, volver», alguns viravam à esquerda... Depois havia aquele reguila que tinha a mania que era bom, que pensava que era mais inteligente que os outros. A tropa é boa para esses dois tipos.»<sup>8</sup>

Ou:

«... A tropa nunca fez mal a ninguém... a guerra é que é um bocado complicada... agora, a tropa, por mim toda a gente devia passar por lá. [...] Faz amadurecer a pessoa, ter um bocado de respeito por certas coisas. Há muita coisa que a tropa ensina... as pessoas andam por aí e fazem o que lhes apetece, mas depois chegam lá e a coisa não é assim, na tropa não se faz o que se quer... Hoje até é um bocadinho mais fácil, mas no meu tempo, não... no meu caso, não se podia nem abrir a boca...»<sup>9</sup>

Outros vão mais longe, mais fundo:

«... Acho que todas as pessoas deviam passar pela tropa; depois de viver isto tudo, já vivi muito e em contextos mais complicados ... A sociedade evolui em muitas coisas mas em termos humanos, em termos de enriquecimento pessoal, as pessoas perderam muito. A solidariedade? Perdeu-se; a amizade? Não sabem bem o que é isso. As dificuldades é que fazem com que as pessoas melhorem; é preciso passar por determinadas dificuldades para, em termos humanos, enriquecer-se.

E o mais importante da sociedade são as pessoas... independentemente dos valores que cada um adquiriu na sua infância, a tropa vai fazer um corte com a família, um corte com os bons e os maus hábitos que cada um teve, e vai disciplinar o indivíduo... não o vai mudar.

Num teatro de guerra, numa situação complicada, é que se vêem as pessoas. Se um indivíduo não for bem formado torna-se num assassino... Nos comandos há uma grande selecção, o indivíduo, em termos psicológicos, é submetido a provas muito complicadas e tem que ter uma grande resistência psicológica para conseguir ultrapassar essas situações... dão-lhe agressividade, no bom sentido, mas não lhe podem deturpar os princípios; os princípios estão lá...

<sup>8</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>9</sup> Soldado Carlos Pereira.

*A tropa é muito positiva no aspecto em que obriga as pessoas a conhecer a realidade da vida; é-se obrigado a conviver e partilhar com indivíduos que vieram de todos os extractos sociais, a lidar com dificuldades que nunca conheceu, a ter que partilhar com eles vidas e expectativas... Isso é muito importante.*

*É evidente que não é a partir dos vinte anos que se vai formar um homem, um homem forma-se a partir dos seis meses... mas a tropa corta o cordão umbilical e força as pessoas a socializarem-se, a aprender o que são dificuldades...»<sup>10</sup>*

Esta aproximação entre homens com personalidades, trajectos de vida, expectativas e desejos obviamente diferentes mas que a partir de determinado momento, forçados pelas circunstâncias, começam a partilhar experiências e objectivos, uniformizando comportamentos e formas de pensar, está na raiz do companheirismo, solidário e genuíno, que viria a caracterizar a 32<sup>a</sup>, marcando indelevelmente os seus elementos para o resto das suas vidas.

Independentemente do que cada um tivesse sido forçado a abandonar (carreiras profissionais, percursos académicos, vidas familiares), ao chegarem a Luanda e iniciarem o curso de comandos, todos perceberam com maior ou menor clareza que estariam forçosamente unidos numa dupla missão, transversal a todos: a de cumprir o que sentiam como um dever militar e a de sobreviver — literalmente falando — ao cumprimento desse dever.

Por muito diferentes ou mesmo antagónicas que fossem expectativas e filosofias de vida, de repente todos estavam reduzidos às mesmas necessidades, todos se encontravam no mesmo plano, todos integravam a mesma rede de inter-dependências e de correlação de forças. Reduzidos a esta espécie de essência comum, estavam então prontos para tudo: para o treino mais duro e exigente, para as provações mais injustificáveis, para os sacrifícios mais violentos; para uma desumanização simultaneamente forçada e voluntária, imprescindível para que se tornassem naquilo que viriam a ser: máquinas de guerra.

*«... O treino, a selecção... era o que queríamos atingir; era quase a perfeição bélica: sermos máquinas perfeitas de guerra para conseguirmos sobreviver à guerra... Quando falo de treino, de ir para a guerra conscientes do que*

---

<sup>10</sup> Furriel Pedro Batista.

*íamos fazer, não era para matar, era para sobreviver à guerra: Vou a saber o que devo fazer, devidamente preparado e instruído, sou uma máquina, entre aspas, porque isso é uma forma de poder regressar, de sobreviver.»<sup>11</sup>*

O que remete para uma questão pertinente: porquê os comandos? Numa primeira abordagem, esta é uma dúvida que pode causar alguma perplexidade: se quem vai, vai porque tem que ser e não propriamente porque quer, porquê escolher o ramo militar mais exigente, mais duro? Porquê escolher o caminho mais difícil? A explicação, repetida praticamente por todos os entrevistados, é afinal óbvia:

*«... Sabia que tinha que ir para a guerra e, pela experiência de alguns amigos, sabia que a melhor tropa seria os comandos, onde era mais bem tratado, com mais treino, e eu voluntariei-me.»<sup>12</sup>*

Óbvia e evidente:

*«... Se vou para a guerra, vou a saber o que tenho de fazer, vou o mais bem preparado possível...»<sup>13</sup>*

Por conselho ou por intuição, por sorte ou por impulso, quase nunca por acaso, todos optaram pelos comandos; e poderá haver arrependimentos (assumidos ou não) em relação à passagem pela guerra e aos actos praticados no mato moçambicano mas o mesmo já não acontece em relação à opção pela escolha desta força especial. Pelo contrário, todos revelam sincero orgulho e alguma comoção por terem sido comandos. Todos se sentem agradecidos pela oportunidade de o terem sido, por terem resistido aos quatro meses de curso, porque sabem ou intuem que poderá ter sido esse curso a salvar-lhes a vida.

*«... Quando se termina o curso, uma pessoa sente-se diferente... mais forte, preparada para tudo: «Finalmente sou comando». O objectivo, no fundo, era ser comando... Claro que depois vinha a guerra, mas para a guerra a gente já estava preparado, psicologicamente, fisicamente, em tudo; estávamos mesmo bem preparados.»<sup>14</sup>*

<sup>11</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>12</sup> Soldado Carlos Pereira.

<sup>13</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>14</sup> Soldado José Teixeira.

«O curso em si é um sacrifício que tem que se fazer»

Centenas de jovens praças com aproximadamente vinte anos chegam a Luanda. A maioria nunca tinha abandonado o país, alguns mal conheciam Lisboa; os membros das equipas de apoio viajaram de barco, ainda um pouco imbuídos do espírito de «férias», acumulando descobertas e vivências, de tal forma que vários recordam esta viagem como uma das experiências mais gratificantes das suas vidas.

*«Fomos inseridos num navio normal de passageiros... Não no navio Pátria, que levava mil e quinhentos militares; éramos à volta de trezentos militares e mil e duzentos passageiros civis. Foi uma viagem muito descontraída, fizemos amizades, inclusivamente uma série de amigas e amigos, com quem depois convivemos em Luanda durante os seis meses em que lá estivemos à espera de entrar em serviço. Chegámos com uma expectativa grande porque as pessoas nos diziam coisas muito interessantes sobre Luanda. Lembro-me que no fim-de-semana seguinte já estava numa festa...»<sup>15</sup>*

À sensação de descoberta e à emoção da viagem, juntava-se o inesperado fascínio por África; para os oficiais e soldados que iam fazer o curso a Luanda e viajaram de avião, o primeiro contacto com as cores, com os cheiros, com o clima, com a atmosfera de África foi memorável.

*«A chegada... Quando se abriu a porta do avião, a luminosidade, a claridade enorme do céu africano e o imenso bafo de calor foi a primeira sensação. Depois de lá estar algum tempo, achei Luanda uma cidade espectacular, uma maravilha: Os cafés, muitas esplanadas... os camarões e a cerveja a um preço irrisório, muitas vezes como aperitivo, era uma coisa com que não contávamos, não estávamos preparados para isso.*

*Outro aspecto desta vivência pela cidade era o cheiro dos musseques. Aquele ambiente dos musseques era completamente diferente. Um musseque tem um cheiro próprio, tem um cheiro característico, e esse cheiro fica, entranha-se, permanece connosco. Foi uma sensação que me marcou bastante. Depois, os barulhos, os batuques, todo aquele ambiente que se vive nos musseques é uma coisa muito marcante, é algo difícil de explicar...»<sup>16</sup>*

<sup>15</sup> Furriel José Monterroso.

<sup>16</sup> Furriel Carlos Lunet.

São memórias tão poderosas, até porque possuem uma componente física muito acentuada, que certamente influenciam e alimentam, por si só, o desejo acalentado por muitos elementos da 32ª em regressar a África, passados todos estes anos; quem já o fez, quem regressou, testemunha o impacto que essas primeiras sensações produziram:

*«... Devo dizer que há uns anos fui, como advogado, integrado numa missão empresarial; no aeroporto de Luanda, quando cheguei ao patamar do avião, comecei a chorar e as pessoas que iam comigo perguntaram-me o que se passava. Aquilo mexeu comigo... Os cheiros de África, os cheiros da terra... Quando cheguei a Luanda pela primeira vez, uma das coisas marcantes foi o cheiro. Lembro-me do calor, da humidade; ficámos ali perto do estádio dos Coqueiros, numas pensões; não fomos logo para uma unidade militar, e lembro-me de dormir com mosquiteiros, com um calor abafadíssimo... Lembro-me perfeitamente de outra coisa que nunca me tinha acontecido na vida: tomar banho e ficar imediatamente transpirado, com vontade de ir tomar banho outra vez.*

*Em Luanda havia uma vida bastante cosmopolita; aquilo não era mato, não era guerra, não era nada... era uma cidade que fui conhecer, como se fosse ao Brasil ou a outro lado qualquer... adorei aquela baía de Luanda, adorei aquela marginal, adorei aquelas coisas todas...»<sup>17</sup>*

Contudo, para outros, também houve primeiras impressões negativas.

*«...Chegámos a Angola de avião e estivemos algum tempo à espera de fazer o curso no Grafanil, um campo militar próximo de Luanda. Aquilo era horrível, parecia um campo de concentração; e nós sem dinheiro para beber uma cerveja ou uma água... foi terrível!»<sup>18</sup>*

Ou:

*«... Tive o primeiro impacto negativo... não sabia o que era um gueto e o comboio que nos levava para o Grafanil atravessava os guetos todos. Íamos no comboio, de portas abertas, devagarinho, a ver aqueles miúdos, todos ranhosos, sem roupa, à beira da linha, sem protecção nenhuma;*

<sup>17</sup> Furriel José Monterroso.

<sup>18</sup> Soldado Domingos Calheno.

*parecia que estávamos no fim do mundo... Foi uma imagem tão negativa... pensava que estava noutra planeta. E foi logo a primeira, a pior imagem que tive.»<sup>19</sup>*

A sensibilidade de cada um aponta em determinada direcção e irá condicionar as opiniões e juízos individuais mas as primeiras impressões, sejam negativas ou positivas, são sempre intensas e veementes; afinal, trata-se do primeiro contacto com uma realidade inteiramente nova, com um mundo diferente. Claro que a experiência angolana não foi idêntica para todos. Alguns dos elementos da companhia, especialmente os não operacionais ou os que já possuíam as suas especialidades, não fizeram o curso de comandos.

*«... Nós estivemos seis meses quase de férias, em Luanda... Os outros andavam no duro, a fazer o curso e a especialidade...»<sup>20</sup>*

Mais:

*«... Eu estou farto de dizer que as minhas melhores férias e as minhas melhores viagens foram quando estive na tropa...»<sup>21</sup>*

Para os restantes (a maioria), a passagem por Luanda representou principalmente sacrifício e desespero, sofrimento, angústia. Seis meses de luta impiedosa, numa guerra que ainda não era a do ultramar mas antes uma guerra íntima e essencialmente privada, de cada um contra si próprio, contra as suas restrições e desânimos, contra as dificuldades e as adversidades, contra o medo, contra a raiva; uma guerra pela conquista da insígnia, do crachá. Para todos eles, concluir o curso foi uma verdadeira guerra contra as suas próprias limitações; para alguns, o curso foi pior que a guerra.

*«... O curso em si é um sacrifício que tem que se fazer, para chegar ao fim...»<sup>22</sup>*

### *«Não sabem o que é tirar um curso de comandos»*

Perante a exigência e intensidade do curso, há quem admita a vulnerabilidade que sentiu e há quem assuma uma postura de «tudo se

<sup>19</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

<sup>20</sup> Furriel José Monterroso.

<sup>21</sup> Furriel José Gomes.

<sup>22</sup> Soldado José Teixeira.

aguenta»; mas todos são unânimes quanto ao grau de dificuldade que o curso de comandos representa. As estratégias para resistir e superar os obstáculos quotidianos, para chegar ao fim, são necessariamente diferentes.

*«... Às vezes, a gente sofria muito, era um sofrimento que ninguém sabe... O que eu queria era voltar para junto da minha mulher e da minha filha... chorávamos muitas lágrimas; não sabem o que é tirar um curso de comandos... Era um massacre, era sofrer, era triste, tudo triste.»<sup>23</sup>*

Triste mas, de uma forma ou outra, suportável e superável:

*«... Há uma coisa que vocês não sabem e é bom que seja dito... depois que um indivíduo entra para o curso de comandos e passa a prova de sede, a chamada prova de choque, dificilmente, seja ele quem for, quer desistir. Aconteceu comigo, aconteceu com toda a gente... Até à prova de sede, ainda estávamos com aquela paranóia de desistir e até de matar o instrutor, mas a partir dali, a partir daquela altura, acabaram as ilusões; houve qualquer coisa que mexeu connosco...»<sup>24</sup>*

Uma indicação simples mas esclarecedora do grau de dureza e exigência do curso é esta: durante os dois anos que a 32<sup>a</sup> passou em Moçambique, na guerra propriamente dita, não sofreu uma única baixa mortal; contudo, durante os escassos meses em que decorreu o curso, ocorreram diversas mortes resultantes de acidentes.

*«... O curso não era fácil, era preciso ter fibra. Sempre puxado. As provas de sede, tudo com fogo real... E aquela semana maluca, em que fazíamos da noite dia e do dia noite. Não me passou pela cabeça desistir, nunca. Eu estava habituado já aqui à vida dura e essas provas nunca me meteram medo. Não me vergaram. Tivemos uns três ou quatro mortos, mas isso era frequente nos cursos. Havia os que iam sendo eliminados: Uns porque começavam a chorar, não aguentavam a acção psicológica e as provas físicas; outros porque eram maus companheiros e eram eliminados por nós. Nós escolhíamos os camaradas e os chefes.»<sup>25</sup>*

<sup>23</sup> Soldado Ilídio Lázaro.

<sup>24</sup> Soldado Fernando Perdigão.

<sup>25</sup> Soldado Manuel Seabra.

Tal é, portanto, a brutalidade do curso que supera a impiedade da guerra; mas teria forçosamente que assim ser, já que os objectivos do curso eram muito claros:

*«... O curso era a preparação dos homens para a guerra. Para o pior.»<sup>26</sup>*

Talvez tenha sido, então, essa exigência que justifique parcialmente o sucesso da campanha da 32<sup>a</sup> no mato africano; tivesse existido menos rigor, menos determinação, no decorrer dessa preparação e as consequências poderiam ter sido diferentes; justifica parcialmente mas não explica tudo: afinal, a preparação foi idêntica para todos os comandos mas o desempenho efectivo das diversas companhias no teatro de guerra, os resultados obtidos, o número de baixas, não foi uniforme.

Se todos encaram o curso como uma preparação necessária e, do seu ponto de vista, preciosa para a guerra que iriam enfrentar, (numa espécie de transformação temporária em máquinas de guerra eficazes e infalíveis, em soldados perfeitos), também existe quem queira ver mais longe e o percepcione como uma tentativa de «reprogramação» do indivíduo, reduzindo-o a um ser elementar e amoral; porque o soldado perfeito é, afinal, aquele que não questiona, que não hesita, que não condescende, que não duvida; e, para que isso seja alcançável, é preciso tentar privá-lo da consciência e da racionalidade, reduzindo-as ao mínimo.

*«... Um treino de comandos é isso. Não tenho dúvida nenhuma, tudo aquilo que são as técnicas psicológicas, de pressão psicológica, de tortura psicológica, são perigosíssimas... Hoje, a ciência — no caso concreto da ciência da mente — avançou de tal forma que é possível levar as pessoas a fazer aquilo que se quer, digam o que disserem; claro que podemos encontrar personalidades muito fortes que não se vergam mas com noventa por cento se calhar consegue-se...»<sup>27</sup>*

Talvez não existisse para a maioria dos homens que concluíram o curso esta consciência de que poderiam estar a abdicar um pouco de si próprios, já que de certa forma a sua continuidade no curso assim o exigia; caso contrário, talvez tivessem questionado a sua obstinação em

<sup>26</sup> Soldado António Pinto.

<sup>27</sup> Furriel Carlos Lunet.

prosseguir, em chegar ao fim. Mas poucos questionaram, poucos admitem tê-lo feito; a motivação para concluir o curso era enorme, parecia até incrementar com o aumento das dificuldades.

«... A motivação? Foi-nos toda inculcada no curso. Foi muito intensivo e de muitos deles — éramos uns quinhentos — mais de metade ficou pelo caminho. Era a acção psicológica, para além de esforço físico. A música «Donne-moi ma chance» sempre... de manhã à noite...»<sup>28</sup>

De acordo com os testemunhos, o curso de preparação parece inegavelmente duro; tão duro que muitos dos homens que nele participaram não conseguem facilmente concretizar essa dureza em palavras; fala-se da prova da sede, do fogo real, dos acidentes; existe um desejo sincero de transmitir aquilo por que se passou mas pressente-se alguma dificuldade em explicá-lo, talvez porque essa dureza esteja para além da compreensão, talvez porque há sensações e estados de espírito que não são verbalizáveis. Apesar disso, não se fala em hipotéticas tentações de desistência. E porque não?

«... O curso de comandos... se fosse hoje não conseguia tirá-lo. Foi preciso uma força de vontade muito grande. Eu só pensava no tempo que ia poupar estando nos comandos, mas não imaginava o que seria aquilo. Aquele curso... Sabia que era uma tropa de elite, de intervenção, mas aquilo foi muito duro.»<sup>29</sup>

Força de vontade, portanto. Mas também orgulho:

«... O curso acabou. Foi um orgulho! Enfrentei um desafio e venci-o. Cheguei ao fim, estava preparado para tudo.»<sup>30</sup>

Ou algo muito mais simples e linear, intrínseco a todos os homens:

«... Pensei: desistir? Não. Se os outros fazem, eu também faço.»<sup>31</sup>

O que os impedia de desistir era força de vontade e orgulho, teimosia, obstinação em não dar parte de fraco. Resiliência. E, também, um certo calculismo:

<sup>28</sup> Furriel António Aires.

<sup>29</sup> Furriel António Aires.

<sup>30</sup> Soldado Manuel Seabra.

<sup>31</sup> Soldado Domingos Calheno.

«... Nunca pensei em desistir. Alguns desistiram, outros ficavam contentes quando eram eliminados. E houve outros que só foram eliminados no fim do curso... e isso foi muito duro. Até para nós, que os víamos ir embora. Eram eliminados e iam para a tropa normal. Ali, nos comandos, tínhamos outras regalias, apesar de tudo... Regalias que a tropa normal não tinha.»<sup>32</sup>

E entre as «regalias» obtidas, havia uma que se destacava, uma herança que, de uma forma ou outra, foi sentida pelos homens que concluíram o curso:

«... Estávamos mesmo convencidos que éramos quase super-homens.»<sup>33</sup>

Ou, mais explicitamente:

«... O difícil foi o curso. Dia e noite, durante meses... Sempre a doer. Mas nunca pensei em desistir, sempre com aquele querer, com aquela vontade... Sempre a ser massacrado. Depois, tivemos a compensação... quando acaba, quando nos metem o crachá... Bem, podíamos ir ao inferno, estávamos prontos para tudo.»<sup>34</sup>

Prontos para a guerra.

### «Coisas que, hoje, nem sequer é bom recordar»

Apesar de tanta preparação, tanto entusiasmo, tanta invencibilidade, os super-homens não deixam de ser homens. E, por isso mesmo, podem falhar.

«... A primeira vez em que estive frente-a-frente com um gajo armado, não sei se dei dezassete ou dezoito tiros. E não lhe acertei com nenhum, não acertaria nem com mil... Ele parado à minha frente... Apodera-se de nós um nervosismo tal que não se consegue matar um homem... Dizia-me: Ele não me fez mal nenhum, vem no trilho com a armazinha às costas e pára, percebe que há algo errado, fica quietinho... Eu podia escolher o sítio e não consegui, comecei a disparar mas não disparava para aquele sítio, disparava para a Tanzânia, para todo o lado, mas não disparava para o gajo. [...] Quando o contei aos outros, não disse o que tinha acontecido — por

<sup>32</sup> António Pinto.

<sup>33</sup> Soldado Domingos Calheno.

<sup>34</sup> Soldado Fernando Galeão.

*amor de Deus — disse: veio ali um cabrão, fez barulho, disparei mas o gajo fugiu... mas não foi nada disso, ele ficou quietinho a escutar... e era nesse momento que eu tinha que o matar. Mas era a primeira vez que disparava contra um homem... Ele não me estava a ver, nós estávamos a emboscar o trilho e ele ali parado... eu deitadinho no meio do mato, camuflado... Teria podido escolher o sítio.»*

Falham. Mas logo recuperam.

*«... A gente começou a disparar mesmo a serio, quando fomos ofendidos, quando tivemos dois feridos. A partir daí, já não houve nervosismo. Acabou-se. [...] Aí é que surge o verdadeiro comando, talvez para o pior. Mas um gajo ver um amigo sem um pé... a partir desse dia, tudo o que se mexer, acaba.»*

Preferimos não identificar o autor deste testemunho, apesar de termos autorização para o fazer. Não é fácil admitir vulnerabilidades, hesitações, falhas; da mesma forma que não é fácil admitir excessos, que certamente foram cometidos mas raramente são confessados, quanto muito insinuados. Como afirmou Êsquilo, *«Na guerra, a verdade é a primeira baixa.»* E, passados quarenta anos, as verdades vividas e transmitidas por estes homens são inevitavelmente diversas mas não necessariamente antagónicas; existe uma verdade oficial e uma verdade individual, existe uma verdade pública e uma verdade íntima, existe uma verdade politicamente correcta e uma verdade inconfessável. Múltiplas verdades, com que cada homem tem que viver, ainda hoje.

Mas o que transparece desta confissão é que quando se fala em participar numa guerra, não há preparação suficiente, nunca se está totalmente preparado para tudo o que se possa vir a enfrentar; há visões, actos, gestos que no momento em que são vividos até poderão ser pacificamente assimilados e processados (não há tempo nem vontade para questionar) mas que, mais tarde, poderão regressar, causando incredulidade ou desconforto, dúvida até.

*«... Não tenho nada, mesmo nada, de especial para contar ... Quero dizer, há coisas... a gente contar histórias daquilo que lá se passou hoje... podia contar-lhe, por exemplo, uma história daquelas de dar um tiro num fulano... mas atrás disso vêm coisas que nem sequer é bom recordar.»<sup>35</sup>*

<sup>35</sup> Soldado Fernando Perdigão.

Que coisas? Por um lado:

*«... Não vale a pena perguntar como é que se convive ou como é que não se convive com o que se fez porque eu, como disse, quando fiz aquilo, cometi o acto e acabou. A seguir, lembrava-me do acto mas não tinha a mínima noção da pessoa, a pessoa desvanecia-se completamente.*

*Hoje tenho noção daquilo que fiz e de como o fiz. Hoje estou, ou julgo que estou, psicologicamente fortalecido para conviver com isso, sou capaz de conviver com esta realidade.*

*Mas para mim, a guerra é um acto animalesco, não tem nada de racional. Como é que se faz, como é que se vive com isso? É um acto animalesco, matar, sobreviver, a adrenalina do contacto, da progressão, do momento, do assalto... tudo isso, não é racional, não é racional.»<sup>36</sup>*

... mas, por outro lado:

*«Se aqueles dois anos me mudaram muito? Não. Nada. Às vezes, vejo na televisão pessoas que dizem que têm traumas... Não sei porquê...»<sup>37</sup>*

Dois depoimentos, duas verdades aparentemente inconciliáveis: de um lado, a guerra como algo brutal que marca quem por ela passou:

*«... Houve coisas que vi... uma guerra tem muita coisa: pessoas que morrem, feridos, outras situações... E, às vezes, agora, vamo-nos abaixo com essas coisas. Lá, não me perturbava, mas cá, algum tempo depois, vim abaixo.»<sup>38</sup>*

... de outro, a guerra como algo que, brutal ou não, pouco modifica quem nela participou:

*«... Não há traumatismos, não há nada.»<sup>39</sup>*

Não haverá certamente verdades mais verdadeiras que outras; mas a pergunta é legítima: afinal, não estiveram todos na mesma guerra, não passaram todos pelos mesmos condicionalismos, não tiveram todos a mesma preparação? Não regressaram todos? Sim; mas nunca deixarem

<sup>36</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>37</sup> Soldado Carlos Pereira.

<sup>38</sup> Furriel António Resende.

<sup>39</sup> Soldado José Fernandes.

de ser pessoas únicas e individuais, filtrando uma realidade partilhada e comum através de filtros pessoais e exclusivos, vendo o mesmo de maneira diferente.

Talvez por isso nunca tenham sido verdadeiras máquinas de guerra, por mais mecanicamente perfeito que tenha sido o seu desempenho, pois não deixaram de ser homens absolutamente singulares na forma de agir e perspectivar a realidade, pela simples razão que jamais haverá dois seres humanos iguais. Todos viveram o mesmo mas todos o viveram de forma diferente, todos recordam o mesmo mas recordam-no de forma diferente. E é nas similaridades encontradas e no antagonismo de todas essas diferenças que se vislumbra a riqueza da 32<sup>a</sup>.

### «É melhor matar do que morrer»

*«... Tudo o que vi foi normal. Estávamos numa guerra. Psicologicamente era difícil, claro, mas estávamos numa guerra. Aconteça o que acontecer, o nosso dever era ajudar no que fosse preciso. E sentíamos-nos bem por isso. Nunca me senti frustrado. Nem afectado. Ainda hoje me lembro, mas com normalidade. [...] A guerra foi como tinha que ser. Era a sobrevivência. Nós atrás da caça e eles atrás do caçador. Uma guerra de interesses. Do Estado. Claro que já sentia isso na altura. E sentia revolta, mas de que me adiantava a mim revoltar-me? Fazia o possível para sobreviver, para um dia me vir embora. Cumpria o meu dever.»<sup>40</sup>*

Sente-se em alguns dos testemunhos um desejo, por vezes uma necessidade, de transmitir a passagem pela guerra como algo quase normal; tal como a verdade, a normalidade é um conceito muito relativo e subjectivo, aplicado para significar realidades diferentes. Poderá ser um sentimento de normalidade sincero e genuíno mas também poderá ser uma normalidade resignada, uma forma de defesa; afinal, a luta pela sobrevivência, a percepção de «se não mato, morro», poderá alguma vez ser algo verdadeiramente normal? Talvez o convívio quotidiano com esta realidade a torne tão próxima e concreta, tão esmagadora, que se torne difícil não a

<sup>40</sup> Soldado Alfredo Pereira.

percepcionar e aceitar como corriqueira, durante o período em que dure. De certa forma, poderá ocorrer uma necessidade de desligamento, de desprendimento, de suspensão; uma habituação.

«... *Nunca tive medo, nunca me baldei, nem tive dores de barriga na hora de ir para o mato. Era uma rotina, o meu trabalho.*»<sup>41</sup>

A guerra torna-se uma rotina, de tal forma que se esquece a morte? Talvez sim:

«... *Nunca me lembrei da morte... Talvez o treino, a preparação... Mas nunca me lembrei dessas coisas.*»<sup>42</sup>

... ou talvez não:

«... *Como operacional, percebi varias vezes que a minha vida podia acabar a qualquer momento. Havia um desprendimento da vida, permanente. Se morresse, morria. Não estava ligado à vida.*»<sup>43</sup>

Talvez tudo se resuma a algo muito elementar: é melhor estar vivo do que estar morto; e perante isto, perante esta linearidade, tudo é legítimo para alcançar esse objectivo; o que importa é a sobrevivência, pura e simples:

«... *Morrer por morrer, que morra ele [o inimigo].*»<sup>44</sup>

Uma ideia elementar que vai sendo repetida vez após vez:

«... *Não é fácil matar, não é fácil... mas é melhor matar do que morrer, meta isso na cabeça, é melhor matar do que morrer....*»<sup>45</sup>

Até se tornar uma normalidade:

«*Se não mata, morre... é a sobrevivência. Se a gente não o matasse, ele matava-nos a nós; por isso tínhamos que ser mais eficazes que ele, liquidá-lo a ele para ele não nos liquidasse a nós...*»<sup>46</sup>

---

<sup>41</sup> Soldado Fernando Galeão.

<sup>42</sup> Soldado António Pinhal.

<sup>43</sup> Furriel Pedro Baptista.

<sup>44</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

<sup>45</sup> Soldado Ilídio Lázaro.

<sup>46</sup> Soldado José Teixeira.

Resumindo:

«... *Está sempre presente a ideia do ou mato ou morro? Sim, sempre.*»<sup>47</sup>

Nenhum morreu. Supõe-se que tenham matado o suficiente.

Cada homem é o que é, é como é: intrinsecamente bom ou mau, intrinsecamente solidário ou egoísta, intrinsecamente corajoso ou cobarde. Mas essa verdade apenas se descobre na sua totalidade em situações extremas, como a passagem por uma guerra; aí, não há como iludir, como disfarçar, não há como fugir ao que se é. Caem as máscaras, os subterfúgios, as ilusões e cada indivíduo confronta-se consigo próprio, com o que efectivamente é no seu âmago e na sua essência.

Encontra respostas sobre o que é; aprende, descobre, percebe quem é. E viverá para sempre com essa descoberta.

Perante esta confrontação com o verdadeiro eu, a realidade passa a ser vista com outros olhos e adquire nova profundidade, os objectivos e conceitos de vida redefinem-se, a percepção individual ganha novas subtilezas. Um exemplo, apenas:

«... *Era preciso ter uma consciência grande de aquilo que estávamos a fazer. Havia mais vida para além daquilo [da guerra] e o que fizéssemos ali, ia-nos acompanhar para o resto da vida. Ao longo dos últimos anos vivi muito, viajei alguma coisa e cheguei à conclusão de que os bens materiais não chegam. Há outros valores a ter em conta. Distribuir amor e compaixão é que é fundamental. Tudo é efémero. A única coisa que interessa é a alegria de viver, que vem de dentro de nós. O prazer é uma coisa fugaz.*

*A minha vida é hoje uma guerra contra a inconsciência. A maior parte das pessoas fomos formatadas para ser alguma coisa: engenheiros, doutores, ter coisas... E ficámos condicionados por essa formatação. E o ser, onde ficou? A felicidade das crianças foi-nos retirada com essa ânsia do ter, como diz Agostinho da Silva.*

*Mas depois de um tempo de caminhada, um indivíduo tende a pensar nessa outra parte da vida. Hoje, felizmente, já há miúdos a seguirem esta filosofia, o que é fantástico. É uma nova consciência de vida, do que é importante. [...] Sinto que, na vida, só temos interesse se formos úteis ao nosso semelhante. Senão, o que andamos cá a fazer?»<sup>48</sup>*

<sup>47</sup> Furriel António Chumbo.

<sup>48</sup> Furriel Pedro Baptista.

Haverá casos em que as auto-descobertas induzidas ou proporcionadas pela participação na guerra não serão tão positivas e regeneradoras, tão confessáveis.

Talvez por isso muitos preferiram simplesmente esquecer, talvez por isso alguns tenham preferido não participar neste livro.

### «*Confiávamos a vida uns aos outros*»

«... A disciplina é a maior herança da passagem pelos comandos. O rigor, a disciplina e aquela formação psicológica que nos davam. [...] E essa disciplina ficou-me para toda a minha vida, aliás os meus filhos brincam comigo, dizendo: «com o meu pai não é para fazer, já foi feito».»<sup>49</sup>

É um dos conceitos mais presentes no discurso dos elementos da companhia: disciplina. Existe até uma certa noção, geralmente explícita e assumida mas nalguns casos inconsciente, de que o sucesso e prestígio da companhia (consubstanciado por exemplo — e este é obviamente o exemplo supremo, na perspectiva de cada um — no facto incontestável de todos terem regressado vivos) se deveu principalmente à forte disciplina impelida por quem tinha responsabilidade de a incutir e interiorizada por todos os restantes; foi algo que marcou e determinou a sua passagem pela guerra colonial, uma espécie de traço de carácter da companhia enquanto organismo multi-pessoal e que depois se prolongou aos seus constituintes individuais, transformando-se num traço de carácter da personalidade individual do pós-guerra de cada um dos homens que integravam a 32<sup>a</sup>. Uma simbiose entre colectivo e individual, em que o «eu» contagia o grupo e o grupo contagia o «eu». Para o bem e para o mal.

«... Nós tínhamos que cumprir com a disciplina, éramos militares e tínhamos aquele regime militar que tinha de ser cumprido.»<sup>50</sup>

Ponto final. Ou não?

«... Éramos muito disciplinados, no aquartelamento, na maneira de estar, na maneira de sair... Claro que havia excepções, havia algumas excep-

<sup>49</sup> Soldado Domingos Calheno.

<sup>50</sup> Soldado Artur Fraga.

ções; havia indivíduos que saíam cá para fora e faziam as suas asneiras, todos nós as fizemos... Mas havia outros piores do que nós...»<sup>51</sup>

Resumindo:

«... Obedecer e ser leais, é essa a regra dos comandos.»<sup>52</sup>

Mas claro que a obediência e a lealdade implicam e supõem a existência de respeito, de solidariedade, de cooperação, de confiança.

«... É a tal disciplina; nós vamos a caminhar num trilho; eu sei que vou virado para este lado, tu vais atrás e sabes que vais virado para aquele; eu sei que tenho que guardar uma distância daqui àquela árvore, porque se formos encostadinhos e vier uma rajada, três ou quatro vão logo abaixo. E a disciplina é assim: nenhum de nós ia fora do trilho fazer as suas necessidades sem avisar e outro ir connosco; não era muito agradável, mas um ficava virado para ali e outro para acolá, a vigiar.

Na altura, estavam na berra os filmes dos americanos no Vietname e eu ficava escandalizado com a indisciplina que via e pensava «mas isto nunca aconteceu connosco...» Por exemplo, deixar soldados lá... connosco, ou ficavam todos ou não ficava nenhum.»<sup>53</sup>

Não ficou nenhum.

Independentemente da convicção com que cada um interiorizara os valores que os obrigavam a marchar no mato moçambicano, a realidade indelével era que estavam efectivamente a marchar no mato moçambicano, protagonistas numa guerra que alguns não compreendiam ou aprovavam mas que praticamente nenhum questionava. Apesar do rigor da preparação e da auto-confiança que cada homem retirava do facto de ser um soldado de elite, não deixava de participar numa guerra em que, dia após dia, morriam soldados; soldados com famílias e projectos e sonhos que não deveriam ser muito diversos das famílias e projectos e sonhos de todos os comandos.

O quotidiano dos combatentes da 32<sup>a</sup> estava repleto de morte, pelo que naturalmente cada um deles se sentia confortado no facto de não depender

<sup>51</sup> Soldado Fernando Perdigão.

<sup>52</sup> Soldado António Pinto

<sup>53</sup> Soldado Domingos Calheno.

apenas de si, de poder confiar a sua sobrevivência ao camarada que estava ao lado; porque o camarada que estava ao lado sentia de igual forma. E esta inter-relação de dependência e confiança, essencial do ponto de vista estritamente militar mas também muito determinante na perspectiva psicológica individual (o «moral das tropas»), baseava-se precisamente na existência dessa disciplina uniformizadora.

A disciplina abrangia todos e todos a seguiam, pelo que consequentemente todos estavam ao mesmo nível; todos intuíaam quais os sentimentos e ansiedades do camarada do lado porque sentiam e ansiavam algo muito análogo; todos podiam, de forma imprevisível e indiscriminada, ser mortos ou feridos; todos eram exigentes com quem estava ao lado porque dessa exigência poderia depender a sobrevivência de cada um.

«... Éramos leais. Confiávamos a vida uns aos outros.»<sup>54</sup>

Ou seja:

«... Uma pessoa que viva uma experiência destas, ganha uma segunda família. Que para alguns é, até, a principal.»<sup>55</sup>

A disciplina começa por ser imposta...

«... Andava lá e limitava-me a cumprir as ordens. Como quando andamos na estrada e temos que usar cinto. E nós fazíamos isso. Limitávamo-nos a cumprir.»<sup>56</sup>

... mas acaba por se transformar numa necessidade, acaba por ser perspectivada como uma mais-valia determinante; nela radica, também, a forte camaradagem que aproximou e agregou os elementos da 32<sup>a</sup>, uma camaradagem sustentada numa experiência de vida comum, partilhada e vivida por todos, que os une de forma inextinguível através de um conjunto de laços e cumplicidades que permanecerá para sempre.

«... Era uma companhia disciplinada. Não só nos comportamentos de técnicas de guerra mas na própria relação de uns com os outros... se um soldado nosso deixasse qualquer coisa em cima da cama, dificilmente desaparecia. Havia um certo respeito e isto fazia-se sentir, criava confiança

<sup>54</sup> Soldado António Pinto.

<sup>55</sup> Furriel Pedro Baptista.

<sup>56</sup> Soldado Manuel Seabra.

*de uns nos outros. Depois da guerra, continuamos a encontrar-nos porque sabemos que estamos aqui, que eles estão aqui e que podemos continuar essa relação e essa confiança...»<sup>57</sup>*

### «A gente tinha a capacidade de desligar»

Mas não só de disciplina se alimentava o quotidiano dos comandos portugueses na guerra colonial. Elemento fundamental parecia ser a proverbial capacidade de desligar, de não pensar, de se distanciar e abstrair desse mesmo quotidiano.

*«... Só havia uma forma de fazer que era não pensar, porque se me pusesse a pensar naquilo que ia fazer, não fazia...*

*Depois de fazer? Não pensava, era tentar apagar e bloquear... Não se falava disso; durante a guerra, não. No momento, não. Eu só entendo que possa ter feito a guerra por não estar a pensar naquilo que estava a fazer...»<sup>58</sup>*

Mas como se consegue não pensar? O que pode um homem fazer para se abstrair da proximidade da morte, como esquecer que a qualquer momento poderá ter que matar, poderá morrer?

*«... Como se faz para não pensar? Sei lá, era a doutrina, andava a cumprir um desígnio de Deus, andava a defender o país...»<sup>59</sup>*

Cada um teria de descobrir os seus mecanismos e truques, de acordo com as suas personalidades e características individuais, também de acordo com as suas necessidades específicas; haveria auxiliares comuns a todos, (a tal doutrina, a própria preparação psicológica a que tinham sido submetidos durante o curso ou as férias de que todos beneficiavam regularmente na Ilha de Moçambique) e condicionantes a que estavam limitados, que determinavam as opções. Restavam, portanto, poucas escolhas, poucas alternativas. Para uns seria mais fácil:

*«... Conseguia desligar... Em relação aos outros não sei, mas comigo havia um momento em que era militar e outro momento em que não era*

<sup>57</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>58</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>59</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

*militar; e no momento da convivência, do quotidiano da cidade, eu não era militar, tanto que até andava à civil, fazia a minha vida, ia ao cinema, divertia-me, ias aos bares... quando chegava ao quartel, perfilava-me, vestia a farda e era outra coisa...»<sup>60</sup>*

Para outros, talvez bastasse o refúgio numa espécie de estado de negação das dúvidas e incertezas, numa perspectiva intuitiva e pragmática em que a acção se sobrepõe à reflexão:

*«... Se fosse a pensar, não ia para lá, não é?»<sup>61</sup>*

Ou seja:

*«... Era chegar e fazer aquilo que tinha que fazer, sem olhar e quase sem pensar.»<sup>62</sup>*

Quase. Mas como esquecer totalmente os saltos do helicóptero, as palhotas incendiadas, os tiroteios? Seria possível? Talvez não mas pelo menos tentava-se.

*«... Uma parte importantíssima era termos a mente ocupada e não era com namoradas ou pais. Se a gente estava lá, era preciso ter a mente ocupada lá, nem que fosse a jogar futebol de salão, nem que fosse a beber um copo e a meter-se com as negritas; tinha que se ter o tempo ocupado. Realizávamos jogos, torneios, passeios... para esquecermos o nosso dever, aquilo que íamos fazer a seguir...»<sup>63</sup>*

Ocupar o tempo, portanto; de forma convencional...

*«... Procurei esquecer muita coisa, ocupando-me... a ler, por exemplo. O movimento nacional feminino mandava-nos livros e eu, nas minhas horas livres lia aquilo tudo, os livros que deixavam mandar para lá, as revistas...»<sup>64</sup>*

---

<sup>60</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>61</sup> Soldado José Teixeira.

<sup>62</sup> Soldado António Pinhal.

<sup>63</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

<sup>64</sup> Furriel António Chumbo.

... ou de formas menos convencionais, pelo menos no contexto de uma guerra:

«... *Íamos à caça de javalis e gazelas, fazíamos patuscadas, preparávamos aquilo e convidávamos os furriéis e os alferes para eles pagarem as cervejas. Mesmo na guerra, eram bons momentos.*»<sup>65</sup>

Existia, portanto, uma grande capacidade (e uma grande necessidade também) de abstracção e distanciamento da rotina da guerra:

«... *A gente tinha a capacidade de desligar...*»<sup>66</sup>

Para isso, contribuía o companheirismo e a solidariedade que naturalmente nasce entre homens submetidos a circunstâncias similares mas também um certo espírito de missão e sacrifício, um sentimento de inevitabilidade; mais prosaicamente, o convívio, a actividade física, o jogo, a correspondência com a família, a cerveja. E um inevitável extravasamento de tensões, libertador e catártico.

«... *Problemas entre companheiros? Nunca havia problema nenhum... Desentendimentos? Então não havia? Quando a cerveja era demais. Às vezes, resolviam-se com umas bofetadas... mas daí a um bocado, dava-se um aperto de mão e estava tudo bem outra vez. Era preciso deitar algumas coisas cá para fora... De qualquer maneira, nunca ninguém saiu para o mato chateado com outro, nunca.*»<sup>67</sup>

E claro: «a Ilha». Se se perguntar a um elemento da 32<sup>a</sup> Companhia de Comandos qual é a melhor recordação que trouxe da sua passagem pela guerra, há uma elevada probabilidade de a resposta ser: «a ilha».

«... *Todas as companhias, de dois em dois meses, iam vinte, vinte e poucos dias para a Ilha de Moçambique. Nunca chegávamos a estar lá um mês, mas dava para recuperar. Sol, praia, cerveja... e o resto... E as asneiras que a gente lá fazia... aí sim, nós fazíamos montes de asneiras. [...] Era uma necessidade de extravasar tudo aquilo que a gente tinha passado...*»<sup>68</sup>

<sup>65</sup> Soldado António Pinto.

<sup>66</sup> Soldado António Pinhal.

<sup>67</sup> Soldado Carlos Pereira.

<sup>68</sup> Soldado Fernando Perdigão.

Um local para extravasar mas também algo semelhante a um centro de estágio.

«... A ilha era um dos grandes centros de aquilo que chamam estágio agora; era o nosso centro de estágio... Recuperávamos, fazíamos um crosse todos os dias, jogávamos à bola, tínhamos torneios de futebol de salão, passeávamos...»<sup>69</sup>

Um intervalo da guerra.

«Aqueles momentos aliviavam o resto...»<sup>70</sup>

### «Saudades? Tinha e não tinha»

Estando perante homens que, na sua maioria, passaram dois anos e meio longe do país, da família, dos amigos, das rotinas e expectativas quotidianas, ligados às suas antigas vidas apenas por comunicações irregulares (e, para os padrões de hoje, quase arcaicas), envolvidos numa guerra longínqua, seria legítimo esperar que quando falassem do que sentiram e desejaram durante esses dois anos e meio, a palavra «saudade» surgisse com frequência. E surge; mas não muito.

«... Saudades? Tinha e não tinha. Não deixei cá amor nenhum. Não havia namoros. Saudades dos meus pais, tinha. De resto... tudo o que passei lá foi quase como um sonho.»<sup>71</sup>

Talvez fosse mais fácil ignorar as saudades e seguir em frente, talvez não houvesse tempo para sentir saudades; o que não poderia acontecer (e aparentemente não aconteceu, pelo menos, ninguém o assume), era alguém ceder à nostalgia ou à apatia e, devido a isso, questionar de algum modo os níveis de exigência e disponibilidade inerentes à condição de ser um comando.

«... Nos operacionais não havia muitos problemas com as saudades. Há diferença na preparação de uns e outros. A preparação muda a pessoa psicologicamente.»<sup>72</sup>

<sup>69</sup> Soldado José Teixeira.

<sup>70</sup> Furriel António Resende.

<sup>71</sup> Furriel António Aires.

<sup>72</sup> Furriel Pedro Baptista.

Certamente que haveria momentos mais complicados de gerir, pessoas momentaneamente mais vulneráveis:

«... Havia aquela desconfiança, lá... Ouvíamos falar e era terrível. Namoros que acabavam, mulheres que traíam, difamações... Para muita gente, foi um drama. Tivemos um amigo nosso que se queria suicidar. Era casado. E afinal era boato... E as saudades dos filhos...»<sup>73</sup>

... mas, de modo geral, parecia dominar um necessário e conformado pragmatismo.

«... Parecia que a saudade era só quando vinha a carta, depois metia-se a carta na mala e acabava...»<sup>74</sup>

Claro que as saudades também variariam de acordo com aquilo que cada um deixara temporariamente para trás, que podia ser muito:

«... Cá, tinha namorada. Custou um bocado. Fui de barco no Vera Cruz. Só depois de ter chegado a Luanda é que comuniquéi à família e a ela que tinha ido para Angola. Eles iriam para o cais chorar e eu não queria nada disso. Depois, cartas para trás e para a frente, aerogramas. E quando não vinha uma carta era muito doloroso. Era a parte mais dolorosa, as saudades da família. A meio da comissão vim cá e estive um mês. E depois... foi mais difícil voltar. Já sabia que tinha que ir mas...

Perto do fim da comissão, havia lá um mapa e íamos contando uns aos outros quantos dias faltavam. Planos para quando voltasse... não havia... nunca fiz. Alguma coisa podia correr mal...»<sup>75</sup>

... ou poderia ser menos:

«... Portanto não tinha saudades nenhuma, a não ser da minha mãe e da aldeia, que não me dizia muito. Não tinha namorada, estava tudo numa boa: espírito de sobrevivência, camaradagem...»<sup>76</sup>

Mas a verdade é que não havia muito que se pudesse fazer:

«... Saudades da família? Claro, isso era um drama, era complicado. Querer vir embora? Não tinha hipótese nenhuma... Nem se pensava nisso...»<sup>77</sup>

<sup>73</sup> Soldado Fernando Galeão.

<sup>74</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

<sup>75</sup> Furriel António Resende.

<sup>76</sup> Soldado Domingos Calheno.

<sup>77</sup> Soldado Carlos Pereira.

Portanto, restava ir resistindo. E recorrer aos paliativos disponíveis: aerogramas, por exemplo.

*«... Os aerogramas. No meu caso, era quase um diário, um repositório das vivências... Não tinha aquele medo ou aquela apreensão, aquela angústia, nada disso. Mas a namorada contava-me algumas coisas de cá... e ela sim, sentia-se angustiada por eu estar lá, porque perspectivava a circunstância de eu estar na guerra, sem saber se eu vinha ou não vinha... Eu não. Vivia o dia-a-dia e não estava nada marcado por medos e angústias da guerra nem coisa nenhuma...»<sup>78</sup>*

Cedendo a uma certa resignação:

*«... Não havia telemóveis nem telefones, havia os aerogramas... Mas de qualquer maneira as coisas até corriam bem; nós contentávamo-nos com aquilo que ia surgindo, com o que ia aparecendo, não estávamos à espera de mais...*

*É evidente que havia alturas, principalmente para as pessoas casadas, em que as coisas eram duras... «Porque é que não apareceu hoje uma carta?» Se falhasse um aerograma nos seguintes quinze dias, só depois de um mês é que havia outra oportunidade... as expectativas eram diferentes...»<sup>79</sup>*

Claro que não faziam milagres os aerogramas; ou talvez fizessem?

*«... Os aerogramas eram grátis mas se quisesse mandar uma fotografia pagava. A minha namorada escrevia muito e mandava muitas fotografias dela. Era uma alegria quando recebia. Um dia... estávamos numa operação muito delicada, nem se podia falar... Nessa noite, sonhei com comboios; e comboios significava novidades. E disse para um colega: «Vamos ter correio», e ele respondeu: «Estás apanhado do clima; aqui no mato, correio?» E não é que veio o helicóptero e deixou o correio?»<sup>80</sup>*

Obviamente que cada combatente era um caso singular e único, que havia diferenças e especificidades. Entre as operações e os aerogramas, entre as memórias da vida anterior à guerra e a imprevisibilidade do dia seguinte, entre a certeza do que se deixara quando se partira e a incerteza

<sup>78</sup> Furriel José Monterroso.

<sup>79</sup> Furriel José Gomes.

<sup>80</sup> Soldado Fernando Galeão.

do que encontraria quando se regressasse, cada um balanceava como podia e sabia, gerindo as emoções e as expectativas como lhe parecia mais indicado, considerando o contexto em que se inseria e os parâmetros que esse mesmo contexto impunha. Entretanto, vivia-se o dia-a-dia, mantinha-se a mente ocupada, acreditava-se no regresso, fazia-se muito e pensava-se pouco. Tinham saudades? Certamente; tinham todas as saudades que podiam ter, que conseguiam ter, que lhes deixavam ter, que havia tempo para ter, que era impossível deixar de ter.

*«Não me venham cá com histórias de que não tinham medo»*

Claro que geralmente as saudades acabavam por ter de passar para segundo ou terceiro plano; afinal, convivia-se quotidianamente com a morte, havia uma questão premente que se sobrepunha a todas as outras: a sobrevivência.

*«... Nós víamo-los chegar sem pernas, todos esfacelados, todos desfeitos, outros mortos... e nessa altura — como é que hei-de dizer? era aquilo que tinha que ser. Se não fossemos lá, se não fizessemos, faziam-nos a nós a seguir...»<sup>81</sup>*

Essa necessidade de sobrevivência incentivava muito e desculpava bastante, era a força motora que em última análise aproximava e disciplinava os homens; era perante a constatação de que um ferimento ou mesmo a morte, (e essa constatação adquiria especial evidência quando se estava perante um combatente português ferido ou morto) eram uma possibilidade muito real, que cada um mobilizava os seus esforços e convicções, justificando os seus actos e comportamentos perante si próprio; era nesses momentos que a expressão «se não mato, morro», adquiria contornos de certeza perante a visão de um ferido. Ou seja:

*«... Não era fácil disparar contra um ser humano... Mas a partir do momento em que somos ofendidos na nossa integridade física, por ferimentos ou mortes, acabam-se as contemplações.»<sup>82</sup>*

<sup>81</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>82</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

Dispara-se sobre alguém para não se morrer, é essa a motivação básica; básica mas talvez não exclusiva.

*«... Não posso falar pelos outros, só posso falar por mim... Quando havia combatentes portugueses feridos, a vontade era de castigar ainda mais o outro lado; quando víamos um indivíduo nosso ficar sem um pé, a nossa vontade era, não digo de vingança, mas de retribuir, de retribuir...»<sup>83</sup>*

Apesar da possibilidade de morte estar sempre presente, o facto de se pertencer a uma tropa de elite, de existir uma consciência muito clara em todos os elementos da 32ª companhia de que integravam um grupo bem preparado, bastante disciplinado e muito motivado, atenuava os receios sobre um desfecho trágico; talvez por isso, os medos mais presentes relacionavam-se não tanto com a morte mas mais com a ocorrência de azares.

*«... Aquilo de que tínhamos mais medo era de ficarmos sem um pé, numa mina; porque quanto aos guerrilheiros, nós pensávamos que éramos melhores que eles; mas as minas são cobardes...»<sup>84</sup>*

Entre as reacções instintivas proporcionadas pelo treino e pela disciplina inerente a quem sabe que do rigor dos seus actos pode depender a sua sobrevivência e a dos outros, o medo acaba por ser uma condicionante positiva, um elemento de concentração e unidade:

*«... Não me venham cá com histórias de que não tinham medo, que há homens que não têm medo; o que há é mil e uma maneiras de reagir ao medo... Tinha lá colegas que se ouvissem um tiro, caíam redondos antes que lhes pudessem acertar... e o tiro nem era para eles!*

*Eu reagia, não ficava quieto, tinha que ver como é que era... O meu maior medo era quando levantava no helicóptero, saber que havia «turras»... bem... eles não eram «turras», eram indivíduos que estavam à procura da independência. Eu sabia que o helicóptero ia levantar... carregadinho... um rocketzito ou uma bala e acabou... Não havia ali onde aterrar. Caíram lá muitos, nessa altura, a aterrar ou a subir. Para descermos, ele não aterrava; portas abertas e nem era preciso mandarem-me saltar. [...]*

<sup>83</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>84</sup> Soldado Domingos Calheno.

Quando íamos numa picada e um colega nosso, por azar, dava um tiro, não era preciso os camiões pararem para nós saltarmos. Era o treino, na nossa mente; não era preciso andar lá com um saca-rolhas; treino é treino...

Medo havia sempre. Quer dizer, o meu medo não era de morrer, não tinha medo de morrer, ou melhor... toda a gente tem medo de morrer. O medo que eu sentia era de ficar paralítico, ficar sem pernas ou sem braços, vir para a terra com vinte e tal anos, de muletas ou sem braços, disso tinha medo...»<sup>85</sup>

O convívio com o infortúnio dos outros nem sempre era fácil de assimilar:

«... Onde se via muita coisa era no hospital. Eu estive lá quinze dias porque queimei um pé numa fogueira, lá no acampamento; a saltar a fogueira, fiquei cheio de bolhas e tive que ir ao Hospital. Lá, vi muita coisa. Mortos a chegar, pessoas sem pernas... Não sei o que senti. Mas percebi que era ali que se via a guerra. No meio do mato não se vê tudo.»<sup>86</sup>

Mas também não precisava de ser especialmente difícil:

«... Claro, essas coisas, os ferimentos de companheiros em combate, eram sempre faladas, mas era só dois dias ou três e depois eram esquecidas... Com mais umas latas de cerveja...»<sup>87</sup>

Com cerveja e uma certa irresponsabilidade inerente à juventude, tudo se tornava um pouco mais suportável:

«... Felizmente que houve pouca gente assim [mortes acidentais]. Houve um caso que foi muito grave, as pessoas ficaram muito, muito mal... Depois é que... mas ultrapassa-se... ao princípio... se bem que a juventude... Agora está-me a vir a lágrima ao olho e se calhar naquela altura isso nem aconteceu... O que acontecia era que nós, com aquela coisa da juventude, às vezes éramos um bocado irresponsáveis... E embora sendo uma pessoa que víamos todos os dias, se calhar passávamos um bocadinho ao lado da desgraça... «Pronto, olha aconteceu.

<sup>85</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

<sup>86</sup> Soldado António Pinhal.

<sup>87</sup> Soldado Carlos Pereira.

*Éramos capazes, se calhar irresponsavelmente, de passarmos assim, ao lado disso...»<sup>88</sup>*

E depois há a questão da sorte. É desconcertante perceber que alguns dos momentos mais complicados para alguns dos elementos da 32.<sup>a</sup> resultaram de acidentes e não de acções de combate.

*«... Muitas das baixas das nossas tropas em África eram acidentes... havia os casos de guerra, um rebentamento, um tiro, mas grande parte eram acidentes; acidentes que podiam ocorrer com material de guerra mas eram acidentes: um indivíduo que rebenta uma granada sem querer, que dá um tiro sem querer, acidentes... E depois, vinha aquela mentalização: 'foi um acidente, aconteceu aqui mas podia acontecer com outro qualquer...'»<sup>89</sup>*

Acidentes provocados por simples falta de sorte mas também pela momentânea quebra do rigor, da disciplina, da concentração que a condição de comando implica e exige; afinal, será impossível permanecer ininterruptamente concentrado durante dois anos. Não será certamente por acaso que o lema dos comandos é «A sorte protege os audazes»; existe, portanto, a consciência, assumida ou não, de que independentemente do grau de preparação e empenho individual e colectivo, existe sempre um elemento de acaso que interferirá no destino de cada um e do grupo. *«... Nós tivemos muita sorte. O facto de termos estado lá e termos passado tantas dificuldades mas não termos trazido nenhum morto, apenas dois feridos, acho que tivemos sorte... tivemos mesmo sorte.»<sup>90</sup>*

Contudo, existe igualmente a convicção de que a sorte não depende inteiramente do acaso, que de certa forma a sorte que se obtém resulta de uma conquista:

*«... Eu também fiz pela sorte.»<sup>91</sup>*

A sorte é maioritariamente alcançada por quem ousa procurá-la: pelos audazes. É certamente que essa componente do lema — a audácia —,

---

<sup>88</sup> Furriel José Gomes.

<sup>89</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>90</sup> Soldado Domingos Calheno.

<sup>91</sup> Furriel António Chumbo.

que está intimamente interligada com a forma como se lida com o medo, dependerá muito da personalidade e do percurso de vida de cada um; mas, previsivelmente, também poderá ser influenciada por elementos exteriores, ora óbvios (a pressão dos pares e do grupo, por exemplo) ora mais inesperados:

«... Nunca [senti medo]. Senti medo nos últimos três meses de comissão, quando deixei de tomar aqueles comprimidos amarelos... Normalmente, quando recebíamos a ração de combate, recebíamos uns comprimidos que eram vitaminas e uns outros comprimidos de café; no meio desses comprimidos, vinha um muito pequenininho. Eu tomava aquilo e sentia-me uma pessoa mais... sentia-me um super-homem...»<sup>92</sup>

Certo é que não é audaz quem quer nem tem sorte quem a deseja. E certo, também, é que todos regressaram vivos.

### «Tínhamos um que era um pai e outro que era um irmão»

Quando se pergunta o que tinha a sua companhia de comandos de especial e diferente, a resposta surge imediata e peremptória:

«... Tudo.»

... e logo de seguida, vem uma explicação:

«... Tínhamos um grande comandante, um grande condutor de homens, que era o nosso [Capitão Humberto] Carapeta, acima de tudo. E tínhamos um segundo comandante, o Moura, que era um tipo excepcional...»<sup>93</sup>

É uma opinião corrente, praticamente unânime entre os entrevistados: a 32ª foi uma companhia especial, de certa forma privilegiada; e essa singularidade deveu-se em grande parte à liderança impressa pelos oficiais da companhia. Esse espírito de liderança, de diferenciação, de exigência, de rigor, de disciplina, de respeito, de solidariedade não se restringe a Humberto Carapeta mas é ele que o encarna de forma indelével na memória dos elementos desta companhia; e foi esse espírito, primeiro entranhado e depois aplicado por todos, que acabou por caracterizar a actuação da

<sup>92</sup> Soldado Fernando Perdigão.

<sup>93</sup> Soldado José Teixeira.

companhia, determinando e caracterizando os comportamentos e posturas individuais dos seus constituintes. E os elogios sucedem-se, pronunciados com convicção e respeito, com orgulho e gratidão, por vezes com reverência. Fala-se da empatia natural que transmitia:

*«... Ao final desse dia, apareceu lá o capitão dos comandos. Era uma figura, o Capitão Carapeta: a boina, a forma de falar... Deixou a todos impressionados quando nos falou nos comandos. No final, quase tudo se inscreveu. Alguns quinhentos. E ele fez logo ali uma pré-selecção entre nós e arranjou algumas cem pessoas. Eu fiquei logo seleccionado.»<sup>94</sup>*

Fala-se de compreensão:

*«... O Carapeta era um grande homem, era um bom líder. [...] Sabia tratar com as pessoas, tinha espírito de liderança, era uma pessoa que compreendia os soldados, os nossos problemas.»<sup>95</sup>*

Fala-se de intransigência na defesa dos interesses do grupo e dos seus homens:

*«... Tivemos um comandante de companhia que acho que, em termos de liderança, não havia no exército igual; e tivemos também um bom conjunto de oficiais...*

*Creio que nunca falhou nada, nada... Pelo contrário, ele sempre defendeu o seu grupo de trabalho, sempre. Nas saídas para o mato, no apoio bélico, foi um indivíduo que esteve sempre ao nosso lado...»<sup>96</sup>*

Fala-se de proximidade e cumplicidade:

*«... Mas nós tivemos um capitão, que infelizmente já faleceu, o Capitão Carapeta... todos nós temos uma ou outra história com ele, em que era mais que um pai para todos nós.»<sup>97</sup>*

Fala-se de infalibilidade e indefectibilidade:

*«... O que o comandante dizia não se questionava. Ele só dizia coisas boas.»<sup>98</sup>*

---

<sup>94</sup> Soldado Fernando Galeão.

<sup>95</sup> Furriel António Chumbo.

<sup>96</sup> Soldado Fernando Perdigão.

<sup>97</sup> Soldado Domingos Calheno.

<sup>98</sup> Soldado António Pinto.

Fala-se de humanidade:

«... Esse espírito foi inculcado pelo nosso Capitão Carapeta, que era muito humano. Lembro-me que numa das operações, o capitão não avançou mais porque, provavelmente, viu que não haveria grandes resultados e que poderia haver baixas; decidiu não avançar. Ele preocupava-se com os soldados.»<sup>99</sup>

De certa forma, transparece a ideia de que é o líder que faz o grupo.

«... Os dois comandantes, o Carapeta e o Moura, eram muito humanos. Se houvesse algum problema, chamavam-nos e falavam connosco. A liderança conta muito. Um bom comandante tem sempre um bom grupo.»<sup>100</sup>

É essa capacidade de criar um grupo unido e motivado, solidário entre si, que muitos reconhecem como fulcral no sucesso militar da companhia:

«... O Comandante Moura era muito humano, o Carapeta também... Não diferenciava as pessoas. Criava uma unidade entre todos. Tem a ver com a liderança.»<sup>101</sup>

Liderança e motivação:

«... Tivemos dois comandantes de companhia, o Capitão Carapeta e o Capitão Moura... Quando a gente tinha reuniões e ouvia a conversa dos capitães: «Meus senhores, tinham um pai na vida civil mas agora estão na tropa. Eu trouxe-vos e quero-vos levar de volta» É um orgulho ter homens desses a falar para nós... Acredita-se.

Tínhamos um que era um pai e outro que era um irmão, um irmão mais velho. O segundo era aquele comandante a quem todos tinham respeito mas que levava a coisa mais a sério... tanto que ele era miliciano e o outro era da academia. Quando havia um problema qualquer, ele chegava lá e não mandava castigar, dizia: «castigue-se a si próprio e apresente-se com o castigo cumprido». A gente pensava: «O que é que vou fazer? Rapar o cabelo era uma das coisas piores» Então, o indivíduo ia para o radical e dizia «cabelo abaixo» e o comandante cumpria-lhe o castigo. E pronto. «Porta-te bem para a próxima», dizia no fim.»<sup>102</sup>

<sup>99</sup> Furriel António Aires.

<sup>100</sup> Soldado Alfredo Pereira.

<sup>101</sup> Soldado Joaquim Dias.

<sup>102</sup> Soldado Artur Fraga.

Perante isto, não é de estranhar que, por vezes, se fale em mística relativamente à 32ª Companhia de Comandos; ei-la, explicada de forma clara:

«... O nosso comandante não queria carne para canhão; levou cento e oitenta homens, queria trazer cento e oitenta; e trouxe-os; a mística começou aqui. [...] O nosso comandante defendia sempre a parte humana, sem deixar de cumprir o dever; era da academia, tinha uma maneira de ver guerra diferente e aquela maneira transmitiu-a ao Capitão Moura, o Moura transmitiu-a para o alferes, ele para o furriel e o furriel, que era chefe de equipa, para mim.

A nossa companhia teve apenas um processo ou dois; as outras companhias deixavam lá presos, regressavam, mas não vinham todos. O nosso comandante disse: «temos que voltar todos» e viemos todos.

Aquilo já vinha de cima e foi-se propagando; se havia um que metia o pé na argola ou criava um problema não o castigavam só a ele, castigavam os quatro da equipa.

— Cem completas ou duzentas entre todos!

— Mas eu não fiz nada!

— Não interessa, façam com que ele não as faça.

Todos fazíamos um bocado e depois chateávamo-lo a ele:

— Acabou, não pode ser, não ando aqui para pagar por ti!

Assim é que se criava a equipa, criava-se a mística; já nem era preciso falar. Sabia-se o que o outro queria. E isso ficou para a vida inteira... Ficou e ainda hoje, está cá entranhado.»<sup>103</sup>

### «África já tinha lá gente»

Considerando que muitos dos elementos da 32ª nunca tinham saído do país e que estávamos no início dos anos setenta (o conceito de globalização seria, quanto muito, incipiente), não é de estranhar que a chegada a um novo continente tenha causado algumas reacções fortes:

«... Foi um choque. Aqui não se viam pretos; lá, quando saímos do barco, eram só pretos.»<sup>104</sup>

<sup>103</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

<sup>104</sup> Soldado António Pinto.

Mas, após a primeira confrontação com a nova realidade, o choque parece ter sido rapidamente absorvido:

*«... Quando cheguei lá, o meu espanto foi ver tudo preto. Íamos de comboio do porto para o Grafanil e só se viam aquelas crianças todas pretas. A gente entrou num mundo diferente, totalmente diferente. Mas quando se é jovem, sabe como é... a maior diferença acabou por ser o calor.»<sup>105</sup>*

Com ou sem globalização, a juventude tende a lidar bem com a novidade, pelo que aparentemente as diferenças atmosféricas talvez tenham sido as mais difíceis de suportar

*«... Estava aqui um nevão e lá um calor... No Equador já se notou a diferença, na própria roupa; havia muita humidade e a camisa ficava pegada ao corpo. Passados três dias de sairmos daqui, sentimos logo o calor, uma coisa enorme, diferente.»<sup>106</sup>*

Parecem existir perspectivas diferentes e até antagónicas relativamente à forma como os portugueses acabados de chegar a África percepcionavam os moçambicanos; por um lado havia a imagem resultante da educação a que estes jovens tinham sido submetidos e da propaganda que absorviam quotidianamente...

*«... Acreditava naquilo que o regime dizia. Eram os «turras», eram os «IN», era isso. Não questionava. Tenho dúvidas, mas muitas dúvidas, venha aí quem vier dizer que não pensava isto ou não pensava aquilo; todos os que lá estavam, (os que fugiram pode ter sido por uma questão de família ou por outra questão qualquer, educação, formação ou outro tipo de razões...) mas aqueles que estavam na guerra não pensavam em questiona-la.*

*Poderá ter havido um ou outro que durante a guerra tenha questionado, mas tinha de haver uma influência externa, porque não se questionava; quem vai para a guerra e está na guerra não questiona; tenho muita pena, digam o que disserem, mas não questiona...»<sup>107</sup>*

<sup>105</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>106</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>107</sup> Furriel Carlos Lunet.

... mas por outro lado, havia a percepção resultante da intuição individual e do próprio confronto com a realidade:

*«... O relacionamento com os moçambicanos era bom. [...] A maior parte deles, excepto os que faziam parte de grupos armados, eram pessoas normais. Os «turras» e os «IN» eram os que estavam armados.»*<sup>108</sup>

Mais consensual parece ser a já aludida distinção entre combatentes e populações civis, bem como a admissão de que não apenas os primeiros seriam penalizados pela existência de um conflito armado:

*«... A guerra era com a Frelimo, mas é evidente que isso se reflectia nos aldeamentos; muitas vezes acontecia que as pessoas tinham de fugir; as pessoas tinham medo...»*<sup>109</sup>

Afinal, a proximidade acaba por esclarecer algumas dúvidas e incertezas, acabando por atenuar as possíveis teorias ou preconceitos que cada um teria antes de pôr um pé em África;

*«... Não víamos os africanos como inimigos porque nós convivíamos com eles. Por exemplo, em Angola, tínhamos muitas vezes mais pretos a trabalhar connosco do que do lado de lá... dos que sabíamos que estavam a ser comandados por alguém. Tínhamos tropa nossa de pretos, batalhões e batalhões de tropa negra e pensávamos: «Então porque é que estes são por nós e os outros não são?»*<sup>110</sup>

Para isso, para essa naturalidade com que maioritariamente se lidava com as diferenças culturais que os combatentes nacionais foram encontrar, contribuíam aspectos intrínsecos aos portugueses...

*«... Para nós, a guerra era contra os movimentos independentistas e não contra a população; e também havia a necessidade de puxar em termos psicológicos as populações para o nosso lado... Os portugueses, de uma maneira geral, nunca foram uns grandes colonizadores; se houve povos que se misturaram com os povos que invadiram... Nós não integrávamos as outras pessoas, nós integrávamo-nos nas outras comunidades...»*<sup>111</sup>

---

<sup>108</sup> Furriel António Resende.

<sup>109</sup> Furriel José Monterroso.

<sup>110</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>111</sup> Furriel Pedro Baptista.

... mas também questões mais subliminares:

«... Quanto à população em si, eu nunca senti o mínimo de racismo. Por exemplo, acho que há muito mais racismo agora, nos arredores de Lisboa; disso tenho a certeza absoluta. Eu nunca tive complexo nenhum, ou tenho, sobre a cor de outra pessoa, seja preto, mulato, mestiço, seja de que cor for. [...] Havia exceções, como em tudo. Mas, relativamente a essa parte, a nossa política estava a trabalhar bem, a nível de acção psicológica, principalmente nas cidades. Nós víamo-los nas universidades e nas escolas secundárias. Isso seria impensável na Rodésia ou na África do Sul; só aconteceu muito mais tarde; fazia-nos muita confusão o que se passava na África do Sul e porque é que o mestiço não podia entrar nos sítios... conosco isso não sucedia.»<sup>112</sup>.

Nem sempre seria uma percepção linear e imediata, já que afinal se vivia um contexto de guerra, uma realidade complexa e multidimensional

«... Andavam lá como eu... eram pretos... E diziam que aquilo era nosso... Eu nunca concordei que aquilo fosse nosso; quando fomos para lá, quando os descobrimos, já lá havia gente, aquilo não estava abandonado.»<sup>113</sup>

... uma realidade confusa e difícil de assimilar em termos simples:

«... Não é fácil de explicar... Uns diziam para irmos para o mato: «Matem aqueles bandidos». Outros diziam: «Andam aqui estes comandos, são uns assassinos, são uns bandidos, são isto e aquilo». Se aquilo era nosso... estávamos ali pelos interesses económicos, interesses que os grandes capitalistas tinham lá...»<sup>114</sup>

Havia a obrigação de defender uma realidade histórica, política e ideológica que não era questionada; mas havia, paralelamente, uma consciência pessoal, uma intuição individual que, apesar de não colocar em questão o desempenho militar, defendia uma outra posição, que não seria unânime entre os elementos da 32ª:

<sup>112</sup> Soldado Domingos Calheno.

<sup>113</sup> Soldado Carlos Pereira.

<sup>114</sup> Soldado José Teixeira.

«... África já tinha lá gente. Devíamos ter ajudado a construir e não fazer uma guerra. Porque achávamos que aquilo era nosso mas não era. Para o fim, eu já pensava assim.»<sup>115</sup>

Independentemente dos sentimentos prevalecentes em relação aos africanos, parece clara a consciência dos combatentes portugueses em relação à guerra propriamente dita e, nesse contexto, ao que havia a fazer:

«... Nós estávamos a fazer a guerra aos nossos inimigos, ao «IN». Se havia um inimigo nós combatíamos o inimigo, não os africanos amigos, esses não se combatiam; até porque havia tropas africanas e essas eram dos nossos; nós combatíamos aqueles que nos diziam que estavam do outro lado, que eram nossos inimigos; a guerra faz-se contra o inimigo...»<sup>116</sup>

Aliás, existe a percepção de que os próprios africanos, alguns, «amigos do regime», fizeram igualmente o que acreditavam que havia a fazer, pagando posteriormente um preço elevado:

«... Uma coisa que eu tive pena depois do 25 de Abril, foi quando deram a independência como deram; porque houve muito africano que tinha cumprido o serviço militar connosco e que depois foi massacrado. Portugal não os defendeu e devia ter defendido esses indivíduos que lutaram como nós; o governo entregou aquilo e eles andaram lá a matá-los, quase a executá-los: «eras dos comandos?» e matavam-nos. Isso aconteceu na Guiné, em Moçambique, em Angola...»<sup>117</sup>

### «Aquilo parecia que nunca mais passava»

E um dia, chegou o momento de regressar. Havia entre todos uma ansiedade natural, mais ou menos admitida, mais ou menos sofrida, uma expectativa imensa mas suportável porque, afinal, para cada um dos combatentes, a sua guerra tinha um prazo bem definido, tinha um fim à vista:

«... Todos nós ansiamos voltar, ia mentir se não dissesse isso... mas não era uma coisa de ficar deprimido.»<sup>118</sup>

<sup>115</sup> Soldado António Pinhal.

<sup>116</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>117</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>118</sup> Furriel José Gomes.

Havia essencialmente uma ansiedade generalizada por concluir aquela etapa de vida...

«... Estava ansioso por vir embora, por acabar aquela vida... e regressar.»<sup>119</sup>

... mas tratava-se de uma ansiedade controlada, um sentimento que para alguns não era linear nem óbvio:

«... No princípio, queria muito vir embora. Mas depois, quando se aproximava a data... não sei, dava vontade de ficar lá mais uns dias. Se ficasse mais tempo lá, se calhar ia preferir ficar lá... Eu fui para lá livre, sem namoros. E acho que isso foi uma coisa boa. Ir casado era muito pesado.»<sup>120</sup>

Contudo, foi uma longa etapa de dois anos, um período muito intenso, muito complexo, muito difícil, mas também muito rico e recompensador em termos de camaradagem; pelo que, em alguns casos, para algumas pessoas, a legítima ansiedade pelo fim fosse de alguma forma contrabalançada por uma percepção, algo confusa e nem sempre confessada, de perda.

Uma surpresa desagradável surgiu quando a data definida para o regresso e por todos aguardada ansiosamente, foi inesperada e inapelavelmente adiada. Nesse momento, alguns sentimentos mais dúbios que pudessem subsistir dissiparam-se e prevaleceu uma sensação de revolta e incompreensão.

«... O pior momento? Foi a última missão. Já estávamos a contar vir embora, mas mais de metade teve de ficar. Custou muito. E ainda por cima num sítio perigoso. [...] Nunca contei os dias para vir embora, mas aquele final foi muito mau, porque nós estávamos já desejosos de vir e tivemos que acompanhar outra companhia, que era inexperiente. Azar deles e nosso porque era uma zona complicada. Lembro-me que senti revolta porque tive que ir outra vez para o mato.»<sup>121</sup>

Este acontecimento terá sido de tal forma marcante, por inesperado e percebido como injusto, que é dos mais referidos.

<sup>119</sup> Furriel António Resende.

<sup>120</sup> Soldado António Pinhal.

<sup>121</sup> Soldado Alfredo Pereira.

«... O pior episódio? Foi a última operação que fiz. Já tínhamos entregado tudo, material, armas... só tínhamos as fardas. O Kaúlza de Arriaga era o governador da altura em Moçambique e comunicou à companhia que devíamos fazer uma outra operação. Um dia antes, foram largados os pára-quedistas. Foram reabastecê-los de armas.

Naquela operação tive receio... Já tinha acabado a comissão... Fez-me lembrar a família. Já estava pronto para vir embora e tive medo de morrer. Fizemos a operação, correu tudo bem, nem feridos nem mortos. Até o Carapeta se emocionou quando voltámos. Porque sabia que tinha sido duro!»<sup>122</sup>

Mas concluída esta última operação, chegou verdadeiramente o momento de regressar. Hoje, independentemente da violência, dureza ou irracionalidade que preencheu os dois anos de permanência em Moçambique, os dias recordados como mais difíceis são os últimos.

«... Passávamos o tempo que faltava para o regresso mais facilmente porque tínhamos algumas coisas a nosso favor: estávamos um mês num lugar e depois íamos descansar um mês. A seguir íamos conhecer outra zona diferente, não era como se estivéssemos dezoito ou vinte meses sempre no mesmo sítio; para os que estavam nesse esquema assim, é que o tempo era muito mais difícil de passar.

Mas com certeza que quando estávamos para o fim, a gente já começava a contar os meses. Na minha companhia houve duas viagens de avião; uma parte veio numa e os outros depois, uns no dia oito e outros no dia treze. Eu por acaso fiquei para a viagem de treze e custaram-me mais esses quatro ou cinco dias do que quase a outra parte, porque aí é que nós pensávamos: «eles já foram e nós aqui». Parecia que o tempo nunca mais passava.»<sup>123</sup>

E o regresso a Portugal propriamente dito, como foi?

«... Posso-lhe dizer que fiquei decepcionado comigo mesmo... eu disse para mim: «Zé Gomes, estiveste na guerra, mereces uns meses de férias». Mas ao fim de quinze dias eu já não podia estar em casa sossegado... comecei a agarrar nos jornais e a responder a anúncios e ao fim de um mês estava empregado...»<sup>124</sup>

<sup>122</sup> Soldado António Pinto.

<sup>123</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>124</sup> Furriel José Gomes.

Parece ser comum a muitos, este desejo de rápida integração na normalidade da vida, arrumando definitivamente um duro e exigente capítulo de dois anos. Se antes da ida para África muitos encaravam a passagem pela vida militar como uma obrigação e um dever, como um intervalo necessário para depois se poder prosseguir a vida, com o regresso a Portugal, chegava finalmente o momento de retomar essa normalidade. Sem aparente necessidade de grande adaptação:

«... Não houve um período em que precisasse de me adaptar. Cheguei cá e comecei a trabalhar na construção civil, que já era aquilo em que trabalhava quando fui para lá, e continuei...»<sup>125</sup>

Talvez a determinação genuína de recuperar os dois anos de juventude deixados em África expliquem a pressa de retomar a vida; contudo, apesar da experiência por que passaram, não deixavam de ser jovens, com algumas preocupações e comportamentos comuns a todos os jovens:

«... O regresso... Passei a noite em Lisboa, fui a loja Porfírios.[...] Depois, fui para Campanhã... Quando cheguei a casa, não estava lá ninguém... andavam à minha procura em Lisboa...»<sup>126</sup>

Talvez não existisse uma premente necessidade de adaptação (por exemplo, do ponto de vista político ou económico não haveria grandes alterações a assimilar) mas a verdade é que em dois anos muita coisa muda, há alterações no quotidiano que é preciso integrar, há acertos que precisam de ser feitos:

«... No dia em que entreguei a farda e a arma, senti um grande alívio. Não tinha ninguém à espera. Cheguei ao quartel, fiz a barba e tomei banho. Fui o último a sair, vim para o comboio. Quando cheguei, estava lá o meu irmão e já mal o conhecia. A minha mãe... Tínhamos poucas posses. Ela foi toda aflita comprar carne e eu quis sardinhas! Foi porreiro! No primeiro mês, lá no trabalho, tinha aquela mania do «pá» a falar. As músicas não eram as mesmas, o vestuário era outro... eu andava todo ultrapassado. A minha mãe foi comprar roupa a correr para eu andar na moda.»<sup>127</sup>

<sup>125</sup> Soldado Carlos Pereira.

<sup>126</sup> Soldado José Teixeira.

<sup>127</sup> Soldado Fernando Galeão.

Mas tudo com naturalidade, com a naturalidade inerente à juventude:

*«... Regressámos em Julho de setenta e três. Fiquei de férias e depois regresssei à empresa onde trabalhava; fui para Lisboa chefiar uma delegação. Foi importante retomar as amizades que tinha cá deixado, a namorada, a família... foi uma coisa vivida quase com naturalidade. Foi emocionante!*

*Lembro-me de ir entregar as roupas, foi um momento que mexeu comigo... a entrega do espólio, das coisas da tropa... lembro-me de ter ficado em silêncio, um bocado comovido. Era o final de uma etapa e o começo de outra, esse acto simbólico da entrega do equipamento... E pensei: «isto acabou mesmo.»<sup>128</sup>*

Quanto à reacção de quem tinha ficado perante a chegada dos que agora regressavam, os elementos da 32ª companhia, como possivelmente todos os outros combatentes que iam retomando as suas vidas em Portugal após a passagem pela guerra colonial, percebiam sentimentos algo contraditórios; se por um lado registavam uma genuína alegria em quem testemunhava os seus regressos individuais...

*«... Na altura, já estava na aldeia. As pessoas ficavam contentes quando a gente chegava; notava-se que todos ficavam satisfeitos. De resto, as pessoas nem se apercebiam se éramos dos comandos ou não; tínhamos ido à tropa e acabou. Foi um prazer... não tinha vontade nenhuma de lá ficar...»<sup>129</sup>*

... também pressentiram, essencialmente após o 25 de Abril, alguma reserva por parte de quem não esteve em África.

*«... Até parecia que queriam dar medalhas àqueles que fugiram e condenar os que andaram lá. E hoje, o que estou a ver é mais ou menos isso. Porque fugiu, porque este foi «anti», porque aquele era fascista e ficou... Quer dizer, os que andaram lá a sofrer na pele são os carrascos e os que fugiram e andaram por cá, a esses é que querem dar os louvores e as medalhas para porem no peito...»<sup>130</sup>*

---

<sup>128</sup> Furriel José Monterroso.

<sup>129</sup> Soldado Carlos Pereira.

<sup>130</sup> Soldado Artur Fraga.

Mas independentemente do que aconteceria após o regresso a Portugal, o que animava os dias de muitos dos combatentes espalhados pelo mato africano era a certeza — uma certeza relativa, algo semelhante a uma crença e a certeza possível considerando que se está envolvido numa guerra — que o dia do regresso inevitavelmente chegaria:

«O melhor momento? Olhe, foi quando soube que vinha embora. Contava os dias que faltavam. Desde que cheguei até ao fim, havia sempre uma folhinha com uma régua e um esquadro...»<sup>131</sup>

### «Sentia-se que ia acontecer alguma coisa»

Poucos meses após o regresso, ocorre o 25 de Abril; uma surpresa para alguns mas não para todos:

«... Para o fim, já se notava muito o descontentamento... Sentia-se que ia acontecer alguma coisa.»<sup>132</sup>

Aparentemente, existia uma percepção de que algo estaria iminente, que uma qualquer mudança estava em preparação:

«... Já sabia mais ou menos que ia acontecer [o 25 de Abril]. Houve uma informação lá que ia acontecer qualquer coisa aqui.... Já se previa... Eu, na política, nunca me tinha metido... Mas os militares já sabiam, lá... levou só mais uns meses, depois de chegarmos.»<sup>133</sup>

Contudo, a esta consciencialização pós-guerra contrapõe-se um assumido distanciamento das questões políticas no momento anterior ao ingresso nos comandos e à ida para combate:

«... Politicamente falando, quando íamos para o ultramar, não tínhamos, [consciência política], tirando os que estavam na universidade, que era o caso dos oficiais, ou dos que estavam numa escola secundária pelo menos.

Fiz a quarta classe, em Trás-os-Montes e depois falaram-me: «ouça lá, é melhor não ouvir a rádio Moscovo, que é proibida, e não falar do regime nem nada que se pareça». Estive aqui no Porto algum tempo, antes

<sup>131</sup> Furriel António Chumbo.

<sup>132</sup> Soldado Fernando Galeão.

<sup>133</sup> Soldado José Teixeira.

de irmos para a tropa, e ouvi falar que no 1º de Maio se juntavam umas pessoas na Avenida dos Aliados, mas tudo muito camuflado...

Aliás, politicamente, se alguém nos foi abrindo os olhos foi o Alferes Stoffel, não só com as músicas que cantava mas também com algumas coisas que ele dizia: «Olhem que não quero ver nenhum de vós na polícia de choque; se alguém precisar de emprego eu falo lá na fábrica, mas ninguém na polícia de choque». Só os estudantes é que poderiam ter mais alguma consciência, nós não.»<sup>134</sup>

O que, de certa forma, se altera com a revolução; o 25 de Abril foi bem recebido, permitindo a muitos adquirirem a consciencialização política e cívica, que, até aí, o regime ditatorial reprimia. Mas, se o 25 de Abril é genuinamente percebido como algo positivo e necessário, algumas das suas consequências são mal vistas por muitos dos elementos da 32ª, de tal forma que ambos os sentimentos (alívio e felicidade, por um lado; decepção e preocupação, por outro) transparecem nas declarações de muitos, interligados e inseparáveis:

«Mas depois houve o 25 de Abril. Senti o que toda a gente sentia: um aliviar daquela carga que havia, da Pide... e de não se poder falar. O melhor foi a gente poder falar. Mas caiu-se numa falta de respeito... E com isso não posso concordar. A falta a educação.»<sup>135</sup>

Ou também:

«... Deu-se o 25 de Abril e aderi logo à revolução. Logo no 1º de Maio, fui activista sindical. Dez anos depois, quando vi o rumo que isto estava a levar, fiquei decepcionado. Hoje nem votar vou... Foi uma ilusão, o 25 de Abril. No primeiro 1º de Maio estive no Porto e foi das coisas mais bonitas que me lembro. Pensei que íamos fazer uma sociedade porreira. Agora, já não sei se vai a tempo...»<sup>136</sup>

Resumindo o espírito aparentemente prevalecente, todas estas décadas depois:

«Vi o 25 de Abril como uma coisa boa, uma boa liberdade. E é pena que hoje se esteja a perder isso...»<sup>137</sup>

<sup>134</sup> Soldado Domingos Calheno.

<sup>135</sup> Soldado Alfredo Pereira.

<sup>136</sup> Soldado Fernando Galeão.

<sup>137</sup> Soldado António Pinhal.

Foi também com o 25 de Abril que se tornou possível contextualizar, reflectir e, nalguns casos, questionar as decisões políticas que determinaram a passagem de cada um pela guerra colonial e a própria legitimidade dessas decisões e dessa guerra:

*«... Depois [do 25 de Abril] começaram-se a fazer as confrontações... só quando começaram a surgir as notícias nas televisões...*

*Realmente, andámos ali a gastar fortunas, a gastar meios humanos, que é a matéria mais cara que existe, devastámos lá populações inteiras sem ter nada a ver com a guerrilha... Não senti nada na consciência. Nada, cumpro o meu dever, fui treinado para isso desde pequeno, no padre, na escola... Só quando o alferes Loureiro começou a dizer: «Cuidado, que isto não é como tu pensas», e que comecei a meter travão. Mas senti revolta quando comecei a perceber que andávamos a cometer erros — eu fiz mal mas convicto que estava a cumprir o meu dever — revolta perante os governantes, perante os superiores que me conduziram em erro.»<sup>138</sup>*

Com o 25 de Abril, alcançou-se um maior conhecimento, uma visão do mundo mais abrangente, uma outra percepção da realidade:

*«... Soube mais de política depois do 25 de Abril. Até lá, sempre tinha pensado: África é nossa.»<sup>139</sup>*

Terá sido esta a perspectiva da maioria, apesar de haver pessoas para quem essa consciencialização teria sido anterior e independente da abertura proporcionada pela revolução;

*«... O 25 de Abril e a independência das colónias foi uma coisa em que sempre pensei. Sempre imaginei que fosse acontecer mais dia, menos dia... Falávamos disso e até tínhamos testes escritos, no curso. «Como víamos aquilo tudo» era uma das perguntas. E eu até disse um dia ao meu instrutor: «Isto, um dia, tem a independência. Não há impérios eternos». Eu sabia.»<sup>140</sup>*

Existe, portanto, uma certa ambivalência a marcar o discurso de alguns dos elementos da 32ª quando o tópico é a revolução portuguesa:

<sup>138</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

<sup>139</sup> Soldado Joaquim Dias.

<sup>140</sup> Soldado Manuel Seabra.

*«... O 25 de Abril foi bom, meteu-nos mais dentro de dizer que África era África e Europa era Europa. Mas houve coisas a seguir que acho que se desviaram muito do que devia ser, do ideal...»<sup>141</sup>*

É, então, com alguma naturalidade que as conversas sobre o 25 de Abril geralmente acabam por desembocar num assunto que para alguns destes homens é menos ambivalente, um assunto perante o qual as certezas são mais firmes e convictas, mais intransigentes, para todos os que a ele se referem: o 25 de Novembro.

*«Nós tivemos duas ditaduras: a do Salazar, que eles queriam eliminar e outra depois do 25 de Abril, porque tivemos lá durante dois anos o partido comunista. Se não fosse o 25 de Novembro, se calhar estávamos pior do que com o Salazar. Depois houve o 25 de Novembro e alguns elementos da minha companhia estiveram lá...»<sup>142</sup>*

Ou, de forma ainda mais peremptória:

*«... Na altura, achei muito bem, achei que era das coisas melhores que se fizeram neste país, o 25 de Abril. Como, na altura, achei muito bem que se fizesse o 25 de Novembro. Se fosse ao contrário, se voltasse ao mesmo, ao antes 25 de Abril, também não me chateava nada, absolutamente nada, podem-me chamar o que quiserem...»<sup>143</sup>*

O discurso adquire alguma emotividade quando se abordam as memórias do 25 de Novembro, até porque alguns membros da 32<sup>a</sup> participaram activamente nesses acontecimentos, prevalecendo nas suas afirmações uma sensação não apenas de pertença e orgulho mas também de dever cumprido e consciência tranquila, por terem correspondido afirmativamente, e de forma decisiva, ao que consideraram ser um imperativo histórico. Uma participação que, de certa forma, se assemelhou a um regresso à guerra.

*«... Identifiquei-me com aquilo que íamos fazer [25 de Novembro]. Havia capitães, que de uma noite para a outra passavam a brigadeiros e generais, havia uma tomada do poder pela esquerda radical... havia uma grande desorganização no exército e na tropa.*

<sup>141</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>142</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>143</sup> Soldado Fernando Perdigão.

*Eu fui um dos que fiz o assalto ao quartel de Monsanto. Foram questões militares e políticas, as duas... Naqueles quatro dias foi como voltar a guerra... foi de tal maneira voltar à guerra que a minha falecida mãe e a minha mulher — porque ficámos sem contacto com a família — tiveram que ir para o quartel-general saber onde é que a gente andava. Depois houve aquela notícia de que tinham falecido dois comandos... está a ver, a família por aí acima... não havia contactos, não havia nada.»<sup>144</sup>*

Este mal-estar relativamente a algumas questões militares é, na verdade, transversal a vários discursos.

*«... O 25 de Abril, na minha opinião, não foi feito por causa dos soldados como eu e os outros, a eles não lhes interessava isso... eu achei bem que tivesse acontecido mas havia outras razões... foi para aqueles da academia, de um determinado posto já não irem lá para o ultramar; esses é que iam arriscar e não queriam. Não foi por causa de nós.»<sup>145</sup>*

Aliás, é uma questão de tal forma sentida que desperta posições vincadas:

*«... Sou anti-25 de Abril, porque não foi feito para o povo. Foi para os militares de patente. O povo está pior. A única coisa boa foi a liberdade de dizer certas coisas. Isso foi bom. Houve alguns desses militares que foram promovidos de um momento para o outro, deixaram de ir para o ultramar e ficaram aqui a ganhar o mesmo. E a independência foi mal dada, não devia ter sido feita assim. O povo de lá está pior, há ainda mais miséria.»<sup>146</sup>*

Este período pós-regresso (englobando o 25 de Abril e o 25 de Novembro) foi para todos um momento histórico conturbado, de rupturas e descobertas, de esperanças e decepções; um momento obviamente experienciado por cada um de forma diferente, de acordo com as convicções e expectativas pessoais. E as actuações individuais, nesse contexto, terão consolidado auto-descobertas e aprendizagens:

*«... Veio o 25 de Abril e eu, que penso que tinha despertado para alguns aspectos de liderança, liderei a comissão de trabalhadores da fábrica onde trabalhava. Depois fui despedido e tive que recomeçar a minha vida de novo*

<sup>144</sup> Soldado Fernando Perdigão.

<sup>145</sup> Furriel António Chumbo.

<sup>146</sup> Soldado António Pinto.

*- Vivi tudo muito intensamente: nós viemos em Julho de 73; houve o 16 de Março aqui em Caldas, que eu acompanhei pois já tinha um pouco mais de consciência das questões políticas; veio o 25 de Abril e apanhou-me com 25 anos, tinha casado há cinco dias... Foi um período interessantíssimo... fui eleito pelos colegas para a comissão de trabalhadores, entramos em auto-gestão e estava a liderar a empresa, aquilo tudo em meses... ainda fui fundador de um sindicato da indústria alimentar.»<sup>147</sup>*

... mas, por outro lado, contribuíram para o reforço de posturas e filosofias de vida:

*«... Passados uns meses, ocorreu o 25 de Abril e vi-me envolvido noutra guerra. Tive problemas complicados. Como regente agrícola, era o responsável por uma parte da gestão daquela gente toda. Depois do 25 de Abril, houve uma grande balda. E eu disse a todos: «O 25 de Abril foi muito bom mas isto não é uma balda, torna-nos mais responsáveis a todos». As chefias entravam às 10.30 e eu disse que tinham que entrar às 8.30, como os outros trabalhadores. Quiseram-me sanear.*

*Um dia, quando ia para entrar no serviço, tinha dois guardas florestais a barrar-me a entrada. Parei, meti a primeira, acelerei a fundo, eles fugiram um para cada lado e eu fui trabalhar normalmente para o meu gabinete. Regressámos [da guerra] com uma nova atitude para a vida: não nos vergávamos com facilidade.»<sup>148</sup>*

Em comum, o facto dos comportamentos e posturas de cada um reflectirem de forma mais ou menos evidente a aprendizagem de vida adquirida nos dois anos de passagem pela guerra colonial; a capacidade de liderança ou a intransigência perante a adversidade, testemunhadas nas declarações anteriores, seriam certamente características inatas e, por isso, presentes desde sempre na personalidade.

Mas terá sido a experiência extrema da passagem por uma guerra que, como os próprios referem, terá contribuído para potenciar essas características, tornando-as mais vincadas, mais prementes, mais acutilantes; neste sentido, estes homens não terão vindo da guerra com novas personalidades, antes com personalidades mais definidas, mais apuradas, mais

---

<sup>147</sup> Furriel José Monterroso.

<sup>148</sup> Furriel Pedro Baptista.

direccionadas, mais focalizadas. E a turbulência por que o país passou logo após o regresso da 32<sup>a</sup> a Portugal permitiu-lhes exteriorizar, e de certa forma testar, essa versão clarificada e pragmática, assertiva e positivista, de si próprios.

### «Não tenho o que me martirize»

Regressaram todos, como desejado; como prometido. Mas se é verdade que todos terão regressado um pouco diferentes em relação ao que eram quando partiram, houve alguns elementos da 32<sup>a</sup> que regressaram especialmente diferentes, especialmente vulneráveis, especialmente marcados: os feridos graves.

Em nenhum outro caso como no destes homens a transformação da vida foi tão radical, tão decisiva, tão marcadamente presente em cada um dos dias que se seguiram ao regresso a Portugal; tão presente ainda hoje, neste momento:

*«... Eu ia no primeiro grupo. Chegámos a Montepuez, recebemos as armas e fomos para a primeira intervenção. Continuámos em coluna auto, mas já levávamos armas. E foi aí que sofri o meu acidente. A fazer protecção a outra tropa. Pisei uma mina. Íamos ao lado da coluna e pisei-a. O calcanhar ficou desfeito e tive que vir embora.*

*Hoje sou amputado. Ficou a camaradagem. Estava habituado a um modo de vida activo, que já não consegui continuar a fazer. A vida no campo. Mas entretanto, vieram as máquinas e consegui continuar na agricultura. Nunca me senti revoltado. Hoje, nos hospitais, quando vou aos tratamentos, vejo lá muita gente nova. Amputada, vítima de acidentes... Sem guerra. A estrada mata que parece uma guerra.»<sup>149</sup>*

É assim, com simplicidade e distanciamento, com resignação e valentia, que se aceita uma amputação; com sabedoria, também:

*«... Com aquela idade, temos a ideia que vamos mudar o mundo... Mas depois é o mundo que nos muda a nós.»<sup>150</sup>*

<sup>149</sup> Soldado Manuel Seabra.

<sup>150</sup> Soldado Manuel Seabra.

— Efectivamente, o mundo muda os homens; o mundo e o acaso, o infortúnio, o destino.

«... Ele pegou no carro, era uma recta grande e depois tinha uma ponte estreitinha... Vínhamos pela recta abaixo, a uns 120 km por hora, os homens todos em cima... Travou quando eu o avisei por causa da ponte.. A Berlier virou. Fomos aos tombos... Fiquei com o braço preso e dei cabo da perna... Vi o radiador a deitar água e estiquei o braço para fechar a fuga... tentei pôr-me de pé... foi quando vi que tinha a perna esfacelada.

A pessoa, quando se aleija, quer é ficar bom, sobreviver. Fiquei numa enfermaria com outros aleijados... Via-se de tudo. E só ao fim de algum tempo é que percebi como estava... Estava a olhar para outros sem pernas, sem braços... Nessa altura sentimo-nos desamparados. Vai-se buscar o ânimo ao sorriso de um colega ao lado, de um enfermeiro...

Foi muito difícil... E o tratamento foi complicado. Com poucas condições... Depois, voltei para a vida civil. Não mudei muito. Estava no comércio e continuei. A pessoa sente-se sempre fragilizada fisicamente, quando passa por uma coisa destas. Casei e tive que ultrapassar, com a minha mulher, o problema. Mas com o tempo, acabei por fazer a vida normal... Ultrapassa-se.

Se gostei de ir? Não, não gostei. Se tivesse podido, não ia ao Ultramar. Mas não seria capaz de fugir... A guerra existe por todo o mundo. E há-de haver sempre.»<sup>151</sup>

Momentos, simples e imprevisíveis momentos, que definem e decidem o futuro, que reconfiguram uma vida; e para um jovem de vinte e poucos anos (especialmente para um comando de vinte e poucos anos), o futuro parece longínquo, a vida parece interminável; demasiado tempo, portanto, para transportar uma dor, uma limitação física, uma deficiência. Ainda assim, transportaram-nas.

Mas não foram apenas os acidentes e as imprevisibilidades, os azares, que causaram mazelas físicas, que devastaram saúdes férreas, que provocaram consequências, que desencadearam limitações. Houve outras circunstâncias a interferir; a alimentação, por exemplo:

«... Eu comi 295 rações de combate. Tenho tudo escrito. Isso deu-me cabo do estômago. Quando cheguei, o médico disse-me que eu estava a

<sup>151</sup> Soldado Manuel Duarte.

*cair para o chão. Tinha três úlceras no estômago. Disse que eu ia morrer. E eu respondi-lhe: «Andei na guerra e não morri e agora diz-me que vou morrer? Deve estar doido». Primeiro, deixei de fumar. Depois, de beber café e bebidas alcoólicas. Estive a cozidos e grelhados durante três meses, deu-me um pó para tomar. E cá estou.»*<sup>152</sup>

Outras marcas, visíveis, que ainda hoje se mantêm, mais prosaicas mas bastante simbólicas, são as tatuagens que muitos militares realizaram antes de irem, durante a campanha ou depois de regressarem.

*«... Dava a impressão de que a gente tinha que vir de lá com o selo...»*<sup>153</sup>

Seria a forma de identidade e consolidação de um certo conjunto de valores, um símbolo de orgulho e pertença; mas também uma forma de expressão íntima e emotiva, numa época em que a expressão individual era condicionada:

*«... As tatuagens: O crachá dos comandos, a sereia, que representa o mar; o «Santo» da série de televisão... na equipa tatuámo-nos todos, era um filme de que gostávamos; um punhal; um coração, «amor de pais» em homenagem aos pais. A saudade, estar longe... doía... e era uma forma de os sentir mais próximos.»*<sup>154</sup>

Na verdade, as tatuagens poderiam representar uma forma de afirmação, uma declaração pública de interesses; mas também configuravam um esforço ingénuo e intuitivo em manter uma ligação, ténue mas significativa, uma proximidade palpável, com aquilo que para cada um mais importava. Tatuá-lo, por exemplo, o nome de uma namorada era um desafio lançado ao destino mas também um consolo, simultaneamente uma afirmação de confiança e um conforto.

Concluída a guerra e satisfeitos os objectivos que estiveram na sua origem, as tatuagens permaneceram como consequências visíveis e ostensivas desse período, uma espécie de troféus de sobrevivência; mas não só: para alguns, talvez continuassem a resumir a essência das suas vidas, apontando para aquilo que maior significado tinha nessas mesmas vidas (antes, durante

<sup>152</sup> Soldado Alfredo Pereira.

<sup>153</sup> Soldado Carlos Pereira.

<sup>154</sup> Soldado António Pinto.

e após a guerra); um lembrete de tudo daquilo por que tinham passado e a que tinham sobrevivido; porque as circunstâncias poderiam mudar muito mas existiriam sempre elementos estruturantes permanentes e estáveis.

Mas para além destas consequências externas e visíveis, existirão outras, mais difusas e insidiosas, menos palpáveis, menos concretas, menos confessáveis.

*«... Quando ouço falar de stress de guerra, stress de não sei quantos, stress daqui e dacolá eu devo ser uma pessoa fora desse contexto porque eu não tenho stress de nada...»<sup>155</sup>*

Se para alguns as consequências psíquicas provocadas pela passagem pela guerra nunca existiram, para outros, tendo existido, foram de curta duração:

*«... O que mudou na minha vida? Nada de especial. Um ano e meio depois de ter chegado, tive depressões. Eu ia à caça e se me esquecesse do cantil de água voltava a correr para o ir buscar porque não aguentava. Mas foi só nessa altura.»<sup>156</sup>*

Afinal, os comandos eram uma tropa de elite; havia uma preparação muito rigorosa e exigente, nomeadamente a nível psicológico; e, depois, as condições que tinham no terreno eram muito diferentes das da restante tropa, por exemplo a nível de mobilidade ou do repouso; teoricamente, a preparação seria de tal forma rigorosa que não deixaria grande margem para dúvidas morais ou oscilações psicológicas.

*«... Dei tiros para me defender. Matei ou não... Não quero recordar isso. Houve operações em que ficámos bem apertados. Recordo-me sempre disso. Mas eu sei que fui militar, fui preparado para lidar com isso... E encontro força para o ultrapassar. Essa coisa do stress pós-traumático... acho uma tretá! Há pessoas que dizem que tiveram e nunca saíram dos gabinetes... Não acredito nisso.»<sup>157</sup>*

Independentemente da preparação, não deixam de ser homens com emoções e dúvidas e apreensões semelhantes às de todos os outros homens;

---

<sup>155</sup> Soldado Fernando Perdigão.

<sup>156</sup> Furriel António Resende.

<sup>157</sup> Soldado António Pinto.

por mais vigoroso que tenha sido o treino, não deixam de ser homens vulneráveis. Contudo, passaram quarenta anos e muito terá sido esquecido ou ultrapassado; o que não o foi, muitas vezes permanece guardado no íntimo de cada um; há sentimentos que mesmo passados tantos anos não se podem ou não se conseguem exteriorizar.

Se alguém ainda sofrerá, passados todos estes anos, com a passagem pela guerra colonial é algo que apenas o próprio saberá; mas é verdade que passaram quatro décadas e a passagem do tempo tende a sublimar a memória, atenuando o negativo e destacando o positivo (de tal forma que, por vezes, o positivo poderá eliminar o negativo). Esta é, pelo menos, uma certeza que todos tentam transmitir, uma certeza em que muitos acreditam.

«... Não tenho o que me martirize, nada de negativo, acho que não.»<sup>158</sup>

### «E dormi descansado»

É uma pergunta crua e violenta, intrusiva, polémica; também uma pergunta algo inábil, de quem não conhece na primeira pessoa a realidade da guerra, de quem não passou por lá; ainda assim, é uma pergunta que foi feita: «Tem ideia de quantas pessoas terá matado na guerra?» E das várias respostas recebidas (quando houve respostas), apenas uma, repetida por várias pessoas, causou alguma estranheza, pelo inesperado:

«... Não sei se cheguei a matar alguém.»

Elementos de uma tropa de elite passam dois anos envolvidos numa guerra e não têm a certeza de ter matado alguém? Poderá ser uma convicção autêntica, mesmo um facto concreto. Ou poderá ser uma mera estratégia, consciente ou não, para enfrentar a realidade, acomodar o passado e seguir em frente, tão genuína e compreensível como a estratégia adoptada pelos camaradas de companhia que aceitaram frontalmente o facto de terem causado a perda de vidas humanas.

Independentemente das privações e dos sacrifícios por que cada um passou ou dos adiamentos de planos e projectos a que cada um foi forçado, a convicção de ter activamente provocado a morte de pessoas (mesmo que racionalizada e contextualizada não apenas pelas condicionantes sociais,

<sup>158</sup> Soldado Domingos Calheno.

políticas e mesmo culturais da época mas, principalmente, pelo facto óbvio de se estar em guerra) tenderia a ser a consequência individual da passagem pela guerra que mais dificuldades poderia levantar no balanço íntimo que cada um obrigatoriamente faria dos actos cometidos e da postura adoptada em tempo de guerra.

Mas, talvez devido à intensidade e eficácia da preparação a que foram submetidos ou à convicção de que desempenharam uma função patriótica ou à crença de que não poderia ser de outro modo nem havia alternativa «*Se não mato, morro*», este aspecto parece ser encarado com certa tranquilidade; entre a esperança de não ter morto ninguém e a aceitação de que se matou, cada um parece conviver bem com os seus actos. De tal forma que ninguém fala em arrependimentos:

«... *Não estou arrependido de ter ido lá fora, apesar de me ter custado; aprendi muita coisa.*»<sup>159</sup>

Sem arrependimentos, portanto: isso parece claro; apesar de as consciências poderem não estar totalmente tranquilas:

«... *Consciência pesada todos nós tínhamos, lá... e aquele comando que lhe disser que não tinha a consciência pesada, está a enganá-lo; consciência pesada todos nós tínhamos...*»<sup>160</sup>

Há, portanto, uma capacidade, que por vezes se confunde com uma necessidade, em que estes homens parecem exímios: a de retirar algo positivo de uma experiência potencial e intrinsecamente negativa; e conseguir que essa carga positiva prevaleça. E falam daquelas que consideram as consequências positivas desta experiência de vida ora com naturalidade, ora com orgulho; mas sempre com enorme convicção.

«... *Julgo que os comandos contribuíram muito para o desenvolvimento da minha forma de estar, da minha personalidade e de muitos dos valores que continuo a defender, sobretudo os valores da disciplina, do respeito; acho que isso se nota pela vida fora e dou-me muito bem com eles.*»<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> Furriel António Chumbo.

<sup>160</sup> Soldado Fernando Perdigão.

<sup>161</sup> Soldado Domingos Calheno.

Mas, concretamente, quais as consequências positivas da passagem pela 32<sup>a</sup>, pela guerra colonial?

*«... Valorizo muito aquela passagem... Terá consolidando algum «modus operandi», digamos assim, uma maneira de estar, consolidou algumas coisas. Em termos de organização, sou um bocado perfeccionista e penso que isso se acentuou um bocado lá, a importância das coisas serem bem feitas.*

*A herança para mim é positiva; a passagem pela tropa, sobretudo pela 32<sup>a</sup>. Não sei como é que foi nas outras companhias mas a ideia que eu tenho é que em algumas delas não foi igual...*

*Continuámos a fazer os almoços e ainda é notório para as pessoas... Foi muito marcante; do ponto de vista individual, isso faz parte dos meus activos bons.»<sup>162</sup>*

Mais:

*«... Continuo a acreditar e confiar nas pessoas; confiávamos naqueles que estavam connosco, porque aqueles que estavam connosco mereciam a nossa confiança. Por outro lado, todo o treino que tivemos leva-me a enfrentar a vida, o quotidiano, os problemas, com muita naturalidade, a não estar a pôr problemas à distância; os problemas surgem quando têm de surgir e a gente enfrenta-os e supera-os; nunca sofrer por antecipação, as coisas quando surgirem, surgem e se tiverem de ser resolvidas, resolvem-se.»<sup>163</sup>*

A solidez da amizade e da solidariedade estabelecida entre companheiros, a auto-confiança conquistada e a confiança sentida nos outros, a capacidade de relativizar os problemas e manter a serenidade perante as adversidades, a tranquilidade de saber ter cumprido um dever, são algumas das heranças frequentemente mencionadas como mais prementes e valorizadas, mais sentidas, mais preciosas. Mas há quem vá ainda mais longe...

*«... A minha filha é professora. Concorreu para todo o lado e ficou colocada longe de casa. Ficou o ano inteiro em casa de um amigo meu comando e nem um centavo ele quis para a água... Nada. «A tua filha é como se fosse minha» disse-me. E ela sentia-se em casa.»<sup>164</sup>*

<sup>162</sup> Furriel José Monterroso.

<sup>163</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>164</sup> Soldado Fernando Galeão.

E toda esta mescla de sentimentos e sensações acaba por se materializar, para muitos, numa nova postura perante a vida, numa forma diferente de encarar o mundo e interagir com ele.

*«... A pessoa vem para a vida com ganas de viver e resistir. [...] Aquilo nunca se perde, esse sentimento de justiça. A solidariedade, a ajuda, a parte humana de cada situação... Tem-me ajudado imenso.»*<sup>165</sup>

Essa alteração de perspectiva e filosofia de vida, intuída por alguns e efectivamente sentida por muitos outros, mas que nem todos admitem ou verbalizam, acaba por ser difícil de definir e concretizar em palavras, de descrever. Ou talvez não:

*«... E trouxe para a vida civil a ideia de respeitar os outros.»*<sup>166</sup>

Respeito pelos outros e uma maior humanização.

*«... Sim, trouxe-me mais humano [a passagem pela guerra]... Nós fomos treinados para matar e, na altura, éramos cegos. Mas depois a gente começava a ver... «Esta pessoa morreu porquê?»*<sup>167</sup>

Uma clarificação sobre o que é determinante, o que conta mais, o que faz a diferença.

*«... Foram os melhores e os piores momentos da minha vida. [...] Os comandos mudaram-me. Um bocado. Sempre fui sociável, mais pela positiva que pela negativa... Mas regresssei um homem a praticar mais a camaradagem e a solidariedade. O carácter, a lealdade vêm-me sempre à cabeça... E tento seguir aquilo sempre.»*<sup>168</sup>

Durante dois anos, desce-se ao inferno, faz-se parte do inferno, provoca-se o inferno, vive-se o inferno; e depois, quando se regressa?

*«... Quando cheguei a casa, abracei o pai e a mãe. E dormi descansado.»*<sup>169</sup>

Como afirmou Heraclito: «A guerra é mãe e rainha de todas as coisas; a alguns transforma em deuses; a outros, em homens; de alguns faz escravos; de outros homens livres.»

<sup>165</sup> Furriel Pedro Baptista.

<sup>166</sup> Soldado António Pinhal.

<sup>167</sup> Soldado José Fernandes.

<sup>168</sup> Soldado Fernando Galeão.

<sup>169</sup> Soldado António Pinto.

## «Laços para a vida toda»

Passar por uma guerra deverá ser uma luta íntima e silenciosa, permanente, para manter o ânimo e a sanidade, uma luta constante para conseguir distinguir o certo do errado; deverá ser como entrar num mundo muito particular em que se pode perder tudo, em que algumas regras de convivência estão suspensas e outras adquirem uma importância desmesurada, um mundo em que algumas vidas parecem não ter qualquer significado e outras valem tudo; deverá ser como estar preso num mundo dentro do mundo, em que o verdadeiro mundo deixou de contar, de existir, foi suspenso. E como sobreviver a tudo isto? Em equipa.

*«... Foram dois anos que representam uma vida. Sempre juntos e a depender uns dos outros, fez-nos criar laços para a vida toda.»<sup>170</sup>*

Talvez por isso o impacto destes dois anos tenha sido tão intenso: porque foram para África como indivíduos, predominantemente centrados em si e alheados de quem estava ao seu lado, mas regressaram não apenas como indivíduos mas também como parte de algo mais vasto, de uma companhia, de um grupo de homens em que o outro passou a ser tão importante como o eu. Independentemente das especificidades e diferenças de cada um, passou a existir uma estrutura comum a todos, indefinida e pouco palpável mas muito intensa, que aproximou e vinculou estes homens de uma forma particularmente veemente; da partilha de experiências e medos, de intimidades e segredos, de sacrifícios e sucessos nasceu uma união, uma camaradagem, que tornou possível a superação das limitações individuais. Dos testemunhos escutados, depreende-se que não se tratou de uma dissolução do individual no grupo mas antes do reforço da individualidade no contexto de um grupo; o que fortalece o grupo, e portanto cada um dos seus componentes, é precisamente o respeito pela individualidade e não a sua anulação.

Mas que contribuiu, afinal, para a formação deste espírito, para o estabelecimento destes laços? Por que motivo, as condições extremas da vivência de uma guerra permitiram, nesta companhia de comandos em específico, uma aproximação sem precedentes nas vidas destes homens e

<sup>170</sup> Soldado António Pinhal.

o fortalecimento de um sólido espírito de grupo, quando é espectável que em situações extremas subsista sempre a tentação da afirmação da individualidade, da imposição da lei do mais forte?

Talvez comece pela camaradagem que se constrói

«... Até a camaradagem se aprende nos comandos. Se eu errar, este vai pagar pelo meu erro. Errou um, paga tudo. Este é o espírito. E isso nunca mais se esquece.»<sup>171</sup>

... pela intimidade que se estabelece...

«... O que nos une, quarenta anos depois? A amizade, as dificuldades que nós passámos... dormíamos numa barraca com mais vinte e tal... mesmo das mulheres dos nossos amigos, conhecíamos as histórias todas, contávamos a vida uns aos outros...»<sup>172</sup>

Talvez se devesse à co-responsabilização que existia no interior da companhia:

«... Aquilo vinha do comandante, dos oficiais... Tentavam transmitir... Diziam: «Meninos, para o mato quem é que vai? A equipa... Porque é que para os copos também não há-de ir a equipa? Quatro homens, bem treinados, mesmo nos copos, são quatro... faz-se mais asneira mas há mais possibilidade de defesa, já não se viram para nós assim com facilidade» E quando um fazia uma asneira e éramos chamados:

— Tu fizeste?

— Fiz

— Não, fui eu.

— Foste tu?

— Fui.

— Não, quem fez fui eu.

Eles sabiam que só tinha sido um, mas tinham que mandar prender a todos...»<sup>173</sup>

... à forte disciplina instaurada e aceite como necessária, praticada no quotidiano:

<sup>171</sup> Soldado Alfredo Pereira.

<sup>172</sup> Soldado José Fernandes.

<sup>173</sup> 1º Cabo Ilídio Rossas.

«... Não tem a ver comigo nem tem a ver com quem fez parte da companhia, tem a ver com a disciplina e a auto-liderança que nos foi dada.»<sup>174</sup>

... à união que se estabeleceu, baseada na igualdade, na solidariedade, na irmandade:

«... Naquela operação, então, numa das refeições eu já vomitava tudo e o capitão Carapeta não me deixou ir. Isso para mim teve muito valor. Ele podia ter decidido diferente. Tinha um aspecto muito humano e era amigo dos soldados. E incutiu isso nos oficiais e em nós. Conversava connosco. Isto fez com que a nossa companhia se tornasse muito unida.»<sup>175</sup>

Talvez se devesse ao orgulho por fazer parte de algo que, para o bem e para o mal, não estaria ao alcance de todos:

«... A sensação é de dever cumprido, muito orgulho em ter sido comando; acho que não era para todos, não era para todos ser comando, não esteve ao alcance de todos...»<sup>176</sup>

... à aproximação entre pessoas que enfrentam um perigo comum, iminente:

«... Foram dois anos e meio que, praticamente, me afastaram de muita coisa que poderia ter sido diferente... marcou-me, marcou-me muito. Os meus pais estavam sempre com receio que me acontecesse alguma coisa; esta história de me entalarem entre a camioneta, eu nunca contei nada... Fiquei durante muitas horas desmaiado, em muito mau estado, mas felizmente...»<sup>177</sup>

Talvez se devesse, simplesmente, à proximidade forçada mas desejada, à certeza de se pertencer a uma vasta família, em que os actos de cada um determinam o bem-estar de todos os outros:

«... É uma família que existe; há casais, casados, que não viveram tanta tempo juntos como nós vivemos; os trinta e tal meses que lá estamos, mantivemo-nos sempre juntos, de dia e de noite. Muitas vezes,

<sup>174</sup> Soldado Fernando Perdigão.

<sup>175</sup> Furriel António Aires.

<sup>176</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>177</sup> Furriel António Chumbo.

*estávamos a dormir e sentíamos... porque havia conhecimento de causa mas também havia medo e receio... quando havia aquelas operações em que éramos atacados ou emboscados... ou quando os morteiros estavam a cair sobre nós...*

*Para dormir não tínhamos lá nenhum colchão, dormíamos todos no chão, encostados uns aos outros, a sentir o coração do colega que estava ao lado; àqueles que tinham menos receio o coração batia com calma; e a gente sentia aquele que estava mais alterado do que os outros. Estávamos deitados encostados uns aos outros e o coração «bum, bum, bum». Trinta e tal meses, dia e noite, aquelas horas todas, aqueles minutos, aqueles dias, aqueles meses e aqueles anos, que estivemos ali... É uma ligação para a vida.»<sup>178</sup>*

Passados todos estes anos, ficou a certeza de que se venceu a adversidade, que se venceu o medo; e essa certeza é algo que não se perde, é uma conquista para a toda vida:

*«... Enfrentei sempre o medo, mas ele estava sempre presente.»<sup>179</sup>*

Fica a certeza que tudo quanto foi suportado apenas o foi porque ao lado havia quem ajudasse a torna-lo suportável.

*«... O que nos une, hoje é aquilo que foi na altura um grande espírito, o sacrifício que todos passámos juntos, os momentos difíceis que passámos juntos que só foi possível passar porque estávamos todos unidos; os momentos divertidos, os bons momentos, os momentos mais ou menos alegres, as farras e outras coisas mais...»<sup>180</sup>*

Independentemente do que cada um experienciou, há traços comuns e legados partilhados, certezas que ficaram. Nalguns casos, o reconhecimento é particularmente profundo:

*«Se não tivesse ido para a tropa, era capaz de ter enveredado por outros caminhos... A pobreza leva a certas coisas... Mesmo sendo muito pobre, a tropa ensina-nos que podemos ser alguém na vida.»<sup>181</sup>*

---

<sup>178</sup> Soldado Artur Fraga.

<sup>179</sup> Furriel António Aires.

<sup>180</sup> Furriel Carlos Lunet.

<sup>181</sup> Soldado António Pinto.

Noutros abordam-se perspectivas menos consensuais, menos óbvias:

«As mulheres dos militares é que sofrem muito... e os filhos. Se soubessem o que as mulheres e os filhos sofrem...»<sup>182</sup>

Mas, independentemente da forma como cada um resolveu os seus dilemas, processou as suas memórias, aceitou as experiências negativas e positivas, incorporou as mudanças por que passou na sua personalidade e na sua vivência, há uma certeza (consciente ou não, verbalizada ou não) que parece ser transversal a todos, uma certeza já enunciada por Platão há muitos séculos: «Apenas os mortos conhecem o fim da guerra.»

As memórias permanecerão para sempre em cada um, como cenas de um filme (de um *Platoon* pessoal e íntimo, em que por vezes se foi protagonista, outras realizador, outras argumentista, outras mero figurante) que poderão — ou não — ser revisitadas vez após vez, que não desaparecem mesmo quando não são vistas, quando não são recordadas, quando não são revividas. Estão lá, no âmago de cada um; e lá ficarão, para sempre.

---

<sup>182</sup> Soldado Ilídio Lázaro.

## CAPÍTULO DOIS

### OS OFICIAIS

#### «A sorte protege os audazes»

Será certamente enriquecedor traçar de forma mais detalhada o perfil de cada um dos sete homens que constituiu o grupo de oficiais da 32ª Companhia de Comandos. Afinal, são eles, na sua diversidade e especificidade, que representam todos os elementos que formaram a companhia, espelhando eles próprios a diversidade de personalidades, percursos, expectativas, apreensões, condicionalismos e objectivos que se cruzaram na 32ª; foram, também, eles que aglutinaram todas as diferenças expectáveis no seio de um grupo de quase duas centenas de homens, atenuando divergências e obliterando focos de conflito, aproximando visões opostas, promovendo consensos, fomentando um convívio intenso e enriquecedor, o que estará na génese da forma emocionada como a companhia, quarenta anos mais tarde, ainda é vista e sentida por aqueles que a integraram. Como indica o Código Comando: *«Porque é sua constante preocupação agir como verdadeiro comando, tem nos seus chefes ou comandantes a mais segura confiança e a mais acrisolada fé.»* Especialmente quando essa confiança não é imposta mas conquistada no dia-a-dia.

O modo comprometido e centrado como os oficiais se uniram em torno de um propósito comum, conciliando divergências e apurando proximidades, sintetiza em si mesmo a harmonização de perspectivas que viria a ocorrer, em maior escala, no interior da companhia, abrangendo todos os seus elementos. E sendo o curso de comandos muitas vezes visto, de forma

simplicista, como uma tentativa de «*lavagem cerebral*» ou «*reprogramação*», é curioso verificar que as personalidades individuais, as características verdadeiramente intrínsecas, não foram «*dissolvidas*» ou «*atenuadas*» na esmagadora maioria dos casos; terão sido não apenas mantidas, mas, de certa forma, apuradas e direccionadas, adquirindo um sentido, um propósito, um contexto.

Nesse sentido, o espírito de grupo, o sentimento de pertença e integração, de respeito pela individualidade, terá prevalecido sempre, ocorrendo uma adaptação entre comandantes e comandados, numa simbiose que a todos beneficiou e a todos marcou de forma indelével. Disto resultou não apenas o benefício dos elementos da companhia numa perspectiva puramente humana — ao nível do enriquecimento individual, por exemplo — mas, também, a elevação da companhia a um estatuto ímpar do ponto de vista militar, já que foi uma das duas únicas companhias de comandos a ser condecorada colectivamente e a única a não sofrer mortos. Como afirmou o filósofo Aristóteles, «*A dignidade não reside em possuir honras mas em merecê-las*».

Mas quem eram, afinal, estes oficiais? Uma forma simples de começar por perceber como eram diferentes entre si será analisando os códigos ou nomes de guerra por que eram identificados no seio da companhia e nas comunicações de rádio. Por exemplo: de um lado temos «Guevara», do outro «Talassa»; esquerda e direita, espectros políticos antagónicos momentaneamente juntos e unidos, apesar de muito clarificados e vinculados. Ou, indo além das convicções ideológicas, encontramos nomes que poderão denunciar posturas de vida diferentes: se há um «Viriato», também há um «Bebé». E se surgem códigos algo neutrais, como «Lamego», outros serão mais incisivos, como «Sulfúrico». Sendo certo que estes nomes são sempre simplificações ou hiperbolizações, bem-intencionadas ou não, de determinadas características mais visíveis ou marcantes, a verdade é que poderão ser importantes numa primeira abordagem para perceber a personalidade de cada um.

Rodrigo Moura («Lamego»), provinha de uma família tradicional vimaranense. Cultivava um elevado sentido do rigor e da responsabilidade, actuando permanentemente como um irmão mais velho, protector mas necessariamente exigente.

José Loureiro («Viriato») era proveniente de uma família de esquerda intelectual, o que explicaria parcialmente a sua postura de inconformismo

## RODRIGO MOURA

«LAMEGO» — Acima de tudo, o cumprimento do dever

### «Um em cem»

Apesar de Rodrigo Moura ter concluído a sua passagem por Moçambique como capitão da 32<sup>a</sup>, o início do seu percurso militar foi idêntico ao de muitos dos seus contemporâneos, tendo sido marcado pela interrupção da sua vida normal.

*«... Fiquei apurado na inspeção. Estava no curso de Histórico Filosóficas, mas decidi ir a tropa no ano em que fazia vinte e um anos. Eu já tinha um irmão que era alferes. Pensava em voltar a faculdade depois, mas nunca cheguei a terminar.»*

Não terminou porque aquilo que era encarado como uma mera suspensão da vida civil a que se seguiria a prossecução dos planos que acalentava para o seu futuro após o cumprimento das obrigações militares impostas aos jovens portugueses, não ocorreu no caso de Rodrigo Moura. Foi dos pouquíssimos que, cumprida a obrigação militar, optou por se manter ligado ao exército, após uma breve passagem pela vida civil.

Mas obviamente que esta possibilidade ainda não era perspectivada pelo futuro capitão, no momento de ingressar nos comandos; aliás, e ao contrário da esmagadora maioria dos seus futuros companheiros na 32<sup>a</sup>, Rodrigo Moura nem sequer se ofereceu como voluntário.

*«... Já sabia que teria que ir para África. Fui parar aos comandos sem ser voluntário. E fui o único, porque quando estava na recruta em Mafrá,*

fiquei classificado em primeiro lugar nas provas físicas das companhias de cadetes. Na altura, esteve lá um capitão falando sobre as vantagens de ser comando e sobre a vida em Luanda... Mas eu tinha uma dica do meu cunhado para nunca me oferecer e não me ofereci. Mesmo assim, no fim da recruta, quando íamos para a semana de campo, apareceu um jipe à procura do cadete Moura para fazer provas para os comandos e eu fui.

Deram-me um número. Logo a seguir tivemos que resolver uma prova de obstáculos que metia crocodilos, cordas e pneus. Eu tinha caído ali de pára-quadras mas os outros cadetes já se conheciam.

Enquanto eles estavam todos a discutir a solução, eu sugeri que me deixassem tentar, que passávamos todos. Eles concordaram, assim fiz e acertei. E o capitão mandou-me sentar ao lado enquanto os outros faziam mais provas. No fim, perguntaram quem era voluntário e eu não disse nada. Mandaram-me embora.

Uns dias depois, quando saiu a classificação, vi que tinha sido seleccionado para tirar o curso de comandos no Centro de Instrução de Operações Especiais de Lamego, por causa das notas e das provas físicas. O comandante era Jaime Neves. E eu tirei lá o curso com a 28ª.»

Contudo, rapidamente percebeu quais as vantagens de integrar uma tropa como a dos comandos; precisamente as mesmas que motivaram essa escolha por parte da maioria daqueles que viriam a integrar a sua companhia:

«... O curso começou e só depois percebi bem o que eram os comandos: A preparação era muito boa a nível físico e psicológico; tinham muito menos baixas que as outras tropas; faziam só dois anos de comissão; comiam melhor... e ganhavam mais quatrocentos escudos. Pareceu-me muito mais vantajoso.»

Outra especificidade do percurso de Rodrigo Moura foi o facto de ter de passar por dois cursos de comandos; saiu de Portugal com o curso praticamente concluído (faltava apenas a fase operacional) mas viu-se envolvido em rivalidades militares alheias, tendo sido forçado a reiniciar o curso desde o princípio e repetir, em Luanda, a experiência por que passara em Lamego.

«... Fiz o primeiro curso em Lamego e depois fiz um outro em Angola. Embarquei em Lisboa na Vera Cruz no dia 3 de Outubro de 1970 e fiz

dez dias de viagem. Ia já como alferes. Quando cheguei, estava a decorrer um curso de comandos.

Não entrei nesse. Pensei que só iria fazer a operacional e obteria logo o crachá. Mas como havia «guerrinhas» entre Angola e Lamego... mandaram-me tirar outro curso de novo. E eu que até já tinha dado instrução em Lamego!

O curso ali era igual, só variavam os locais e em Lamego havia mais frio e neve. Sempre considerei o curso de Lamego melhor. Em Angola, era sempre castigado porque quando me faziam a pergunta «qual é o melhor curso?», respondia sempre «Lamego»; e mandavam-me fazer quinhentas flexões de pernas. Eles diziam sempre que o curso de Angola era o melhor. Portanto, fiz o curso toda outra vez.»

A experiência de repetição do curso permitiu-lhe fazer comparações de métodos e também de maneiras de estar, de perspectivas; permitiu-lhe, desde logo, perceber algumas diferenças de postura e comportamento entre os militares de topo, entre os instrutores; esta compreensão das posturas prevalentes ter-lhe-á permitido valorizar aprendizagens e atitudes, fazer escolhas, consolidar opiniões, ajudando-o a posicionar-se no contexto da guerra colonial.

«... As técnicas, eu já sabia. Só tinha que executar. Nesse aspecto, foi mais fácil. Mas passei por tudo: prova da sede, prova de fogo real... tudo. Lamego foi melhor para mim porque tive instrutores de excelência, com muita experiência. Tive essa sorte. Tinham vindo do Ultramar. Eram capitães ou sargentos. Procuravam ensinar, transmitir os seus conhecimentos e responder às perguntas. Mas em Luanda havia uma vida nocturna... Os instrutores procuravam sempre acabar a horas e ir para a noite de Luanda, embora um ou outro, mais velhos, tinham outra forma de pensar.»

Entretanto, concluído o curso, deu-se a passagem de instruindo a instrutor.

«... Quando acabei o curso, o Capitão Carapeta escreveu-me e convidou-me a tomar parte da 32<sup>a</sup> que ele ia comandar em Moçambique. Quando chegou o pessoal, fui nomeado instrutor do grupo dos oficiais. Eu era ainda alferes mas tinha como instruendos um capitão e dois tenentes para além dos cadetes.»

Como todos os outros elementos da 32ª, Rodrigo Moura reafirma a dureza do curso (no seu caso, dos cursos):

*«... O curso acabava por fazer uma triagem muito grande. Os mais fracos de cabeça acabavam por ser eliminados. Mais ainda do que pelas condições físicas. Havia um cartaz em Lamego que muito nos assustava e que dizia: «Só um em 100 consegue ser comando». E aquilo era duro mesmo, muito desgastante: ser acordado muitas vezes; sempre a fazer coisas; sempre sem saber o que íamos fazer, fosse dia ou fosse noite.»*

Mas, devido à especificidade do seu percurso, tem a possibilidade de relatar experiências únicas que nenhum outro elemento da 32ª teve oportunidade de vivenciar.

*«... Enquanto em Angola havia a prova da sede, em Lamego havia a prova do cemitério. Tudo começava fazendo uma redacção sobre a guerrilha e a contra-guerrilha. Passado pouco tempo chamavam-nos para ir dormir, um por um. Eu saí e na porta estava um elemento que me mandou para o cemitério. Estava escuro e com orvalho.*

*Quando cheguei ao portão do cemitério, abriu sozinho. De repente apareceu um lençol a fazer «uuuuuuuh». O receio foi tanto que andei aos saltos quase todo o caminho e, graças a isso, safei-me de algumas armadilhas que havia no chão. O instinto disse-me para fazer assim.*

*Depois, quando cheguei à curva do cemitério, apareceu outro elemento a dar instruções. Mandou-me dar um beijo na testa de um morto que tinha acabado de chegar da Guiné.*

*Estava lá um caixão numa campa com um morto debaixo de um lençol. No meio da tensão e da adrenalina, o morto começou a falar comigo e a pedir para lhe por a mão na testa. Quando me aproximei, levei logo um murro na cara. Aquilo estava tudo preparado para nos assustar, para nos stressar e nos obrigar a raciocinar e reagir em qualquer situação.*

*Para sair do cemitério havia uma corda feita com tripas cheias de porcaria, que tínhamos que puxar com a boca. E aquilo, claro, rebentava. Logo a seguir tive que atravessar uma vinha a correr. Andava sem direcção a levar sempre murros.*

*Cheguei a um portão, mas não havia sítio para o abrir. Sentia murros por todo o lado. Vim a descobrir que eram meias cheias de areia que nos atiravam. Fui dar à parte de trás do quartel dos comandos sempre a correr.*

*Apanhei um dos que tinha partido à minha frente. Alguém nos disse para avançar. Ouvíamos gritos e tiros. Mais murros. Nunca mais parei. Finalmente, apresentei-me ao sargento a dizer que tinha acabado. No outro dia, fomos tirar fotografias para o cartão dos cadetes e apenas dois não tinham a cara com pensos.*

*Mesmo assim, esta prova acontecia num espaço de duas horas. A da sede, de Angola, durava quatro ou cinco dias. Não são comparáveis.»*

### *«Todos aqueles a quem dei instrução ficaram vivos»*

Certamente que o primeiro momento de efectivo embate com a realidade concreta e palpável da guerra — seja o primeiro combate, a primeira emboscada, o primeiro disparo, o primeiro vislumbre de um inimigo, o primeiro momento de efectivo risco, o primeiro voo rasante a bordo de um helicóptero — será sempre um momento marcante na vida de qualquer soldado, transformando-se numa memória indelével; contudo, para poder vivenciar todos esses acontecimentos, é preciso primeiro *chegar* à guerra. E essa aparente formalidade — chegar lá — nem sempre é tão simples e descomplicada quanto o esperado, tornando-se ela própria num momento marcante.

*«... Fomos de Luanda para Beira no Infante D. Henrique, durante dez dias. Parámos em Cape Town, seguimos para Lourenço Marques e depois para a Beira. Tinham-nos dito que íamos de avião para Montepuez. Mas afinal tivemos que ir por terra e de camião... camiões civis, de carga... Demorámos seis dias a chegar...»*

Mas a novidade logo se desvanece, sendo interiorizada e assimilada, tornando-se rotina, pois a dureza da realidade assim o determina, não havendo tempo para grandes reflexões:

*«... A partir de uma certa altura a malta nem pensava nem questionava. O curso tinha sido tão duro que aquilo tudo parecia uma coisa menor. Só pensávamos em mantermo-nos vivos; o tempo ia passando e depois logo se veria. Não se pensava muito nas outras coisas. E quando se começava a pensar, bebia-se uma cerveja e pronto. Isso também era comum às outras tropas. Andávamos sempre em operações, sempre ocupados...»*

Comecemos, no entanto, pelo início, pela primeira operação.

*«... A primeira missão decorreu entre 10 e 22 de Agosto, em Mueda. Eram umas operações a que chamavam «Libélulas». E todos os grupos foram fazer essas operações. Éramos largados de helicóptero sobre o objectivo... Era correr, uns a incendiar palhotas, outros a disparar, o heli-canhão ia dando indicações de onde havia mais palhotas.»*

Disparar e incendiar: deste modo, Rodrigo Moura clarifica com uma frontalidade ausente do discurso da maioria dos militares qual a função concreta (ou uma das funções concretas) da 32ª em Moçambique, apesar de também ter o cuidado de clarificar que havia limites:

*«... Houve desde sempre a preocupação de poupar mulheres e crianças. E todos os que não tinham nada a ver com a guerra.»*

Será também desta postura de frontalidade em lidar com a realidade que terá nascido um certo pragmatismo (do ponto de vista militar mas também do ponto de vista humano), uma atitude de profissionalismo não apenas no sentido de rigor e exigência mas também de um algum distanciamento afectivo, que viria a pautar o comportamento da companhia.

*«Procurámos fazer uma guerra limpa para que, quando voltássemos, pudéssemos prosseguir a vida com a consciência tranquila; sem muito tempo a olhar para as vítimas, para não trazer essas imagens na cabeça...»*

Acabados de chegar mas desde logo preocupados com as consequências a longo prazo dos seus actos mais imediatos; preocupados, também, com a racionalização adequada e a implementação eficaz das tarefas a que estavam obrigados, de modo a que cada acção fosse executada apenas do modo estritamente necessário; prevenindo e acautelando desde logo o longo termo.

Serão estes, aliás, alguns dos traços distintivos do tipo de liderança adoptada no seio da companhia e que terão marcado positivamente o seu percurso de guerra e a forma como, posteriormente, interiorizaram esse trajecto.

Mas qual seria, no dia-a-dia, a principal preocupação de Rodrigo Moura?

«... Eu era da idade deles. A minha preocupação era manter as instruções do comandante. As nossas ideias coincidiam, não havia choques entre nós. Não descurávamos a segurança, queríamos evitar baixas, ter sempre cuidado... A gente transmitia isso com regularidade. Não havia afastamento na companhia entre os oficiais, sargentos e praças. Estávamos sempre juntos. E a ligação era próxima. Pelo feitio que todos tínhamos, havia essa ligação. Todos os comandos defendem alguma proximidade, mas ela era maior na nossa companhia.»

E como nasceu esta maior proximidade entre os elementos da 32ª?

«... Uma das coisas que contribuiu foi o facto de ter sido eu a dar-lhes instrução... Ia sempre com eles, acompanhando os grupos um a um, o que os fez acreditar e confiar em mim. Nas operações mais complicadas, eu ia sempre. Não ter grupo dava-me vantagem porque podia ir com qualquer um dos grupos. E isso permitia ter melhores resultados. Os cinco grupos tinham bons resultados, eles eram bons. E todos aqueles a quem dei instrução ficaram vivos. Isto é um bocado a minha coroa de glória. No discurso final da 32ª, no jantar de despedida no quartel de comandos de Montepuez, disse-lhes: «Partimos 182 e voltámos 182». Foi a nossa grande vitória.»

Rodrigo Moura, que terá desde cedo interiorizado a velha máxima de Séneca segundo a qual «O exemplo convence mais do que as palavras», não se limitando, portanto, a dar instruções, a acompanhar, a liderar, mas envolvendo-se efectivamente no terreno, correndo o mesmo perigo que todos os outros, emociona-se quando refere essa evidência máxima e avassaladora do sucesso da companhia:

«... Partimos 182 e voltámos 182...»

Talvez seja, afinal, por mero instinto de sobrevivência que exista ainda, quarenta anos após o fim da guerra, tanta comoção entre os elementos da 32ª em relação ao seu percurso militar; afinal, para cada um deles subsistirá um sentimento simultâneo de alívio e agradecimento pelo facto de simplesmente ter regressado, de não ter morrido; e esse sentimento acaba por ser maioritariamente focalizado nos oficiais da companhia, direccionado naqueles que consideram ser os responsáveis por esse regresso.

Já na perspectiva dos oficiais, também não serão sentimentos fáceis de gerir: por um lado subsistirá sempre a certeza do dever cumprido, de ter estado à altura do desafio e das circunstâncias, de não ter falhado no fundamental, de ter feito a diferença; mas, por outro lado, poderá sempre persistir uma ténue dúvida retrospectiva, mesmo que não assumida ou nem sequer consciente: e se não tivessem regressado todos?

Apesar de a realidade ser, afinal, una e inequívoca, peremptória: regressaram mesmo todos. O facto de a companhia ter em momentos diversos capitães distintos não só não introduziu qualquer elemento desestabilizador no seu interior como serviu até para solidificar os laços existentes.

*«... O Capitão Carapeta era o comandante e eu o seu adjunto. Ia com vários grupos nessa missão, porque não tinha grupo certo. O adjunto era sempre o alferes mais antigo em tempo de tropa e posto a seguir ao capitão. [...] Passei a capitão no dia 1 de Janeiro de 1973. O General Kaulza de Arriaga, a seguir a sua visita em Nura e face ao trabalho desenvolvido pela companhia, regressou a Nampulã e mandou graduar-me no posto de capitão.»*

Afinal, o corpo de liderança da 32ª era sólido e unido, abrangente:

*«... Os oficiais da companhia andavam sempre juntos. Convivíamos muito. Na tenda, a jogar cartas, ou a beber um copo no bar da força aérea. Planeávamos as operações ao pormenor e falávamos sobre a melhor forma de o fazer, escolhendo os grupos em função das suas características para os objectivos que se pretendiam.»*

Havendo obviamente no conjunto do restrito grupo dos oficiais personalidades díspares e diferentes pontos de vista, tensões inerentes à realidade quotidiana, bem como as condicionantes práticas resultantes da hierarquização da vida militar, sempre prevaleceu a sabedoria de saber atenuar esses possíveis focos de pressão e consolidar o espírito de grupo, valorizando o diálogo e o consenso, o companheirismo, o respeito, a amizade.

*«... O que faz as coisas são as pessoas. É isso que as torna especiais. O Loureiro, o Stoffel, o Barbosa, o Van Uden com seu ar sério e o Avillez sempre alegre e positivo, contribuindo para o bom ambiente que se vivia na companhia... Eram todos muito diferentes e divertidos e completavam-se. Sempre prontos para fazer coisas. A cantar, a dançar. Começámos até a*

*dar aulas aos militares para fazerem o 5º ano, lá em Nura. Escolhemos os furriéis para dar aulas. E quando nós íamos à Ilha, eles iam fazer exame. Alguns fizeram o quinto ano e até o sétimo. Houve peças de teatro, sátiras... Eles eram fora do normal. Todos. Estavam todos bem-dispostos a maior parte do tempo. Os furriéis tinham, todos, uma cultura acima da média, o que também era bom.*

*— Mas para além dos furriéis chamados operacionais, havia os da área da logística sem os quais não seria possível fazer a guerra.»*

É fácil esquecer que a guerra não é feita apenas por quem a combate, que sem a colaboração de todos aqueles que permanecem na retaguarda, não haveria eficiência nos combatentes. Algo que um bom líder nunca esquece.

*Como sem comida ninguém combate, para resolver este problema tínhamos o Furriel de Alimentação José Monterroso que com a sua equipa, tratavam da lenha, da água, dos géneros, cozinhavam, distribuíam a comida, faziam uns petiscos para o pessoal, enfim uma luta diária nem sempre reconhecida. Até na Ilha de Moçambique andavam atrás dos géneros para que as refeições fossem do agrado de todos.*

*Para levar-nos para a guerra e para a Ilha de Moçambique, tínhamos o Furriel Mecânico Resende Ferreira, a quem competia «tratar» das viaturas e mantê-las operacionais para não ficarmos nas picadas a resolver avarias.*

*Para comunicarmos uns com os outros em operações, pedir apoio de fogos, evacuar feridos, coordenar aspectos de combate, falar para o comando do batalhão em Montepuêz... tínhamos o Furriel de Transmissões — José Gomes, sempre pronto com a sua equipa para que os Grupos de Combate no mato tivessem eficácia na área das Transmissões...*

*E ainda tínhamos o Furriel Enfermeiro Ângelo Neves, para tratar problemas físicos de qualquer natureza, que sempre acontecem em combate ou fora dele, que também havia... Muitas vezes trataram elementos da população que vinham pedir ajuda à nossa enfermaria...*

*A ligação entre todos era muito boa. Não era só a vertente dos tiros e o pensar na guerra. Procurávamos outras coisas. Era o convívio entre todos... Na Ilha de Moçambique fazíamos natação, corridas, ginástica especial. Criou-se uma espécie de família. Preocupávamo-nos uns com os outros. E ficou uma ligação grande entre todos nós.»*

Prova dessa preocupação era o cuidado tido do ponto de vista psicológico, concretizado por exemplo na vigilância que se fazia dos homens momentaneamente mais vulneráveis no sentido de prevenir a ocorrência de focos de desânimo...

*«... Se os deixássemos sentar e pensar na vida, a beber, perdiam-se. Não podíamos largá-los. Depois, havia os problemas com as namoradas. Era preciso andar sempre com eles, apanhar a crise logo no início.»*

... ou na tentativa de tornar a passagem por África uma experiência enriquecedora...

*«... Sempre procurámos, durante o tempo que lá estivemos, levar o pessoal a conhecer os locais por onde passávamos ou mesmo os que havia lá perto, como o parque nacional de Gorongosa. Quando lá estivemos, organizámos grupos para ir ver. Era muito visitado, na época, até por artistas de Hollywood... Para não ser só armas e guerra, íamos ver essas coisas... E para ter conhecimento mais global do país. Na altura, eram as províncias ultramarinas, era o nosso país... Nas colunas, às vezes, por centenas de quilómetros, íamos olhando e vendo tudo. A ilha de Moçambique também...»*

Um pouco de turismo em tempo de guerra, portanto; isto, apesar do propósito final ser claríssimo e orientar cada opção tomada:

*«... As decisões que tomava visavam tentar evitar baixas e conseguir os melhores resultados.»*

E assim foi até aos últimos momentos, mesmo quando em circunstâncias inesperadas e especialmente adversas, quando o dever se sobrepunha à vontade com especial veemência; nem aí havia qualquer tipo de condescendência, facilitismo ou indisciplina:

*«... Já no fim da comissão, o General Kaulza de Arriaga, na sua visita à companhia em Nura, prometeu que se ficássemos mais um mês não faríamos mais intervenções.»*

*Mas embora o tenha dito, depois do nosso regresso, ainda nos mandaram a Canda, um aldeamento próximo da zona da Gorongosa, onde estava previsto estar quinze dias... e afinal ficámos um mês...*

*E ainda tivemos que ir à base Gugunhana, uma das mais importantes da Frelimo, por mais dez dias...»*

## «As vivências da guerra são marcantes»

Poderá parecer quase desconcertante a resposta de Rodrigo Moura à inevitável questão sobre qual terá sido o pior momento passado ao longo da sua experiência pessoal da guerra:

*«... Houve administradores brancos que tratavam bem a população, mas outros não. Muitos foram os causadores de o povo se virar para a guerrilha e se revoltar. Em determinados sítios, eu compreendia a posição deles... Além disso, grande parte de Moçambique não tinha pessoas com armas... nem guerra. Houve muitos militares que, na altura, ficaram lá em lugar de voltar para Portugal. Ficar lá a viver eu acho que não queria...»*

*Mas a forma como aquilo tudo se desenvolveu depois... a forma como tiveram que fugir de lá... não houve acompanhamento das pessoas, nem nada. Foi o salve-se quem puder...»*

*As construções de lá... era tudo idêntico ao que havia cá. E havia partes da história de Portugal lá. E depois foi tudo largado...»*

Um discurso também repleto, ainda hoje, de sentimentos de impotência e injustiça, até de alguma incredulidade face à forma como se desenrolou o processo de descolonização, nomeadamente ao nível do consequente êxodo das populações e militares autóctones.

*«... Esqueceram-se de que a Frelimo teria na ordem dos dez a doze mil elementos armados, mas do nosso lado eram trinta mil moçambicanos. Desarmaram-nos, mandaram-nos embora e que se desenrascassem. Tiveram que fugir para fora de Moçambique... Ninguém os protegeu. Não houve transição. Houve tantos que foram abatidos, dos que foram do nosso lado... E tinham-lhes morto as famílias... Em Angola, depois de sairmos de lá, morreram milhões. Em Moçambique, destruíram, arrasaram... Toda a gente teve que fugir para cá e deixaram lá os bens todos. Alguns vivem ainda com revolta, porque tudo o que construíram ficou lá e vieram sem nada...»*

Portanto, o regresso definitivo do capitão a Portugal não foi propriamente idêntico ao da maioria dos seus camaradas, para os quais o sentimento dominante deveria ser o alívio. Primeiro porque ocorreu num momento posterior...

«... Eu tive que regressar em 1973 porque tinha havido um conflito com cabo-verdianos, no M'cito, perto da Rodésia (no actual Zimbabue) e foi levantado um processo à companhia. Quem teria de ser testemunha era o Avillez, mas acabei por ser eu. Afinal, de testemunha passei a principal suspeito e foi-me levantado um processo a mim... Só foi resolvido depois do 25 de Abril. Foi arquivado, porque eu não quis dar o nome de dois ou três soldados que quiseram assaltar o comboio onde estavam os cabo-verdianos. Foi a única bronca que alguns da 32<sup>a</sup> fizeram em dois anos. E eu nunca disse quem foram.»

... mas principalmente devido às ligações afectivas estabelecidas, difíceis de quebrar ou suspender de um momento para o outro; não apenas as óbvias, as relacionadas com a companhia, mas outras mais inesperadas, talvez menos poderosas mas ainda assim pertinentes. Um exemplo especialmente acutilante das (imprevisíveis) relações humanas que se podem estabelecer em contexto de guerra, relações estritamente afectivas que as condicionantes únicas de uma vivência em guerra tornam mais intensas e difíceis de gerir e processar (de esquecer, também); é o caso de Frederico Humberto Chinchila, Marquês de Muatide.

«... Havia coisas que se passavam que não tinham a ver com a guerra. Eram consequências da guerra, no fundo, mas que procurávamos melhorar. Os miúdos que ficavam sozinhos e que levávamos connosco. Houve um, o Chinchila. Era a mascote da companhia. Apareceu numa operação na base de Gungunhana e ficou sempre connosco. Foi baptizado Frederico Humberto Chinchila, Marquês de Muatide. Quando a 32<sup>a</sup> veio embora, eu estive lá mais um ano e ainda fiquei com o miúdo. Fiquei a comandar uma companhia de instrução, em Montepuez e o Chinchila ficou comigo. Pu-lo na escola. Ele era maconde, da etnia de Cabo Delgado, a norte de Moçambique e era engraçado porque não conseguia mentir. Antes de regressar ainda tentei trazê-lo mas teria de o perfilhar. Eu disse-lhe que quem o perfilharia seria o sargento Dias Mendes, mas ele não quis. Queria vir comigo, não com o Dias Mendes. Eu disse-lhe que não podia perfilhá-lo e não o pude trazer...»

Quando o regresso acabou por se efectivar, aquilo que Rodrigo Moura encontrou também não o entusiasmou particularmente.

«... Quando voltei para Portugal, saí da tropa e fui para a Faculdade de Motricidade Humana. Só que no 25 de Abril tinham saneado os pro-

*fessores todos e eu, que vinha de uma experiência de guerra e organização, não percebia isto. Pediam-me para assinar papéis para sanear professores que eu nem conhecia... Passavam a vida em greves, assembleias magnas... Não consegui. Fui à Amadora falar com o comandante e ele convidou-me a regressar. Passado um tempo, apresentei-me. Nos comandos, continuei a manter a actividade que tinha antes. Já dei vinte e oito cursos de comandos...»*

E não muito depois, surge o que alguns viram como um inesperado regresso a uma «guerra» muito singular, que entre outras particularidades lhes permitiu voltar a conviver em contexto militar com alguns dos antigos colegas da 32<sup>a</sup>: os acontecimentos relativos ao 25 de Novembro.

*«... Duas semanas antes do 25 de Novembro, a Associação de Comandos contactou os ex-militares. A convocação dizia que a situação no país era frágil, que as unidades estavam a ficar desarticuladas e que era necessário criar uma unidade forte, preparada para actuar, se necessário. Muitos vieram.»*

Rodrigo Moura, capitão do regimento de Comandos nessa altura, dá conta do ambiente que se vivia entre os militares:

*«... Depois do 11 de Março de 1975 a sociedade começou a partir-se em duas em Portugal, na política e entre os militares também: de um lado estava a esquerda revolucionária e do outro as forças moderadas. A esquerda revolucionária crescia... Houve muitas nacionalizações, ocupações de herdades e casas, expropriações, prisões, deu-se o assalto à embaixada de Espanha e à Rádio Renascença e aconteceu o sequestro do 1º Ministro e dos deputados, durante 3 dias no Parlamento. Do outro lado começou também a reacção a estes acontecimentos. Houve mobilizações de populações a Norte e assaltos às sedes do partido comunista e dos partidos da esquerda mais radical.*

*Os militares também se dividiram: uns seguiam o chamado «Documento dos Nove» e outros o «Documento do Copcon». As Forças Armadas entretanto desmembravam-se, quebrando a imprescindível unidade de comando. Tudo isto fazia caminhar Portugal para um confronto armado e todos receavam a guerra civil.»*

Tendo estado presente nas «batalhas», pode relatar esses estranhos e intensos dias com particular detalhe e conhecimento de causa:

*No dia 25 de Novembro começaram várias movimentações e levantamentos de civis e de unidades militares revolucionárias. Mas, ao mesmo tempo, também começou a organizar-se a resposta das forças moderadas. Um comunicado do Estado Maior General das Forças Armadas deu conta às 13.30 da sublevação dos pára-quedistas e o Presidente da República declarou o estado de sítio às 17.00, por imposição do General Ramalho Eanes, na altura Tenente-Coronel. A parte militar que apoiava o «grupo dos nove» conseguiu assim legitimidade institucional e transferiu para o Regimento de Comandos a ordem de execução de resposta.*

*A primeira acção militar em 25 de Novembro de 1975 dos Comandos foi em Monsanto sob o comando do Comandante do Regimento de Comandos, Jaime Neves que exigiu e conseguiu a rendição dos pára-quedistas. No dia seguinte, Jaime Neves comandou de novo os Comandos, que se dirigiram ao Regimento de Lanceiros, na Calçada da Ajuda, procurando a rendição sem confrontos sangrentos. Foram recebidos a tiro, tendo morrido na altura dois militares comandos, o Tenente Coimbra e o Furriel Pires.*

*Jaime Neves tinha muita experiência de combate... Tinha sangue frio e serenidade debaixo de fogo... Conseguiu a rendição do Regimento de Lanceiros e travou ainda a agressividade dos seus homens, revoltados pelas baixas produzidas do seu lado.*

*A data de 25 de Novembro de 1975 marcou o fim da instabilidade nas Forças Armadas. Foi restaurada a unidade de comando e a sua subordinação ao poder político. O sistema estabilizou e a democracia consolidou-se. O papel do Regimento de Comandos e da Associação de Comandos foi determinante nessa altura.»*

Questionado sobre a especificidade da 32ª e a herança que a passagem pela guerra terá produzido nos seus elementos, Rodrigo Moura mostra-se, como sempre, conciso e pragmático, objectivo:

*«Acho que a companhia foi diferente. Houve aspectos humanos que procurámos cultivar. E tentar acorrer e socorrer as situações logo à nascença. [...] O que fica... são as vivências, a ligação. Mesmo com as diferenças que havia entre todos, foi possível manter essa ligação. As vivências*

*da guerra são marcantes e ligam as pessoas mais. Até hoje. Mesmo hoje, quando alguns têm problemas, ligam-me para desabafar.»*

6 E perante a memória das chamadas telefónicas nocturnas que alguns camaradas de há quarenta anos ainda fazem, em momentos mais vulneráveis, Rodrigo Moura esquece a objectividade e emociona-se; e mais não diz.

## JOSÉ LOUREIRO

«VIRIATO» — Viver a guerra sem a viver

### «Senti que tinha conseguido»

A história de José Loureiro é, como seria de esperar, semelhante ao de tantos outros oficiais: um percurso académico, assim como um conjunto de aspirações e projectos de vida, momentânea mas inquestionavelmente, suspenso pelas obrigações militares, pelo contexto histórico, pela guerra.

*«... Tinha passado para o terceiro ano do antigo Instituto Industrial do Porto, onde frequentava o curso de Engenharia Civil e Minas, com aspirações a terminá-lo antes da incorporação, embora já me tivesse sido concedido um ano de espera.»*

Mas do Porto a Mafra foi apenas um pulo, geográfico e temporal; um pulo forçado pelas circunstâncias, um pulo consentido mas nada desejado.

*«... Tive um instrutor em Mafra, alcunhado por nós de «Bala real», pelo uso que fazia da mesma durante a instrução, que era comando, e que me pareceu completamente diferente dos outros oficiais que nos davam instrução.»*

*Quando mais tarde apareceu um outro oficial a fazer a selecção de voluntários achei que gostaria de estar com aquela gente. Começava na postura, passava pelo fardamento e se calhar terminava na linguagem. Não dava para ver mais nada na altura.»*

Também a escolha dos comandos foi, como em tantos outros casos, intuitiva e apaixonada, quase inevitável. Contudo, ao contrário de quase todos os seus camaradas, José Loureiro é inesperadamente frontal e sincero, quase desarmante, na forma como assume e confessa algumas tentações que sentiu:

*«... Encarei várias vezes a perspectiva de sair do país para evitar o serviço militar, mas a ideia de nunca mais poder regressar, bem como a dúvida, do que realmente me levava a fazê-lo, afastaram a hipótese.»*

Na verdade, é dos poucos que assume claramente ter possuído uma vincada perspectiva política, com convicções contrárias às então vigentes.

*«... Acompanhei o movimento associativo do Instituto, colaborei com a CEUD nas eleições e estive presente no Congresso Republicano de Aveiro. Achava que era um erro político colossal [a guerra colonial], com consequências próximas e futuras gravosas para o país.»*

José Loureiro encontrava-se, portanto, numa situação particularmente complexa: via-se na inevitabilidade de se envolver numa guerra com a qual não só discordava:

*«... A guerra tinha que ser feita. A decisão de a fazer é que estava totalmente errada.»*

... mas que percecionava como algo potencialmente disruptivo e negativo, não apenas de um ponto de vista individual e das consequências pessoais que daí adviriam para si e para os seus camaradas, mas de um modo mais amplo e abrangente, comprometendo, na sua perspectiva, o futuro do país.

E não só: às dúvidas éticas e morais, políticas, de consciência, somava-se ainda a perspectiva dos sacrifícios académicos e profissionais e, de forma provavelmente mais angustiante, as condicionantes de ordem familiar e afectiva:

*«... Já namorava há seis anos a que foi mais tarde minha mulher, o que provocou uma separação difícil.»*

E, ainda assim, deu por si em África, como todos os outros, com todos os outros. E tal como para todos os outros, as primeiras sensações proporcionadas por este novo mundo foram pujantes e duradouras:

*«... A passagem de Lamego, granítica e com neve, para o calor tropical da terra vermelha de Luanda é tão plena de sensações que quase se torna anestésicante no momento, mas que mais tarde, recordada, nos permite vivê-la com pormenor e quase realidade.»*

José Loureiro é, de entre o grupo de oficiais da 32<sup>a</sup>, o mais contido, o mais parco em palavras; mas, talvez por isso mesmo, é dos mais incisivos, dos mais peremptórios, dos mais desarmantes; por exemplo, em relação à dureza e intensidade do curso é taxativo:

*«... Do curso, recordo cada momento. O que se guarda de qualquer curso? Tudo e nada, mas sempre o canudo.»*

...conclusivo:

*«... Todos os dias era preciso vencer o desânimo porque não aceitava a desistência mas tinha muito medo de ser excluído.»*

... e modesto:

*«No final do curso, senti-me bem. Senti que tinha conseguido.»*

Chegado à guerra propriamente dita, as prioridades de José Loureiro tornam-se muito claras, estando perfeitamente definidas; na verdade, durante dois anos, as suas prioridades foram vinte e quatro:

*«... Tinha vinte e quatro homens para trazer a salvo para as suas famílias.»*

Ponto final. Questionado sobre quais as principais preocupações que tinha, a resposta acaba por ser uma variação da afirmação anterior, demonstrando a sua total focalização nesse objectivo:

*«... As principais preocupações, os principais receios eram não conseguir trazer todos, em plenitude, de volta.»*

Pelo que, obviamente, as maiores frustrações, as dificuldades mais difíceis de gerir e ultrapassar, residiram nas situações em que esse desígnio fulcral, absolutamente primordial, foi posto em causa:

*«... O momento mais difícil de gerir foi o confronto com os feridos em combate.»*

E como se geria esse inusitado momento?

«... Não se geria, aceitava-se [a existência de feridos na companhia].»

Aceitava-se com enorme dificuldade, uma dificuldade que de tão retumbante ainda perdura, quarenta anos depois.

«... O pior momento... Em Mueda, na zona das Bananeiras, ter o Pinto à espera de ser evacuado sem um pé. No decurso da operação eu escolhi o caminho. Ele ficou sem o pé. Outra opção minha e a situação poderia ter sido revertida. Não há pior momento...»

### «Se cada decisão for justa, a consciência fica livre»

Mas, afinal, como suportar e resistir a dois anos de guerra? Segundo a óptica de José Loureiro, o que mais aliviava a violência e a pressão do dia-a-dia era a percepção efectiva da passagem do tempo.

«... Cada dia a menos era uma ajuda para o dia seguinte. Pensando o menos possível e acreditando.»

E a certeza da consciência livre.

«... Se cada decisão for justa, a consciência fica livre. Se não o conseguirmos mas se o tentarmos sempre, alivia muito.»

Mas não só: fulcral para a manutenção da sanidade mental e do imprescindível equilíbrio, era a persistente e obstinada fuga à inacção e à inactividade, interiorizando a necessidade de manter a mente ocupada, preenchida.

«... A vida era mais fácil sempre que se conseguisse a despreocupação. Tudo servia, não para esquecer mas para não lembrar.»

José Loureiro é, portanto, dos poucos a conseguir aclarar — ou, pelo menos, a verbalizar de forma tão transparente — esta distinção; a assumir que existia uma diferença substancial entre «esquecer» (que, em última análise, poderia conduzir a algo próximo da alienação e da irresponsabilidade desinteressada) e «não lembrar» (que implicaria consciencialização e, portanto, responsabilização).

Igualmente determinante, na sua perspectiva, seria a convicção e a crença de cada um naquilo que estava a fazer:

«... Não importa, na vida, se as coisas efectivamente são o que dizemos. Importa sim se acreditamos no que dizemos. E nós ainda acreditamos que éramos diferentes.

*Cada um encontrará a diferença à sua maneira. Ser diferente não quer dizer que se seja melhor. Guardo memórias do tamanho do território.»*

E, como se sabe, o território — Moçambique — é gigante; mas a recordação que selecciona para exemplificar a sua afirmação não deixa de ser peculiar, curiosa.

«... Vim de férias à Metrópole com o Moura. O Avellez pediu para lhe levarmos, na volta, uma caçadeira, arma de família, suponho que do avô, para caçarmos umas rolas. O cunhado iria, no dia do regresso, levá-la ao aeroporto.

Na hora combinada, o cunhado não apareceu pelo que despachámos as bagagens e ficámos a aguardar a hora de embarque. Atrasados, irmã e cunhado, chegaram com a respectiva encomenda, embrulhada em papel grosso, evidenciando, pela forma, o artigo transportado.

Contactado o balcão, já não nos foi dada a hipótese de juntar a «encomenda» à restante bagagem. Tendo identificado a tripulação de bordo, conseguimos, ao fim de longo e persuasivo discurso, que a arma fosse transportada por eles e nos fosse entregue à chegada a Lourenço Marques.

Já em solo moçambicano, retomámos a posse do armamento e rumámos para a alfândega onde fomos parados por uma pergunta que nunca nos ocorreu que pudesse ser feita:

— Muito bem e o livrete da arma?

— Não temos.

— Então a arma fica apreendida.

Longa troca de palavras de circunstância, dos dois lados, até que, perante a irredutibilidade do funcionário foi jogada a última das cartadas:

— Olhe, o mais que pode acontecer, dado que somos comandos, é quando chegarmos a Montepuez pedirmos ao Jaime Neves para exigir a devolução da arma.

— Vocês conseguem sempre o que querem; tirem-me lá essa porcaria da frente!

Sorriso nos lábios, lá conseguimos fazer a vontade ao amigo. E a arma nunca deu um tiro, por gastar cartuchos não existentes no mercado.»

Um exemplo que acaba por reflectir o espírito de camaradagem e entreajuda existente na companhia:

*«... A relação com os restantes oficiais e com os outros elementos da companhia era excepcional.»*

... e que, naturalmente, por se sustentar em raízes tão sólidas, se perpetuou ao longo dos anos:

*«... Quarenta anos depois, sente-se uma forte ligação afectiva, centrada no passado e revivida sempre que possível, ainda que reconhecidamente irrepetível, gerada pela vivência conjunta de tantas situações intensas.»*

José Loureiro, que recorda como o melhor momento deste período da sua vida a superação do curso:

*«... O melhor momento da passagem pelos comandos... Colocar o crachá no peito. Tinha conseguido o objectivo mais difícil a que me tinha proposto até aquela data.»*

... considera, como tantos outros, a passagem pela guerra como algo estrutural na sua vida:

*«... Acho que me ajudou a escolher o caminho e me tornou mais resolutu e consistente.»*

De um ponto de vista mais global, recorda o papel da 32<sup>a</sup> e as especificidades que geralmente lhe são apontadas, com alguma modéstia mas inegável orgulho:

*«... Continuo a pensar que foi um bom grupo de homens, que desempenhou bem a sua missão, um pouco talvez fora do figurino instituído e, por isso, diferente para melhor.»*

E se relativamente a eventuais envolvimentos políticos e à própria vivência dos períodos conturbados que pautaram a segunda parte da década de setenta, não é muito profuso:

*«... Vivi a primeira data [25 de Abril] com a alegria com que se acolhem os milagres e a segunda [25 de Novembro] com a percepção de que os milagres geram fanatismos. Não tive qualquer participação.»*

... demonstra uma inesperada generosidade em relação àqueles que muitos viram como inimigos mas que José Loureiro encarou como vítimas.

«... Se população local era a que se encontrava no mato, só poderia vê-la como vítima. Com o respeito que merece quem luta, em inferioridade, por um ideal, seja ele qual for.»

JOSÉ BARBOSA

«SULFÚRICO» — A ida a guerra do Professor Pardal

### «A Capacidade de encarar as contrariedades»

José Barbosa, estudante e músico, tinha um futuro repleto de projectos; mas, tal como muitos outros jovens da sua idade, possuía a consciência de que não valeria a pena perder muito tempo a pensar na melhor forma de concretizar os seus planos de vida antes de cumprir as responsabilidades militares impostas pelo regime político a todos os portugueses.

*«... Ir à tropa, na altura, era inevitável. Nós já sabíamos que tínhamos que ir. À laia de piada, dizíamos que os jovens chegavam à inspecção, abanavam-nos, e se não caísse nenhuma peça, estavam aptos. Era muito difícil escapar. Na altura houve muitos que foram retirados dos cursos universitários e incorporados à força, na sequência da agitação política nas universidades em 68 e 69...»*

E já que assim era, mais valeria apressar o inevitável e despachar a obrigação.

*«... Estava no Barreiro. Tinha terminado o curso no Instituto Industrial em Lisboa mesmo antes de comemorar os 20 anos, porque o último ano dispensei a todos os exames finais. Era o que se veio mais tarde a designar como engenheiro técnico de química. Era impossível, na altura, arranjar um emprego antes de fazer a serviço militar, de modo que faltando cerca de um ano para ser chamado para a tropa, fiz ainda o estágio do curso. Por fim, aos vinte e um anos, fui chamado para o centro de instrução de futuros oficiais, em Mafra.»*

Mas claro que a sensação de inevitabilidade não facilitava a decisão, nem tão pouco atenuava a brutalidade das suas consequências; pelo contrário:

*«... nos melhores anos da nossa vida, dos vinte e um aos vinte e quatro... éramos enviados para o mato com uma G3 na mão. Sem saber se voltávamos...»*

A tropa era, portanto, percebida como se se tratasse de uma fatalidade:

*«... Aquilo era a fatalidade de termos que ir. Toda a rapaziada nova que conhecia foi para a tropa. Não havia remédio. No Barreiro, onde eu vivia, a esmagadora maioria pertencia à classe operária e era um meio muito politizado na luta contra o poder. Eu, que andava na música, a dada altura percebi que uma boa parte dos companheiros com quem tocava tinha ido para o serviço militar.»*

Mas para quê lutar contra inevitabilidades? Há uma certa sabedoria em conseguir aceitar com realismo e bom-senso as condicionantes incontornáveis; para lidar com inevitabilidades, o pragmatismo é inevitável.

*«... Antes de ir para a tropa, não conheci ninguém que tivesse ido para lá satisfeito e de livre vontade... Mas depois de lá chegar, a melhor opção era: «já que andamos aqui, vamos fazer o possível por chegar ao fim inteiros e, no final, regressar a casa». Era este, de forma geral, o estado de espírito dos oficiais. O que prevalecia era fazer tudo certo... e tentar sempre evitar que se cometessem excessos.»*

Aceite a realidade, restava enfrentar o rigor do curso. E também para José Barbosa, como para muitos dos seus camaradas, ficou a impressão de que em diversos momentos a dureza do curso suplantou a exigência do próprio combate, em teatro de guerra.

*«... A instrução teve várias fases. Até determinada altura, era comum a toda a gente, futuros oficiais, sargentos e soldados. A seguir tínhamos treino por equipas e finalmente havia formação específica para comandante de grupo... A parte inicial, de técnica de combate, foi ainda mais dura que andar na guerra. Sobretudo do ponto de vista psicológico. Era tão duro que no fim de cada fase muitos eram eliminados. Lembro-me que no início éramos para aí uns 450 e só chegaram ao fim cerca de 250. O resto foi sendo eliminado.»*

Contudo, é a própria exigência do curso que, a partir de certo momento, determina o aparecimento de uma forte determinação em o concluir.

*«... Nunca pensei em desistir. Do meu ponto de vista, achava que tinha que fazer as coisas bem. E a partir de certa altura, uma pessoa já tinha sofrido tanto, que ser eliminado seria uma terrível frustração... Por isso, não parava, continuava e não pensava em desistir.»*

E se a ida para os comandos foi quase acidental...

*«... Lá para o fim da recruta, apareceu uma equipa de elite dos comandos a fazer selecção entre os que foram «oferecidos como voluntários» pela companhia de instrução em Mafra... Fizemos os testes e não dissemos que não, porque dizê-lo na altura teria sido um caso sério. E lá fomos todos alegremente... meio conscientes, meio inconscientes... sem saber no que nos estávamos a meter...»*

... no final do curso não subsistia qualquer dúvida quanto ao valor dessa escolha «quase voluntária»:

*«... No fim do curso, estava preparado para tudo. Nos comandos não eram precisos indivíduos com grande potência física... Era sobretudo a resistência, física e psicológica, o que mais contava. No final, sentíamos-nos muito duros... poderosos. Mais bem preparados para a guerra do que os outros. Tínhamos adquirido uma paciência enorme... para suportar tudo. Mesmo depois de acabar a guerra. Essa é uma das coisas que fica para sempre. Tem a ver com a nossa capacidade de encarar as contrariedades. Não é qualquer coisa que nos arrasa. No meu caso, tento sempre ver a solução para ultrapassar um obstáculo. Sem dramas.»*

Na perspectiva de José Barbosa, foi também durante o curso que se estabeleceu o relacionamento especial entre o corpo de oficiais da 32<sup>a</sup> (e posteriormente extensível aos demais elementos) que iria definir o carácter e a natureza da companhia.

*«... Acho que na formação do grupo houve um pouco de sorte também. Éramos um grupo bom, que se dava bem com os soldados.»*

*Nos comandos, as chefias eram escolhidas pelos soldados... No final do curso, com todos na parada, os soldados estavam sentados com um bloquinho na mão. Os furriéis desfilavam primeiro em passo de corrida e cada soldado escolhia os da sua preferência. Assim se formavam cinco*

*equipas, com cinco militares cada uma — um furriel e quatro soldados. Depois, essas equipas seleccionavam o alferes que os iria comandar, baseados no conhecimento que tinham da instrução em conjunto. Era uma escolha de baixo para cima... uma escolha muito séria, importante para a coesão futura.»*

Este processo democrático de escolha das lideranças, sustentado num certo realismo («vou escolher o que for melhor para mim e para os meus camaradas»), numa efectiva liberdade de escolha («sou livre de escolher e a minha escolha pode fazer a diferença»), numa co-responsabilização de todos («não sou líder mas sendo o líder uma escolha minha, também sou responsável pelo sucesso da companhia»), no estabelecimento de uma relação de interdependência entre líderes e liderados (o líder nunca o será se não for essa a vontade do liderado), foi determinante na postura individual dos elementos da companhia, fortalecendo atitudes e comportamentos, atenuando dificuldades e contrariedades, solidificando amizades e camaradagens, reforçando solidariedades e co-responsabilidades. E contribuindo para perceber melhor o carácter emotivo e saudosista com que estes homens recordam esse longínquo período das suas vidas, tantos anos depois.

### *«O segredo era não pensar muito no assunto»*

Talvez a guerra colonial não tenha sido vista por todos como uma verdadeira guerra, violenta e insuportável como se imaginam as guerras, uma experiência infernal e desestabilizadora; uma expressão usada por José Barbosa poderá indiciar isso mesmo:

*«... estávamos entretidos com a guerra....»*

Ou talvez o termo «entretidos» retrate apenas uma imagem criada *a posteriori*, a imagem que se formou decorridos quarenta anos, e não o sentimento verdadeiramente percebido no momento em que se passava por essas experiências, em que se vivia a guerra; certamente que as opiniões serão sempre filtradas pela passagem do tempo: haverá diferenças substanciais entre uma determinada experiência e a memória dessa mesma experiência, principalmente se houver quarenta anos a separar a vivência e a respectiva memória. E ainda assim, apesar da memória da violência

inerente às experiências vivenciadas ter sido sublimada pela passagem do tempo, ainda é latente nos testemunhos uma certa ansiedade quase re-activa.

*«... A guerra foi um atraso na vida para toda a gente. Em termos de tempo e em termos pessoais. Então, resistir três anos, como? Procurando chegar ao fim. Não contávamos os dias porque estávamos sempre ocupados: quando estávamos no mato, entretidos com a guerra; quando não estávamos, na caça, a jogar futebol... O segredo era não pensar muito no assunto. Mesmo assim, por vezes, sentíamos falta de qualquer coisa. Mas apoiávamo-nos uns aos outros. Aquela vida não era a nossa e não era aquilo o que queríamos.»*

Subsiste, apesar de passado todo este tempo e da atenuação do sofrimento que a distância pode proporcionar, alguma dificuldade em caracterizar a dureza do dia-a-dia, dos momentos realmente problemáticos.

*«... Havia alturas em que, para nós, era difícil. Na época das festas das famílias... era muito difícil. As noites de Natal sobretudo eram tremendas. Havia soldados que bebiam um pouco de mais, vinha a raiva toda ao de cima e nós tínhamos dificuldade em controlar a situação. Enquanto a maior parte dos soldados eram de origem rural e mais ligados às festas de família, os oficiais e sargentos éramos mais urbanos. Culturalmente, não ficávamos tão afectados.»*

Muitas vezes, os momentos mais difíceis de enfrentar não eram os momentos de acção propriamente dita mas os momentos pós-acção; o medo nunca chegava durante, mas apenas depois (e, ao contrário do que alguns afirmam, chegava mesmo):

*«... Enquanto lá andávamos, uma pessoa estava concentrada no papel que tinha que cumprir e executar. Se apareciam situações de perigo, reagia-se e actuava-se como estava previsto... tal e como tínhamos sido treinados... e regressávamos. Mas os momentos difíceis eram na noite seguinte. Lembro-me de operações de dois, três dias... duras, com guerra a sério. Depois de regressar, no acampamento, descansava, bebia uma cerveja, comia... Mas à noite, talvez mais na segunda noite, quando me deitava, o estômago começava a embrulhar-se... A sensação de medo aparecia fugazmente, no silêncio, para pouco depois acabar por se desvanecer com o sono.»*

Poderia aparecer dois dias depois mas no momento da verdade a regra omnipresente era, afinal, simples e elementar: nunca facilitar. E nunca se facilitava:

*«... A nossa preparação era muito específica do ponto de vista da guerra e da morte. Os comandos, porque eram operacionais, desencadeavam ofensivas contra a guerrilha e foram eles os que fizeram a maior parte da guerra em Moçambique; O resto da tropa fazia posição, colunas de abastecimentos; e sofriam mais baixas porque tinham uma missão mais passiva, mais de defesa...*

*Nessas operações, a minha função como chefe do grupo de combate, era menos dar tiros e mais prever as situações, estar mentalmente preparado para reagir nos imprevistos. Em dois anos, não devo ter gasto mais de um carregador (vinte tiros) em combate. A minha missão era comandar o grupo, executar a missão... E trazê-los inteiros para o quartel.*

*Tivemos muita sorte nesse aspecto. Mas também ajudámos muito a sorte. Costuma dizer-se que ter sorte dá muito trabalho. Por exemplo, no mato, a arma andava sempre na mão. E pronta a disparar. Cumpríamos todas as regras que tínhamos aprendido no nosso treino. Sabíamos que outros por vezes facilitavam e tinham baixas. Nós não facilitámos. Os nossos soldados tinham brio nisso. Aliás, pela sua formação, o comando tinha sempre um brio especial, mesmo quando fora de situação operacional, que se notava no meio do resto da tropa.»*

Acaba por surgir, algo inesperadamente, um termo talvez óbvio no contexto das memórias da passagem por uma guerra mas, afinal, pouco ou nada ouvido nos discursos dos diversos entrevistados: o ódio.

*«... Os soldados odiavam tudo: desde Moçambique até os «turras»; e queriam vir embora. Mas nós tínhamos que fazer com que tudo corresse bem, para voltarmos todos para cá quando aquilo acabasse. De qualquer modo, a dada altura já andávamos todos fartos; a nossa vida não era aquela e queríamos o final o mais depressa possível.»*

Ainda assim, subsistia um sentimento de resignação (para quê desperdiçar energia e ânimo lutando contra inevitabilidades?), um conformismo e aceitação em relação à realidade dos dias, uma certa determinação — possivelmente inconsciente e não reflectida mas intuitiva — em sustentar uma atitude de resistência activa e de superação, de viver momento após momento, de não pensar no que poderia ser. Uma postura que apenas cir-

cunstanacialmente era minada por essa força incontrolável e muitas vezes perturbadora, desconcertante: a saudade.

*«... Viveram-se lá coisas... foi muito importante na nossa transição como pessoas. Naquela idade... a passagem para homem adulto à força, nas condições mais adversas, enfrentando a morte várias vezes... Viveram-se situações extremas que talvez tenham ficado enterradas muito fundo no interior das pessoas...»*

*Havia discussões. Havia desgostos de amor. Por vezes, os aerogramas da família traziam más notícias, das mães, diziam que a namorada tinha outro... E o pessoal ficava muito mal. No Natal, então... alguns desatinavam... Eu tive que ficar no acampamento com os soldados em dois natais. Nessas alturas, era mais fácil sair em operações que ficar ali, porque era muito duro lidar com os sentimentos de quem lá ficava.»*

Claro que todos os homens são diferentes e o nível de resistência de cada um, mesmo em circunstâncias iguais, será sempre distinto, tal como as reacções serão distintas; reflexo disso será, por exemplo, a forma de cada um lidar com a família: haveria os que tenderiam a protegê-la, privando-a de informações desestabilizadoras ou notícias preocupantes, da mesma forma que haveria os que não resistiriam a procurar na família algum conforto, aliviando-se assim de angústias e tensões (talvez sem terem a noção que estavam a transferir parcialmente essas angústias e tensões para a família, distante e impotente).

*«... Nas notícias para a família, estava sempre tudo bem... Escrevia a dizer que tinha ido à praia ou que andava a fotografar pássaros. A minha mãe era a que mais se inquietava. Falava com outras mães e, apesar de não dar parte de fraca, preocupava-se muito. Eu tentava não falar dos problemas. Havia outros que contavam tudo, para desabafar, e até exageravam por vezes, deixando as famílias em pânico.»*

### «Regressar inteiros a casa»

José Barbosa assume que não se dedicava a grandes reflexões filosóficas:

*«... Fiquei satisfeito e sempre os fiz sentir qual era a minha missão... não andávamos a falar sobre aquilo, com dissertações filosóficas, tentávamos aproveitar os bons momentos, mas sempre que podia, vincava que o nosso*

*objectivo era regressar inteiros a casa e com a cabeça no sítio para governar o resto da vida. Aquilo era uma situação passageira e não era o nosso futuro.»*

A verdade é que parece ter interiorizado de forma natural e intuitiva — certamente como outros o fizeram — uma máxima do filósofo Aristóteles: «Realizando coisas justas, tornamo-nos justos; realizando coisas moderadas, tornamo-nos moderados; fazendo coisas corajosas, tornamo-nos corajosos.» Relativamente à moderação, por exemplo:

*«... Era mais adversário que inimigo. Éramos jovens e levávamos as coisas um bocado como um jogo. Não estávamos dominados pelo medo...*

*Era como jogar aos cowboys... A dada altura, houve uma operação em que apanhámos dois chefes de uma zona, a sul de Cahora Bassa. Fizemos uma caminhada grande e quando estávamos a descansar vieram ter conosco sem se aperceberem... houve uns tiros, um deles fugiu; o outro ficou ferido numa perna e não pôde andar mais. Recolhemo-lo, tratámos dele e chamámos depois um helicóptero para o levar. Foi bem tratado. Fez-se a evacuação para o hospital militar porque certamente iriam tentar obter informação militar. E houve pessoal nosso que o foi visitar ao hospital. Nós recusávamos a tortura. Da nossa parte, o máximo de tortura que vi foram umas chapadas para amedronta-los e leva-los a dizer onde estavam os outros... Vimos tortura sim mas da polícia política. Uma vez, foram trazidas umas mulheres capturadas no mato, apareceram uns agentes da PIDE que interrogaram uma delas, usando tortura quase à frente de todos nós. Ficámos indignados. Acabaram por levar as mulheres com eles, queixando-se que ali não tinham condições para «trabalhar». Foi terrível para nós.»*

Ou relativamente à coragem:

*«... Para o soldado havia uma coisa importante: saber que tinha que obedecer. E que tinha que ter muita confiança. Nas operações, colocava-me sempre na segunda posição na fila; quando íamos a progredir, eu estava na linha da frente; quando éramos lançados de helicóptero, eu era o segundo a chegar ao chão... Se desse para o torto tanto faria apanhar um tiro em segundo lugar como em décimo, pensava eu.*

*Mas ver o chefe seguir na frente era importante para os soldados, reforçava a confiança. No mato, a confiança no companheiro do lado era fundamental.»*

Já quanto à questão do perfil de liderança e ao seu papel, juntamente com os demais oficiais, na afirmação e interiorização desse mesmo perfil, que viria a marcar a companhia, José Barbosa é taxativo:

*«... A liderança vive muito do exemplo. Podia ser um sarilho ou ser fácil...»*

Refere-se certamente à importância de ser um bom exemplo para os homens que tinha sob sua responsabilidade mas também ao facto de ter bons exemplos a seguir; e quanto a esse aspecto, o discurso encaminha-se com naturalidade na direcção daquele que é por muitos considerado como a principal referência da 32ª: Humberto Carapeta.

*«... Tivemos sorte no capitão comandante da companhia. Foi substituído mais tarde pelo Moura, que era o alferes mais graduado, ao ser chamado para o comando da companhia de instrução. O Capitão Carapeta já tinha tido uma comissão na Guiné. Tinha experiência na guerra. Traçou umas linhas de conduta e gostava de as exhibir para os outros, com uma certa vaidade. Quando foi substituído, manteve-se tudo na mesma, não houve quebra de continuidade. E isso permitiu-nos chegar ao fim com apenas três feridos. Dois com minas e um com tiros, em combate. Houve ainda um outro ferido, mas não em combate, que ficou paraplégico.»*

Esta situação (um acidente sem sentido mas com consequências trágicas, ocorrido num contexto genérico de grande rigor e disciplina) pode ser de algum modo melhor percebida por uma declaração de José Barbosa, em que chama a atenção para um facto óbvio mas por vezes esquecido: a idade dos protagonistas.

*«... Também se aprendeu a lidar com a pressão da guerra. E devido à nossa «tenra» idade não tínhamos bem a noção do que estávamos a passar. Tínhamos que fazer aquilo e queríamos fazer bem, trazer o pessoal todo e conseguir bons resultados. Não tínhamos os problemas existenciais dos altos mandos.*

*Visto à distância, aquilo era como um aquário. Os peixes não têm a noção de estar molhados. E nós estávamos assim... molhados... lidávamos com a situação de uma forma quase natural.»*

### *«Não há santinhos na guerra»*

Tal como percebido nos testemunhos de todos os seus camaradas, também para José Barbosa a passagem do tempo ajudou a sublimar as memórias:

«... O tempo ajudou a esquecer os aspectos maus e a recordar os bons momentos. Agora, passado tanto tempo, parece que só vivemos coisas boas.»

Contudo, à medida que o discurso avança e o regresso às memórias do passado se intensifica, também algumas das memórias menos boas (devidamente armazenadas mas não apagadas) surgem.

«... Tínhamos sido muito atacados no dia anterior. Não morreu ninguém porque não calhou. Eles vieram na manhã seguinte à nossa procura e, desde o local onde passámos a noite, conseguimos que viessem a perseguir-nos até onde os esperávamos. Montámos guarda e quando apareceram houve tiroteio... e um dos nossos até se meteu sozinho por ali fora a correr atrás de um deles... aquilo eram reacções instintivas...»

Depois, há as memórias que mesmo não sendo boas, são inesquecíveis e permanecem, quarenta anos depois, intocáveis e inolvidáveis:

«... As cenas que mais me ficaram gravadas na mente, foram as operações de helicóptero...»

Era como nos filmes: é a singela frase proposta por vários comandos, quando confrontados com a dificuldade em verbalizar algumas das suas recordações e em descrever de forma clara as memórias mais difíceis. Porque efectivamente, parece que era mesmo como nos filmes.

Entre o relato de suas recordações, más e boas, perpassa pelo discurso de José Barbosa a constatação (talvez óbvia mas nem sempre fácil) de que a realidade nunca é apenas a preto e branco mas feita de inúmeras tonalidades e nuances, de variações inesperadas e subjectivas. Mas há algo que é claro:

«... Não fomos nenhuns santinhos enquanto lá estivemos. Não há santinhos na guerra. Mas procurámos não fazer muitas asneiras: Agir com a consciência de que ao sair não nos arrependeríamos... e teríamos a cabeça no lugar. Estou certo que a maioria foi assim. Havia alguns costumes antigos menos nobres naquela guerra que, por chocarem com a nossa consciência e maneira de ser, procurámos afastar e creio que conseguimos.»

### «Vou morrer velho»

A clareza de observação de José Barbosa estende-se também à análise da situação estratégico-militar:

*«... Quando chegámos só havia guerra em Cabo Delgado e tinha começado em Tete. Quando terminámos, já havia guerra até à zona da Beira. A nossa última missão foi em Canda, próximo do parque da Gorongoza. Aquilo foi-se degradando ao longo do tempo. [...] Tinha havido a operação «Nó Górdio», para travar a Frelimo. Conseguiram contê-los por um tempo mas, depois, eles conseguiram vir por aí baixo.*

*A Frelimo ia ganhando terreno, conquistando a população e já se via que não havia solução militar. Se Portugal tivesse tido outros recursos, talvez houvesse outra forma de lidar com o problema. Houve até uma altura em que os europeus que lá viviam já estavam contra os próprios militares porque nunca mais se resolvia aquilo... No final, as relações entre a tropa e os habitantes andaram bastante azedas.»*

Isto apesar do empenho e da motivação das tropas inimigas poder nem sempre ser o maior:

*«... Uma vez entregaram-nos um prisioneiro para nos servir de guia numa operação muito importante. Era bem colocado lá na Frelimo. Ficou a dormir com os soldados, jogava connosco futebol e também às cartas. Demos-lhe um G3 para a mão quando fomos para o mato. Ele, orgulhoso de merecer a nossa confiança, foi connosco e participou. E nunca mudou de ideias. Andava sempre agarrado a cadernos e livros, dizia que estava farto de guerra e que queria estudar.»*

Um relato que remete para questões sociológicas e políticas, questões históricas e económicas que antecedem e contextualizam as militares; questões relativas às motivações e causas da guerra colonial, às percepções e sensibilidades da população africana no que se relacionava à presença portuguesa no seu continente; questões relativas à complexidade e densidade das relações entre os diversos povos africanos e destes com os portugueses, às interferências europeias na realidade africana. Questões que não estarão, certamente, no âmbito deste livro.

Mas havia sempre uma perspectiva política:

*«... Havia lá muito pessoal com convicções políticas muito fortes. Havia baladas contra a guerra... Eram muito apreciadas as sessões que fazíamos com o Rui Stoffel a cantar canções do José Mário Branco. Fazíamos assim a nossa contestação política... A dada altura, já se falava mais ou menos*

*abertamente. Já toda a gente via que aquilo não tinha solução e que cá havia também problemas: a repressão, as pessoas a viver cada vez pior e sem saída para nada. Foi-se vendo tudo com o decorrer do tempo.»*

Portanto, o 25 de Abril (e a consequente precipitação do final da guerra colonial), que ocorreu quando a passagem por África já tinha terminado para José Barbosa, não lhe pareceu algo totalmente inesperado.

*«... Não sei se poderia ter sido diferente. No 26 de Abril, a maior parte da tropa recusou-se a combater mais. Não havia condições para ter força negocial para fazer o que fosse... Nem militar nem politicamente.*

*O fim da guerra foi uma boa sensação. Eu estava a trabalhar em Lisboa, em Santa Apolónia. O meu irmão que estudava em Lisboa e saía muito mais cedo que eu, entrou pela porta do meu quarto e antes de eu me levantar disse-me que não valia a pena sair, que em Lisboa, no Terreiro do Paço estava tudo bloqueado pela tropa.*

*Fui dar uma volta pelo Barreiro, para saber novidades... Nos dias seguintes, íamos na rua e via-se um sorriso em toda a gente.»*

Já o 25 de Novembro, em que alguns dos camaradas de companhia se envolveram activamente, apanhou José Barbosa mais desprevenido: andava a fazer de figurante num filme.

*«... A época seguinte foi uma grande confusão. Havia convocatórias para tudo... Os partidos estavam sempre a convocar para os comícios.*

*No 25 de Novembro vivia e trabalhava em Leiria e estava no Castelo a ser figurante no filme do Artur Semedo, com o Mário Viegas, «O Rei das Berlengas».*

*Lembro-me que estava lá o Joaquim Letria, que tinha feito o argumento, de rádio colado ao ouvido junto às muralhas do castelo, tentando acompanhar tudo. Na altura colaborava no Orfeão de Leiria, no grupo de teatro e era encarregado do som.*

*Foram buscar figurantes para o filme e lá estive eu nesse dia...»*

A tropa, vista como uma fatalidade por José Barbosa, não deixou de ser um período de vida intenso e rico, iniciado no Barreiro e de certa forma concluído no Castelo de Leiria, de que permanecem memórias e convicções, amizades, traços de personalidade apurados pela passagem por uma experiência de vida particularmente complexa; e uma certeza:

«... Quando acabei, eu dizia, em brincadeira: 'Vou morrer de velho porque já desperdicei todas as oportunidades que tive de morrer de outras formas...»

E, claro, também as fotos permanecem

«... O Rui Stoffel veio de cá férias durante a nossa comissão, pedi ao meu irmão para comprar a câmara e para a mandar por ele. Uma Nikon. O que havia para fotografar? A bicharada. Era uma maneira de passar o tempo.

Via-se bicharada muito diferente. Fotografei uma vez um gafanhoto, com umas cores como nunca vi nada igual. Descobri que invertendo a objectiva na câmara, ampliava a imagem...

Na enfermaria, existiam umas ampolas de um líquido muito volátil, que era usado em caso de ferimentos e anesthesiava e congelava o local das feridas. Havia ampolas a mais, levava uma, e aplicava um jacto no insecto: congelava-o e tirava várias fotos.»

Um dos muitos episódios que se poderiam contar sobre este assunto, já que José Barbosa foi uma espécie de fotógrafo oficial da companhia; dominava essa arte única de conseguir suspender o tempo e poder eternizar determinados momentos, determinadas vivências, determinadas sensações.

De certa forma, é muito graças a ele que hoje se consegue, através das suas fotografias, dar uma imagem mais exacta e concreta às memórias difusas e distantes da companhia; porque a fotografia é precisamente isso: a arte de dar corpo à memória.

## FRANCISCO VAN UDEN

«TALASSA» — A convicção das origens

### «*Nunca vi nada como o curso de comandos*»

De início, o discurso de Francisco Van Uden parece semelhante ao de alguns dos seus companheiros:

«... Vivíamos na Caparica e terminei o liceu. Pensei que era melhor oferecer-me para o serviço militar e quando voltasse fazia a universidade. Ofereci-me para os fuzileiros militares e fui à base do Alfeite. Cheguei a um balcão e disse que me ia oferecer. E o sargento disse-me: 'O quê? És maluco?' Ouvi aquilo e desisti. Depois ofereci-me para piloto de helicópteros. Disseram-me que havia muitos voluntários e ofereci-me para seis anos, em vez de ser quatro. Fiz os testes e passei. Fiquei à espera de que me chamassem e nunca mais. [...] Entretanto, quando reparei, tinha-me esquecido de ver os editais e já tinha sido convocado para o serviço militar. E fui dado como refractário. Expliquei o que se passara e não houve problema. Entrei em Outubro, como cadete, e ofereci-me para os pára-quedistas. Fui fazer os testes a Tancos, passei pela Golegã na camioneta e vi as festas de S. Martinho. Era Novembro. Fiz as provas todas, fiquei bem. E aguardei. Em meados de Dezembro, fui notificado de que iria para as operações especiais, em Lamego. Lá fui, de comboio.»

Percebe-se, como em tantos contemporâneos seus, a existência de uma obrigação moral em cumprir o serviço militar e, simultaneamente,

a intenção de o cumprir o mais rápido possível, bem como a necessidade consciente e decisiva de escolher uma tropa que assegurasse a melhor preparação possível.

*«... Ofereci-me para os comandos. Tinha o raciocínio muito claro, mesmo com base na opinião de amigos que tinham ido à tropa, de que o melhor era estar em tropas especiais neste tipo de guerra. Onde podia tomar a iniciativa e ter a preparação mais adequada.»*

Contudo, o discurso começa a distanciar-se um pouco da norma quando incide no contexto familiar a que pertencia e na própria consciencialização política e social que possuía, resultante de uma educação muito específica e de uma herança familiar muito peculiar.

*«A minha mãe foi condenada à morte duas vezes pela Gestapo. Mas sobreviveu. Toda a vida tive em casa uma herança e uma educação, de que a vida não é só consumo. Não é este relativismo que há hoje de que prazer é um direito. Os meus pais introduziram uma grande disciplina em casa. E fui educado sabendo que há valores que é preciso defender. E que numa guerra é preciso saber de que lado se está e procurar estar do lado justo. [...] Era o primeiro dos seis filhos a nascer em Portugal. E a fazer o serviço militar. Desde muito novo sabia o que se passava em Angola, nas colónias, e aquilo perturbava-me.»*

Na verdade, a realidade familiar de Francisco Van Uden é verdadeiramente única:

*«... Nasci num ambiente familiar muito especial. A minha mãe era infanta de Portugal, mas, ao mesmo tempo, era enfermeira e assistente social. Quando ela chegou a Portugal, depois do que passou nas guerras, foi recebida como uma princesa — que é — mas recusou essa vida e foi viver para a Caparica.*

*Nos anos 40 e 50, havia muito pobreza. Nós, por um lado, éramos recebidos pela alta sociedade lisboeta, mas, por outro, convivíamos com as pessoas mais humildes. A minha mãe fez uma obra social chamada Fundação Nuno Álvares Pereira... Ia de bicicleta às barracas e identificava as mulheres que estavam à espera de criança. Recolhia as mulheres grávidas, elas tinham os bebés na obra e as crianças ficavam. Ela chegou a ter lá cento e cinquenta crianças.*

*E a minha instrução primária foi feita lá, juntamente com esses miúdos. E eu ia a pé para a escola, caminhava dois quilómetros. Cresci a ter amigos*

*de todas as classes sociais. Sem preconceitos. Conhecia a realidade do país. Ainda hoje, continuo a ter amigos em todas as classes. [...]*

*Quando comuniquei à minha mãe que ia para os comandos, ela disse-me que se fosse um bocadinho mais nova oferecia-se como enfermeira pára-queda.*

*O meu pai, que era holandês e cientista e interessava-se muito por genética molecular — fundou o Instituto Gulbenkian da Ciência e foi dirigente — tinha feito em 1959 sessenta mil quilómetros em Moçambique num jipe, para fazer investigação de doenças tropicais. E fez um relatório sobre o que achava que seria o futuro de Moçambique.»*

Uma realidade familiar que determinava em grande medida (e ajudava a clarificar) a postura de Francisco Van Uden em relação à situação militar em que o país se encontrava e ao seu próprio papel nessa conjuntura.

*«... Havia lá em casa a noção de que a África portuguesa nos permitia ter um mínimo de vida, uma vez que Portugal era um país muito pequenino e pobre. África fazia sentido, uma vez que o Brasil já se tinha perdido. E achávamos que estava a ser feito um bom trabalho. E lá em casa sabia-se também o que era o comunismo, o que podia fazer. Estava mentalizado disso, preparado para uma situação qualquer que pudesse surgir; e em forma física também.»*

Foi, portanto, imbuído de um estado de espírito muito particular, pleno de motivação e convicções, que Francisco Van Uden chegou a África.

*«... Em Fevereiro, os cadetes e os futuros sargentos partimos de avião e estivemos no Grafanil, uns quinze dias, à espera que começasse o curso de comandos, em Angola. Fiquei esmagado com a beleza daquilo tudo. O ambiente era fantástico. Impressionou-me o optimismo de toda a gente. Era preciso fazer e fazia-se. Havia muito para fazer e espaço para toda a gente. Na altura já gostava de cerveja e, uma vez, na entrada de uma cervejaria vi dois engraxadores, um preto e um branco, e lembro-me de ter pensado que ali não havia racismo. Eu fui educado contra o racismo.»*

Motivado e pronto para tudo:

*«... Na tropa, encontram-se pessoas de todo o tipo. Mas numa forma muito mais igualitária e sem as diferenças dos usos e costumes que há cá fora. Na tropa, sentia-me em casa. Não foi nenhuma experiência trau-*

*mática. Os meus pais achavam que ia haver uma terceira guerra mundial — felizmente enganaram-se — e prepararam-nos para isso da melhor forma que conseguiram.»*

Se o curso de comandos é unanimemente elogiado pelos elementos da companhia, que em muitos casos souberam e quiseram tornar as aprendizagens nele colhidas parte integrante (e, por vezes, basilar) das suas vidas pós-comando e pós-guerra, das suas vidas civis, Francisco Van Uden é dos mais incisivos nos elogios que tece:

*«... O curso de comandos foi das organizações portuguesas mais bem estruturadas e organizadas, com a maior eficácia, que conheci. Continuo a estar ligado a África, hoje em dia, devido a uma série de organizações com que trabalho. Estou habituado a comandar pessoas, mas nunca vi nada como o curso de comandos.»*

E concretiza detalhadamente porquê:

*«... Eles chegaram a ter cento e quarenta membros da companhia de instrução para formarem duas companhias de cento e cinquenta pessoas cada. Havia, praticamente, um instrutor para cada duas pessoas. Cada instruendo tinha uma ficha pessoal que era preenchida diariamente por cada um deles. A companhia de instrução tinha uma observação diária de cada um. Sabiam exactamente o que se estava a passar. E não só ensinavam as técnicas e viam as capacidades físicas das pessoas, mas preparavam os oficiais para liderar as pessoas da melhor maneira possível. E como? Com avaliação por fases: fase individual e fase colectiva (as pessoas já formavam equipas e escolhiam os elementos em função das suas preferências) portanto a companhia ficava dividida pela selecção de inter-contactos de cada um de nós.*

*Quando eu fiquei com o meu grupo de combate, tinha sido escolhido por todos os membros. Quando se terminava o curso, cada um estava satisfeito por pertencer ao grupo de combate para que tinha sido escolhido. E isso era muito importante porque íamos estar juntos, dia e noite, durante dois anos. Havia um total elo de união.»*

Apesar da dureza e do sacrifício a que estava sujeito, Francisco Van Uden também partilha da opinião transversal à grande maioria dos ins-truendos do curso: desistir não era uma opção.

«... Nunca pensei em desistir. Nós percebíamos o porquê das coisas mas nunca me senti humilhado durante o curso. Nunca fui maltratado. Morreram umas seis pessoas, em acidentes. Foi violento, mas nunca com humilhação. Tínhamos confiança no cabo com o crachá. Dediquei-me àquilo à sério. E até fui o alferes mais graduado do curso, fiquei em primeiro lugar. Nas operações, depois, já não fui o melhor.»

E, como todos os seus camaradas, sentiu que a conclusão do curso recompensou todos os sacrifícios e penitências, todo o esforço e empenho.

«... O que se sente quando se termina? No dia da entrega do crachá, nas fotografias, eu estava radiante. Sentia-me muito calmo e com a noção de que estava preparado para comandar o meu grupo de combate. Também comandi a companhia durante algum tempo... Tive pena dos camaradas que foram eliminados. A cerimónia de eliminação é muito violenta. A última coisa que um instruendo quer é ser eliminado. A técnica do curso é levar a pessoa a passar sempre o seu limite. A companhia formava na parada. Havia um palanque onde aparecia o comandante da companhia de instrução, lia-se o Código Comando... e aparecia um oficial e começava: «São eliminados do curso de comandos, o soldado cadete...» Assim, a frio. Ao lado, havia cinco ou seis viaturas, já com os sacos desses que eram eliminados e sem eles saberem. Eles saíam da formatura e víamo-los a sair nos carros, pela porta de armas, e só quando o último carro saía da porta de armas é que recomeçava tudo. E nós nunca mais os víamos. Não nos podíamos despedir, sequer. Era traumática essa parte, de uma violência... Dava mais força a quem ficava, mas era uma maneira desumana de eliminar. Muitas vezes, eles até tinham as características mas não havia lugar para todos.»

Como os restantes companheiros de companhia, Francisco Van Uden sente que houve uma especificidade da 32ª que a marcou positivamente e de forma determinante; sente, igualmente, que essa especificidade, que o cariz único da companhia que muitos assinalam e nem todos conseguem concretizar em termos objectivos (e que geralmente surge associado ao conjunto de oficiais da companhia e às suas características específicas, enquanto indivíduos e enquanto grupo), nasceu logo durante o período de instrução.

«... A razão pela qual a 32ª foi uma boa companhia foi porque o grupo de oficiais, que éramos muito diferentes, tínhamos um conhecimento e uma

*ligação fortíssima. De trinta e dois cadetes só ficaram dez. E éramos, por isso, os que nos coordenávamos melhor entre nós. E isso foi fruto da instrução.»*

Outra herança visível e palpável do curso, mais prosaica e de carácter estético, que viria a ajudar a constituir o espírito identitário da companhia, foi mais uma conquista obtida durante a instrução: a questão do bigode.

*«... No meio do curso, na fase de equipa, na prova da sede, havia uma árvore que tinha uma placa e dizia: «Barbearia Palanca, não corta mas arranca». Havia um banco alto e um gajo com uma máquina que rapava o cabelo todo a toda a gente. E até o bigode, que eu já usava, na época. Um dia, estava na parada e ouço gritarem o meu número e o meu nome. Pensei logo: «O que é que eu fiz?» Fui lá e passaram-me um envelope para a mão, dizendo que tinha uma mensagem do comandante. Voltei com o envelope para a formatura, sempre a pensar no que teria feito, até que nos deram ordem para dispersar. Fui a correr até ao dormitório e abri a carta. Era um cartão do comandante da unidade, a dizer que atendendo às boas performances que tinha tido até então no curso, me autorizava a usar o «apêndice capilar superior». A partir daí deixei sempre crescer o bigode. Ao terminar o curso, foi uma coisa gira, o pessoal da companhia, rapou o cabelo mas deixou crescer o bigode. Então a 32ª passou a ser a companhia dos bigodes.»*

### *«Uma escola muito útil para a minha vida»*

Na perspectiva de Francisco Van Uden, o seu próprio trajecto na guerra é marcado por uma inabalável certeza naquilo que ali estava a fazer, chegando ao ponto de estabelecer paralelismos históricos.

*«... Os valores humanistas eram uma coisa sempre presente. A legitimidade para estarmos a fazer aquela guerra, para além de sabermos que o inimigo atacava as populações e elas estavam connosco, era a mesma dos romanos quando dominaram a Península Ibérica: era uma civilização avançada.*

*Ali, dava-nos a legitimidade de combater um grupo de rebeldes violentos a defender interesses de uma União Soviética que era o pior que havia.»*

Certamente que alguns dos seus companheiros também apreenderiam as implicações políticas em jogo e os paralelismos históricos passíveis de serem estabelecidos; talvez outros percepcionassem a sua própria presença nas matas africanas como o cumprimento de uma mera obrigação mais ou menos inevitável; mas não seriam muitos os que, com a clareza e frontalidade de Francisco Van Uden, assumissem o posicionamento do governo português, e a consequente presença na guerra, não apenas como uma obrigação mas, à luz das suas convicções políticas e conhecimentos históricos, como um direito. Uma posição muito particular que, aliás, não espelharia o pensamento geral dos demais oficiais da companhia.

*«... Eu, quando estava lá, sentia que tinha a obrigação de combater mas também o direito e o dever de o fazer. Permitia-me ter uma actuação de certa maneira mais confiante.»*

Seria a conjugação de todas estas componentes (consciência política e histórica, confiança na superioridade técnica das tropas portuguesas, convicções humanistas, percepção de quais seriam os posicionamentos e simpatias das populações em relação às forças em combate — na sua opinião, maioritariamente pró-portugueses) — o que permitia suportar e enfrentar com maior à-vontade a dureza da realidade militar e das suas incertezas, bem como os condicionalismos e perigos inerentes à presença na guerra.

*«Era uma vida dura, estar lá...»*

E havia, além de todas as tarefas, algo infinitamente mais complexo de gerir: as personalidades antagónicas, e respectivas expectativas, dos homens sobre o seu comando.

*«... Uma vez, quando parámos para dormir, ao entardecer, um dos meus furriéis veio ter comigo e disse-me que um dos soldados não lhe obedecia e que o olhava de lado. E disse para ele vir falar comigo. Apareceu-me então um gingão da Ribeira do Porto. E eu perguntei o que se passava, de onde ele era, o que fazia... Percebi que fazia boxe e que era um líder lá na Ribeira. Que tinha muita experiência de vida. Como ia ele obedecer a um furriel novo e sem qualquer experiência apesar de, no curso, ter aprendido que devia obedecer?»*

E então pensei: *«Ou mando-o embora já, ou mudo-o de posto.»* E foi o que fiz; disse-lhe que a partir daquele dia tinha novas responsabilidades. Seria meu guarda-costas pessoal e andaria sempre comigo. Claro que

*depois tive o problema de explicar isto ao furriel que esperava que eu corresse com ele... Mas ele era um tipo magnífico e percebeu a razão. O soldado tornou-se um tipo exemplar. Havia situações em que era preciso dar valor às pessoas.»*

Dar valor às pessoas mas não só; dar, também, valor às situações que se vivem e ao quotidiano em que se está inserido, dar valor ao que se faz e se diz, revelar responsabilidade e optimismo em cada acção.

*«... Mas há uma coisa que não podemos perder: a alegria de viver. E a noção de que estamos a fazer o que está ao nosso alcance, todos os dias.»*

E será nessa noção quotidiana de que se estava a fazer tudo o que se podia, na certeza que não se cedia à tentação bem portuguesa do facilismo, de apenas cumprir os mínimos e deixar a busca da excelência e de superação para os outros, que radica o conforto com que muitos recordam, à distância de quarenta anos, o seu papel na guerra colonial e a sua passagem pelo mato moçambicano: não apenas com a certeza de terem cumprido um dever mas com a sensação de o terem cumprido bem, à luz das circunstâncias do momento. Mas não só: também, em muitos casos, com uma sensação de ganho, de fortalecimento, de melhoria, de consolidação.

*«... Acho que aqueles dois anos e meio foram uma escola muito útil para a minha vida. Não me lembro de nada negativo. E deu-me, com a idade que tinha — vinte e um a vinte e três anos — uma capacidade de auto-confiança que é fundamental para a vida. Ganhei imenso. E a capacidade de hoje ir lá e ser bem recebido. Tenho o maior orgulho. Deu-me imensos ensinamentos para a vida. Foi uma experiência única.»*

Não terá sido assim para todos mas talvez o tenha sido para muitos (pelo menos é essa conclusão prevalecte no discurso da maioria); isto, apesar das diferenças sociais, de personalidade e perspectiva, das diferenças de objectivos e convicções, de expectativas e ansiedades:

*«... A minha companhia funcionou porque nos articulávamos bem, apesar das diferenças.»*

Essa articulação, sentida como uma preocupação prioritária e constante, era da responsabilidade do grupo de oficiais; e «responsabilidade»

é, precisamente, um termo que surge com alguma frequência no discurso de Francisco Van Uden, geralmente associado às exigências da sua função de liderança. Por exemplo:

*«... Tinha a responsabilidade — e sentia-a — do pessoal sob o meu comando. Do meu grupo. E da companhia, na altura em que a comandeí, durante as férias do Moura e quando o Capitão Carapeta esteve doente. Eu sabia que um comando morto equivalia a vinte baixas do inimigo. Era uma grande vitória do inimigo.»*

Contudo, toda e qualquer vida possuía valor:

*«... Na 32<sup>a</sup>, quando tínhamos um inimigo ferido, pedíamos a evacuação «zero horas», sem dizer que era um inimigo. E quando o helicóptero aterrava, nunca dizíamos nada e levavam-no. Isso marca toda a diferença.*

*Na minha companhia era assim, apesar de que era proibido fazer isto porque os meios eram escassos. Era um indivíduo que ali estava ferido, indefeso, e que precisava de ser tratado. Estou convencido que muitos desses que salvámos depois se passaram para o nosso lado.»*

Mas regressando ao conceito de responsabilidade:

*«Comandar era uma responsabilidade acrescida e não fácil. Porque uma coisa é ser comandante de grupo, outra coisa é comandar os nossos camaradas oficiais.»*

Ou ainda:

*«... Conseguia gerir o comando dos homens, apesar da minha idade. Conseguia, porque sempre tive muita responsabilidade devido à educação que recebi. Desde os meus catorze anos nunca passei um verão na Caprica, na praia, como os meus amigos. Todos os anos, metia-me no comboio, com dois tostões no bolso e ia para França trabalhar para as vindimas ou para outros locais. Trabalhava dez horas por dia. Com esse dinheiro, pagava as minhas semanas porque os meus pais nunca me deram semana e comprei, na altura, a melhor moto do mercado: uma 'Zundap 50cc'. Os meus pais prepararam-me bem para qualquer eventualidade. E cada qual é como é.»*

Essa proximidade, estreita e vinculativa, entre liderança e responsabilidade (e de que, na opinião dos próprios, os comandos são exemplo

cimeiro) é, aliás, muito cara a Francisco Van Uden; mas não só: também muito actual.

*«... Nestas situações de crise que vivemos, eu costumo dizer que Portugal e os portugueses, quando têm um objectivo bem claro, quando têm uma liderança boa, fazem coisas espectaculares. Falhamos na rotina. O que fazemos no futebol, ou na Expo, é um exemplo... Os comandos são outro exemplo disso.»*

### *«Fazer o que está ao nosso alcance, todos os dias»*

Ao contrário do que aconteceu com a esmagadora maioria dos colegas, a presença de Francisco Van Uden na guerra africana não cessou com a dissolução da 32ª companhia de comandos e consequente regresso a Portugal dos seus elementos.

*«... Quando terminámos a comissão, uns dias antes, o General Kaulza de Arriaga mandou-me chamar a Nampula. Eu não sabia porquê. (O major Tomé, na altura ajudante de campo do Kaulza de Arriaga, estava comigo enquanto eu esperava para ser atendido e disse-me que a razão era que seria convidado para fazer uma nova comissão. E aconselhou-me a não o fazer e a voltar para casa.) Entrei no gabinete. Ele falou-me da guerra e disse-me que achava que Moçambique devia ser auto-suficiente na sua defesa e que devia ter tropas especiais moçambicanas para que o esforço da metrópole fosse diminuído.*

*A nossa companhia não tinha tido um único morto em combate apesar de termos estado nos piores sítios da guerra. Na altura era uma guerra de baixa intensidade, mas eram precisas tropas locais para continuar e pediu-me para fazer mais uma comissão nos grupos especiais de pára-quedistas africanos, no Dondo, uma base militar próxima da zona de Beira.*

*Tirei quinze dias de férias e a seguir fiz mais uma comissão, até Agosto de 1974. Nessa altura, fui mandado regressar à metrópole. E foi uma violência terrível para mim... Estavam a desarmar o meu pessoal todo e a entregá-lo desarmado à Frelimo...»*

O regresso foi, portanto, amargurado, por não ter sido feito nas condições ambicionadas e desejadas; mas, também, pelo que ficava para trás e pelo que veio encontrar.

*«... Quando cheguei, estive dois anos com mandado de captura. Tive que fugir e fui para Espanha. [...] Viajei pela Europa, explicando em muitos países a minha visão sobre o que se estava a passar em Portugal. Depois do 25 de Novembro, o meu mandado de captura acabou e fui totalmente reabilitado.»*

Como afirmou o filósofo Demócrito, «O carácter de um homem faz o seu destino»; para o bem ou para o mal, para o melhor e para o pior, talvez este pensamento se aplique a alguns dos elementos que integraram a 32ª: aquilo que hoje são, é fruto de um percurso de vida que teve um momento determinante na passagem pelo mato moçambicano.

Mas inevitavelmente chegou para Francisco Van Uden, como já tinha chegado para a maioria dos seus colegas de companhia, o momento de seguir em frente, ultrapassando ressentimentos e más memórias; chegou, também, o momento de regressar a África.

*«... Virei a página de todas as recôrdações que trouxe de Moçambique. E hoje vou lá e os outros países de África, numa postura de presente e futuro. E o que é curioso é que tenho encontrado e conhecido muitas pessoas, entre as quais algumas que eram da Frelimo e que depois de saberem que estive nos comandos ali a combater, me tratam com muito respeito e camaradagem. E agora, que estamos a voltar, isso é muito bom para nós. Não há ódios. Porque é lá que está o nosso futuro. Penso que foi porque a guerra civil deles foi tão violenta — morreram milhões —, a nossa guerra, em comparação, não foi nada... Não guardam ressentimento. E depois, a nossa postura era e sempre foi de grande respeito, quando ali combatemos.»*

## LUIS AVILLEZ

«BEBÉ» — O gosto pela vida e pelas pessoas

### «O comando não facilita»

Luís Avillez será o primeiro a admitir que teve uma educação privilegiada, sendo-lhe dada ampla margem de manobra para perseguir a concretização dos seus objectivos e agir de acordo com as suas convicções.

*«... Tenho um irmão e cinco irmãs. O meu irmão, que é professor catedrático, era meio de esquerda e fez a tropa como professor em Angola, em Nova Lisboa. Ele, com quem sempre me dei muito bem, era muito mais politizado do que eu e as nossas opções de vida e políticas sempre foram um pouco diferentes. Mas os nossos pais nunca tiveram um mínimo de interferência nisso e tinham orgulho em cada um de nós, deixando-nos sempre seguir as nossas escolhas. Tivemos uma educação fantástica...»*

Nesse contexto, a ida para África terá sido uma opção que, além de não levantar reservas no seio familiar, surgiria como uma escolha natural:

*«... Sou da incorporação de Outubro de 70. Estava a tirar um curso no Instituto das Novas Profissões, não estava na universidade. Quando chegou à minha altura de ir para a tropa fui para Mafra, para onde todos os futuros oficiais iam. Ofereci-me voluntário para o curso de comandos. No meu raciocínio, ia para África porque acreditava em África como Portugal. A minha mãe, aliás, nasceu em Sá da Bandeira, Angola, filha*

*de o meu avô Luis, também nascido em Angola e da minha avó Grace, que era inglesa. Sempre fui criado e educado a acreditar, e acreditei, que as nossas províncias ultramarinas eram tão Portugal quanto a metrópole. Sempre soube que ia para o ultramar e pensei que tendo que ir, deveria ir bem preparado...»*

Uma escolha que nasce, portanto, como materialização óbvia das convicções pessoais de Luís Avillez, que não questiona a necessidade da sua ida para África, mas também como resultado de cuidada reflexão, ou mesmo de algum calculismo pragmático:

*«... Se fosse fazer o curso de comandos, já iria tirá-lo em Angola. Se fizesse a especialidade em cavalaria ou outra arma qualquer, ficaria mais três meses em Portugal e só depois é que teria que ir para África. Poderia estar meses à espera de embarque, como acontecia com frequência e ainda passaria mais dois anos no ultramar. Ou seja, teria que pensar em quatro anos de serviço militar no total. Indo para os comandos, como fiz, fiquei três meses em Mafra e estive um mês em Lamego à espera de embarque para Angola... Com os atrasos todos, ficámos seis meses em Angola, onde tirámos o curso, e depois dois anos em Moçambique. Estive pouco mais de trinta e três meses na tropa em vez dos quatro anos que poderia ter ficado.»*

Um pragmatismo que, como se verifica pelos testemunhos recolhidos, acabou por ser transversal a dezenas de jovens com percursos, crenças, expectativas, conhecimentos e educações muitos diversas, mas que coincidiram nesta necessidade tornada inevitabilidade em optar pelos comandos.

*«... Mas o principal era: já que vou, que vá preparado e com gente preparada. Havia outra opção, que era ir para operações especiais, mas nessa ia apenas um por grupo.*

*Não tinha a noção exacta do que era ser comando. Sabia que era duríssimo, mas acho que ninguém tem, antes de passar por isso, a noção exacta do que é a preparação de um comando. Principalmente do ponto de vista psicológico.»*

As expectativas eram, portanto, elevadas logo à partida; e não foram de modo algum frustradas:

*«Há o antes e o depois do curso de comandos. Como disse, tenho uma base familiar fantástica, os meus pais deram-me uma educação espectacular. Não me posso queixar de nada. Mas depois houve o curso. Ajudou-me... deu-me disciplina para a vida.»*

E as imagens, as impressões, as memórias, que permanecem vivas quarenta anos depois mantêm-se fortíssimas, inolvidáveis:

*«... As provas dos oficiais eram mais puxadas que as dos soldados. Há uma que marca especialmente, que é a prova da sede. É logo a primeira. É o choque: Mal acabávamos de chegar lá, davam-nos um cantil por dia (são trinta e quatro rolhas de água), o suficiente para uma pessoa, num dia normal. Só que tinha que servir também para fazer a barba e era preciso doseá-la... mas nós não o sabíamos fazer porque nunca precisámos até aí...*

*Lembro-me que, de manhã, andávamos nas folhas e por todo o lado a tentar recolher gotas de orvalho... e se ameaçasse chuva, púnhamos uns panos de tenda para tentar juntar água. É a pior prova de todas! E só parou quando, pelo menos, metade foi para a enfermaria...*

*Buscar água... Pedir água... Pensa-se mil vezes em desistir... Mas aguentamos. Mais desmaios, menos desmaios. Com mais soro ou menos soro. E depois de passar essa prova, a ideia de desistir, para quem permanece lá, quase que desaparece...»*

As maiores dificuldades impostas pelo curso não terão sido tanto as de superação física, como seria expectável; sendo imprescindível revelar capacidades de resistência, de autonomia e de valentia, não são esses predicados que asseguram, por si só, o sucesso do aspirante a comando e lhe conferem a possibilidade de usar o ambicionado crachá.

*«... Eu nunca fui grande atleta. Jogava ténis bem. Mas ali, nos comandos, não tinha que ter uma preparação física por aí além. Era necessário, sim, aguentar física e psicologicamente. Tinha de estar sempre alerta e ser disciplinado. Uma das frases que mais me marcou durante a preparação foi: «o comando não facilita». E isto salvou muitas vidas. Nós não facilitávamos. Muitas das mortes em África eram por facilitarem...»*

Muito para além da resistência física (condição necessária mas não suficiente, como julgariam alguns candidatos), fomentava-se a resistência psicológica, a determinação, a confiança em si mesmo e nos camaradas, a

disciplina, a lealdade, a responsabilidade, o carácter; e, paralelamente, como complemento imprescindível, desenvolvia-se ou, na verdade, aperfeiçoava-se a capacidade técnica, operacional, estratégica e militar. Valorizavam-se, então, as capacidades humanas; conseqüentemente, o curso desenrolava-se de modo a que as características enaltecidas pelas chefias militares e políticas sobressaíssem, determinando deste modo as opções e destinos de cada um, estabelecendo de forma crua e evidente quem possuía os atributos necessários para ser comando.

*«... Não tinha noção da dureza É marcante a primeira cerimónia, onde são mandados embora os que são eliminados. No caso, éramos duas companhias (31ª e 32ª), as duas juntas... Umis quatrocentas pessoas formadas numa parada, todas na expectativa. E o comandante dizia: «São eliminados do curso de comandos, por inabilidade de comando...» E começava pelos soldados cadetes, depois por aí fora. E víamos a raiva e a dor que aquela gente sentia. Depois de ter passado por aquilo tudo, ser eliminado naquela altura... Do lado dos oficiais, completavam o curso cerca de trinta por cento dos que entravam. Éramos trinta e tal e passaram onze. Dos furriéis, passavam um pouco mais e dos soldados cerca de metade. E era sempre uma surpresa para grande parte dos que eram eliminados. Eles achavam que estavam a fazer bem...»*

Foi igualmente um processo de auto-descoberta, de auto-superação; as conclusões obtidas, as vitórias alcançadas, no decorrer desses seis meses iriam permanecer pertinentes e úteis para toda a vida, tendo um alcance muito mais vasto do que o âmbito militar.

*«... Na primeira cerimónia, fica uma sensação forte: «Já passei esta» e assim sucessivamente em relação às outras. Na eliminação dos oficiais, a avaliação era feita pelos instrutores, mas tínhamos outra avaliação feita por nós mesmos, uns aos outros. Estávamos sentados em 'U' e íamo-nos levantando um a um. Os outros tinham de dar uma nota. Se uma pessoa quer ser simpática a dar notas, numa situação normal, dá «dez» a todos. Mas ali só se podiam dar dois «dezes» e era obrigado a dar dois «zeros». O que tivesse mais «zeros» até podia ser o melhor atleta do mundo... mas se não fosse um bom companheiro, era eliminado pela opinião dos outros. E era um dos factores que mais pesava na saída. Porque tinha de ser uma tropa super-coesa. No local onde agora trabalho, cheguei a dar esse exemplo: A pessoa pode ser muito boa mas, se não consegue trabalhar em equipa, não adianta. E os que iam ficando, depois dessas cerimónias, reforçavam a sua confiança.»*

Durante o curso, Luís Avillez tinha a certeza de que haveria de concluí-lo.  
*«Se me passou pela cabeça desistir, foi muito rápido. Eu tinha um objectivo e estava determinado a cumpri-lo.»*

Quando efectivamente o concluiu, obteve outra certeza: a de que estava preparado para tudo.

### *«Não pensava muito nas consequências, nem na morte»*

A chegada de Luís Avillez à guerra propriamente dita não deixou de ser algo rocambolesca.

*«... Foi até divertida, a viagem... Eles não tinham como nos mandar de Angola para Moçambique de avião... Na altura parou em Angola o Infante D. Henrique, que era o melhor navio de cruzeiro que o país tinha. Ia em cruzeiro, mas tinha lugares nas classes todas. Então nós, que já éramos oficiais e tínhamos recebido o dinheiro todo atrasado, fomos em primeira classe, os furriéis na turística e lá em baixo os soldados.*

*Foi uma viagem fantástica e divertida. Fazíamos ginástica... e toda a gente adorou. Parámos em Cape Town e Lourenço Marques. E depois na Beira. Devem ter sido uns dez dias. Foi a única vez que estive em Lourenço Marques. Não me lembro de muito mas era uma cidade divertidíssima... E eu bebi um bocado demais. Só me lembro de dizer a um motorista de táxi «Leva-me ao barco, leva-me ao barco» ... «Mas que barco?» ... «É-me indiferente... Eu sei que tenho que ir para um barco». E ele acertou.»*

E a recepção foi de tal modo amistosa, por parte das populações portuguesas residentes em Moçambique, que para muitos se solidificou a certeza de que estavam do lado certo da razão, que o seu sacrifício era necessário e meritório, o que em parte determinou e condicionou a postura adoptada perante a realidade africana.

*«... Chegámos então à Beira e tínhamos de ir para Montepuez, que era a base do batalhão dos comandos. Era a quase mil quilómetros da Beira... E, mais uma vez, o avião que era para nos levar não apareceu. Então, eles meteram-nos nuns camiões... sem bancos, nem nada. Eram de carga. Enfiaram-nos lá dentro e para frente!.. A parte alcatroada devia ter uns cem quilómetros, o resto era picada...»*

Fizemos o caminho todo com uma parada apenas em Quelimane, na zona centro de Moçambique, uma cidade muito organizada mas que não tinha tropa. Eles achavam que tinham uma dívida de gratidão para com os soldados que iam defendê-los. Era uma cidade muito segura: ninguém tinha chaves, ninguém tinha nada... Os soldados iam a um bar, pediam uma cerveja ou qualquer outra coisa e, quando iam pagar — nós tínhamos distribuído algum dinheiro para eles — diziam sempre que estava pago. Alguém pagava. Nós ficávamos a dormir em casa de pessoas que nunca nos tinham visto, fomos muito bem recebidos. Lembro-me que houve um circo e puseram uma fileira de cadeiras que trouxeram das casas para nós, os oficiais, assistirmos ao espectáculo. Esta recepção em Quelimane marcou-nos de tal forma que quando a nossa guerra, acabou, houve soldados nossos que foram para lá viver e tentar a sua sorte.»

Perante o que tinha vivido até então em terras africanas e de acordo com as convicções que já tinha anteriormente e que a realidade ia confirmando, para Luís Avillez, neste momento, apenas existiam certezas e estava convicto de que estava a defender Portugal.

«... Sim, sempre. Nunca tive uma dúvida. Nem questionei. Eu estava a favor. Não havia dúvida possível. Dentro do nosso grupo...ou do dos soldados nunca ouvi nada. E do resto também não. Se diziam mal do Governo era de uma forma discreta... Claro que havia as canções, das chamadas «de protesto». Todos as cantavam, principalmente os oficiais e os furriéis, mas acho que sem grande intenção política, assim como cantávamos «Rosa de Brito», «Rosa Mangana» ou «Quand je vois une madame...»

Certamente que a realidade concreta da guerra não foi algo fácil de digerir; entre emboscadas e combates, feridos e mortos, o quotidiano era feito de incerteza; mas uma incerteza mitigada pelo facto de cada elemento se reconhecer como parte fundamental de uma companhia disciplinada e rigorosa, solidária, o que atenuava riscos e inseguranças.

«... Por exemplo, uma coisa simples como ir buscar água: Havia um trajecto que era preciso fazer. E os terroristas sabiam qual era esse caminho. Na tropa normal, nos primeiros dias, ia toda a gente com atenção. Ao fim de três semanas, eles já não iam com o mesmo cuidado. Facilitavam. Começavam a andar com a espingarda em cima das pernas... E então acontecia o ataque...

*Nós não facilitávamos. Podíamos fazer aquilo cinquenta vezes, e cinquenta vezes a gente ia como se fosse a primeira. E isto foi uma coisa que, de facto, nos deu disciplina para o resto da vida. Se há uma rotina para cumprir, ela é cumprida.»*

Contudo, Luís Avillez é dos poucos a ter o discernimento, ou talvez a frontalidade (mas também a modéstia), de assumir claramente que apesar de toda a preparação, toda a disciplina, toda a motivação evidenciadas no comportamento diário de cada oficial, de cada alferes, de cada furriel e de cada soldado, houve um outro elemento, intangível e incontrolável, que teve um papel não negligenciável no sucesso da companhia: a sorte.

*«... Os feridos que tivemos foram em minas e armadilhas. A nossa foi a única companhia de comandos que não teve nenhum morto. Apenas teve dois soldados com feridas graves que ficaram sem um pé... Entraram em trilhos onde havia minas anti-pessoais.»*

Este rigor aplicava-se a todas as companhias de comandos:

*«... Quase sempre havia falha humana... Não me parece que possa dizer que a nossa companhia se destacasse por isto ou por aquilo. Acho que também teve muito a ver com sorte. Nós chegámos a fazer operações com a terceira ou com a oitava de Moçambique... Fomos para o mesmo lugar e eles tiveram três mortos e nós não tivemos nenhum. Não sei se éramos melhores do que eles... Mais batidos, sim, porque éramos mais antigos.*

*Há um factor sorte em tudo... Aliás, é o principal lema dos comandos: «A sorte protege os audazes».*

Mas a solidariedade entre combatentes não se restringia aos camaradas da companhia; em muitos casos, especialmente a nível dos oficiais, ainda persiste um grande sentimento de gratidão para com outros companheiros de armas, exteriores à companhia, especialmente em relação aos pilotos de helicóptero.

*«... Se perguntar qual foi o ramo do exército com o qual mais nos identificámos, de que mais precisávamos e que mais precisavam e gostavam de nós, foram os pilotos de helicóptero. De longe... O piloto sempre foi uma classe à parte. E de helicóptero, mais...*

*Como esquecer os «índios», os seus comandantes Godinho e Estevinho, o Paco, o Iko, o Francês, o Luis Pereira da Silva, Manim Malta da Costa,*

nomeando só alguns, que agora me lembro [...] mas haviam muitos outros e muito bons...

De entre as muitas saídas com eles, com o Godinho, por exemplo, lembro-me sempre de uma operação no Niassa, num intervalo das operações em Mueda, em que, devidamente autorizado pelo Capitão Carapeta, eu fui ao «canhão» do helicóptero dele, para fazermos um lançamento do lendário Francisco Daniel Roxo — o famoso caçador que estava integrado no exército português — e as suas tropas; com o Estevinho, lembro-me de uma saída nocturna na noite dos macondes em Cabo Delgado...

Muitas das nossas operações eram heli-transportadas. Nós precisávamos muito deles. Em Mueda tinham a sua base e um bar... o melhor bar... Tudo girava em volta desse bar. Tinha que haver um bar, cerveja... E correio. As duas coisas eram fundamentais. Mas eles tinham algo diferente: o bar deles era o bar dos pilotos. Nós tínhamos o bar dos oficiais, o dos sargentos e o dos praças. Eles só tinham um: o dos pilotos...

A noite de Mueda, entre os bares militares, o musseque e o Santos e China, tinha umas figuras muito companheiras e amigas que não quero deixar de lembrar. Era o grupo do «ari ops», destacando-se pela animação o Capitão Rui Carita e o Zé Lancastre, ambos de artilharia, e o Furriel Borges dos Grupos Especiais de Pára-quedistas. Foram noites muito divertidas que ajudaram, de alguma forma, a que o tempo passasse bem e dum modo bem leve.»

A importância do bar relaciona-se, em parte, com um aspecto fulcral, já mencionado diversas vezes: a necessidade imperiosa de ocupar o tempo e, principalmente, o espírito, não dando espaço a reflexões, interrogações, introspecções, hesitações.

«... O que significa que mesmo quando estávamos parados, sem ir nas operações, estávamos sempre a fazer alguma coisa: a fazer exercício, a jogar à bola, íamos para o bar ou tocar música, íamos dar sangue... Não havia grandes momentos de introspecção ou contemplação...»

Mas, por vezes, não era apenas o espírito a precisar de «concerto», a precisar do alívio proporcionado pela sensação de ocupação e de utilidade; também o corpo exigia atenção: era fundamental acreditar que todas as feridas teriam tratamento. E como seria expectável, o grau de reconhecimento pelo trabalho daqueles que poderiam atenuar o sofrimento ou mesmo salvar uma vida, a equipa médica, é enorme.

«E por falar em dar sangue, recordo o Dr. Alexandrino, nosso médico da 32ª durante os primeiros tempos da comissão. Era uma pessoa fantástica que, junto com os médicos de Mueda (lembro-me também dos divertidíssimos Doutores Garrido e Onório), cuidaram das vidas de muita gente, salvando da morte em condições precárias muitos dos soldados que eram feridos em Cabo Delgado.

Relembro também uma enfermeira voluntária, Mamã Gina, figura inesquecível... e as enfermeiras pára-quedistas, a Lurdes, por exemplo, que ao que sei, casou depois com «o Francês», piloto de helicóptero.»

O segredo para prevenir uma eventual desmoralização era, portanto, evitar parar para pensar; com uma exceção: a comunicação escrita, que era mantida com familiares ou amigos. Para muitos, era esta a única cedência à regra auto-imposta de não permitir a intromissão da dúvida e da incerteza no espírito.

«... Recebia notícias por aerograma. Deixei uma namorada em Portugal, mas ela desistiu passado pouco tempo. Ainda tenho todos os aerogramas que mandei para os meus pais; eles guardaram todos, religiosamente. Eu sentia-me na obrigação de escrever-lhes todas as semanas ou de dez em dez dias... Só para os descansar. É que os boatos corriam de uma forma estranha...

Uma vez reservaram-me um quarto de hospital em Lourenço Marques durante quinze dias porque juravam que eu tinha ficado sem uma perna em Cabo Delgado. Uma das minhas irmãs soube disso, mas como éramos — e somos — uma família pouco comunicativa nalgumas coisas, não disse nada. Esperou para ver se era verdade antes de avisar os meus pais... E eu estava a jogar futebol em Mueda, num intervalo das operações, quando recebi um telegrama de Portugal a perguntar se tinha ficado sem uma perna...

As notícias que nós mandávamos para casa nunca eram más. Tentávamos ter esse cuidado: falávamos da comida, das paisagens, da Ilha... Há uma história engraçada, que nos divertiu imenso, sobre os aerogramas: O Barbosa era (e ainda deve ser) bastante forreta. Nós tínhamos direito a um número certo de aerogramas que recebíamos periodicamente, e o Barbosa, com medo que lhos roubassem, escrevia logo o nome e a morada da mãe em todos. Assim, ninguém lhos tirava. Uma vez, enquanto jogávamos às cartas, apanhámos um aerograma do Barbosa e preenchemo-lo com o resultado do jogo. Reparámos depois que estava já com a morada da mãe,

*mas fechámo-lo na mesma e mandámos. Quando a mãe viu... Ia morrendo. Pensou que o filho estava doido e escreveu a quem de direito a saber dele.»*

Esta situação retrata bem uma certa coexistência entre momentos de intensidade e momentos de descompressão. Durante o período de dois anos que a companhia passou em Moçambique talvez não tenha existido, pelo menos de forma consciente, uma tentativa de banalização da violência ou da percepção da iminência do perigo; não terá ocorrido propriamente uma menorização das implicações e das consequências que a passagem por uma guerra poderia implicar individualmente, ao nível das sequelas práticas na vida de cada um. Mas ter-se-á estabelecido na 32ª, um precário equilíbrio, um delicado contra-balanço entre despreocupação e tensão, entre momentos descontraídos e momentos de grande pressão; a capacidade e a sabedoria na gestão desse difícil equilíbrio, necessariamente da responsabilidade dos oficiais, terá sido fulcral na manutenção de um certo estado de espírito assertivo e positivista e que parece ter sido a regra no seio da companhia, a crer nos testemunhos ouvidos.

A vivência do dia-a-dia seria simultaneamente intensa e serena, tanto nos momentos problemáticos como nos momentos mais relaxados, resultando num quotidiano colectivo em que preocupações e distrações eram relativamente uniformizadas, pois os medos sentidos e enfrentados, tal como as expectativas, os mecanismos de escape, as condições materiais e as regras eram comuns a todos.

Se um conjunto de indivíduos pensa mais ou menos o mesmo e passa mais ou menos pelo mesmo, existe a possibilidade de ocorrer uma certa dissolução da individualidade: todos são únicos e pensam de forma diferente mas pensam, efectivamente, sobre o mesmo. Estabelece-se, assim, uma empatia radicada na similaridade de medos e ambições, vivências, expectativas: estão ali todos para o mesmo, desejam todos o mesmo. Estabelece-se, assim, uma empatia radicada na similaridade de medos e ambições, vivências, expectativas: estão ali todos para o mesmo, desejam todos o mesmo.

*«... Pelos que fizeram parte do meu grupo, furriéis, cabos e soldados, sinto uma imensa gratidão, muita amizade e respeito; fizeram e fazem parte da minha vida...*

*Todos fomos uns vencedores à nossa maneira. Trabalhámos bem; não tivemos nenhum morto... E foi por causa de todos. Não tenho dúvida. Tenho o maior orgulho em ter sido chefe deles.*

*A nossa companhia recebeu a medalha de ouro de serviços distintos com palma, que é a segunda condecoração colectiva mais importante de todas as recebidas pelos comandos.»*

Sentir a compreensão e solidariedade do outro, de quem está ali ao lado e passa pelo mesmo, não elimina a dureza por que cada um passa no momento de maior perigo e ansiedade, de maior vulnerabilidade: no momento de saltar do helicóptero, no momento de disparar, no momento em que uma mina rebenta; atenua mas não elimina, porque, em última análise, cada um está acompanhado mas só, sente que é a sua vida que está em jogo. Em última análise, no momento da verdade, o que conta é o que cada um é, aquilo de que efectivamente é capaz.

*«... Normalmente, os grupos eram formados por um oficial, quatro furriéis e vinte praças. Eram formadas assim cinco equipas, cada uma com cinco elementos. O meu grupo só tinha três furriéis — o Gomes, o Cavalinho e o Rosas — de um elevadíssimo nível quer operacional quer humano e que em muito me ajudaram a levar as operações e o dia-a-dia a bom termo.*

*Eu tinha uma equipa de quatro soldados e os furriéis também. Fosse a minha ou outra equipa que fosse, eu ia sempre com os da frente... Acho que isso também lhes dava alguma segurança. Eu ia ali, ao lado deles... Sentia que era minha obrigação. Tinha sido preparado para ir à frente, não atrás...*

*Fazia parte do que me tinha proposto quando entrei. Não pensava muito nas consequências, nem na morte... A gente tentava desanuviar. Por vezes, posso ter pensado: «foi por um triz»... Mas a situação cara-a-cara, a troca de tiros... não era assim tão banal.*

*Havia muitos morteiros... Ouvíamos o «pop» e dez, doze segundos depois, sabíamos que aquilo ia rebentar... Deitado era mais seguro... Eu tinha um relógio com uma tampa para não brilhar à noite, e quando aquilo saía, andávamos mais sete ou oito segundos e eu dizia: «Deitou!». Deitava-se tudo...*

*O rebentamento do morteiro é cónico e se estiver deitado, a hipótese de ser atingido é menor... Só se nos cair em cima... A mim, caiu-me um a um metro e pouco da cabeça... Fiquei cheio de terra, pedras, um pouco tonto... Se calhar nessa noite pensei que tinha sido por pouco, mas não me lembro de nada que me tenha marcado muito a esse nível.»*

Mesmo numa guerra, os momentos de maior perigo e vulnerabilidade não deixam de ser isso mesmo: momentos. Passam.

### «Há limites porque a vida continua»

O trabalho a nível da componente psicológica foi sempre determinante para o grupo de oficiais da 32<sup>a</sup>; não apenas em relação aos homens sob seu comando mas também, de forma mais abrangente, em relação às populações civis e aos combatentes inimigos. Relativamente ao interior da companhia, o tipo de liderança praticada (para além das óbvias questões militares e operacionais), passava muito pelo trabalho psicológico com os homens.

*«... Nós os oficiais, conversávamos muito com os soldados. Em Mueda, fizemos umas operações que eram chamadas «Libélulas»... A Força Aérea, quando passava nos voos normais, ia detectando alguns acampamentos relativamente perto: algum movimento, fumo que saía, um bocadinho de umas palhotas... Assim começaram-se a fazer essas operações. Eram de surpresa: íamos no helicóptero, caíamos em cima e começava o tiroteio. Duravam uma hora ou duas. Os helicópteros andavam de um lado para o outro, havia tiros, corridas violentas... como no cinema. Tínhamos bons resultados porque aquilo tudo estava bem organizado: a primeira equipa dava tiros, a segunda queimava e por adiante. Depois, os helicópteros recolham-nos.*

*Houve uma operação dessas em que levei um elemento do quadro que tinha vindo de outras comissões. A sua profissão era a guerra. Naquela altura havia muito a mania dos troféus e um dos que tentavam obter eram as orelhas do inimigo abatido. Numa dessas operações, uns soldados meus mostraram-me as orelhas que tinham cortado... Sentei-me e falei com eles: «Esperem aí... Eu estou aqui com uns soldados, que «estão soldados», mas não «são soldados». Daqui a dois anos vocês vão voltar para vossa vida civil. Não quero que por uma discussão num bar ou uma chatice qualquer, sintam que é normal desatar à «porrada» e cortar orelhas, para mostrar que estão em vantagem. Isso de cortar orelhas — ou o que seja — é totalmente proibido, é uma selvajaria. Nós estamos aqui para defender uma ideia e não para coleccionar troféus desse género».*

*Penso que consegui que percebessem. Pelo menos, foi bem recebido por eles. Eram apenas dois anos da vida. Em quem eles se estavam a espelhar estava há vinte anos na guerra. Era a sua vida...*

*Aos poucos, fomos conseguindo mostrar-lhes outro espírito: há limites, porque a vida continua...»*

Intervinha-se, portanto, através do exemplo e do esclarecimento, praticados de forma constante, tentando mais prevenir do que remediar, antecipando situações e cenários, possibilidades, tentações, mas também revelando uma enorme compreensão pelas vicissitudes de cada um, pelas peculiaridades individuais, pelas fraquezas e vulnerabilidades, pelo orgulho de cada um.

*«... Os momentos difíceis resolviam-se no bar. Os momentos de grande desânimo — e deve ter havido muitos em que não fui chamado a tomar parte — eram quando diziam: «sou corno, meu alferes»; a namorada os deixava... Bom, isso era normal. Ou devia ser. Elas tinham dezoito anos, estavam aqui, em Portugal, dois anos, longe, sozinhas e à espera... A minha também me deixou. Custa a todos aceitar, mas aqueles que vinham das aldeias, tinham mais dificuldade em lidar com isso. Então vinha toda uma conversa, enquanto bebíamos uma cerveja e tentava explicar: «É melhor que ela te deixe agora que depois...»*

*E as saudades... nem se falava nisso; não se pensava nisso...*

*E os castigos que por vezes tinham de se aplicar... O pior de tudo era mandar cortar o cabelo, «a carecada». Prendia-se com a vaidade, apesar de que noventa por cento das vezes andávamos com o cabelo rapado, por motivos de higiene; vivíamos em barracas de campanha, usávamos «quico», o boné de duas palas usado no uniforme de combate... era a África. O calor, com cabelo, seria difícil de suportar... A carecada doía quando se aproximava a ida para a Ilha de Moçambique... Nessa altura, cada um de nós queria ir bonito... E uma carecada nessa altura era uma desgraça. Que me lembre, mandei dar umas duas ou três. E foi mais vezes no pessoal de apoio do que nos comandos.»*

Esse cuidado manifestado pelos líderes da companhia ao lidarem com a especificidade individual dos homens sob seu comando, em encará-los antes de mais como pessoas, (quase irmãos) e apenas depois como militares, foi de tal modo decisivo que determinou não apenas o sucesso operacional da 32ª mas também o nascimento de um sentimento de enorme apreço da

parte desses homens em relação aos seus oficiais. A generalidade dos elementos da companhia admitiu a existência de uma diferença em relação às restantes companhias e justificou essa diferença com a liderança da 32<sup>a</sup>. Um apreço que Luís Avillez reconhece e aceita com modéstia:

*«... Ainda bem que eles sentem isso. A própria organização dos comandos, a forma como se é escolhido, é completamente diferente. Não há nenhuma tropa no mundo que seja tão democrática como os comandos. O soldado escolhe o furriel e esse escolhe o alferes. Eles escolheram-me a mim. E foi porque, se calhar, viram algumas capacidades. Nós tínhamos, de facto, um grupo de oficiais que eram muito coesos.»*

De certa forma, terá sido interiorizado pelos oficiais — e depois levado à prática — o estrito cumprimento, no espírito e na letra, do que está estipulado no Código do Comando, que todos juraram obedecer:

*«O comando pratica a camaradagem e procura assegurar a solidariedade moral entre todos os seus irmãos de armas; mas não aceita a indignidade, nem a desobediência, nem o desrespeito pelas regras da disciplina e da honra. Sempre disposto a auxiliar quem precisa do seu apoio material ou do seu amparo moral, quer na paz, quer na guerra, e em frente do inimigo, afirma-se constantemente pessoa de carácter.»*

Outro tipo de acção psicológica, mais estratégica, era a exercida em relação às populações africanas, combatentes ou não. Por exemplo na forma como se desafiava, provocava, intimidava o inimigo (em algo semelhante aos agora populares *«mind games»*, já que se vai falar de futebol):

*«... Nangololo, na zona de Cabo Delgado, foi outro dos palcos importantes. É assim tipo o «fim do mundo»... Fica na borda do planalto dos Macondes. Já era uma tradição que às cinco horas os soldados que lá estavam tinham de ir para as trincheiras. Contava a lenda que era «a hora Maconde», uma tribo guerreira dessa região. Mandava sempre morteiros para a aldeia a essa hora, diziam eles, e por isso, refugiavam-se todos lá em baixo... Quando nós chegámos, começámos a marcar jogos de futebol às cinco. Chamaram-nos doidos...»*

Mas, com acção psicológica ou sem acção psicológica, estava-se efectivamente em guerra e, obviamente, na guerra morrem sempre pessoas, inclusive pessoas que jamais deveriam morrer.

«... se era sobretudo uma guerra psicológica? Sim, não nos interessava nada matar população. Agora, se me perguntar se matámos população alguma vez... Com certeza que sim. No meio de tudo aquilo era impossível evitar... Com a rapidez... Mas esse não era e nem nunca foi o objectivo...»

À distância de quarenta anos, os testemunhos relativos à relação de cada um com as populações africanas são distintos, já que a percepção que cada um tinha dos moçambicanos, combatentes ou não, era algo difusa e indefinida, pouco peremptória.

«... Acima de tudo era o inimigo. Nunca pensei muito em relação a eles. Tínhamos que fazer aquilo naquela altura. Não havia grande coisa para pensar. Era sempre complicado... a população era quem mais sofria com aquilo; estava entre dois fogos: o nosso e o deles.

Eles iam lá, roubavam comida... Mas nós, pela essência de companhia de comandos, tínhamos muito pouco contacto com a população. Na altura em que tivemos contacto, fizemos um bom trabalho. Foi em Nura: Construámos um aldeamento, trouxemos para ali a população que andava perdida numa guerra da qual não percebiam nada, entre os terroristas, a Rodésia e nós. Tão exemplar foi esse trabalho que o general Kaúlza de Arriaga, depois de saber o que tínhamos feito pelo tenente-coronel Alves Morgado e do então major Godinho, veio com a sua mulher Carminho e o padre António visitar a companhia e almoçar connosco. Depois, fugindo um pouco ao que tinha sido combinado, o general Kaúlza pediu-nos para lá ficarmos mais tempo. Tivemos que permanecer lá quase quatro meses, em vez de dois, com a promessa de que a nossa guerra acabaria por aí.»

Mas não foi isso que aconteceu, pois a promessa foi, afinal, quebrada: como muitas vezes acontece, a recompensa pelo mérito demonstrado, por se ser notável, é a entrega de novas e maiores responsabilidades; quanto melhores somos, mais nos somos solicitados.

«... Depois de Nura, já com a comissão perto do fim, fomos para um descanso que deveria ser longo na ilha de Moçambique. Ao fim de uma semana, todos os oficiais da companhia, fomos chamados ao quartel-general em Nampula para uma reunião com o general Kaúlza e o seu estado-maior, entre eles o general Diogo Neto. Durante essa solene reunião, em que a nossa presença era estranha ao ambiente, o comandante-chefe disse que iria faltar, em nome da pátria, à sua palavra connosco e

nos iria pedir para fazermos uma missão adicional na região da Gorongosa. Depois dessa reunião, durante o beberete, veio um general de cavalaria (penso que o seu nome era Delgado), conversar comigo e disse-me: «Avillez, na tropa não se pode ser nem bom soldado nem bom cavalo, se não montam-no...».

E por falar nos «melhores», Luís Avillez não deixa de recordar os seus comandantes de batalhão com enorme emoção:

*«Durante a nossa comissão tivemos dois comandantes de batalhão, o capitão, hoje general, Oliveira, o Oliveirinha e o capitão, também hoje general, Jaime Neves e dois vice-comandantes, os majores Freitas e Belchior, penso que ambos aposentados como coronéis.*

*Eram todos óptimos, mas houve um que por ser extremamente operacional e carismático, muito me marcou durante e depois da comissão, que foi o Jaime Neves. Eu, pessoalmente, não sei quais as palavras adequadas para descrever o que ele significa para mim, mas ele representa o verdadeiro «espírito comando» incarnado. Para ele tudo era claro no tocante a esse «espírito» e era uma pessoa por quem todos os soldados tinham, e têm, uma admiração profunda. Digo sempre que tive muita sorte em conviver com ele e poder tratá-lo, sempre como comandante, mas também como amigo.»*

Mas não apenas Jaime Neves é recordado como amigo; muitos outros amigos permanecem na memória (e, nalguns casos, na vida presente) de Luís Avillez, recordados com particular comoção:

*«Por andarmos sempre dum lado para o outro e nunca ficarmos em cidades de algum porte, porque estávamos nelas sempre de passagem, nunca tive muitos contactos com a população civil. Convivi em Montepuez com a Mimi e o Grangeia, ela oriunda de Angola, prima direita da minha mãe apesar de nunca se terem conhecido e ambas familiares directas do grande caçador Teodósio Cabral, estivemos meia dúzia de vezes juntos. Mas o grande, importante e até hoje vivo contacto que tive foi com a família Jardim, principalmente com a Carmo. Não posso falar dela sem falar da família, desde a mãe Teresa, aos outros irmãos e ao pai Jorge, o célebre e heróico engenheiro Jorge Jardim, que serviços inestimáveis prestou a Portugal. Tive muitos dias felizes em Moçambique, mas não posso deixar de destacar os poucos dias que passei no Dondo na casa deles. Se*

*alguém defendeu Moçambique e ainda continua a fazê-lo são eles, que são moçambicanos de coração. A Carmo era instrutora de pára-quedaismo dos Grupos Especiais de Pára-quadistas, tinha brevet e às vezes aparecia nos lugares mais incríveis a fazer-nos uma visita, levando irmãs, amigas (a Ângela Fiúza, por exemplo) e até o nosso Estevinho.»*

### **«Se necessário, faria tudo de novo»**

Luis Avillez é um exemplo de alguém que consubstancia a máxima de Esopo: «Quando não conseguimos encontrar a tranquilidade dentro de nós mesmos, de nada serve procurá-la noutra lugar». O que se depreende do seu discurso é que, talvez ao contrário de alguns mas tal como outros tantos, partiu para a guerra tranquilo e tranquilo regressou da guerra.

*«... Por um lado, a sensação de dever cumprido. Por outro, uma certa frustração em relação ao que se passou, à forma como se passou... De ver como tudo aquilo foi entregue e a quem foi entregue...»*

*No final, fui convidado para ficar a comandar uma companhia de comandos. Mas não fiquei mais tempo porque achei que aquilo não era a minha vida. Tinha que experimentar outra coisa... Se acho que foi tempo perdido? Não acho. De todo. Se tive alguma escola boa na vida, foi essa. Ponho-a acima de qualquer escola.»*

Ou seja: apesar de nem tudo ser positivo (como o poderia ser, se estamos a falar da passagem por uma guerra?), o balanço é claramente satisfatório. Essa conclusão é comum a praticamente todos os elementos entrevistados da 32<sup>a</sup> mas, neste caso, alcança uma veemência e clareza inequívocas.

*«... Mudou-me para melhor. Aprendi muitas coisas. Do ponto de vista da disciplina, aprendi com toda a certeza e também, de alguma forma, a analisar as pessoas. Lá, há um momento em que você sabe quem é e quem não é. Sabe avaliar quem está ao seu lado, se for preciso, nos momentos chave. Tive várias decepções, na altura, de pessoas que, fora dali, faziam uma excelente figura. Depois, na vida, continuamos a ter que fazer isso: separar o trigo do joio. E essa experiência vem de tudo, do curso mas também da guerra.»*

E quanto a heranças negativas? Categórico, mais uma vez:

*«... Não acredito muito nessa coisa dos traumas. Acho que isso é mais da parte de quem quer receber alguma coisa. Não sei... Mesmo a tropa normal, que não ia tão preparada... mas que também esteve menos tempo na frente...»*

Outro assunto em relação ao qual Luís Avillez é bastante acutilante é a «guerra» em que se envolveu depois de regressar a Portugal:

*«... O Stoffel e eu fardámo-nos outra vez no 25 de Novembro. O regimento de comandos nessa altura tinha recrutado para os seus quadros comandos já na reserva que tinham vindo do ultramar ou que queriam defender Portugal da extrema-esquerda que pretendia dominar o país. Na altura, eu tinha medo da extrema-esquerda armada, não por ela estar armada, mas por nós estarmos desarmados e sem nenhum ponto de apoio para nos armarmos. Muitos entraram — por isso, largando as suas vidas profissionais com grande espírito de sacrifício. Alguns da nossa companhia, outros amigos meus, como o Bila Pinto Bastos e o Pedro Alves do Rio. Houve muitos heróis anónimos nesse dia...*

*No dia 24 de Novembro nem tivemos tempo para ponderar. Eu trabalhava na companhia de seguros Império, no Chiado, e o Stoffel telefonou-me a dizer-me que tinha sabido que ia a haver uma sublevação de pára-quedaistas a favor da extrema-esquerda. Eu disse-lhe para vir ter comigo — ele estava em Leiria — e que iríamos para o Regimento de Comandos. Nós já estávamos ligados ao regimento de alguma forma e já existia também a associação de comandos...*

*Fomos lá ter com o Moura. Na sala do comandante, o coronel Jaime Neves mandou-nos fardar. Ele confiava em nós e nós nele. Ele precisava de pessoas «dele» ao seu lado. E nós fomos.»*

Talvez se aplique a este momento da história individual de Luís Avillez, uma vez mais, o Código do Comando: «O comando não foge ao perigo, não evita as situações que possam acarretar-lhe incómodos. Incumbido de uma missão, põe no cumprimento dela todas as suas possibilidades de actuação, todas as suas forças físicas, intelectuais e morais.» Porque, depreende-se facilmente das suas declarações que estava certo de se encontrar perante uma nova missão e, em consonância com os seus valores e convicções, a ela se entregou, sintetizando nessa decisão a sua essência

enquanto indivíduo, com certezas a nível político e social, com perspectivas próprias quanto àquele que devia ser o rumo adoptado pelo país e com a sua aprendizagem enquanto comando e protagonista da guerra do ultramar. Uma decisão que, no contexto dos acontecimentos de 1975, talvez não fosse a mais óbvia ou a mais fácil de tomar, mas que terá surgido, perante a sua consciência, como natural. Mas se a lei dos comandos dita que não se fuja ao perigo, neste caso concreto talvez o perigo não tenha sido substancial e avassalador.

*«... Esta era uma guerra muito diferente e nova para nós. Lembro-me que o Stoffel e eu estávamos na Calçada da Ajuda para ir tomar a Polícia Militar, ao lado do Palácio de Belém... Ele já era casado e queria avisar a família... e eu... estava aflito para ir à casa de banho. Alguém na rua nos disse que estavam a atirar dum terceiro andar dum prédio, nós tínhamos a certeza que os tiros não partiam de lá, era a chicotada das balas disparadas mais acima, mas para nós serviu-nos como um óptimo pretexto. Subimos ao terceiro andar do prédio de um coitado de um senhor que morava lá e queria ir para o trabalho mas tinha uma guerra à porta... Dentro do apartamento apareceu uma senhora com rolos no cabelo e a gente fingiu que ia procurar os atiradores à varanda e aí o Stoffel pediu para telefonar e eu pedi para ir a casa de banho. Depois saímos. Eles não perceberam nada daquilo...»*

*Era uma guerra estranha... O inimigo não tinha organização, mas era uma guerra. Houve tiroteio e mataram pessoas que conhecíamos...»*

É usada terminologia militar («guerra», «inimigo») mas, na verdade, no testemunho de Luís Avillez esta guerra e este inimigo denotavam algumas peculiaridades:

*«... Na mesma noite em que tomámos Monsanto, chamaram-nos porque havia um grupo de militares da aeronáutica armados numa das antenas, que teriam montado um ninho de metralhadoras para se defenderem de qualquer ataque. Fomos cinco numa chaimite com o tenente Coimbra, que seria morto na manhã seguinte. Eles esperavam que entrássemos por detrás, pelo mato... Mas nós fomos pela frente, pelo estacionamento, abertos em linha. Quando o Coimbra chegou ao portão, gritou para eles e mandou abrir... E o inimigo abriu... Não houve um tiro. Nada... Abriram a porta e pronto, renderam-se. Eles não tinham qualquer organização.»*

*Nessa altura Lisboa já tinha acordado e havia «espectadores» espalhados pelas matas de Monsanto. Não posso esquecer que, à saída das antenas, olhei para uns populares que estavam a assistir à «guerra» — bem ao estilo das guerras do Solnado — e deparei-me com dois bons amigos, o Vicky Mendonça e o Nai Amado, que também tinham vindo ver o que passava...*

*O nosso papel foi tomar Lisboa; restabelecer a democracia. E foi o que fizemos...»*

Conclusões? Simples, peremptórias e acutilantes:

*«... Quarenta anos depois, se houvesse uma causa, para defender o país... a pátria... estaria disposto a voltar a fazê-lo. O espírito mantém-se para sempre...»*

E uma certeza:

*«... Com as pessoas que conheci melhor há uma ligação única. São pessoas em quem confio cem por cento.»*

## RUI STOFFEL

«GUEVARA» — Pode o humanismo vencer a guerra?

### «O esforço de renascer»

A ida de Rui Stoffel para a guerra colonial não seguiu o trajecto convencional com partida de Lisboa em direcção a um dos teatros de guerra africanos; primeiro houve que fazer um longo desvio pelo norte da Europa.

*«... Quando tinha dezanove anos fui chamado à tropa para incorporação na Escola Prática de Infantaria em Mafra. Estava a fazer engenharia na altura e pedia sempre adiamentos para continuar os estudos. Não gostava nada do curso... Sentia uma frustração terrível. Mas o meu pai, que tinha uma fábrica de plásticos em Leiria, via lá o meu futuro e as minhas responsabilidades como engenheiro. Também não gostava da ideia de ir para África, porque fui educado numa família republicana desde sempre, oposta ao regime e a guerra colonial. Por outro lado, como estudei no Colégio Moderno, tinha também absorvido a cultura democrática da família Soares... Ir para África não era, por isso, uma opção fácil para mim...»*

E foi como alternativa a esta opção, então considerada inviável, que surgiu a alternativa a norte.

*«... Fui então que decidi partir, com mais três amigos, para os países nórdicos num Volkswagen carocha. Mas, pouco depois de chegar à Finlândia, ficamos desiludidos porque achámos o país bastante atrasado... Era uma vida pouco afectiva havia excessos, bebedeiras aos fins-de-semana e*

*muito frio... Decidimos então ir para a Suécia e aí pedir asilo político por nos termos recusado a ir para a guerra colonial.*

*Enquanto o processo decorria e como levávamos o cartão internacional de estudante, os organismos oficiais convidaram-nos a estudar sueco numa escola para estrangeiros e a trabalhar numa fábrica de condutas de ar condicionado.*

*Foi o primeiro contacto real com uma sociedade que era, para mim, de referência: a social-democracia do norte da Europa. E era de facto uma sociedade muito desenvolvida; mas, apesar de tudo, achei também que era segregacionista, fria e demasiado racional para nossa mentalidade latina.*

*Entretanto, chamaram-nos para nos dizer que não poderíamos ter asilo político porque éramos refractários e não desertores. Foi a desilusão total... e também a aprendizagem de que não há sociedades perfeitas em lugar nenhum e todas têm os seus lados negativos.*

*Fiz então um exercício interior: Aquilo que eu procurava, o tal paraíso, não existia. Eu tinha que encontrar a minha própria solução dentro de mim e não fora. Percebi que tinha cometido um erro e decidi voltar. Tinha que pagar as consequências e aproveitar para me reestruturar. E nada melhor que um cenário de situações adversas e primárias para fazer o esforço de renascer. Foi o que fiz.»*

A necessidade de gerir a decepção nascida na confrontação de ideais e expectativas com a realidade concreta, bem como a humildade necessária para reconhecer uma opção errada formaram o contexto no qual foi tomada a decisão de enfrentar a obrigação militar e a ida para a guerra colonial.

Existia, também, uma urgência: a de encetar uma certa reformulação interior, de auto-exame, de reconfiguração das certezas e convicções; e a percepção de que essa busca interior seria mais proveitosa e eficaz se desenvolvida em condições adversas e de grande exigência pessoal, que implicassem o confronto radical com os próprios limites e certezas; as condições únicas proporcionadas pela participação numa guerra. É, então, neste quadro que Rui Stoffel, depois de regressado do seu périplo europeu, dá consigo em Mafra.

*«... Era Dezembro e fazia muito frio. Quando acabei a instrução, mandaram-me para Lamego, onde fiz as provas de selecção entre as especialidades de comandos e operações especiais. Tentei tudo para ir para os comandos, aconselhado por um primo que tinha estado na Guiné e que me falou do bom treino e das maiores possibilidades de sobreviver tendo essa formação.»*

*e as camisolas interiores e eles ferravam na mesma. Era um desespero. Noites e noites... Havia alguns que entravam em pânico, gritavam, davam tiros para o ar ou tentavam ferir-se para serem evacuados...»*

Mas, após meses de lutas, de privações, de sacrifícios, de superações, chega o final do curso; e aí, nesse momento, sente-se não apenas um orgulho pessoal por se ter conseguido superar os obstáculos que, individualmente, o curso foi colocando, mas também um outro tipo de orgulho, mais genérico, nascido na sensação de pertença a um colectivo:

*«... No final, éramos super-homens. Claramente. Preparados para tudo: para sobreviver, para fazer a guerra... organizados em equipas, grupos de combate e companhias. Com uma formação muito mais apurada e exigente para os líderes. [...] O curso dos oficiais e furriéis era mais duro do que o dos soldados.»*

Deste modo, a busca interior, o «renascimento» a que Rui Stoffel decidiu submeter-se quando optou por partir para África, permitiu-lhe não apenas descobrir-se como indivíduo — percebendo capacidades e limites, por um lado; e potencializando essas capacidades e contornando esses limites, por outro lado — mas também perceber a importância do colectivo (neste caso, da companhia), e o papel da individualidade no âmbito desse colectivo.

### *«Somos soldados e temos uma missão»*

Renascido e julgando-se pronto para tudo, Rui Stoffel enfrenta finalmente o momento de contactar com o cenário de guerra que o irá acolher nos próximos dois anos:

*«... O primeiro local foi Mueda, que era o centro militar e logístico nevrálgico no teatro de guerra de Cabo Delgado, com vários aquartelamentos, um hospital e uma base aérea... Era a pior zona, o território dos Macondes, caçadores de leões, homens com um instinto e uma inteligência superior. E logo ao entrar, uma tabuleta dizia tudo: «Mueda, terra da guerra: aqui trabalha-se, luta-se e morre-se». Atravessamos a seguir um aldeamento de palhotas alinhadas. Aquilo impressionava logo... era um planalto frio, húmido e sombrio... A volta estavam os aquartelamentos e todo o dispositivo militar...»*

E, como sempre acontece, as primeiras impressões, os primeiros contactos, são inolvidáveis:

*«... Chegamos e montámos o acampamento. A seguir formamos a companhia e desfilamos... Foi um ritual de afirmação. Marchámos de peito feito e a passo certo, batendo com as botas no chão... e por onde passávamos, tudo olhava. Impúnhamos respeito... Era uma companhia de comandos que chegava... As companhias de atiradores que lá encontramos, estavam esgotadas, física e psicologicamente... muito degradadas. Algumas tinham um trabalho desgastante... abrir caminhos, picando o terreno e detectando minas. A sua missão era garantir a logística a outros aquartelamentos: levar comida, munições, medicamentos... Era malta que morria... ficava mutilada ou destruída psicologicamente. Muitas minas rebentavam... Eram emboscados... Havia lá uma companhia que já só tinha um terço dos militares. Os outros tinham sido evacuados para o hospital ou tinham morrido...»*

Uma das primeiras operações em que a 32<sup>a</sup> tomou parte foi especialmente difícil e exigente (e não apenas devido ao facto de terem acabado de chegar), catapultando todos os intervenientes para a verdadeira realidade e natureza da guerra. Um verdadeiro baptismo de fogo para todos, que permitiu antever logo de início a especificidade da companhia, fazendo sobressair no seu comportamento alguns dos factores de distinção que a tornariam uma companhia «especial».

*«... Fomos à base de Nova Beira, perto de Mueda, resgatar o que restava de uma companhia do Capitão Camelo que viviam debaixo de terra. Estavam rodeados de inimigos que os flagelavam com bombardeamentos diários e guerra psicológica... Montámos a operação com a companhia de atiradores de Mueda e a terceira companhia de comandos de Moçambique, apoiados pela aviação e artilharia pesada.*

*Fomos buscar os homens, houve baixas mas trouxemo-los de volta. Como primeira experiência para a nossa companhia, foi uma operação de respeito, cheia de emboscadas, minas e bombardeamento, em que os nossos homens executaram com disciplina o que tinham aprendido e tivemos apenas um ferido de mina. Missão cumprida.»*

Essa especificidade da 32<sup>a</sup>, muitas vezes salientada pelos seus elementos e sempre motivo de orgulho, deveu-se, na opinião de muitos, ao tipo de

liderança imprimida pelos oficiais bem como ao espírito que estes conseguiram transmitir numa primeira fase e consolidar posteriormente no seio do grupo que lideravam. Este pendor humanista, que caracterizava não só a postura e acção quotidiana dos oficiais mas também a forma de liderança adoptada em cada momento (como se fosse uma matriz intrínseca), perpassa claramente nas afirmações de Rui Stoffel:

*«... Eu reuni logo no início o meu grupo e disse-lhes: «Vou explicar-vos o que é a guerra colonial». E expliquei a situação política e económica de Portugal face às colónias, acrescentando: «Nós estamos aqui a fazer um esforço inútil porque um dia isto vai ser devolvido. Somos soldados e temos uma missão. Mas vamos ter que sair daqui vivos... Corremos um elevado risco de morrer, mas não podemos ser cobardes. Não estamos aqui para ser heróis nem para cometer actos que não são civilizados. Estamos aqui para sobreviver. Vamos fazer tudo o necessário mas com consciência. Eu prometo-vos que os levo a todos vivos, mas temos que fazer tudo bem feito». E consegui trazer toda a gente. [...]*

*Pouco importava que as pessoas fossem diferentes entre si. Tínhamos que ir controlando as coisas no dia-a-dia e ir tirando conclusões com a experiência. Fazê-los perceber. [...] Assim íamos gerindo as pessoas na sua diferença. Não era fácil...*

*Os soldados, entre eles, juntavam-se também à sua maneira e por afinidades. A maior parte deles vinham da aldeia, com valores tradicionais como a família, sem grande formação. Aquilo, mal conduzido, poderia ter dado problemas... As situações extremas de contínua ansiedade e violência a que todos éramos sujeitos, podiam degenerar facilmente... de soldados, poderíamos passar a assassinos desapiedados... Tudo tinha que ser muito bem controlado e gerido.»*

O sentimento de responsabilidade sentido no interior da companhia era muito elevado, quer de cada homem perante os seus camaradas e a companhia em geral, quer dos oficiais e furriéis em relação aos grupos e equipas que comandavam; e existia — especialmente no grupo de oficiais — a consciência de que a passagem pela guerra representaria sempre um período de tempo limitado, com fim à vista, pelo que seria imprescindível agir de modo a que após o regresso de cada um, após concluída essa etapa de vida, não subsistissem questões mal resolvidas, consciências pesadas, dúvidas e incertezas, arrependimentos.

*«... A mensagem era para eles e para mim. Eu sentia que havia uma vida para construir e viver em Portugal, após o meu regresso. E tinha um forte sentimento de responsabilidade, dado pela minha família. Tinha também o meu projecto de vida, que fui revendo enquanto passava lá as noites a pensar... Pensava naquilo que ia fazer quando regressasse, no que tinha feito mal mas que ia fazer bem... Era uma inquietação, todas as noites... Mas quando voltei, sabia exactamente aquilo que iria fazer ao milímetro e porquê. Por isso, estava altamente determinado a sobreviver e a fazer sobreviver, sem asneiras e sem peso na consciência.»*

Uma férrea vontade em cumprir os seus planos no pós-guerra sempre pautou o trajecto militar de Rui Stoffel; isto apesar da inquietação que levava consigo no regresso a África, depois das férias passadas em Portugal, uma inquietação sobre o estado anímico em que encontrava o país (perceptível, por exemplo, numa certa condição geral de negação e apatia em relação à guerra).

*«... Houve uma coisa que sempre me deixou algo revoltado, na altura: O comportamento do povo português em não querer comentar a guerra colonial. Quando vim de férias e tentei falar e desabafar sobre a guerra, era como se a guerra não existisse e a resposta era sempre: «Não me venhas falar da guerra». Como é que era possível? A maior parte da juventude portuguesa estava na guerra em África e não queriam falar do assunto?»*

### *«A nossa companhia fez a diferença»*

Para que não restem dúvidas: a guerra é uma actividade suja, onde se cometem actos sujos, actos animalescos e desumanos, totalmente inaceitáveis e incompreensíveis, e que nem as circunstâncias especiais de se estar em guerra atenuam; daqueles actos selvagens que se conhecem do cinema mas que se deseja não serem reais; mas são.

*«... Houve uma operação, logo ao princípio, em que os nossos soldados, mal influenciados, cortaram orelhas aos guerrilheiros mortos, como troféu. Mas logo que soubemos, o grupo de oficiais reuniu e conseguimos pôr um travão imediato naquilo tudo.»*

*A verdade é que quando se começa a ver dia após dia, a nossa gente a morrer, estropiados com ferimentos terríveis... os sentimentos mais primários vêm ao de cima. Por isso, é importante conseguir racionalizar esses sentimentos, não deixar que eles nos destruam e impedir que surjam desejos de vingança...*

*No meio daquele ambiente de violência e destruição, a partir de certa altura e como defesa, acontece-nos como aos médicos: olhamos para os feridos e os mortos e parece que não vemos nem sentimos... Eu passei por isso tudo em África, logo em Mueda; e com 20 anos apenas, como os outros... Ver todos aqueles feridos após uma evacuação de emergência, deitados pelo chão à entrada do hospital... uns com tripas de fora, outros sem pés, sem pernas... e ouvi-los gritar de desespero pela mãe... Aquilo impressionou-me. Há tantos horrores numa guerra...»*

E é curioso perceber como uma certa necessidade de desumanização, no sentido do distanciamento, pode afinal resultar, contraditoriamente, no reforço de sentimentos humanistas, de um maior respeito pelo outro e pela vida humana.

*«... Ainda hoje, a 32<sup>o</sup> é uma companhia de referência. Se me perguntar se merecemos... acho para além dos resultados operacionais, tivemos um comportamento cívico muito bom. Fizemos coisas boas. Não cometemos excessos e, em geral, onde estávamos, ajudávamos a resolver problemas e não a cria-los. Terá havido outra companhia a fazer assim? Se calhar sim, se calhar não. Só sei que nós chegávamos sempre com uma atitude humana. A nossa companhia fez a diferença lá em Moçambique. Apenas duas companhias foram condecoradas colectivamente: a nossa e a 3<sup>a</sup> Companhia de Comandos da Guiné, do Capitão Alves Cardoso.»*

Talvez assim aconteça porque, como já foi referido, não é a passagem pela guerra que torna as pessoas boas ou más, não sendo esta, obviamente, uma distinção linear: os 'bons' podem praticar actos repugnantes e os 'maus' demonstrarem bondade. A passagem pela guerra, como qualquer outra vivência extrema, tenderá a realçar a verdadeira essência do indivíduo, seja ela boa ou má, altruísta ou egoísta, corajosa ou cobarde; revelará uma tendência geral, como uma impressão digital, latente e inapagável, demonstrar qual a pulsão intrínseca em cada um. Porque é apenas perante uma situação limite que cada um descobre a verdade última sobre si; e, de acordo com

os testemunhos ouvidos, a grande maioria dos elementos da 32ª terá ficado satisfeito com o que descobriu sobre si, com o que aprendeu sobre si.

*«... Eu saí de lá bem comigo próprio; e, pelo que sei, os outros oficiais saíram como eu; os furriéis e sargentos penso que também; e os soldados eram boa gente; a maior parte vinha do interior do país, tinha bom fundo e isso foi decisivo na sua formação e no seu comportamento. Todos nos ajudávamos uns aos outros. Um bom ambiente faz pessoas boas...»*

Claro que com a passagem dos anos terá ocorrido um processo de sublimação, de selecção inconsciente de memórias positivas; mas talvez o agrado com que, apesar de tudo, muitos recordam a passagem pelas matas africanas seja parcialmente explicado pelo facto dessa passagem estar intuitivamente associada à descoberta do verdadeiro 'eu', tendo portanto contribuído de forma decisiva para o conhecimento íntimo que cada um adquiriu de si próprio. Ou seja: foi a guerra que, em grande medida, ajudou cada um a definir-se a si próprio e a definir a sua vida. Esta serenidade de pós-guerra terá também passado pela forma como, no contexto da própria guerra, se lidou com as populações africanas.

*«... Na província de Tete, por exemplo, apesar de os guerrilheiros estarem frequentemente dissimulados entre a população, nós sempre nos relacionámos bem com as pessoas das aldeias. Mesmo quando às vezes, tínhamos surpresas. Uma vez, quando fazia uma operação, entrei com duas equipas do meu grupo num aldeamento e só encontramos mulheres e crianças... Juntamos as pessoas todas e acabamos por ficar ali, a espera dos homens. Entretanto começou a entardecer... os pássaros voavam por cima de nós... as mulheres olhavam assustadas. Eu comecei a suspeitar que algo estava para acontecer. E assim foi. Caiu-nos uma emboscada em cima...»*

No entanto os guerrilheiros só dispararam para o ar. As mulheres e as crianças começaram a fugir. Recordo-me que enquanto corriam, um soldado perguntou: «Atiro?» E eu respondi: «Não». E isto fazia a diferença. Quando estamos debaixo de fogo, vem ao de cima o que há de mais primário em nós e é preciso uma grande força de vontade e clarividência para perceber que há coisas que não se podem fazer.»

Apesar de existirem, também, sentimentos mais subjectivos:

*«... Nós gostávamos daquela gente. Gostávamos de passar por aldeamentos, encontrar as pessoas e falar com elas. E elas respeitavam-nos.»*

*Certa vez vi uma mulher lindíssima com as suas crianças ao lado e lembro-me de ter pensado na altura: «Esta gente é igual a nós, somos todos iguais... E aquele pensamento tocou-me...»*

*Aquilo era uma guerra de guerrilhas. Tínhamos que distinguir o bom do mau, apesar de saber que numa guerra de guerrilhas, o mau, por vezes, vem de onde menos se espera. Mesmo assim, aprendi muito. E é certo que recordo apenas as coisas boas...*

*Gostei daquilo. E gostava de lá voltar um dia. Nunca se proporcionou até hoje e tenho a noção de que tudo deve estar agora muito diferente. Mas gostava, até, de fazer lá uma actividade de cooperação quando me reformasse. Era quase como pagar uma dívida. É que eu estive lá, em guerra...»*

É então desta conjugação de factores que nasce a mística da companhia: por um lado, as características intrínsecas de cada um, que apontavam na mesma direcção — respeito e disciplina, rigor, solidariedade e humanidade, espírito de sacrifício — e confluíram numa consciência comum e alargada ao grupo; por outro lado, a capacidade de liderança dos oficiais (que de forma totalmente intuitiva terão facilmente interiorizado a máxima do historiador Tácito: «*Os chefes são líderes mais através do exemplo do que através do poder*») e a sua habilidade para canalizar e potenciar esse espírito, essa disponibilidade. Tudo conjugado, resulta que a experiência de guerra destes homens (ou, com rigor, dos homens que aceitaram testemunhar e de acordo com o que testemunharam) foi algo não apenas maioritariamente positivo mas também definidor de personalidades e comportamentos futuros:

*«... Os soldados ficavam satisfeitos por nos seguirem. Viam, ouviam e iam cumprindo... porque nós íamos sempre a frente, dávamos bons exemplos e explicávamos bem as coisas. Nisso, os furriéis foram muito bons e ajudaram muito. No conjunto, éramos um corpo coeso. Completávamos-nos uns aos outros.»*

Mas todas estas são conclusões alcançadas *a posteriori*, chegam com o tempo, com o distanciamento; porque na altura, durante aqueles dois anos, havia pouca margem para optimismos; a violência da realidade não o permitia:

*«... A minha forma de ser e a minha mania da estratégia faziam-me stressar muito na guerra. Eu angustiava-me antes de começar uma opera-*

ção, tinha que pensar e planejar tudo ao pormenor... Mas quando caía no mato, passava-me tudo e acalmava. Os meus sentidos começavam todos a apurar: a vista, o ouvido, o olfacto... e então, actuava e reagia por instinto. Nesse sentido, acho que a guerra fortaleceu-me e fez-me bem. Preparou-me para a vida...»

Claro que não era uma violência permanente e constante; se assim fosse, não seria suportável:

«A estrutura militar de lá considerava-nos muito. Até podíamos cantar músicas revolucionárias... do Zeca Afonso, do Adriano Correia de Oliveira à frente de generais e coronéis. E ninguém dizia nada porque a companhia tinha bons resultados e bom comportamento cívico.

Nós precisávamos de mecanismos de libertação e afirmação: a música, a fotografia, o exercício físico, o descanso na Ilha de Moçambique eram para nós momentos de escape e de reequilíbrio. Podíamos mudar muito com a guerra, mas não podíamos deixar de ser quem éramos.»

Contudo, agora que é possível traçar conclusões (passaram, afinal, quarenta anos), o balanço parece ser inequívoco:

«... Olhando hoje para trás, acho que não estou em dívida com ninguém. A minha determinação e o meu espírito de luta mantêm-se vivos como então. Tenho uma forte necessidade de me sentir útil. E são as pessoas, as convicções e os projectos o que me motiva.»

**«No amor, como na guerra, é preciso ser persistente e acreditar»**

Apesar de toda a cumplicidade que se estabeleceu entre os elementos da companhia, o instinto de Rui Stoffel aconselhou-o a afastar-se dos seus companheiros, num primeiro momento, após a conclusão da passagem por África e o conseqüente regresso a Portugal:

«... Depois de regressar, achei que devia fazer o meu próprio caminho, porque as nossas vidas eram diferentes e cada um tinha que seguir o seu rumo. Tentar manter as mesmas pessoas juntas num cenário diferente poderia ter dado mau resultado. Mantenho, ainda hoje, uma forte relação de amizade com os meus colegas oficiais... e tenho sentimentos de grande

*carinho pelos furriéis e soldados com quem estive na guerra. E é curioso... cada vez que os revejo nos nossos encontros anuais, tenho sensações contraditórias de alegria e de tristeza, por ver que a vida vai transformando-nos a todos...»*

De qualquer modo, as circunstâncias não deixaram grande margem para convívios. O despontar da revolução era algo que, de alguma forma, se poderia antecipar, que se esperava:

*«... Regressámos em 1973 e pouco depois deu-se a revolução do 25 de Abril. Para nós não foi grande surpresa, pois já havia sinais claros de descontentamento entre os oficiais do quadro lá em África. Foi uma alegria para todos, depois de tantos anos de atraso, de repressão e de guerra...*

*Tive sempre a convicção de que a própria tropa se ia cansar daquilo e fazer a revolução em Portugal. Disse isto a um amigo, quando estive cá de férias, e ele, anos mais tarde, recordou-me o comentário.»*

... e que Rui Stoffel acompanhou de perto:

*«Segui com expectativa a revolta das Caldas e quando aconteceu o 25 de Abril, sai para a rua festejar... e na festa do primeiro de Maio também... Tinha um enorme desejo de mudança e de desenvolvimento para Portugal, era a democracia que chegava...*

*Depois, o 11 de Março por um lado, o verão quente por outro... comecei a ficar preocupado.»*

Mas não foram os acontecimentos históricos que o desviaram do seu trajecto e da concretização dos seus objectivos; voltara de alguma forma diferente, e características como a persistência e a confiança, faziam parte integrante da sua personalidade.

*«... Todo o país estava em convulsão, a extrema-esquerda tinha ocupado a maior parte das estruturas políticas e sociais e a iniciativa e o poder tinham caído na rua... Com aquilo tudo acontecendo a minha volta, eu sentia que o meu país ainda estava em guerra e que os comandos ainda poderiam vir a ter um papel a desempenhar na defesa da democracia em Portugal...»*

E, na verdade, acabou efectivamente por se envolver activamente em algo que considera próximo de uma guerra, ou, com maior rigor, em algo que poderia ter evoluído para uma guerra: o 25 de Novembro.

«... Eu sabia, pela experiência anterior em África, que tarde ou cedo, haveria um momento decisivo e determinante para o futuro de Portugal. Nos encontros frequentes que mantínhamos entre os oficiais da 32<sup>a</sup> e os do Regimento e da Associação de Comandos que tinham estado connosco em África, pressentíamos que alguma coisa tinha que acontecer... E que quando esse momento chegasse, a movimentação dos comandos e a sua capacidade de acção rápida e de experiência de guerra dura seriam decisivos para cortar drasticamente com a desordem e a divisão militar e evitar uma guerra civil. E esse momento aconteceu com o 25 de Novembro.

Na madrugada desse dia, recebi uma informação indicando que tinha havido uma sublevação de pára-quedistas em Tancos em apoio da esquerda radical. Percebi então que tinha chegado o momento de agir. Liguei para o Luis Avillez, avisei-o do que se preparava e combinamos encontrar-nos em Lisboa e ir juntos para o regimento de comandos.

Naquela altura cumpro a minha missão. Durante três dias a minha família não soube nada de mim... A minha mulher ainda guarda os distícos de oficial de comandos que o Tenente Coimbra me emprestou, quando nos fardamos às ordens do Coronel Jaime Neves, nosso comandante do batalhão, em Moçambique. Não pude devolvê-los porque morreu nesse dia em combate, no Regimento de Lanceiros de Lisboa... Logo a seguir, voltei à vida civil, à minha vida normal. Segui o meu caminho...»

Este espírito combativo e desafiante, focalizado e pragmático, sempre patente no discurso de Rui Stoffel, seria certamente inato e intrínseco mas terá sido fortemente consolidado durante a passagem pelo mato moçambicano, tornando-se depois traço de personalidade, característica identitária, seu *modus operandi*. Com consequências práticas palpáveis e extensíveis a todos os espectros da sua vida, mesmo os mais inesperados. Um exemplo:

«... Antes de ir a tropa conheci a minha mulher e aos seu pais num cruzeiro à Madeira. Foi amor à primeira vista. Larguei logo tudo e até um namoro que tinha. Entretanto, fui para a tropa... mas antes, quando fui para a Finlândia, passei por Santiago de Compostela para dizer-lhe que gostava dela.

Durante a guerra, escrevemo-nos; e só voltei a vê-la sete anos depois. Já tínhamos vidas diferentes. Mas quando nos encontramos em Lisboa, no casamento de uma prima, tudo se reactivou. Ela já estava para casar... Bem, tínhamos nascido um para o outro e um ano depois casámos.

Sabe... no amor, como na guerra, é preciso ser persistente e acreditar.»

## HUMBERTO CARAPETA

«*A mística da companhia*»

«*Ele marcou o pessoal, até antes de irmos para África.*»

Não foi possível recolher o testemunho, na primeira pessoa, de Humberto Carapeta, o comandante da 32<sup>a</sup>, já falecido à data da escrita deste livro. Contudo, foi amplamente recordado, na terceira pessoa, através dos relatos de quem com ele conviveu e ainda hoje o lembra com enorme emoção.

É descrito pelos elementos da companhia como uma pessoa «excepcional», que deixou uma marca indelével em cada um dos homens que comandou. É-lhe, igualmente, atribuído um sentido de grande humanismo.

Terá conseguido — e terá sido esse um dos seus grandes méritos, segundo os testemunhos escutados — transpor esses valores para a companhia, determinando desse modo toda a matriz e a acção da 32<sup>a</sup> em África.

É descrito, ainda, como apaziguador, amigo, detentor de uma grande compreensão, desencadeando uma invulgar empatia em todas as pessoas que com ele conviveram de perto, desde a recruta até aos vários momentos de guerra; e, por vezes, como sendo quase infalível, o que se reflectia na imagem que os outros tinham dele mas, por inerência, da própria companhia:

«... O Humberto Carapeta fazia tudo com método, tudo certo. Éramos considerados pelos outros como diferentes, melhores. Nunca houve grandes conflitos.»<sup>183</sup>

---

<sup>183</sup> Soldado Fernando Galeão.

Segundo Rodrigo Moura (que o substituiu uma grande parte do tempo no comando da companhia, sendo posteriormente o seu sucessor), Humberto Carapeta não acompanhou permanentemente a acção da 32<sup>a</sup>. Esteve presente na primeira intervenção, nos primeiros dois meses, em Mueda e Nangololo.

Depois, a companhia seguiu para Estima, mais dois meses e o Comandante Carapeta já não esteve presente (deslocou-se a Portugal, de férias); Rodrigo Moura ficou à frente da companhia até à missão seguinte, em Mussacama, onde Carapeta regressou ao comando (e onde permaneceram cerca de dois meses).

Após uma passagem pela Ilha de Moçambique, a missão seguinte, em Mueda, voltou a ser liderada pelo Comandante Carapeta. Passado algum tempo, terá rumado a Montepuêz, onde ficou no batalhão de instrução. Rodrigo Moura recorda que terá sido por essa altura que o comandante casou. Destaca a existência do seu grande carisma, manifestado na forma como sempre foi apreciado e é, ainda hoje, recordado pelos seus homens.

*«... Ele marcou o pessoal, até antes de irmos para África. Era ele quem estava em Lamego e muitos estiveram aí com ele antes de irem para a guerra. Foi o primeiro comandante que eles conheceram. Depois, quando foram para África, era ele quem estava a recebê-los em Luanda.»<sup>184</sup>*

Mas não só:

*«... O primeiro impacto com ele era bom. Era uma boa pessoa e conseguia transmitir isso. Mais: era um modelo a seguir.»<sup>185</sup>*

E concretiza a sua afirmação, com um exemplo concreto:

*«... Na formação, ele ia observando mas não interferia. Mas os instruídos iam-no vendo e admirando à distância.»<sup>186</sup>*

Já em Moçambique, durante a guerra propriamente dita, fez por marcar a diferença, por estabelecer um padrão de conduta e de exigência que não admitia transgressão.

---

<sup>184</sup> Capitão Rodrigo Moura.

<sup>185</sup> Alferes José Barbosa.

<sup>186</sup> Capitão Rodrigo Moura.

«... Ele foi um bom comandante. Falava com o pessoal. E evitou que se cometessem atrocidades. Fomos todos, em conjunto, a falar nisso, mas ele é que transmitiu — a questão dos trofeus humanos, por exemplo. Foi ele que incutiu isso na companhia.»<sup>187</sup>

Humberto Carapeta era mais velho que os demais elementos da companhia (aproximadamente uma década a mais de vida), o que o tornava — efectivamente e também na perspectiva dos seus comandados — um comandante com grande traquejo.

Talvez por isso, conseguia impor com alguma facilidade as suas regras, códigos de conduta, princípios éticos, exigências.

«... Ele era muito humano. Falava, conversava, chamava lá o militar quando era preciso e falava sozinho com ele, explicava... Poucos arriscavam sair da linha do que era definido por ele.»<sup>188</sup>

Assim, não é de estranhar que Rodrigo Moura, seu sucessor natural, não hesite em considerar que residiu em Humberto Carapeta — na acuidade do seu perfil enquanto homem, militar, líder, camarada — a génese da já amplamente propagada «mística da companhia». Não apenas pelo seu carácter humanista mas, também, pelos cuidados puramente militares que marcavam a sua postura; por exemplo:

«... Antes de irmos para o mato, o Carapeta — lá nisso era um tipo impecável — tinha uma conversa connosco: «Vocês vão para ali, tenham cuidado, o inimigo actua assim...» E explicava...

Nós já íamos mais ou menos informados quando íamos para as operações; sabíamos que tínhamos de ter determinadas cautelas com o inimigo; e isso fazia a diferença.»<sup>189</sup>

Uma forma de ser e estar que Humberto Carapeta, de alguma forma, conseguiu incutir nos oficiais sob o seu comando; e estes, apesar de serem todos muito divergentes a diversos níveis (proveniência, educação, posicionamento social e político, aspirações), quiseram e conseguiram manter a coesão da companhia, unindo-a em torno desses valores.

---

<sup>187</sup> Alferes Luis Avillez.

<sup>188</sup> Capitão Rodrigo Moura.

<sup>189</sup> Soldado José Teixeira.

«... Ele dizia que o que torna as coisas especiais são às pessoas e todos actuámos mediante esse princípio.»<sup>190</sup>

Os seus homens estavam, conseqüentemente, predispostos a fazer o que estivesse ao seu alcance para manter um certo ânimo no seio da companhia (até cantar ou dançar), mantendo um espírito positivo entre todos e indo muito além do cumprimento estrito das funções militares.

Talvez seja este um dos mais valorizados legados de Humberto Carapeta, uma herança de humanidade ainda hoje muito apreciada e enaltecida. Apesar de em caso algum existirem, da sua parte, facilismos ou transigências. Um exemplo concreto desta preocupação humana pelo indivíduo e pela sua valorização foi a naturalidade com que, a determinada altura, os militares tiveram oportunidade de fazer os seus estudos enquanto estavam na guerra.

Rodrigo Moura, também ele impulsor dos naturais desideratos e ambições de cada um dos soldados, reconhece neste exemplo a presença da impressão digital de Humberto Carapeta, da sua preocupação pela aproximação entre todos, cimentando deste modo as relações humanas no interior da companhia; e destaca aquela que considerou ser a maior das heranças:

«... A ligação entre todos era uma coisa extraordinária.»<sup>191</sup>

Para muitos elementos da 32<sup>a</sup>, Humberto Carapeta será possivelmente a verdadeira personificação daquilo que se crê ser um comando, de acordo com o estipulado no código dos comandos: «*Sempre generoso na vitória e paciente na adversidade, o verdadeiro comando trata com solicitude, acarinha e estimula aqueles que lutam e sabem vencer todos os obstáculos. Não admite a mentira mas respeita os estóicos e abnegados que servem sem preocupação de paga ou de satisfação de interesses de qualquer natureza.*»

## *Humberto Carapeta: Biografia*

Humberto Carapeta nasceu a 31 de Dezembro de 1941, em Torres Vedras. Frequentou a Escola Primária de Runa e prosseguiu os seus estudos na Escola Secundária do concelho.

<sup>190</sup> Capitão Rodrigo Moura.

<sup>191</sup> Capitão Rodrigo Moura.

Em 1961, alistou-se como voluntário no Exército Português. Mais tarde, ingressou na Academia Militar, onde terminou o curso em 1965. Na sua longa carreira militar integrou comissões na Guiné, Angola e Moçambique. Foi professor catedrático na Academia Militar, desempenhando posteriormente funções de Director de Curso e de Ensino na mesma Academia.

Em 1995 concluiu o Curso Superior de Comando e Direcção para oficial General no Instituto de Altos Estudos Militares. Foi Inspector-adjunto do Exército. Em 1996, ingressou no Comando Geral da GNR onde exerceu funções de adido ao Ministério da Administração Interna e Chefe de Operações até 1999.

Foi agraciado com diversas condecorações oficiais, de que se destaca a Medalha de Cruz de Guerra de 1ª classe, as Medalhas de Prata e Ouro de comportamento exemplar, a Medalha de Ouro de Valor Militar com Palma, a Medalha de Serviços Excepcionais e Relevantes Prestados ao País e a Medalha de Prata de Serviços Distintos. Foi ainda condecorado, em 1992, com o grau de Comendador da Ordem Militar de Avis pelo Presidente da República, Mário Soares.

Contudo, a actividade militar não o impediu de se envolver na vida da sua terra-natal. Nos últimos anos de vida fez parte dos Corpos Directivos da APECI, Universidade da Terceira Idade, Associação 3 Emes, Conselhos Paroquiais e Centros de Dia. Colaborou ainda com as Paróquias de Runa, Matacães e Torres Vedras na preparação e orientação da Catequese para adultos e curso de preparação para o Matrimónio.

Veio a falecer a 13 de Março de 2005 e, em Outubro desse ano, foi agraciado, pela Câmara Municipal de Torres Vedras, com a Medalha de Mérito, Grau Ouro, a título póstumo.

## CAPÍTULO TRÊS

### OS OUTROS

#### «Estiveram juntos e passaram muito»

Olhamo-nos com tanta frequência ao espelho que, por vezes, deixamos de ver a imagem que o espelho efectivamente nos devolve, para nos enredarmos numa versão dessa imagem que pode não corresponder inteiramente à realidade. O espelho é sempre rigoroso na imagem que reflecte mas o olhar de quem vê é influenciado (muitas vezes de forma inconsciente) por inúmeras circunstâncias, que condicionam a forma como se olha e o que se vê.

A realidade é sempre exacta mas a forma como a encaramos, olhamos, percebemos, filtramos e avaliamos varia muito, do mesmo modo que a construção de uma memória muda de acordo com a forma como olhamos e apreendemos a realidade. É, por isso, importante que possamos perceber como outras pessoas olham a realidade que temos pela frente e sobre a qual construímos uma determinada interpretação; é importante perceber qual a *aparência* dessa realidade quando muda o ângulo de visão. Não porque a nossa visão possa estar incorrecta mas porque é possível que seja incompleta.

Se desenvolvemos, extensiva e detalhadamente, esse exercício ao longo do presente livro, alternando e contrapondo perspectivas e visões sobre uma realidade única e concreta (o percurso da 32<sup>a</sup>), será interessante alargar um pouco o âmbito dessa metodologia e estender a recolha de opiniões a pessoas externas à própria companhia, de forma a tentar aferir se a imagem legitimamente construída pelos seus elementos (e que ressalta da

confrontação dos diversos testemunhos) corresponde rigorosamente à realidade concreta testemunhada por pessoas externas à companhia, ainda que efectivamente (e afectivamente) ligadas a ela. É, portanto, relevante escutar não apenas os protagonistas dos acontecimentos mas também quem acompanhou e testemunhou esses acontecimentos, quem os vivenciou, quem viu as suas próprias vidas influenciadas ou mesmo determinadas por eles.

Nesse sentido, este espaço apresenta um conjunto de opiniões e memórias tão marcantes que ainda se mantêm vivas, passados quarenta anos. Opiniões e memórias de familiares de comandos que sofreram a guerra à distância mas também opiniões e memórias de pessoas, militares ou não, que acompanharam a 32ª no terreno. Opiniões e memórias que contribuem para a solidificação da imagem que a companhia forma de si própria, corroborando alguns aspectos e reforçando outros, proporcionando uma visão mais enriquecida, mais clarificada, mais plural da experiência de vida que, como facilmente se depreende, marcou de forma indelével não apenas o percurso dos elementos da companhia mas igualmente a de inúmeras pessoas com quem, de uma forma ou outra, o seu caminho se cruzou.

## AS MULHERES QUE ESPERARAM

*«Foi uma fase importante na vida deles»*

Não foram apenas os elementos da 32<sup>a</sup> companhia que estiveram dois anos e meio em África, combatendo uma guerra; também os familiares mais próximos de cada um estiveram, em pensamento, junto daqueles que amavam e por quem temiam, dia após dia, vivendo a incerteza e a escassez (ou mesmo ausência) de notícias com impotência e angústia. Pais e mães que acompanhavam em espírito, os seus filhos, mulheres que ansiavam pelo regresso dos seus namorados ou mesmo maridos.

Também eles travaram a sua guerra, neste caso uma guerra silenciosa e interior, contra o desânimo, a incerteza, a dúvida, o medo, a revolta. Uma guerra quotidiana e permanente, alimentada pela impotência, pela distância, pela mistificação, pela desinformação, pela solidão, pela incompreensão; uma guerra para a qual, e ao contrário do que acontecia com os militares da companhia, não existia escape temporário, não existia paliativo, não existia refúgio; para os que estavam cá, aguardando o regresso daqueles que amavam e de quem pouco sabiam para além do facto retumbante e devastador de que poderiam ficar feridos ou mesmo morrer, não existia uma Ilha de Moçambique.

Como poderiam jovens mulheres com menos de vinte anos suportar mais de dois anos de espera? Jovens que apenas tinham ao seu alcance meios de comunicação exasperantemente lentos (aerogramas e cartas), que conheciam histórias de vizinhos ou conhecidos que morriam em combate;

jovens que, na verdade, pouco ou nada sabiam da realidade militar em que os seus namorados ou maridos estavam inseridos; como suportar a espera?

Mas as perguntas mais complexas têm, muitas vezes, respostas inesperadamente simples e lúcidas:

*«... Dois anos e meio sem nos vermos... Mas não me afastei porque eu gostava muito dele. Foi o meu primeiro namorado. E único.»*<sup>192</sup>

Ou:

*«...Foram dois anos e meio. Nós antes éramos mais fiéis aos namorados. Era mesmo paixão. Quando eles mais precisavam, tínhamos que estar lá a apoiar.»*<sup>193</sup>

Muitas não ficaram para apoiar e isso acabou por ser uma das maiores fontes de instabilidade e sofrimento para muitos dos militares que estavam em Moçambique: perderem namoradas à distância e nada poderem fazer para o contrariar.

Muitas não aguentaram a pressão ou a incertezas, não conseguiram ou não quiseram combater essa guerra privada e silenciosa que as mulheres ou namoradas de um militar em combate estavam condenadas a travar. Mas, como as cinco mulheres que aceitaram testemunhar no contexto deste livro, houve muitas que ficaram, que aceitaram o desafio e combateram, à distância mas estando lá; aceitaram combater apesar de nem sequer terem sido consultadas no momento da partida para a guerra, de não terem tido uma palavra a dizer, de lhes ter sido imposta uma guerra de que obviamente não pretendiam fazer parte, de — ao contrário deles — não se terem voluntariado.

*«... Era casada há meio ano quando ele foi. Ele tinha-se oferecido para os comandos mas não disse nada. A vontade era dele, eu era muito novita, tinha dezassete anos. Não me disse o dia certo em que embarcava. Quando me escreveu um postal, já foi de Las Palmas. Chorei, chorei... A mãe dele faleceu passados sete meses.»*<sup>194</sup>

Mas também para algumas das companheiras dos elementos da 32<sup>a</sup> prevalecia um certo pragmatismo; já que o serviço militar era percepcio-

---

<sup>192</sup> Fernanda Pereira.

<sup>193</sup> Arminda Galeão.

<sup>194</sup> Fernanda Pereira.

nado como uma inevitabilidade, havia que arrumar esse assunto e seguir em frente:

«... Recebi uma carta com muitos carimbos... mas nem liguei. E vi então que ele tinha escrito mas que estava em Las Palmas. Eu nem sabia bem o que era os comandos... não sabia a diferença das tropas. Apenas sabia que ele ia para a guerra, para o ultramar. Pensei: «Quanto mais cedo for, mais depressa se despacha». Mas depois fui ficando com medo...»<sup>195</sup>

Simultaneamente, subsistia uma certa resignação:

«... No fim de jurar bandeira ele veio a casa e disse-me que ia para Lamego e que já não voltava, que ia directamente para o Ultramar. Fiquei com medo. Morriam muitos soldados na Índia e Guiné...»<sup>196</sup>

Afinal, que se poderia fazer?

«... Ele escreveu a dizer que ia para Moçambique, chorei.»<sup>197</sup>

E, de repente, nada mais havia a fazer além de escrever.

«... Pensava o pior, quando as cartas demoravam... Eu escrevia todos os dias, cartas ou aerogramas. Ele não respondia todos os dias, mas escrevia muito. Por vezes, nem sabia o que dizer... Ele contava que estava bem. Umas vezes acreditava, outras não. Quando a carta demorava, pensava o pior. Até porque ele foi ferido duas vezes. E sentia que as cartas o ajudavam, por isso mandava tantas, postais e fotografias...»<sup>198</sup>

Escrever e escrever, mesmo que fossem quatro ou cinco vezes por dia.

«... Ele contou-me tudo: as provas, o que faziam... tudo. Escrevia constantemente. Eu sofria ao ler, mas percebia que ele desabafava. Eu dizia para ele ter calma e tentava alegrá-lo. Mandava mais aerogramas porque éramos pobres, não pagava selo... Mas eu chegava a escrever quatro ou cinco por dia. Até escrevia à luz de vela, mesmo com a mãe a ralhar.»<sup>199</sup>

<sup>195</sup> Alcina Fraga.

<sup>196</sup> Maria Manuela Brito.

<sup>197</sup> Maria Joaquina Duarte.

<sup>198</sup> Fernanda Pereira.

<sup>199</sup> Arminda Galeão.

Existia, portanto, não apenas uma necessidade fundamental de comunicar, de tentar atenuar a distância e a falta de informação, de contrariar a incerteza e a angústia, mas também um certo sentido de dever, a convicção de que a sua intervenção, resumida, afinal, a algo tão elementar como a escrita e a presença regular e previsível de cartas ou aerogramas, era determinante e essencial para quem estava a milhares de quilómetros.

*«... Ele começou a escrever de Angola mas não falava muito da tropa. Só mais tarde é que foi para Moçambique e disse que seriam mais dois anos... Escrevia cartas. Um selo era vinte e cinco tostões, não podia estar sempre a escrever. Mas eu trabalhava numa senhora que tinha facilidade em arranjar selos e chegou a ajudar-me com as cartas. Ele não contava muita coisa... não falava na guerra ou falava pouco. E eu ia-lhe dando força para continuar.»<sup>200</sup>*

Da mesma forma que a passagem pela guerra transformou um pouco a personalidade de quem por ela passou, também as mulheres e namoradas que ficaram em Portugal a aguardar o regresso dos seus companheiros desenvolveram idênticas características de paciência e resiliência.

*«... Pôs à prova a nossa capacidade de esperar. Eu saía com amigas... com outros rapazes, não. Mas contava tudo. Havia histórias de namoros que acabavam... e eles ficavam muito mal. Mas noventa por cento dos namoros mantinham-se. Eles lá a sofrer e nós aqui... tínhamos que apoiar.»<sup>201</sup>*

Claro que eram outros tempos, existiam outros valores, outras condicionantes, outras perspectivas; afinal, como seria hoje? A história repetir-se-ia?

*«... Se houvesse uma guerra agora... Acho que elas não aguentavam; para aí dez por cento esperavam. As outras, não.»<sup>202</sup>*

Eram definitivamente outros tempos.

*«... O correio nem sempre chegava a horas e havia alturas em que não sabia nada. Eu, com um filho nos braços e outro na barriga, tinha que trabalhar todos os dias, no campo. O Estado não dava nada. Depois,*

---

<sup>200</sup> Alcina Fraga.

<sup>201</sup> Arminda Galeão.

<sup>202</sup> Maria Joaquina Duarte.

*começou a dar... mil escudos por mês. Tinha que mandar quinhentos para o meu marido. E roupas, tudo o que eu podia. Todos os meses. Ele só dizia onde estava e para onde ia, e pouco mais. Mandava-lhe fotografias do filho. E depois, do segundo também. Foi muito difícil. A gente a viver no campo, longe da família... Não era brincadeira.»<sup>203</sup>*

Mas claro que as contingências provocadas pela guerra — a omnipresença da guerra na vida das pessoas que aguardavam o regresso de alguém — acabavam por suplantar tudo, principalmente quando surgia a notícia mais temida e menos desejada, mais intolerável: a da ocorrência de ferimentos.

*«... Ele escrevia. Eu estava sempre ao balcão no estabelecimento e recebia o correio, às escondidas. Ele foi ferido em Moçambique, em Porto Amélia. E deixou de escrever durante muito tempo. Eu não sabia de nada. Ao princípio, pensei que ele tivesse desistido de me escrever... Fui à aldeia, nas festas... aos bailaricos. Vi a mãe dele e não fui cumprimentá-la. Entretanto veio uma senhora de idade dar-me uma carta do Manuel para mim em que dizia que estava no hospital e explicava que ia ficar sem uma perna. Eu disse que não fazia mal. Eu queria era que ele viesse.»<sup>204</sup>*

Não foi caso único.

*«... Ele veio ferido. Estive muito tempo sem correspondência. E pensei o pior. Ele foi evacuado para Lisboa. Nós soubemos porque ele tinha um irmão em Angola... Alugámos um táxi e fomos para Lisboa à procura dele, a correr os hospitais. Mas ninguém sabia onde estava porque tinha o nome trocado. Fiquei em pânico. E já chorava muito quando, finalmente, me disseram onde ele estava.*

*Foi outra confusão. Ao olhar para as escadas, vi um rapaz muito magro... mas eu reconheci-o. Era ele. E corri pelas escadas, abracei-me a ele. Ele tinha sido ferido numa perna. E estava com paludismo. Tentámos todas as pessoas que conhecíamos para ajudar. E tentámos médicos, até particulares. E ele foi internado numa clínica, de Santa Joana, em Aveiro.»<sup>205</sup>*

<sup>203</sup> Maria Manuela Brito.

<sup>204</sup> Maria Joaquina Duarte.

<sup>205</sup> Fernanda Pereira.

Houve, contudo, regressos mais tranquilos, menos dramáticos. Por exemplo:

«... Quando ele voltou... foi ótimo. Mas chegou a Lisboa e foi tomar banho, fazer a barba, na boa. E os outros a pensarem que ele era doido. Só veio ver-me no outro dia. Fiquei um bocadinho chateada, mas perdoei. Fiquei muito feliz.»<sup>206</sup>

Ou:

«... Ele voltou sem eu saber. Gostava de surpresas. Quando veio, telefonou-me do número do irmão... Eu já não falava com ele há dois anos. E era ele!»<sup>207</sup>

Ou ainda:

«... Quando ele voltou, foi muito bom. Tinha um porco para matar. Convidei toda a gente do lugar e vieram todos. Fiz uma festa. Todas as pessoas me ajudaram muito.»<sup>208</sup>

Com ou sem surpresas, certamente que com celebrações e muito alívio, com alguns ferimentos mas sempre com vida, estava terminado o suplício para aqueles que queriam finalmente retomar as suas vidas da pré-guerra e para todas aquelas que, de alguma forma, também suspenderam os seus próprios projectos de vida até ao regresso dos seus companheiros. Dois anos e meio de angústia finalmente superados e ultrapassados, prontos a serem transformados em passado; mas com que consequências? Como regressaram, afinal, os elementos da 32<sup>a</sup>, na perspectiva daqueles que lhes estão mais próximos?

Para algumas mulheres regressaram iguais, tal como eram quando partiram.

«... Não notei diferença. Ele estava igual.»<sup>209</sup>

Dois anos e meio de África e

«... Ele vinha igual, não mudou nada. Bonito como foi.»<sup>210</sup>

---

<sup>206</sup> Arminda Galeão.

<sup>207</sup> Alcina Fraga.

<sup>208</sup> Maria Manuela Brito.

<sup>209</sup> Alcina Fraga.

<sup>210</sup> Maria Manuela Brito.

Para outras, talvez não tão iguais quanto seria desejável para quem os aguardava.

*«... Eles ficam diferentes. Não sei se é das coisas que passam. Da guerra, dos comandos... Não gostava que o contrariassem. Antes, não era assim. E isso nunca mais passou.»*<sup>211</sup>

Visivelmente diferentes, portanto.

*«... Ficou muito nervoso, notava-se muito.»*<sup>212</sup>

Mais unânime é o orgulho de ter pertencido à companhia que as esposas dos ex-combatentes ainda hoje testemunham quotidianamente.

*«... Tem muito orgulho de ser dos comandos. E agora há um rapaz que vai casar com a minha filha que é da tropa também. E ele gosta de falar com ele e recordar. E só diz bem.»*<sup>213</sup>

Como se não tivessem passado quarenta anos.

*«... Ainda hoje fala muito, com os filhos... Quando vemos algumas coisas na televisão, ele explica aos filhos e amigos. O que era... Ele gostou de ir. E diz que se tivesse que ir, ia outra vez. E tem orgulho de ter conseguido.»*<sup>214</sup>

Este orgulho, manifestado pelos elementos da 32<sup>a</sup>, parece ser de alguma forma contagioso e extensível àquelas que com eles privaram mais de perto.

*«... Ele fala daquilo... comigo, não. É muito difícil. Mas tenho orgulho de ele ter estado. Foi uma fase importante na vida deles.»*<sup>215</sup>

Um orgulho genuíno, alicerçado no reconhecimento da importância que a experiência de passar pela guerra acarretou.

*«... Eu gosto de o ouvir falar naquilo. E tenho orgulho do que ele fez. Do que passou.»*<sup>216</sup>

<sup>211</sup> Fernanda Pereira.

<sup>212</sup> Maria Joaquina Duarte.

<sup>213</sup> Alcina Fraga.

<sup>214</sup> Maria Manuela Brito.

<sup>215</sup> Maria Joaquina Duarte.

<sup>216</sup> Alcina Fraga.

Apesar de ainda subsistirem questões sem respostas aceitáveis.

«... *Eles passaram tanto e para quê? Não serviu de nada, a guerra. Mas tenho muito orgulho. Foi uma fase boa na vida dele. Ele passou muito e conseguiu aguentar. Mas ele não mudou muito.*»<sup>217</sup>

É também por orgulho e porque foi, apesar de tudo, uma «fase boa» na vida de todos, uma fase particularmente marcante, que muitos mantêm a tradição de se reencontrarem regularmente num encontro anual que é, antes de mais, uma celebração.

«... *Eles gostam de se encontrar, ano após ano. Estiveram juntos e passaram muito. E gostam de falar, sempre nas mesmas histórias... mas nós vamos ouvindo. E até gostamos.*»<sup>218</sup>

Como ficou amplamente testemunhado ao longo deste livro, não era qualquer um que conseguia ser comando; mas talvez seja legítimo deduzir que também não era qualquer uma que conseguia viver com um comando, não era qualquer uma que conseguiria resistir a uma ausência superior a dois anos, sem nunca ter a certeza do regresso. Na verdade, o espírito pragmático e resolutivo, disciplinado e positivista, dos comandos parece não ter sido um exclusivo seu, estendendo-se às suas companheiras. Um exemplo:

«... *Tinha medo que ele morresse. Ouvimos notícias de dois que tinham morrido lá. E meti na cabeça da minha patroa que comprasse o jornal todos os dias... E ela nem tinha grande tempo de o ler. Assim, via o comunicado das forças armadas, para ver quem morria. E as nossas conversas eram sempre sobre isso... Umhas tinham filhos, outras tinham namorados... havia muitos mortos... E o correio era a maluqueira. Andava sempre à procura do carteiro...*»<sup>219</sup>

Já se sabe: por trás de um grande homem... ou ao lado...

---

<sup>217</sup> Arminda Galeão.

<sup>218</sup> Arminda Galeão.

<sup>219</sup> Alcina Fraga.

## OS AMIGOS QUE PERMANECERAM

«Diferentes e especiais»

### O PILOTO JOSÉ ESTEVINHO

Tendo ficado estabelecida, em redor da 32ª companhia de comandos, a existência de uma certa aura humanista que, quarenta anos mais tarde, ainda perdura de forma intensa e acutilante, será importante perceber até que ponto essa imagem — perpetuada pelos seus membros — contagiou as pessoas que, não pertencendo à companhia ou à família, tiveram com ela um contacto mais próximo e regular:

*«... Foi uma companhia que era uma maravilha, com alferes excepcionais. Eram pessoas de coragem e inteligência, sabiam lidar com as várias situações, tinham presença de espírito. A maneira como comandavam os seus soldados... O capitão era o comandante de companhia, o responsável máximo, mas ele não tinha um contacto tão directo como os alferes com os seus soldados. Todos esses factores os faziam sobressair.*

*Depois, trabalhei com outros, outras companhias, e não era a mesma coisa... Uns bons, outros fracos... Em termos de companhia de comandos, esta foi a melhor.»*

É a opinião de José Estevinho, piloto de helicóptero com participação activa em muitas das missões da 32ª e responsável pela articulação entre os comandos e os pilotos, bem como pelo planeamento e organização das intervenções, do lado da força aérea.

Era precisamente aí, no contexto da guerra que se estava a travar, que a reputação da 32ª mais sobressaía.

«... O primeiro conhecimento que tive da companhia foi transmitido pelo meu antecessor, comandante da esquadra de helicópteros que estava lá e que fui substituir; quando me começou a pôr a par da situação operacional — era tudo novidade — começou por dizer com quem se trabalhava bem ou mal... «Aqui, há duas companhias com quem é bom trabalhar: uma é a dos pára-quedistas do comandante Bação de Lemos; e a outra é a 32ª de comandos, do Capitão Carapeta.»

Do ponto de vista operacional, o trabalho da companhia é qualificado como exemplar.

«... Nós transportávamo-los e largávamo-los no sítio onde estava o objectivo. Ficava lá eu, com o helicóptero, durante meia hora mais ou menos... Depois, tínhamos que regressar por causa do combustível e eles ficavam a fazer a sua missão.

Não tinha oportunidade de os ver actuar no terreno. Mas dava para ver outras coisas: a predisposição deles para iniciar a operação... a maneira expedita como saíam do helicóptero... A largada era uma parte muito importante da operação. Era arriscada. O helicóptero tinha que ficar a pairar, estacionário, para eles poderem saltar. Quanto mais expeditos fossem eles, melhor corria a operação. Com menos riscos de ser atingidos. Era uma fase perigosa. E, por vezes, havia problemas: se o terreno era irregular, ou o piloto era mais inexperiente ou tinha medo... Era uma fase complicada. Com eles, dizíamos: «vamos fazer assim, assim e assim»... e corria sempre bem.

Eu via a maneira como avançavam para os objectivos. Falava com eles depois e viam-se os resultados. Por exemplo, nas operações que chamavam as «Libélulas». Só se conseguiam fazer praticamente com eles...

A Libélula tinha de ser rápida, fazer-se rapidamente... num dia, estava feita. Eles ficavam lá pouco tempo. Mas a maneira como eles se disponibilizavam para ir, a forma como planeavam tudo e como se comportavam... Era louvável...

E havia sobretudo a relação humana. Com eles, pela maneira de estar, foi extremamente fácil. Foi sempre uma relação que correu muito bem.»

Mas José Estevinho não se coíbe de personalizar:

«Eu achava piada ao Luís Avillez... nós largávamo-los e, por vezes, eles passavam junto de algum trilho onde havia o risco de haver minas e

tinham que «picar». Havia soldados só para isso mas o Avillez agarrava na varinha e dava um pulinho para o outro lado, na brincadeira... as coisas eram encaradas com este espírito.

*Eles procuravam tornar a guerra menos dramática e também divertir-se um bocado com coisas tão sérias e arriscadas. O facto de serem comandos, a preparação que tinham, fazia com que criassem um espírito de corpo excepcional, uma coragem que permitia passar por cima de determinadas coisas... E aquilo não é fácil, são privações e situações muito complicadas.»*

Talvez tendo presente uma afirmação do filósofo Epicuro: «*Quanto maior for a dificuldade, maior será a glória em superá-la*», a opinião de José Estevinho quanto à qualificação do desempenho da companhia apenas poderia ser uma:

*«... Todos estes factores, em conjunto, levavam-me a concluir pela diferença e pela excelência desta companhia.»*

O piloto, cuja participação na guerra foi tão directa e activa quanto a dos comandos, destaca a valorização que a passagem pela guerra, do ponto de vista humano, teve para os elementos da 32<sup>a</sup>, segundo o que observou e testemunhou.

*«... Hoje, há uma relação de amizade muito grande, baseada nesses factos todos. Passámos por perigos, partilhámos alegrias. É em guerra que os sentimentos se manifestam mais genuinamente. Com o decorrer dos tempos, criaram-se ligações de amizade grandes. E foram-se aprofundando porque nunca nos largámos.»*

Como uma família:

*«... Havia orgulho de ser comando e pertencer àquela companhia. E isso sentia-se. Ainda hoje, não perderam isso. Nota-se nos almoços, até... É uma família.»*

E como em qualquer outra família, também nesta as bases do relacionamento residiam no respeito comum e numa confiança absoluta no outro; pressupostos que se estendiam ao relacionamento com pessoas exteriores à companhia.

*«... O êxito de uma missão dependia da nossa ligação com eles e vice-versa. Isso pensava-se. Quando se planeava uma operação e, na parte aérea*

*isso cabia-me a mim, eu já estava a ter em linha de conta quem ia levar. E como eu conhecia as forças que iam fazer a operação tinha que saber como actuar. Com eles, estava mais à vontade porque sabia que aquilo que eu dizia era cumprido e rapidamente porque o efeito surpresa era muito importante.*

*Ia, por isso, muito à vontade. Eles sabiam, tinham valor... Havia um bom entendimento do que se ia fazer. E depois... com gente desta eu sabia que se tivesse um problema qualquer, eu ia ficar em boas mãos. Isso é muito importante: saber que se houvesse um problema eles não me deixavam.»*

Mas como explica José Estevinho, afinal, esta conexão, este relacionamento estreito e solidário, esta camaradagem?

*«... Devido a vários factores, íamos simpatizando mais com este ou com aquele e a relação reforçava-se. Depois, quando não se estava em operação, havia mais empatia com uns do que outros... e o grupo era homogéneo, havia excelentes combatentes...*

*Há uma tendência para criar mais ligação com quem é mais forte, do que com os mais fracos... e havia muitos fracos.»*

## O MÉDICO BORGES ALEXANDRINO

Dos elementos que formaram temporalmente parte da companhia, o médico Borges Alexandrino terá tido uma perspectiva única da 32<sup>a</sup>: foi durante algum tempo o seu médico, pelo que terá acompanhado alguns dos seus elementos em momentos especialmente vulneráveis e contactado com sentimentos e realidades muito particulares. Contudo, o que ressalta mais uma vez do contacto com a companhia é a constatação do espírito positivo e optimista que marcava o seu quotidiano.

*«...Fui mobilizado quando a companhia já se encontrava em Luanda, no Grafanil e eu já com quase 2 anos de serviço militar. Era médico, alferes, e tinha 26 anos. Conheci a companhia nos últimos meses do seu treino. Segui com a 32<sup>a</sup> para Moçambique e ao fim de poucos meses passei à rendição individual. Estive fora de Montepuêz cerca de 1 ano (num batalhão de Cavalaria, disperso por 4 localidades na zona de Tete) e voltei de novo para Montepuêz, para um batalhão de Infantaria em 3 localidades). Eram batalhões com muito tempo de serviço militar já cumprido. A 32<sup>a</sup> era uma companhia nova, mais alegre, embora responsável, e com grande camaradagem.»*

Mais uma vez se constata que a imagem de responsabilidade é omnipresente nas recordações de quem fala sobre a companhia. Mas não só: o carácter humanista é igualmente salientado por Borges Alexandrino.

*«... Pouco contacto tive com os soldados. Achei o Capitão Carapeta um oficial sensível, inteligente e responsável. Os alferes eram muito simpáticos e bons amigos, mas mais novos.»*

Pelo que não é de estranhar que quando questionado sobre qual considera a maior marca da companhia, responda com conclusiva simplicidade, recorrendo a dois dos termos escutados com maior insistência nos testemunhos recolhidos:

*«... Recordo uma grande camaradagem mas também responsabilização.»*

Mas não só. Há outro tipo de recordações, tão naturais quanto intensas, quase palpáveis, que permanecem na memória, inolvidáveis:

*«... Recordo o Alferes Stoffel a cantar e a tocar na guitarra a balada da Pedra Filosofal num desterro, Nangulolo. Também a sua chegada a este aquartelamento... A companhia tinha mantimentos para 1 mês de operações, que um Nord Atlas tinha descarregado momentos antes da nossa chegada, em plena pista. Uma quantidade tremenda de géneros. Aquilo é que foi comer frango de churrasco!»*

## O CORONEL AMÉRICO HENRIQUES

Já o coronel Américo Henriques, especialista em História de Portugal, é mais expansivo na escolha dos adjectivos, ao recordar a importância que a convivência com a companhia teve para si e a forma como essa herança ainda perdura:

*«... Nunca poderei esquecer a forma como fui recebido na companhia, eu, oficial do quadro permanente, «checa» acabado de chegar a Moçambique, destacado para uma companhia veterana...*

*E depois o meu baptismo de fogo, o cuidado que todos eles tiveram comigo, a permanente atenção, a explicação dos «porquês» de todas as situações e, acima de tudo, a permanente preocupação com a segurança da companhia como um todo, condição fundamental para o sucesso operacional que caracterizou a 32ª.*

*O que me liga «à 32ª» (não se esqueça que sempre a vi como «um todo») é a honra que tenho, como português e como militar de carreira, de ter combatido com ela e de ter aprendido com ela. Ao longo dos anos mantive sempre contacto com o seu Comandante, o infelizmente falecido Coronel Humberto Carapeta — o «Pantera», com quem fiz o curso de Estado-Maior; com o Tenente-Coronel Rodrigo Moura; e com o Capitão Francisco Van-Uden, que era o comandante do grupo de combate onde me integrei no meu baptismo de fogo.»*

O coronel da infantaria reformado, que sempre acompanhou a 32ª de perto, faz questão de salientar aquilo que na sua óptica tornava a companhia ímpar:

*«... Na minha opinião, as companhias de comandos não eram muito diferentes umas das outras. Porém, a 32ª tinha um espírito de corpo muito especial, uma espécie de irmandade de armas baseada na identidade profunda que existia entre todos os seus elementos, o que os levava a ter uma «panache» que os tornava diferentes. Mas na sua essência de disciplina, operacionalidade, espírito de missão, espírito de corpo, e tudo o que sempre caracterizou as tropas comando, as companhias eram todas muito parecidas.*

*A 32ª era um todo profundamente identificado. Essa foi, quanto ao que pude apreciar, a marca mais importante do seu carácter excepcional. E esse todo começava no seu grande comandante e projectava-se nos seus oficiais, sargentos e praças e, o que é reconhecido por toda a gente, em todos aqueles que tiveram a honra de trabalhar com a 32ª.»*

Já sobre a imagem que recorda da companhia, é claro e peremptório:

*«A sua lenda é fruto da alma com que se bateu, do espírito de missão que a guiou, da irmandade que a caracterizou e da «panache» que para sempre a identificou.»*

Mas não só. A conclusão que formula será certamente motivo de orgulho para todos os elementos da 32ª:

*«Acho que diz tudo o considerar, ontem como hoje, que o ter combatido, embora provisoriamente, com a 32ª Companhia de Comandos, foi o ponto mais alto da minha carreira militar.»*

## A PÁRA-QUEDISTA CARMO JARDIM

Carmo Jardim, piloto e instrutora de queda livre dos Grupos Especiais de Pára-quedistas manteve uma grande proximidade com a 32<sup>a</sup>, que transcendia o mero âmbito militar.

*«... Este grupo de homens generosos e bravos deixou no meu coração uma marca profunda. Eles são um exemplo de patriotismo, dedicação e humanidade que me acompanhou ao longo de toda a vida, desde o primeiro contacto que com eles tive.»*

Carmo Jardim traçou um trajecto pessoal igualmente marcado por experiências e vivências únicas, determinadas pelo forte enraizamento de um conjunto de princípios e valores em grande parte coincidentes com os princípios e valores dos elementos da 32<sup>a</sup>, pelo menos a nível dos oficiais... por exemplo:

*«... Eu ofereci-me, na altura. Não havia mulheres. Havia as enfermeiras pára-quedistas. Saltavam do avião e apoiavam os militares nas zonas, iam buscar e tratar os feridos. Com um valor notável. Agora, instrutora de queda livre... não havia mais ninguém, só eu. Arriscaria até a dizer que, em África, era a única. Foram lá várias revistas internacionais fazer documentários sobre isso.»*

Assumi como sua missão pessoal acompanhar de perto a 32<sup>a</sup>; não de uma forma empírica e distante — escrevendo cartas ou enviando lembranças, por exemplo — mas com a sua presença efectiva e concreta, lado a lado com os combatentes.

*«... De longe ou de perto, entre 1971 e 1973, fui sempre acompanhando a actividade da 32<sup>a</sup>. Tínhamos praticamente a mesma idade. E eu sentia dentro de mim a obrigação de apoiar, na medida das minhas forças e dos meus recursos, estes jovens que viviam em cenário de guerra alguns dos melhores anos das suas vidas, tão longe de casa e das famílias que tinham deixado no Portugal europeu. Mais como gesto de gratidão do que pela utilidade do esforço, eu ia às zonas onde operavam, pelos meios possíveis, ora de carro, ora de avião. Apesar do risco elevado de emboscadas, eu acreditava que passar alguns momentos com eles, confraternizando, como jovens que éramos da mesma geração, os faria esquecer por instantes os horrores que sofriam e as privações que experimentavam. Levava notícias e*

*histórias do dia-a-dia. Trazia sempre muito mais do que levava. Ouvia tudo o que tinham para contar: como viviam, a descrição de sucessos e fracassos, a narrativa viva e directa de episódios que fazem parte da história de um conflito que deixou marcas indeléveis naquela terra e naquela gente.»*

Mas porquê desenvolver este esforço, correr este risco, manifestar este empenho?

*«... Tinha aprendido muito cedo, com o meu pai, os valores que explicavam a dedicação daqueles homens e justificavam o meu empenho em ajudá-los. Conheçê-los e acompanhar a forma como realizavam a sua missão deu nova luz a esses valores e certamente contribuiu para que se mantenassem fortes e vivos dentro de mim. Esta companhia era uma companhia tão forte... E eram bravos homens. O comandante deles é que, de certeza, levou a companhia a ser assim. Os valores que todos tinham, que todos comungavam... era um espírito de equipa muito forte. Tive contacto com outras companhias de comandos (quer moçambicanas, quer as que iam de Portugal) mas não era o mesmo contacto. Era diferente. E foram eles que fizeram com que fosse diferente.»*

*Lembro-me também do espírito tão elevado com que partiam para as missões. Nunca ouvi nenhum comentário de desânimo, de dúvida. Nesta companhia, não. Fosse qual fosse o momento, sempre os vi motivados, de cabeça erguida para os valores que defendiam.»*

Valores que, na verdade, e de acordo com o que observava e ouvia, eram demonstrados pela acção quotidiana...

*«... Há muitos exemplos dos valores que eles defendiam. O caso da aldeia em Nura... Não me recordo de alguma outra companhia ter feito alguma coisa idêntica.»*

... e perceptíveis na forma de estar e agir, na forma como parece ter sido interiorizada a importância e necessidade de respeitar o contexto histórico e social do local em que se encontravam, actuando com inteligência e, sempre que possível — tratava-se de uma guerra, afinal —, com sensibilidade.

*«... Os chefes tradicionais eram pessoas com muito poder, com muita capacidade de observação do que se estava a passar, quer de um lado, quer do outro... A 32ª soube respeitar esse poder e por isso foi tão longe.»*

Estava, portanto, disseminada por Moçambique uma determinada imagem da companhia:

*«... Era uma companhia que transmitia um sentimento fortíssimo de unidade, mas também de generosidade... Uns valores muito fortes.»*

É, por tudo isso, fácil para Carmo Jardim perceber e partilhar o orgulho com que os elementos da 32<sup>a</sup> percebem o seu próprio desempenho e comportamento, individualmente e enquanto companhia...

*«... Tinham, e têm, um orgulho enorme por terem lá estado. E por terem cumprido o objectivo. A companhia foi, até, condecorada. [...] Sempre falaram com muito orgulho e vontade de voltar.»*

... sendo as consequências dessa performance e as manifestações dessa postura facilmente identificáveis e reconhecidas, de forma genérica e universal:

*«... Lá, toda a gente conhecia a 32<sup>a</sup>. Acho que esta companhia fez história em Moçambique. Era muito simpática e por onde passava, deixava nome. A força aérea adorava-os. Foi no momento mais difícil de Moçambique e a força aérea dava um grande apoio. Todos se lembram muito bem da 32<sup>a</sup>. Era formada por pessoas tão diferentes, mas tão iguais... tão unidas...»*

Mas o orgulho sentido e manifestado, o orgulho de ter participado, de ter superado, de ter pertencido, de ter excedido e de ter contribuído, o orgulho do dever cumprido, não é tudo o que Carmo Jardim, enquanto elemento exterior mas com acesso privilegiado, pôde testemunhar; salienta, principalmente, a importância vital que este período, repleto de obrigações e condicionalismos, de perigos e incertezas, de descobertas, de sacrifícios e limitações, disciplinas e responsabilidades que forçavam cada um a estabelecer compromissos consigo próprio e com o colectivo e a superarem-se permanentemente, representou nas vidas dos comandos e o modo como condicionou de forma definitiva os seus trajectos individuais, indelevelmente marcados pela vivência da experiência de guerra.

*«... Foi determinante para eles. Tenho a certeza que sim porque os acompanho muito. Nesses dois anos, eles tiveram uma aprendizagem brutal que, inclusive, os ajudou na vida que hoje têm.»*

Mais do que partilhar da visão mais comum que encara a passagem por uma guerra (qualquer que seja) como algo intrinsecamente negativo e disruptivo, um anátema que persegue e marca alguém indefinidamente, Carmo Jardim prefere salientar, tal como a maioria dos próprios elementos da companhia, o carácter pedagógico de tal experiência, vendo-a como um elemento de definição e consolidação da individualidade, uma oportunidade de crescimento e superação.

Também Carmo Jardim sentiu essa empatia e essa afinidade, participando nesse vínculo de afectividade.

*«... Eu achava que era muito importante estar com eles e transmitir-lhes o apoio que lhes queria dar, conversar com eles. Sentia muito que o facto de eles estarem ali a defender as populações era fundamental. E era muito importante que sentissem o apoio dessas populações e das pessoas que os rodeavam. Estavam a dez mil quilómetros de casa. E tinham que sentir amor e carinho. E era isso que tentava levar-lhes. Com as minhas histórias, com as minhas idas. Com aquilo que considero que tenho um pouco: alegria... E fazer-lhes sentir que eles eram importantíssimos. Que eram fundamentais. [...] Eu sentia muito bem o que eles poderiam estar a sentir no buraco onde estavam, sem condições de dormir... Havia alturas em que estavam em zonas muito más, mas a moral estava sempre elevada. E eu aprendi muito. E saía com grandes lições de vida.»*

Percebe-se, de acordo com os testemunhos recolhidos, que o espírito humanista, positivista e pró-activo, a que a 32<sup>a</sup> é (pelos seus próprios elementos) associada extravasou as fronteiras da própria companhia e contagiou, de alguma forma, as pessoas que a rodeavam e que com ela lidaram; desse contacto estreito, nasceram memórias, únicas e inesquecíveis, guardadas com afecto e relatadas com emoção, memórias que, como acontece com os próprios comandos, surgem muitas vezes na forma de cenas de filme. Cenas como esta:

*«Era piloto. Com grande facilidade ia ter com eles, de avião ou de carro. Num Cessna 172, de quatro lugares... Ia visitá-los. Muitas vezes, eles criavam a possibilidade de eu poder aterrar... e poder estar com eles. E passar uma manhã, uma tarde, com eles a contar histórias... que lhes interessavam, porque o único meio de saberem alguma coisa do que se estava a passar longe talvez fosse a rádio. Eu podia levar um jornal... e por isso dava notícias. Contava o que se estava a passar no dia-a-dia...»*

Memórias e cenas que, em conjunto com as já relatadas pelos próprios membros da companhia, ajudam a formar um filme mental do que terá sido o trajecto e a experiência da 32ª por terras africanas ao longo de dois anos e meio. Um filme... ou um livro:

*«... Há muita coisa escrita sobre a guerra colonial. Mas uma companhia unida, que se reúna para escrever a sua própria história... não me lembro de nenhuma. E até nisto eles são diferentes e especiais.»*

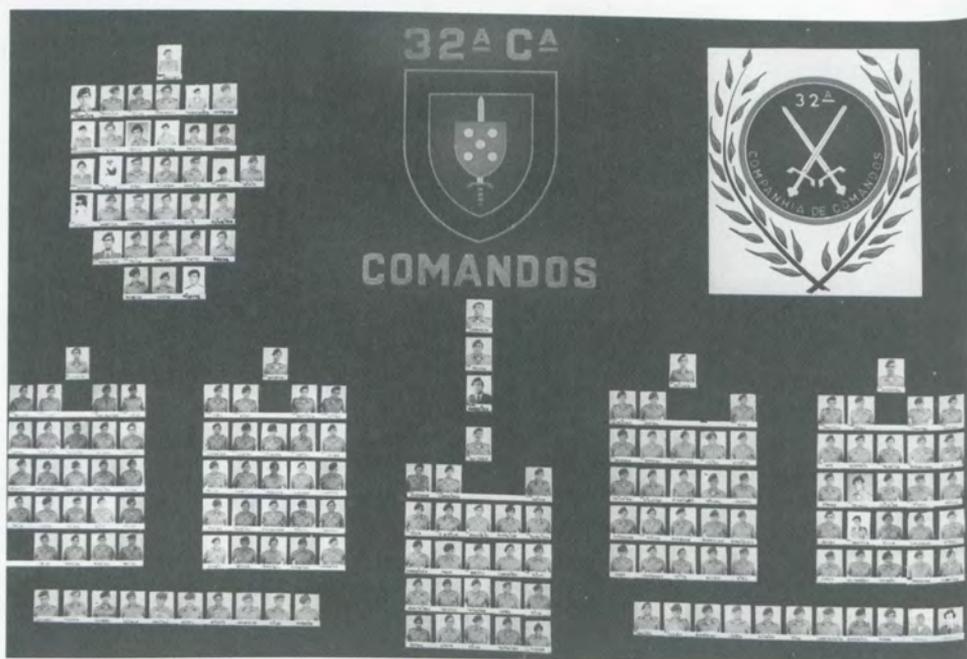
A 32.ª COMPANHIA  
DE COMANDOS

OS 182



**A 32.<sup>a</sup> COMPANHIA  
DE COMANDOS**

**OS 182**



*Éramos 182 e voltámos 182...*

1.º GRUPO

1ª Gr



Aif. LOUREIRO



Fur. VALENTE



Fur. LUNET



Fur. ALBUQUERQUE



Fur. CRUZ



PCab CABRAL



PCab CASALEIRO



OLIVEIRA



PCab ROSSAS



PCab INÁCIO



MELANDA



ENCARNAÇÃO



CERQUEIRA



PEREIRA



SOUSA



PAIVA



COSTA



MOURA



DIEZ



PINTO



CRUZ



PEREIRA



PEREIRA



DANTAS

2.º GRUPO

2ª Gr



Alif. BARBOSA



Fur. JOÃO



Fur. AIRES



Fur. BAPTISTA



Fur. LEITÃO



PCb. FERREIRA



PCb. OLIVEIRA



PCb. VINAGRE



PCb. MATOS



PCb. NEVES



PAIVA



MARTINS



PCb. AZENHA



GUERRA



LOUREIRO



FONTES



PEREIRA



ALEXANDRE



PINTO



SANTOS



NOVAIS



BESSA



PERDIGÃO



OLIVEIRA



FERREIRA

3.º GRUPO



Aif. VAN UDEN



Fur. ANDRADE



Fur. CARREIRAS



Fur. HEITOR



PCb. C. SILVA



PCb. C. E SILVA



PCb. PORFÍRIO



ALMEIDA



PCb. PEREIRA



CONCEIÇÃO



MELO



PCb. BRITO



CARNEIRO



PCb. SILVA



MONTEIRO



SANTOS



TEIXEIRA



LOPES



SILVA



GOMES



COSTA



SILVA



TEIXEIRA



SOUSA

4.º GRUPO

4ª Gr



Aif. AVILLEZ



Fur. CAVALINHO



Fur. GOMES



Fur. ROSA



PCb. SOARES



PCb. RAPOSO



PCb. VALDREZ



PCb. VIEIRA



ALMEIDA



TEIXEIRA



PCb. SILVEIRO



RODRIGUES



PINHAL



LÁZARO



MIRANDA



PCb. SILVA



ANDRADE



RODRIGUES



RODRIGUES



LEÇA



LOURENÇO



LEITE



ALVES



PIPO



Alf. STOFFEL



Fur. MARTINS



Fur. DIOGO



Fur. CHUMBO



Fur. CUNHA



Pcb. VAZ



CORREIA



Pcb. PEREIRA



Pcb. FERNANDES



SILVA



FRAGA



Pcb. JANECO



OLIVEIRA



Pcb. PINTO



PINTO



GOMES



Pcb. SANTOS



SILVA



CALHEIRO



AIRES



COSTA



GUIMARÃES



GALEÃO



FERREIRA



CONTINS

# A FORMAÇÃO



Cap. MOURA



Sar. MENDES



PSar. MOREIRA



Fur. MARTINS



Pcb. ESTOINA



Pcb. SILVA



CARVALHO



MAGALHÃES



CARDOSO



Pcb. LOURO



Fur. MONTEIRO



VIEIRA



JESUS



SANTOS



FAUSTO



TAVARES



Pcb. DAMIÃO



Fur. GOMES



Pcb. SILVA



DIAS



OLIVEIRA



ARAÚJO



Pcb. RAFAEL



Pcb. DINIS



Fur. NEVES



Pcb. MARTINS



CARDOSO



LOURENÇO



LUÍS



OLIVEIRA



CONSTANTINO



RODRIGUES



Fur. RESENDE



Pcb. PAIVA



COELHO



PORTO



ROCHA



PINA



RAMOS



CARDOSO



ALMEIDA



COSTA



VICENTE



VIEIRA



OLIVEIRA



CARNEIRO



ROCHA



ALVES



ARRAIS



CASANOVA



SILVA



FERREIRA



ANTUNES



DUARTE



LOUÇAO



CATELA



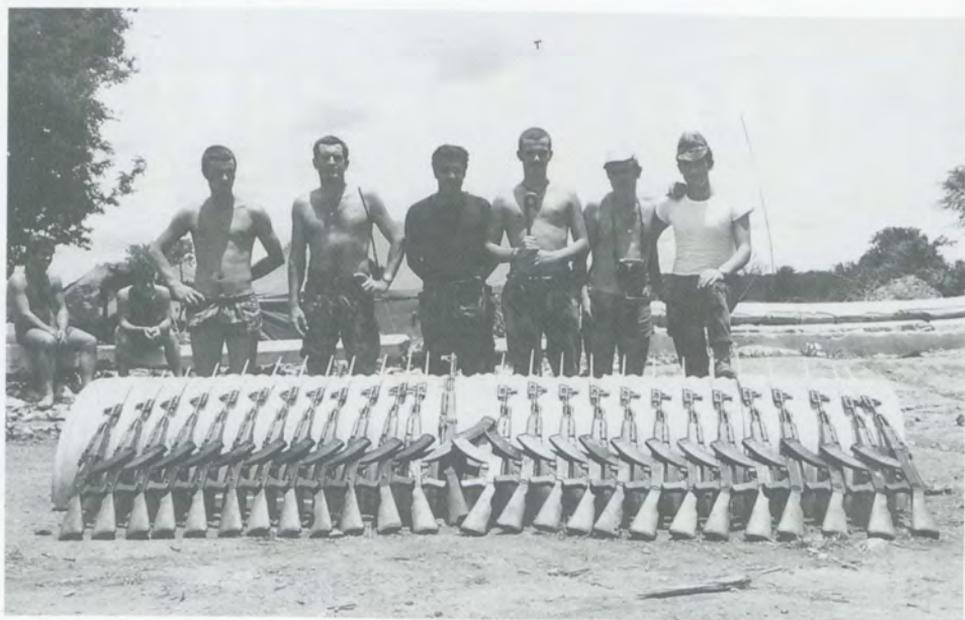
MATIAS

**AS OPERAÇÕES  
E OS MOMENTOS  
MARCANTES**

## DURANTE AS OPERAÇÕES



*Largada de comandos*



*Kalashnikovs capturadas na operação «Sitiador» — Zona de Nura*

## DURANTE AS OPERAÇÕES



*Cerimónia de entrega de material capturado — Montepuêz*



*Oficiais da 32.<sup>a</sup> em Estima*

## DURANTE AS OPERAÇÕES



*Acampamento da 32.<sup>a</sup> em Mueda*



*Base aérea de Mueda — Aeródromo Militar 51*

## DURANTE AS OPERAÇÕES



*Preparativos de coluna auto militar*

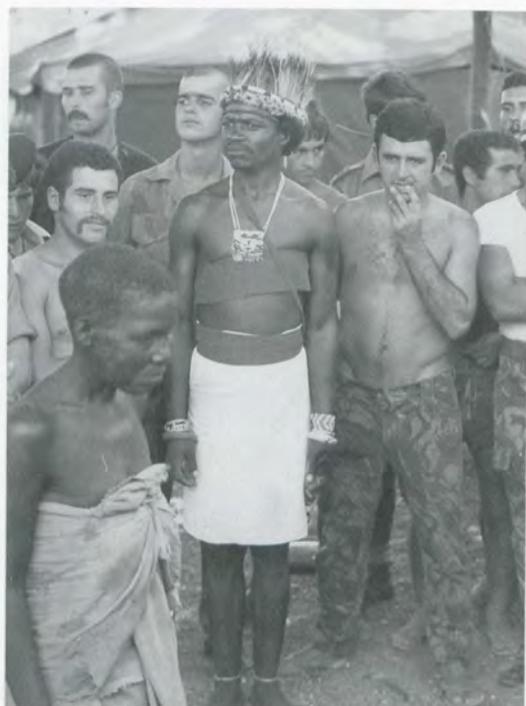


*Coluna auto militar na picada*

## A ALDEIA DE NURA



*Vista panorâmica do acampamento e da aldeia de Nura*



*Gumbolibodzi, o bruxo de Nura que fazia chover*



## UM MUNDO DIFERENTE



*Mulheres Macondes de Cabo Delgado*



*Soldado Galeão com crianças de um aldeamento*

**O OUTRO LADO  
DA GUERRA**

## UM CRUZEIRO DE ANGOLA PARA MOÇAMBIQUE

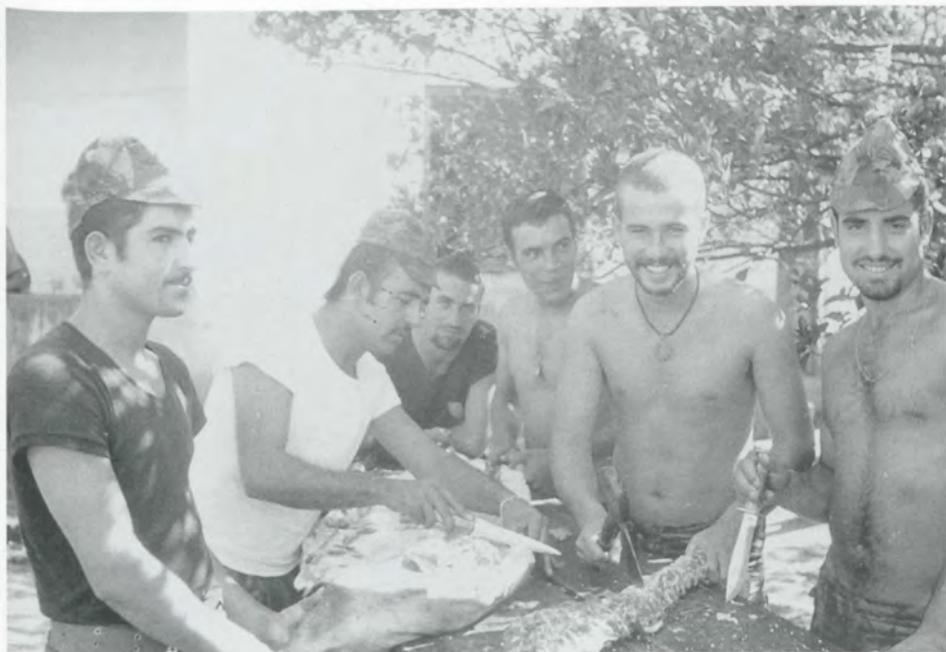


*Viagem no paquete Infante D. Henrique*



*A 32.ª no Infante D. Henrique com fuzileiros e turistas*

## CAÇADORES E PESCADORES



*Os caçadores...*



*Os pescadores...*

## A ILHA DE MOÇAMBIQUE



*Desporto na Ilha de Moçambique*



*Festa de casamento na Ilha de Moçambique*

## OS MOMENTOS DE CONVÍVIO



*Convívio com música em Estima*



*O jornal de parede da-32.ª*

## OS MOMENTOS DE CONVÍVIO



*Confraternização com o Capitão Carapeta*



*Noite de Santo António com o Major Jaime Neves*

## OS MOMENTOS DE CONVÍVIO



*Grelhados em companhia*



*Convívio com pilotos, médicos e enfermeiras pára-quedistas, em Mueda*

## OS REENCONTROS



*Reencontro no Batalhão de Comandos da Amadora — 1998*



*Reencontro em Portalegre — 2004*

# OS COMANDOS

## O CURSO DE COMANDOS — PROVA DA SEDE



*Instruendos desidratados durante a prova da sede*



*Instruendo recebendo soro durante a prova da sede*

## O CURSO DE COMANDOS — PROVA DA SEDE



*Instruindo a receber oxigénio durante a prova da sede*



*Instruindo em desidratação pela marcha forçada*

## O CURSO DE COMANDOS — PROVA DE FOGO



*Zona de morte na prova de tiro real*



*Instruendo a ser resgatado da lama*

## O CURSO DE COMANDOS — PROVA DE FOGO



*Instruendo a rebolar nas valas de lama*



*Rastejar ventral debaixo de arame farpado*

## O CURSO DE COMANDOS NA FORMAÇÃO

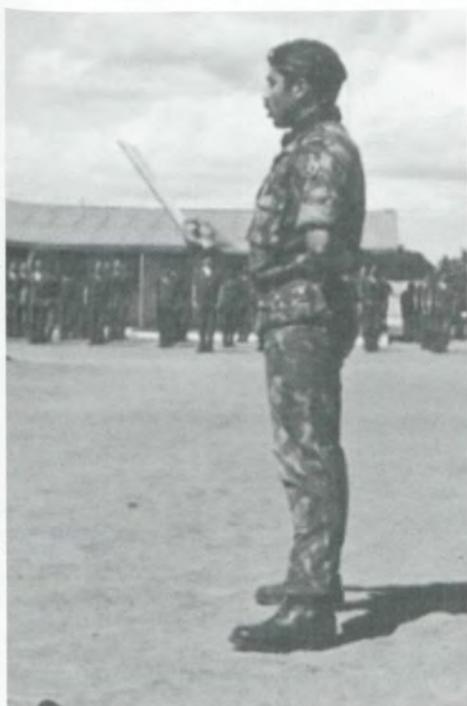


*Oficiais e Cadetes num intervalo da prova de sono — Angola*



*A companhia em formatura*

## O CERIMONIAL COMANDO



*Leitura do Código Comando na parada*



*A homenagem aos mortos*

## O CERIMONIAL COMANDO



*A entrega do estandarte à 32.ª*



*Os oficiais da 32.ª no dia da entrega do crachat*

## SEGUNDA PARTE

### Factos e história

Africa foi o cenário de importantes lutas entre portugueses e africanos durante grande parte do século. Os combates formaram uma força de choque que desempenhou tarefas árduas nessa guerra. A segunda companhia de combatentes, descreta a 12ª e combatente por vezes desde a sua saída de Lisboa até a fim da comissão em Moçambique, passou-lo pelos duros dias do curso em Angola.

Africa foi a sua casa por trinta meses. Para muitos, com a chegada a Angola, meses de sacrifício, de saudade e de um trabalho árduo desconhecido.

Chegaram a Angola em Fevereiro de 1771 e foram de seguida integrados no curso de combatentes que se preparavam para a guerra. Ali, despediram-se dos jovens que eram e transformaram-se em soldados matáveis e implacáveis que sergiam nos meses seguintes. Ali, por acaso do destino, se agruparam e formaram a 32ª Companhia de Combatentes.

Em Moçambique, mergulharam no desconhecido. Encontraram um universo desconhecido, numa terra estranha e que nada tinha em comum com a sua. Mataram para não morrer. Mas procuraram manter intactos os valores que traziam de casa e que esperavam levar de volta, no dia em que regressassem ao seu Portugal e às suas vidas. Participaram em dezenas de missões, nas quais procuraram obter os melhores resultados. Muitas vezes, conseguiram não só, no fim, levar os seus soldados e o seu estorjo reconhecido.

Bravamente, momentos de insucesso e de fúria humana, mas, adaptando-se, por vezes e em ambas as circunstâncias, surgiram pessoas valentes em ambiente de guerra. Participaram, do mesmo tempo, situações de alegria e de confraternização que lhes fazem pensar em África sempre



África foi o cenário de uma guerra que envolveu violentamente jovens portugueses e africanos durante mais de uma década. Os comandos foram uma força de elite que levou a cabo algumas das mais difíceis tarefas nessa guerra. A segunda parte deste livro explica o difícil caminho de criação de uma companhia de comandos, descreve a 32<sup>a</sup> e conta o seu percurso desde a sua saída de Lisboa até o fim da comissão em Moçambique, passando pelos duros dias do curso em Angola.

África foi a sua casa por trinta meses. Para muitos, trinta «longos» meses de sacrifício, de saudade e dor, naquele território desconhecido.

Chegaram a Angola em Fevereiro de 1971 e foram de seguida integrados no curso de comandos que os prepararia para a guerra. Ali, despediram-se dos jovens que eram e transformaram-se nos soldados imbatíveis e implacáveis que seriam nos meses seguintes. Ali, por acaso do destino, se agruparam e formaram a 32<sup>a</sup> Companhia de Comandos.

Em Moçambique, mergulharam na guerra. Enfrentaram um inimigo desconhecido, numa terra estranha e que nada tinha em comum com a sua. Mataram para não morrer. Mas procuraram manter intactos os valores que traziam de casa e que esperavam levar de volta, no dia em que regressassem ao seu Portugal e às suas vidas. Participaram em dezenas de missões, nas quais procuraram obter os melhores resultados. Muitas vezes, conseguiram-no e, no final, foram condecorados e o seu esforço reconhecido.

Protagonizaram momentos de terrível violência e de louvável humanismo, adoptando, por vezes e em ambas circunstâncias, atitudes pouco vulgares em ambiente de guerra. Protagonizaram, ao mesmo tempo, situações de alegria e descontração que lhes fazem pensar em África com sau-

dade. Quatro décadas passadas, ainda recordam muitos desses momentos e muitas dessas situações.

Esta segunda parte relata também, por isso, alguns desses momentos e situações, aqui reunidos em pequenas histórias.

A África foi o cenário de uma guerra que envolveu milhares de jovens portugueses e africanos durante mais de uma década. Os combates foram uma fonte de vida que levou a cabo algumas das mais difíceis tarefas dessa guerra. A segunda parte desta obra explica o papel decisivo de crianças de uma companhia de combatentes, durante a 2.ª e 3.ª vezes o seu percurso desde a sua saída de Lisboa até o fim da guerra em Moçambique, passando pelos duros dias do curso em Angola.

A África foi a sua casa por muito tempo. Para muitos, trata-se de uma casa de infância, de amizade e de muitos momentos desconhecidos.

Chegaram a Angola em Fevereiro de 1971 e foram de seguida integrados no curso de combatentes que os preparava para a guerra. Ali, descobriram-se dos jovens que eram e o tempo passou-se nos soldados infantis e infantis que seriam nos seus tempos.

Hoje Moçambique, mergulhamos na guerra. Encontramos um tempo desconhecido, numa terra estranha e que nada tinha em comum com a sua. Mataram para não morrer. Mas prepararam para voltar ao lado de quem estavam de casa e que esperavam voltar de volta, no dia em que regressassem ao seu Portugal e às suas vidas. Participaram em algumas das missões, nas quais procuravam evitar as melhores condições. Muitas vezes, conseguiram-no e, no final, foram reconhecidos e o seu esforço reconhecido.

Encontramos momentos de ternura, de amizade e de amizade, também, enquanto, por vezes e em tempos circunstanciais, quando por vezes vulgares em ambiente de guerra. Procuravam, ao mesmo tempo, não esquecer de si e de quem os fazia lembrar que lhes faziam pensar em África com um

## CAPÍTULO 1

### A 32ª COMPANHIA DE COMANDOS

A 32ª COMPANHIA DE COMANDOS foi formada a 26 de Junho de 1971. Era constituída por 181 homens e comandada pelo capitão de artilharia Humberto Carapeta.

Estava dividida do seguinte modo:

#### SETE OFICIAIS:

Francisco Xavier Van Uden, José Barbosa, José Manuel Loureiro, Luís Patrício Avillez, Mário Magalhães Alexandrino (médico), Rodrigo Moura e Rui Filinto Stoffel.

#### DOIS SARGENTOS DO QUADRO PERMANENTE:

Artur Dias Mendes (primeiro sargento) e Joaquim Afonso Moreira (segundo sargento).

#### VINTE E UM FURRIÉIS:

Ângelo Dias Neves (enfermeiro), António Carreiras, António Chumbo, António Diogo, António Maria Ferreira, Armindo Cruz, Augusto Paulo Andrade, Carlos Alberto Lunet, Eduardo Albuquerque, Fernando Martins, Heitor Jorge, João Augusto Leitão, Jorge Gomes, José Bento Cunha, José Cavalinho, José Joaquim Rosa, José Manuel Gomes, José Manuel Monterroso, Pedro Fernando João, Pedro Manuel Baptista e Sérgio Valente.

## QUINZE CABOS:

Armindo Oliveira, Belmiro Carvalho, Benjamim Silva, Carlos Martins, Fernando Jorge Louro, Francisco Damião, Hernani Jesus, Ilídio Fragoso da Silva, Jaime Vieira, Joaquim Vieira, Jorge Rafael, José Manuel Antunes, José Manuel Dinis, Mário Estoina e Sílvio Paiva.

## CENTO E TRINTA E CINCO SOLDADOS:

Acácio Casanova, Alberto Bessa, Alcindo Monteiro, Alfredo Almeida, Alfredo Pereira, Alfredo Porto, Amável Loução, Américo Cardoso, Américo Oliveira, Amílcar dos Santos, António Almeida, António Coelho, António Dantas, António Ferreira, António Gomes, António Guerra, António Guerreiro, António Loureiro, António Magalhães, António Mendes Pinto, António Oliveira Silva, António Oliveira, António Pereira, António Pinhal, António Pinto, Arlindo Paiva, Armando Oliveira, Armando Pereira, Armando Santos, Artur Fraga, Artur Neiva, Augusto Alves, Augusto Martins, Augusto Neves Santos, Avelino Inácio, Avelino Raposo, Benjamin Porfírio, Carlos Alberto Lourenço, Carlos Conceição, Carlos Ferreira, Carlos Janeco, Carlos Leite, Carlos Manuel Luís, Carlos Matos, Carlos Rodrigues, Carlos Simões Silva, Carlos Teixeira, Custódio Paiva, Dionísio Rodrigues, Domingos Calheno, Domingos Diez, Domingos Ferreira, Eduardo Vicente, Emídio Silveiro, Eurico Teixeira, Fausto Silva, Felício Constantino, Fernando Alexandre, Fernando Araújo, Fernando Cardoso, Fernando Ferreira, Fernando Galeão, Fernando Miranda, Fernando Novais, Fernando Perdígão, Fernando Pinto, Fernando Tavares, Firmino Vaz, Francisco Catela, Francisco Costa, Francisco Gomes, Francisco José Rocha, Francisco Pipo, Francisco Silva, Francisco Valdrez, Graciano da Silva, Guilherme Matias, Henrique Azenha, Hermano Oliveira e Melo, Ilídio Lázaro, Ilídio Rossas, Ilisiário Teixeira de Sousa, Jaime Brito, João Carneiro, João Cerqueira, João Correia, João Lourenço, João Pinto, Joaquim Alves, Joaquim Contins, Joaquim Costa, Joaquim Martins Dias, Joaquim Silva, José Alberto Costa, José Alberto Moega, José António Rodrigues, José Casaleiro, José Cruz, José Fernandes, José Ferreira, José Gaspar Neves, José Joaquim Oliveira, José Manuel Ramos, José Manuel Teixeira, José Maria Cardoso, José Maximino Oliveira, José Melanda, José Pina, José Silva, José Soares, Júlio Nogueira Silva, Manuel Almeida, Manuel António Pereira, Manuel Azevedo Pereira, Manuel Duarte, Manuel Encarnação, Manuel Gaspar de

Sousa, Manuel Guimarães, Manuel José Arrais, Manuel Lopes, Manuel Moura, Manuel Rodrigues de Oliveira, Manuel Rodrigues, Manuel Seabra, Manuel Vieira, Manuel Vinagre, Ramiro Costa, Sebastião Silva, Serafim Fontes, Serafim Silva, Severino Aires, Silvino Santos, Torcato Andrade e Victor Ferreira da Silva.





## A 32ª COMPANHIA EM DATAS

1971

- JAN/FEV:  
Concentração do pessoal destinado às 31ª e 32ª Companhias de Comandos no CIOE — Centro de Instrução de Operações Especiais — em LAMEGO.
- 05FEV: Partida dos soldados de LAMEGO para LISBOA. Embarque, nesse dia, no navio Vera Cruz, com destino a Luanda.
- 14FEV: Transporte dos Soldados Cadetes e dos Soldados Milicianos para LUANDA, em aviões da TAP, onde aguardam no centro militar do Grafanil o início do 21º Curso de Comandos.
- 08MAR: Início do Curso no CIC — Centro de Instrução de Comandos, em Belo Horizonte — Luanda.
- 26JUN: Fim do Curso e constituição da 32ª Companhia de Comandos.
- 27JUN: Início da Comissão da 32ª Companhia de Comandos.
- 11JUL: Embarque, em LUANDA, no paquete «Infante D. Henrique» com destino a MOÇAMBIQUE.
- 20JUL: Desembarque na BEIRA.

- 26JUL: Chegada ao Batalhão de Comandos, em MONTEPUÊZ.
- 07AGO: Partida para a primeira intervenção em MUEDA, tendo chegado no dia seguinte e aí permanecendo um mês.
- 08SET: Transporte por meios aéreos Nord Atlas, para NANGOLOLO.
- 06OUT: Regresso a MONTEPUÊZ, onde descansou após esta primeira intervenção.
- 10/11Nov: Partida para a segunda intervenção, por meios aéreos Nord Atlas, para ESTIMA, onde desenvolveu operações que visavam a segurança da barragem de CABORA BASSA.

## 1972

- 14JAN: Regresso ao Batalhão de Comandos em MONTEPUÊZ.
- 17JAN: Deslocação por meios próprios para a ILHA DE MOÇAMBIQUE, para usufruir de um período de repouso, após o qual regressou ao Batalhão de Comandos em MONTEPUÊZ.
- 08FEV: Partida para a terceira intervenção em MUSSACAMA, próximo do ZOBUE, onde efectuou operações que visavam dar segurança à picada ZOBUE/TETE, procurando desarticular o inimigo na região.
- 11ABR: Regresso a MONTEPUÊZ, em meios de transporte Nord-Atlas, tendo partido seguidamente em direcção à ILHA DE MOÇAMBIQUE para mais um período de repouso.
- Em 11MAI: Início dos preparativos e posterior partida para a quarta intervenção em MUEDA.
- 16MAI: Chegada a MUEDA e realização de operações durante dois meses.

- 15JUL: Regresso a MONTEPUÊZ, tendo partido para a ILHA DE MOÇAMBIQUE, para novo repouso.
- 09AGO: Partida de MONTEPUÊZ para a quinta intervenção em M'CITO, onde efectuou operações de segurança ao comboio entre DÔA e CALDAS XAVIER, protegendo a linha do caminho-de-ferro das minas do inimigo.
- 15 OUT: Regresso à base e novo período de descanso na ILHA DE MOÇAMBIQUE.
- 09NOV: Partida para a sexta intervenção, em NURA, próximo de MECUMBURA, em TETE, aí permanecendo até 20 de Fevereiro de 1973.

## 1973

- 28FEV: Partida para a ILHA DE MOÇAMBIQUE e refrescamento.
- 23MAR: Partida para a sétima intervenção em CANDÁ, próximo de GORONGOSA, onde permaneceu até 22 de Abril, protegendo os fazendeiros e as suas plantações.
- 30ABR: Partida para a ILHA DE MOÇAMBIQUE, em descanso.
- 26MAI: Constituição da 32ª Companhia em 3 agrupamentos:
  - 1 — Destinado a MUEDA até 07JUN73, participando numa operação à Base GUGUNHANA;
  - 2 — Destacado para a Companhia de Instrução e inserido na operacional da 8ª Companhia de Comandos;
  - 3 — Destacado para participar na primeira intervenção da 2043 Companhia de Comandos em TETE.
- 06JUL: Regresso do primeiro grupo de comandos à Metrópole — PORTUGAL.

- 13JUL: Regresso do segundo grupo de comandos à Metrópole — PORTUGAL.

1978

- 21AGO: O Presidente da República, General António Ramalho Eanes, decreta, nos termos do artigo 137º nº1, alínea b da Constituição o seguinte:

*Artigo único:* É condecorada a 32ª Companhia de Comandos com a *Medalha de Ouro de Serviços Distintos com Palma*.<sup>220</sup>

<sup>220</sup> Extraído da OE nº21 de 25 de AGOSTO de 1978.

## OPERAÇÕES E MOMENTOS MARCANTES

Estavam em Moçambique, muito longe de casa, numa terra estranha. Eram todos muito jovens, com um grande espírito aventureiro. E ali, tinham como prioridade lutar pela vida, lado a lado.

Faziam o possível por sobreviver, ajudar os camaradas de armas a escapar ao inimigo e poder regressar a casa, para junto das famílias, de consciência tão tranquila quanto possível.

Ao fim de quatro décadas, há momentos, peripécias que, pela sua importância, permanecem na memória: muitas das missões em aldeias de Moçambique onde a prioridade da companhia que integravam não foi, apenas, vencer e acabar com o inimigo mas deixar marcas da sua passagem.

### O resgate da companhia do capitão Camelo

Aquela foi uma das primeiras missões da 32<sup>a</sup>. Estavam há pouco tempo em Moçambique e foi preciso ir à base Beira Nova resgatar o Capitão Camelo e as suas tropas. Era na zona de Cabo Delgado, conhecida como o Planalto dos Macondes, os caçadores de leões. Aquela companhia encontrava-se em péssimas condições de subsistência. Os homens eram continuamente atacados e obrigados a viver em abrigos subterrâneos para conseguir sobreviver. Na altura, uma companhia deveria ter mais ou menos 100 militares; aquela estava reduzida a pouco mais de 40 elementos.

O grupo de resgate levou mais de seis dias para lá chegar. Estava tudo armadilhado pelo caminho, por isso a precaução e a demora em chegar foi

muito grande. Mas apesar dos cuidados, os salvadores eram tudo menos discretos: para além dos homens de duas companhias, iam mais três dezenas de «berliets», apoiados pela aviação e a artilharia pesada...

A 32<sup>a</sup> participou com a 3<sup>a</sup> companhia nesta missão. Volta e meia, alguém era atingido e era necessário pedir 'evacuações'. A cada passo, sentiam o receio de poder ser o último e ficarem ali. Iam cuidadosamente, como tinham aprendido no curso, colocando os pés nos locais onde os da frente iam pisando para evitar as minas. Também ao longo de todo o percurso, havia muitos tiros de morteiro. Valia-lhes a aprendizagem do curso: todos sabiam que uma granada iria rebentar perto dez a quinze segundos depois de se ouvir o disparo e protegiam-se.

Foi nessa operação que a 32<sup>a</sup> sofreu o seu primeiro ferido: Manuel Seabra. Não chegou a completar aquela que foi a sua primeira missão com a companhia. Uma mina rebentou e ele ficou sem um pé. Transportado, primeiro, para o hospital de campanha, em Mueda, foi sucessivamente transferido para o de Nampula, para Lourenço Marques e, por fim, para Portugal, para o Hospital da Estrela.

Quando chegaram ao local do resgate, depararam-se com um cenário de horror. O grupo tinha passado quatro ou cinco meses a viver praticamente como toupeiras. O quartel era um pequeno quadrado, com terra levantada em toda a volta e uma protecção de troncos com metralhadoras nos quatro cantos.

E estavam ali enterrados... Eram bombardeados em permanência e tinham grandes dificuldades em fazer o que quer que fosse, como chegar à água que ficava a poucas centenas de metros, porque eram vítimas de permanentes emboscadas.

Mas mesmo naquele buraco, aqueles soldados continuavam a receber correio. Sempre sob disparos do inimigo, o saco do correio era lançado do ar e, às vezes, não acertava no quadrado. Mas era, ali, o que lhes dava força para continuar e, entre eles, decidiam quem ia buscar o correio no local onde tinha caído.

Durante meses, e enquanto viam outros serem mortos ao seu lado, os homens iam sonhando em sair dali. À medida que o tempo foi passando e o desespero aumentando, convenceram-se que só um milagre os tiraria de lá. E aquele resgate foi, para muitos, o milagre que esperavam. Corpos franzidos, grandes barbas, olhares de pânico... Assim estavam os homens daquela companhia quando chegou a 32<sup>a</sup>. E o desespero era tal que o comandante,

o Capitão Camelo, assim que viu os seus salvadores, assegurou que não pretendia passar nem mais uma noite no mato. Iniciaram, de imediato, o caminho de regresso e bastou apenas um dia, desta vez, para regressarem.

Quando chegaram a Mueda, sãos e salvos, alguns dos soldados do capitão Camelo protagonizaram um momento que permaneceu para sempre na memória da 32<sup>a</sup>. Alguns deitaram-se por terra, a chorar e a beijar o chão.

## As Libélulas

Nas muitas missões de desarticulação do inimigo, realizadas pela companhia e destinadas a desacreditá-lo perante as populações, os helicópteros tinham um papel preponderante pois era de helicóptero que se lançavam e recolhiam as equipas nos terrenos. Chamam-lhes «Libélulas».

A 32<sup>a</sup> participou em várias dessas operações, desde a sua chegada a Moçambique. Os helicópteros voavam em grupos de quatro ou cinco e largavam os elementos das várias equipas nos locais programados. À frente do grupo e a curta distância ia o heli-canhão, seguido dos helicópteros, que transportavam as equipas.

As missões eram, normalmente, rápidas. Para não serem detectados e atingidos pelo inimigo, os helicópteros faziam voos rasantes. O heli-canhão marcava o local onde iriam ser largadas as equipas, disparando um tiro de rocket e voando em círculos sobre ele.

Tudo acontecia em segundos. Tudo era medido em segundos. O pulsar do coração ia acelerando e acompanhava cada movimento das pás do aparelho. O helicóptero ia em andamento, a descer mas sem pousar, e os soldados saltavam. Um e outro e outro... Iam no ar e, por vezes, já tinham que estar a disparar. E já tinham que estar a correr para o objectivo, incendiando palhotas, abatendo inimigos armados, fazendo prisioneiros e recolhendo armas, se possível.

## A equipa desaparecida

Cabo Delgado. Assalto à base de Moçambique. Julho de 1972. Os helicópteros eram, de facto, os grandes aliados que a companhia tinha naquele cenário de guerra. Quando estavam a chegar ao local onde os soldados iam

ser largados, os helicópteros começaram a ser alvo de disparos provenientes de todo o lado. Cada uma das equipas procurou manobrar, em terra, face à situação encontrada.

Em combate, havia uma regra de ouro: não deixar ninguém para trás; nenhum soldado podia ficar no terreno. Mas naquela missão, lamentavelmente, ao fazerem-se as contas, constatou-se, com incredulidade, que desaparecera uma das equipas de Rui Stoffel. Este ainda hoje recorda a consternação que sentiu, com tiros a chover de todo o lado, enquanto procurava não deixar transparecer a preocupação para os restantes elementos do grupo.

O que acontecera é que, devido ao tiroteio, os helicópteros, que receavam aproximar-se do chão, tinham largado as equipas entre as copas das árvores. Logo que chegaram ao chão, os militares correram em várias direcções e espalharam-se pelo mato, tendo tido dificuldade em reagrupar-se.

Mas mesmo assim os desaparecidos não estavam em terra. Rodrigo Moura, que comandava a operação no terreno, soube do desaparecimento dos homens e ligou o rádio, tentando comunicar com a base, em Nangololo, solicitando informações. Passaram uns longos minutos até ter a resposta: «Lamego, Lamego: tive a confirmação de uma equipa que voltou para trás com o helicóptero».

Na verdade e devido aos tiros, uma das equipas não chegou a ser largada e, mesmo atingido, o helicóptero conseguiu regressar à base.

Apesar do risco acrescido para a vida dos soldados, as operações com recurso a helicópteros compensavam pelos resultados que se conseguiam atingir e pelo facto de apanharem quase sempre de surpresa o inimigo.

No caso da Base de Moçambique e durante a operação ali realizada, a companhia conseguiu destruir três bases inimigas e mais de cem palhotas e apreendeu documentos importantes e armas. Foram mortos ainda 11 inimigos e feito um prisioneiro.

## A defesa da linha do comboio

M'cito. O comboio era uma peça chave no transporte de material para a barragem de Cabora Bassa que estava então em construção. O facto era conhecido pelo inimigo que tentava impedir aquelas viagens. O comboio era, por isso, atacado inúmeras vezes.

A 32ª foi chamada a intervir e a sua missão passou a ser a protecção do caminho-de-ferro. Foi a primeira companhia de comandos a ser destacada para uma missão desse tipo.

Num primeiro momento cada comboio transportava uma equipa na primeira carruagem, protegida por sacos de areia e vigiando o trajecto. Mas, mesmo assim, o risco de rebentamento das minas era muito grande, especialmente nas primeiras carruagens, pelo que houve que acrescentar equipas de vigilância em terra para evitar a colocação de explosivos nas linhas.

Estiveram lá em missão durante dois meses. E, nesse período de tempo, não houve minas a causar estragos nem descarrilamentos, sobretudo porque o inimigo não conseguia colocá-las sem ser detectado.

Antes da chegada da 32ª tinha havido alguns acidentes e constava-se até que as aldeias em volta davam apoio à Frelimo; dizia-se que havia elementos que ficavam nas aldeias e era a partir daí que colocavam as minas no comboio.

A vigilância e os avisos estenderam-se, por isso, às aldeias em redor do caminho de ferro. Foi o que fizeram, um dia, Rui Stoffel e Luís Avillez, integrados num grupo de meia dúzia de elementos. Conseguiram juntar a população, avisaram toda a gente que estavam ali para vigiar as linhas e que não admitiriam mais rebentamentos nos comboios.

A ameaça deverá ter surtido efeito porque passado pouco tempo, foram capturados alguns inimigos e nos documentos que traziam havia indicações para que ninguém se aproximasse daquela zona porque havia um batalhão de comandos controlando a área.

## Uma aventura no lado de lá

Certa vez correu a voz de que do outro lado da fronteira estava instalada uma base inimiga. Era preciso ir averiguar e formou-se um grupo composto por três homens: Luís Avillez, Rui Stoffel e Rodrigo Moura.

Foram primeiro de helicóptero fazer um reconhecimento ao local onde deveria ser feito o assalto. Lá de cima avistaram um trilho e um homem a caminhar por ele. Luís Avillez e Rodrigo Moura saltaram do helicóptero para o chão e foram correndo atrás dele. Ao chegar junto de duas ou três palhotas, alcançaram o desconhecido e disseram-lhe que os levasse junto do chefe.

Entretanto, no helicóptero, Rui Stoffel começou a estranhar a ausência de notícias dos outros dois e foi à procura deles, aterrando numa das pontas da aldeia, perante o olhar estupefacto da população.

Os três oficiais quiseram prender o chefe e começaram a tentar convencê-lo a entrar no aparelho e a acompanhá-los, mas ele, naturalmente, recusou e resistiu.

Sem mais demoras, Rui Stoffel pegou no homem pelos braços e tentou subi-lo no helicóptero. O homem esperneava e resistia e já com as pessoas da aldeia a avançar em direcção a eles, o piloto saiu do helicóptero, pegou numa G3 e começou a disparar para o ar para assustá-las.

A população deitou-se no chão e ficou a ver como o seu chefe saía voando e agitando as pernas no helicóptero, amarrado por baixo dos braços com uma corda. Só quando o helicóptero ia já muito no alto, aceitou recolher-se no interior e foi feito prisioneiro.

## Uma nova aldeia em Nura

Na região de Nura, a 32ª protagonizou uma surpreendente e inesperada movimentação humanitária em plena guerra.

Nura era uma zona de infiltração e passagem da Frelimo, pelo que as populações estavam sujeitas a abusos e represálias, sendo vítimas permanentes da conflitualidade entre ambos os lados. Muitos tentavam fugir e ficavam sem casa, deambulando pela zona à procura de solução. Entre os muitos desalojados, a 32ª reuniu um grupo de cerca de 700 pessoas. A estratégia desenvolvida foi dirigir os nativos na construção de um aldeamento para instalar as populações e reactivar a economia local, ao nível das hortas e da recolha e criação dos animais perdidos, fazendo ao mesmo tempo a segurança ao aldeamento e operações militares para anular as rotas de infiltração nessa zona.

Os comandos contam, com alguma graça, que a determinada altura, iam ao mato caçar mas não traziam apenas caça. Traziam também pessoas. José Barbosa recorda desses dias que numa ocasião em que saiu com um grupo de 10 soldados para o mato, regressou com trinta nativos para serem integrados na aldeia. A zona era fértil em solos agrícolas abandonados e assim nasceu uma pequena grande comunidade, onde os terrenos foram divididos em talhões, distribuídos pelos moradores, lavrados e cultivados

com distintos cereais. O furriel Pedro Batista, que era regente agrícola na vida civil, foi um dos grandes obreiros e líder deste trabalho em que cada qual tinha a sua tarefa.

Entre os nativos recolhidos, encontrava-se um feiticeiro que, logo que chegou, colocou a sua palhota num extremo da aldeia. Como líder e autoridade do aldeamento, militares e população reuniam com ele periodicamente. Logo que se soube da sua presença na aldeia, foram aparecendo mais homens, mulheres, crianças... A companhia distribuiu, até, panfletos com a fotografia do feiticeiro, pedindo às populações que não tivessem medo e regressassem. Diariamente aparecia gente e a aldeia foi crescendo.

O feiticeiro chamava-se Gumbolibodzi. Era o símbolo da África mística: as suas vestes extravagantes, com roupagem onde predominavam penas e contãs, o porte aristocrático e a pose de um deus, davam garantias do efeito das suas magias. Era necessário um tradutor para o entender e por ele se soube que o homem se dizia 'bruxo' e que tinha poderes especiais. Rodrigo Moura recorda que ficava em descanso atrás das palhotas enquanto as mulheres cavavam e cavavam. Ele não podia trabalhar porque era um deus e a sua função era mandar.

Tocava música com uns instrumentos muito próprios que dizia lhe permitiam alterar o clima e podia, por exemplo, provocar a chuva, se essa fosse a sua vontade. E com o passar do tempo, até alguns dos soldados portugueses começaram a pensar se não teria realmente poderes.

Um dia, Rodrigo Moura foi chamado de urgência. Gumbolibodzi estava a tocar os seus instrumentos para fazer chover e os aldeões estavam cheios de medo porque a chuva, naquela altura, ia estragar as colheitas. O bruxo estava aborrecido e queixou-se de que não o cumprimentavam devidamente nem respeitavam os seus poderes.

O céu estava cheio de nuvens negras a passar. Quando foram dadas garantias ao feiticeiro de que os seus poderes continuariam a ser respeitados, ele sentou-se e tocou uma música diferente. Na aldeia, houve uma manifestação de contentamento, quando as nuvens continuaram a andar e não chegou a chover.

A aldeia tinha um caminho principal, que foi baptizado como «Avenida 32<sup>a</sup>». Nada podia faltar ali e à medida que os dias passavam, iam nascendo novos serviços. Até uma sala de aulas foi criada, à sombra de uma árvore frondosa, para ensinar crianças e jovens.

O aldeamento estava instalado perto de uma pista de aviação e Luís Avillez lembra as «grandes corridas de burros» que eram feitas nessa pista. Recorda também que um dia começaram a ouvir ao longe a música «Jesus Cristo», de Roberto Carlos e aperceberam-se de que se aproximava um avião de acção psicológica. Ouviram então a voz do piloto, lá de cima, num megafone: «Tirem os burros da pista». Mas ninguém se mexeu. O avião voltou a passar segunda e terceira vez e só quando o piloto disse: «Tirem os burros da pista que trago correio» é que começou a correria para desimpedir a pista. Nada era tão importante como a chegada do correio e as notícias do país que tinham deixado longe.

Esse período de tempo em Nura foi um momento em que os homens da 32ª quase conseguiram esquecer a guerra. Investiram o tempo na criação de algo fantástico: uma nova comunidade no meio do mato, organizada económica e socialmente.

Aquela actividade toda era uma forma de os comandos estarem ocupados, animados e esquecerem o resto. O resto era a guerra. O facto de estarem a desenvolver uma acção humanitária era uma espécie de compensação interior para sublimar as agruras a que estavam sujeitos.

Mas um dia — e sabiam-no — a companhia teve que sair de Nura e rumar a Montepuêz. Souberam depois que, na mesma noite em que partiram, fugiram mais de cem nativos da aldeia. E que o feiticeiro acabou por ser morto, mais tarde, pela Frelimo.

Anos mais tarde Rodrigo Moura soube que, apesar de tudo, um núcleo razoável se mantinha ali e que, ainda hoje, existe por lá uma comunidade.

José Barbosa recorda que a missão, naquela zona, acabou por ser a «coroa da glória» da companhia, porque não era frequente haver naquela zona bons resultados operacionais. Foram capturadas armas e até uma coluna de transporte de armamento da Frelimo. Mas, para todos, a maior gratificação esteve na criação daquela aldeia. Uma decisão ousada e fora do habitual num cenário de guerra, mas que os fez sentirem-se de tal forma recompensados que, ainda hoje e sem excepção, todos recordam o episódio.

## E do céu choveu cerveja

Dormiam no chão; andavam pelo mato, sempre em silêncio; comiam rações de combate: latas que enterravam depois de vazias; havia sempre

alguém que ficava acordado, de sentinela; noites sempre iguais; sempre o mesmo ritual.

A 32ª era destacada por períodos aproximados de dois meses para fazer intervenções em zonas de guerra consideradas críticas. Nesses locais eram montados os acampamentos e, a partir deles, grupos ou equipas de combate — os elementos operacionais da 32ª — realizavam alternadamente missões de dois ou três dias, com pequenos intervalos de descanso. Os restantes elementos — os responsáveis pela logística e o apoio da companhia e os operacionais em descanso — ficavam no acampamento, garantindo a retaguarda dos que estavam em acção, a segurança do acampamento e o bem-estar de todos.

E esse bem-estar concretizou-se, uma vez, de uma forma insólita: as mochilas dos combatentes levavam tudo o que era preciso: armas, munições, rações de combate e cerveja, que era fundamental, segundo recordam os soldados. Os militares usavam truques para tentar mantê-las mais frescas sob o calor tórrido de Moçambique, mas nenhum dos truques resultava na perfeição e a cerveja acabava, sempre, por estar quente.

Excepto um dia em que a cerveja caiu do céu, fresquinha, lançada de helicóptero.

Foi um momento memorável. Fez história. E é hoje recordado por todos os que o viveram como uma das boas surpresas da guerra. Rodrigo Moura lembra o quanto foi apreciado aquele gesto, sentido pelos soldados quase como um chocolate para uma criança pobre. Os que a beberam, nunca mais se esqueceram disso.

Rodrigo Moura recorda também que não foi difícil convencer os elementos da Força Aérea a colaborar na concretização daquela surpresa às equipas no terreno, porque o relacionamento deles com a 32ª foi sempre excelente.

## Os acidentes

Mesmo com todas as regras e o rigor utilizados, havia falhas e os acidentes aconteciam. E tinham, muitas vezes, consequências trágicas.

O soldado Alfredo Pereira recorda o final da recruta, ainda em Angola e o optimismo que reinava entre o grupo. As provas tinham corrido todas bem. Até aquele momento. Era noite e estavam parados para dormir.

Seguiram o procedimento, formando um círculo, à distância de um braço, uns dos outros. Um dos soldados ficou de sentinela. Um outro levantou-se, avisou que ia sair. No regresso, tinha havido mudança de sentinela mas não tinha havido a transmissão do recado da sua saída. O novo sentinela viu o vulto e procedeu como fora ensinado: disparou, matando o soldado.

Não foi o único acidente. Rui Stoffel recorda um outro, que o tocou bastante, já numa fase final da guerra. Era oficial de instrução e estava a ensinar aos furriéis de uma companhia moçambicana as técnicas de reacção em emboscada. Durante os treinos com tiro real, um dos instruendos foi ferido pelo ricochete de bala de um furriel instrutor. O exercício parou. Tudo parou. Rui Stoffel mandou pedir evacuação por rádio. O ferimento era muito grave, mas nada mais podia ser feito localmente.

A seguir reuniu todo o grupo em círculo e, olhando para eles, percebeu angústia e raiva e de imediato reagiu para não deixar que ficassem dominados pelo desespero. Procurou agarrar os soldados, fazendo um discurso extremamente agressivo sobre a guerra e a responsabilidade de todos nela. Resultou. Conseguiu que se mantivessem unidos e ultrapassassem o que tinham acabado de presenciar. E obrigou-os a continuar a instrução de tiro real até ao fim.

No regresso ao batalhão, souberam que o instruendo tinha falecido.

Um outro acidente muito perigoso e assustador aconteceu na zona de Tête, também com o Rui Stoffel, quando na última missão, antes do regresso a Portugal, comandou duas companhias acabadas de chegar a África e sem experiência operacional.

No terceiro dia da operação, já no regresso a corta mato, foram atacados por um enorme enxame de abelhas, o que provocou um completo caos, com os soldados a fugir em todas as direcções. Havia uma regra, aprendida no curso e desenvolvida pela experiência que, no meio do pânico, a maioria esqueceu: em caso de ataque de abelhas ou outros insectos, deviam manter-se imóveis. Foi o que fizeram Rui Stoffel e alguns soldados. Mas muitos outros, gesticulando desesperadamente, acabaram no chão, cobertos por nuvens de abelhas, gemendo com dores. As cabeças incharam e ficaram disformes, sem que nada pudesse ser feito. Os gritos do oficial para que se refugiassem no meio do capim e que se cobrissem, apenas resultaram para alguns. Espalhados pelo chão ficaram muitos corpos inanimados e foi necessário chamar os helicópteros para serem retirados do local, num momento de acalmia do ataque.

Só que, com a chegada dos aparelhos e com a deslocação do ar provocada pela rotação das pás, as abelhas voltaram a aparecer por todo lado... E até os pilotos acabaram picados.

Já ninguém ligou às abelhas. Com picadelas ou sem elas, todos aceleraram para meter os feridos nos helicópteros e fugir de ali, enxotados por um inimigo impossível de vencer.

## O regresso do morto

Tal como Lázaro, que voltou à vida pela mão de Jesus Cristo depois de morto, também a 32<sup>a</sup> teve um soldado que, dado como morto, acordou para a vida já na morgue. O episódio correu de boca em boca então e é hoje recordado pela forma pitoresca como aconteceu.

O protagonista, curiosamente, também se chamava Lázaro. Era soldado. E não escondia a ninguém que estava ali contra a sua vontade. Como outros, não tinha concluído a quarta classe em Portugal e, durante a missão em Moçambique ficou, a determinada altura, em Montepuêz, para acabar os estudos. No regresso, passou uma noite em Porto Amélia, antes de apanhar o avião para Mueda e ir ao encontro da companhia. Como despedida foi festejar com outros camaradas e no regresso o condutor do Unimog, que ia muito depressa e provavelmente alegre, despistou-se numa curva e o desastre aconteceu. Lázaro ficou debaixo da viatura e, trasladado de emergência para Nampula, foi dado como morto. E foi um choque para a companhia quando a notícia chegou. Aquele era o primeiro morto desde que estavam na guerra.

Mas afinal todos estavam enganados e o desfecho foi outro. O rapaz acordou na câmara frigorífica da morgue e foi resgatado por um cabo que o descobriu vivo e bem vivo!

Foi com alívio que a companhia recebeu, horas depois, a notícia, que se espalhou não como um terrível engano, mas como um acontecimento mítico: o morto que regressou ao mundo dos vivos.

## O OUTRO LADO DA GUERRA

### Esquecer a guerra... no meio da guerra

Era um desafio terrível mas que precisava de ser superado para permitir aos homens aguentar a sua missão até ao fim.

Inventavam-se jogos para esquecer as saudades, inventavam-se brincadeiras para ultrapassar a dor, criavam-se momentos de boa disposição e lazer para intensificar o espírito de equipa. Tudo era válido para, sempre que possível, limpar as cabeças das imagens horríveis da morte e libertar os corpos da pressão permanente da guerra.

O grupo reunia-se no bar, bebia cervejas, tocava músicas e inventava canções, organizava torneios e provas físicas ou simplesmente deixava-se deslumbrar pela diferente e inebriante paisagem africana. Sobretudo, nos períodos em que a companhia descansava, entre missões, na Ilha de Moçambique.

### Um cruzeiro de Angola para Moçambique

Foi o início da missão. Depois do curso de comandos em Angola, a companhia embarcou no paquete «Infante D. Henrique» a 11 de Julho de 1971 com destino a Moçambique. Iam, finalmente, para a guerra. Foi ali, no navio, num ambiente de descontração, que se foram conhecendo melhor, criando amizades e partilhando risos, como se não tivessem à sua espera o pior dos seus pesadelos.

A viagem num navio de recreio — que transportava uma companhia de comandos e uma de fuzileiros e ainda turistas — foi, para todos, uma experiência inesquecível. O contraste entre aqueles terríveis dias no Centro de Instrução de Comandos de Luanda e o convívio social num cruzeiro de luxo foi o primeiro exemplo de uma situação que se repetiria durante toda a comissão e que os faria viver alternativamente dois lados completamente opostos da experiência africana: mudanças contínuas e bruscas entre os momentos de sofrimento e morte da guerra e os dias de descanso na ilha de Moçambique; entre a violência dos combates e o convívio amável com as populações nativas e os colonos; entre a vertigem e ansiedade das operações e a beleza calma dos entardeceres e as matas luxuriantes de África.

O barco fez escala em Lobito, Cape Town e Lourenço-Marques. Durante as escalas entravam e saíam passageiros em viagem de recreio e os militares participavam em todos os festejos e divertimentos. Jovens, bem fardados e bem constituídos, eram vistos como heróis porque partiam para frente da batalha e constituíam a primeira linha da guerra e defesa do sistema colonial e dos territórios a sul.

E logo que desembarcaram na Beira, novo contraste: uma viagem até ao Batalhão de Comandos de Moçambique em Montepuéz, em camiões de carga aos saltos pelas picadas, misturados com as malas, a caminho, agora sim, do verdadeiro território de guerra.

## Uma natureza diferente

O clima africano foi o primeiro choque para os soldados portugueses à sua chegada a África, de que ainda recordam o calor e a humidade, em tudo diferente do que tinham deixado em Portugal.

Em contraste com o calor do dia, algumas noites eram por vezes gélidas, de um frio terrível, que conseguia entrar por todas as roupas e enregelar os ossos. Também em contraste brusco com os momentos de sol tórrido e securo, nuvens negras apareciam repentinamente e provocavam chuvas torrenciais, que inundavam as terras, provocando enxurradas e encharcando tudo e todos. E pouco depois, quando o céu abria de novo e saía o sol, a paisagem aparecia lavada, verde e brilhante, como que agradecida.

Também à medida que iam percorrendo os distintos territórios, iam sendo deslumbrados pelos mais variados tipos de paisagens, desde as flo-

restas densas do norte de Angola às extensas savanas de Tete ou às zonas de paus e espinhaços de Cabo Delgado, em Moçambique.

Em algumas zonas, como Tete, os solos eram de tal forma áridos que encontrar água era quase uma missão impossível. José Manuel Fernandes recorda-se dos momentos em que caminhavam pelo leito seco dos rios à sua procura e de como aprenderam com os nativos a escavar na areia e fazê-la aparecer. Encontrar água e matar a sede era um requisito de sobrevivência.

Clima e paisagens deram a conhecer à companhia uma fauna e uma flora nunca vista e de que nunca tinham ouvido falar até então. Embondeiro, micaia, jambire ou chanfuta passaram a fazer parte do seu vocabulário, assim que os nativos lhes apontaram os nomes das árvores com que se iam deparando no caminho.

A fauna era ainda mais surpreendente. A memória desses animais, de variedades e características únicas, foi perpetuada por José Barbosa, numa procura incessante de nunca os esquecer. Logo que lhe foi possível, mandou levar para Moçambique a sua máquina fotográfica e, nos tempos livres, dedicou-se a retratar tudo, em particular aves e insectos.

Inventou, até, uma forma de obter mais qualidade nas suas fotografias, imobilizando os insectos com um líquido que encontrou na enfermaria, usado para limpar as feridas. Quanto mais os fotografava e os estudava, maior era a vontade de continuar. Todos os tempos livres do «Professor Pardal» como o chamavam os seus companheiros, eram passados quase exclusivamente com a câmara.

Conseguiu reunir assim uma colecção imensa de mais de 2000 *slides* de flora e fauna moçambicana. De alguns, ainda hoje não sabe bem as verdadeiras designações, como um escaravelho muito colorido que encontrou, um dia, congelou e fotografou para sempre.

## A ilha de Moçambique

A vida da companhia em Moçambique desenrolava-se de missão em missão e de terra em terra, de horror em horror... A intensidade dos períodos de intervenção e a frequência dos combates era tal que precisavam de parar de vez em quando e esquecer o que tinham visto e o que tinham feito; sarar as feridas físicas e psicológicas e recuperar do desgaste dos dias de guerra.

As companhias de comandos tinham o privilégio de ter períodos de descanso entre as missões, com frequência na Ilha de Moçambique. E para eles, aquela ilha era uma espécie de paraíso no meio da guerra, onde bebiam energia e ânimo para continuar.

Todos concordam que os momentos ali vividos eram únicos e extraordinários. Sendo uma ilha pequena, a cidade, que tinha sido a capital colonial de Moçambique, tinha um centro histórico bem recuperado e muito cuidado, com uma arquitectura colonial de grande beleza. Os comandos viviam na fortaleza, também recuperada como centro turístico, que se encontrava num dos extremos da ilha e à entrada do canal que a separava do continente.

Na ilha coexistiam culturas diversas: nativos, indianos, árabes, chineses e cristãos partilhavam pacificamente um espaço que se tornava por uns dias, um mundo bem diferente daquele que enfrentavam nas operações.

De uma maneira geral, os habitantes e comerciantes tinham apreço pelos soldados e confiavam neles, mesmo quando lhes apareciam sem dinheiro e pediam fiado até à próxima estadia.

A diversão era um apelo muito forte, muitas vezes sinónimo de gastar dinheiro que estava destinado a outros fins. Alfredo Pereira, por exemplo, tinha pedido dinheiro — três contos — ao pai para tirar a carta. Mas assim que o recebeu, gastou tudo em refeições e copos na Ilha de Moçambique. Enquanto durou o dinheiro, lembra, não fez uma única refeição no quartel. Comeu sempre em restaurantes até o dinheiro acabar. E acabou por não tirar a carta.

E de facto, a comida era excelente, especialmente o marisco e peixe, que abundava e não era caro. O ambiente descontraído da ilha fazia, até, esquecer as regras. Acontecia por vezes a alguns soldados ficarem tão mal e ser tão tarde que ficavam a dormir ao relento até à manhã seguinte.

## Descontrair para esquecer

A música foi uma das formas que os jovens da companhia encontraram para partilhar o seu tempo livre e descontraír.

A qualquer hora, fosse dia, fosse noite, sempre que tinham oportunidade, juntavam-se. Uns tocavam, outros cantavam... E todos bebiam.

Recordavam músicas do distante Portugal e tentavam, dessa forma, combater as saudades. A cerveja ia regando os ânimos e chegavam, até, a inventar-se letras e músicas de canções. E alguns soldados aprenderam mesmo a tocar alguns instrumentos.

Libertavam a tensão entoando baladas de amor, músicas da moda e canções revolucionárias e até de intervenção contra a guerra. Para alguns, aquilo era uma forma de fazer contestação política contra uma situação que lhes tinha sido imposta. E a companhia era de tal forma reconhecida e respeitada pelos seus superiores que chegavam a cantar aquelas cantigas na messe dos oficiais de Montepuêz sem serem censurados.

Mas os momentos de descontração iam muito para além da música e tudo servia para compensar os momentos difíceis. José Monterroso que era, então o vagomestre, considera mesmo que essa era a principal característica da sua companhia: procurar aproveitar o melhor de cada coisa. Isso aplicava-se a várias situações, incluindo a alimentação. Quem tinha essa responsabilidade fazia tudo para que a companhia se sentisse bem alimentada, com o estômago mimado, e pudesse descansar das rações de combate. A equipa da cozinha tinha dois homens oriundos da Ilha da Madeira, especialistas nos temperos típicos dessa região que, muitas vezes, quando alguns elementos da companhia saíam para o mato e caçavam, brindavam os restantes com iguarias, como as espetadas de carne à madeirense. Outros, com mais jeito para pedreiro, construíam fornos e, praticamente todos os dias, era cozido pão. Um dos elementos da companhia, que era padeiro na Tábua antes da guerra, garantia que havia pão quente de manhã, ao pequeno-almoço.

Também se faziam algumas actividades formativas como dar aulas aos soldados que não tinham acabado a escola primária. Outra actividade interessante foi a criação de um jornal, com periodicidade mensal, que relatava as vivências da companhia, as missões e as principais histórias. Era um jornal de placard, afixado em frente do refeitório, onde se concentrava muita gente para o ler. O furriel António Chumbo era o jornalista de serviço e tinha, até, uma máquina de escrever com que relatava tudo o que se ia passando e as impressões de tudo o que via.

## Os soldados caçadores

Foi no Norte da Rodésia, no distrito de Tété que aconteceram as melhores caçadas. José Barbosa recorda a paisagem árida e o calor imenso desta zona abaixo do rio Zambeze. Era tudo muito seco, com pouca vegetação, mas rico em minério. De tal forma que, nas patrulhas, quando caminhavam, pisavam ferro e, nos rios, encontravam ágatas...

A companhia estava nesta região com a missão de guardar a linha de caminho-de-ferro cujos comboios levavam os materiais para a construção de Cabora Bassa. Como por um lado faltava comida e por outro era necessário dar tiros com frequência para assustar o inimigo e afastá-lo das linhas, complementaram a missão com expedições de caça.

Rui Stoffel, que era um apaixonado pela caça nessa altura, aproveitava o tempo disponível do treino dos pilotos dos helicópteros para fazer essas expedições. Recorda um dos momentos mais emocionantes lá passados quando num dos voos se depararam com uma manada de kudús, grandes e pesados mamíferos de enormes cornamentas. Orientando o piloto desde a abertura do aparelho, com a arma na mão e trancado contra os laterais da porta, ia dirigindo os movimentos para acompanhar a manada que mudava permanentemente de direcção. Escolheu um dos animais maiores e disparou no momento em que passava por uma clareira. Desceram na vertical para o recolher e foi uma aventura para o meter dentro. Era tão grande que o corpo atravessava todo o helicóptero de porta a porta do aparelho, ficando a cabeça e os chifres de fora de um dos lados e as patas traseiras e a cauda do outro. Era velho e a carne estava dura mas deu de comer a todos durante muitos dias.

Mas as caçadas nem sempre corriam de acordo com o planeado. Um dia, saiu uma equipa de quatro ou cinco caçadores, num Unimog à procura de javalis. E não passou muito tempo até aparecer um que se meteu num enorme embondeiro queimado. E por mais voltas que dessem e manobras que criassem, o bicho não queria sair dali. Foi nesse momento que o soldado Fernando Perdigão teve a ideia peregrina de pegar numa granada anti-pessoal e lançá-la dentro da árvore, tentando obrigar o animal a sair. Não contou que o rebentamento fosse tão forte. Do javali, não sobrou nada, a não ser a pele. Mas do embondeiro saíram farpas disparadas, devido ao rebentamento, que o atingiram por todo o corpo, ferindo-o, felizmente, sem gravidade. A ideia de usar uma granada teve origem no

que faziam, muitas vezes, para pescar. Quando chegavam ao rio, atiravam uma granada para dentro da água. O peixe vinha todo à tona de água com o rebentamento e era só preciso recolhê-lo depois.

Com a caça e a pesca, passaram a ter sempre comida para as refeições, que houve sempre em abundância enquanto estiveram naquela zona.

## Os Reencontros

Ao fim de quase três anos, a guerra havia terminado para os elementos da 32ª de Comandos, que deixavam África e regressavam a Portugal para retomar as vidas que tinham deixado suspensas à espera, nas suas casas, junto das suas famílias.

África, a guerra, tudo ficara para trás. E a nova vida afastou, uns dos outros, os antigos camaradas, aqueles com quem partilharam o pior mas também o melhor das suas vidas. E ao fim de algum tempo, vieram as saudades: das aventuras; das conversas; das peripécias; das partilhas; das gargalhadas.

Retomaram-se contactos. Fizeram-se planos. Afnaram-se estratégias. E organizou-se um primeiro encontro dos que integraram a 32ª. Foi em Aveiro, a 30 de Junho de 1979, organizado pelo primeiro cabo do 1º grupo, Ilídio Rossas.

Este encontro, cheio de emoção, de confidências e de lembranças, foi o primeiro de muitos outros que se lhe seguiram anualmente. Organizados rotativamente e em locais diferentes do país, reúnem todos os anos um grande grupo de homens num convívio de saudade, sempre cheio das mesmas piadas, das mesmas histórias, do mesmo sentido de partilha retomada por umas horas. Alguns encontros foram memoráveis pela quantidade de pessoas que reuniram.

Com o passar dos anos, a 32ª já perdeu alguns dos seus homens. Mas, apesar disso, ganhou dimensão. Já não é apenas um grupo de soldados. Tem mulheres, filhos e, em muitos casos, também os netos. O que era, outrora, uma companhia é, agora, uma grande família, onde se partilha camaradagem e amizade; onde se partilham as memórias, aquelas, que pela repetição, até os mais novos conhecem de cor; aquelas que o tempo não leva nem faz desaparecer.

## O RECONHECIMENTO

A 32ª recebeu várias condecorações, tanto a nível colectivo como individual, pela missão que desempenhou em África. Para isso, contribuíram não apenas os bons resultados obtidos nas sucessivas missões, mas também a dedicação e coragem de muitos dos homens que a compunham. Isso valeu-lhe referências elogiosas, louvores e condecorações por parte da hierarquia militar, quer a alguns dos elementos quer à própria companhia. De entre as distinções, foi atribuída a um dos seus elementos uma Cruz de Guerra, galardão que premeia os actos e feitos de bravura praticados em campanha ainda durante a comissão da 32ª.

Até à actualidade, houve apenas duas companhias a serem condecoradas colectivamente devido aos seus bons resultados: a 3ª Companhia de Comandos na Guiné e a 32ª de comandos em Moçambique.<sup>221</sup>

### CONDECORAÇÕES À 32ª COMPANHIA

- *Medalha comemorativa das campanhas* a todos os militares da companhia (11 de Junho de 1973)
- *Medalha de Ouro de Serviços Distintos com Palma*. (25 de Agosto de 1978)

### CONDECORAÇÕES INDIVIDUAIS

- *Cruz de Guerra de 3ª classe*  
1º Sargento Joaquim Moreira

---

<sup>221</sup> As condecorações colectivas e individuais, os louvores e as referências elogiosas aqui referidos são os constantes na obra «32ª Companhia de Comandos — História da Unidade», realizada pelo Capitão Humberto Carapeta e entregue a cada membro da 32ª em 1973, no final da comissão.

- *Cruz de Guerra de 2ª classe*  
Capitão Rodrigo Moura  
1º Sargento Joaquim Moreira
- *Cruz de Guerra de 3ª classe*  
Alferes Luís Avillez  
Alferes José Barbosa,  
Furriel Fernando Martins  
1º Cabo António Pereira  
1º Cabo Henrique Azenha  
1º Cabo João Cerqueira  
1º Cabo Emídio Silveiro
- *Cruz de Guerra de 4ª classe*  
Furriel Armindo Cruz  
1º Cabo Manuel Vinagre  
1º Cabo José Silva Soares
- *Medalha de prata serviços distintos com palma*  
Alferes Rui Stoffel  
Furriel Pedro Baptista
- *Medalha mérito militar*  
1º Sargento Artur Mendes

## LOUVORES À COMPANHIA

- Companhia (20 de Janeiro de 1973)

## LOUVORES INDIVIDUAIS

- 1º Sargento Joaquim Moreira (7 de Março de 1973)
- Soldado Arlindo Paiva (22 de Maio de 1973)
- Furriel João Augusto Leitão (23 de Maio de 1973)
- Soldado João Carneiro (23 de Maio de 1973)
- Furriel António Ferreira (24 de Maio de 1973)
- 1º Cabo Francisco Costa e Silva (24 de Maio de 1973)
- Soldado Américo Oliveira (24 de Maio de 1973)
- 1º Cabo Hernani Jesus (25 de Maio de 1973)
- 1º Cabo Sílvia Paiva (25 de Maio de 1973)
- Soldado António César Coelho (26 de Maio de 1973)
- 1º Cabo Francisco Damião (26 de Maio de 1973)
- Soldado Amílcar Santos (28 de Maio de 1973)

- 1º cabo Adelino Raposo (28 de Maio de 1973)
- Soldado Fernando Ferreira (29 de Maio de 1973)
- Soldado Carlos Maia Lourenço (30 de Maio de 1973)
- Soldado Fernando Alexandre (30 de Maio de 1973)
- Soldado Artur Neiva (30 de Maio de 1973)
- Soldados António Guerra (23 de Junho de 1973)
- Soldado Armando Santos (23 de Junho de 1973)
- Soldado Serafim Fontes (25 de Junho de 1973)
- Soldado José Manuel Teixeira (25 de Junho de 1973)
- Soldado Augusto Santos (16 de Maio de 1973)
- Furriel José Monterroso
- 1º Cabo José Dinis
- 1º Cabo Jorge Rafael
- 1º Cabo Ilídio Rossas
- Soldado José Joaquim Melandia
- Furriel José Santos Gomes
- Soldado Sebastião Silva
- Soldado Augusto Martins.

#### REFERÊNCIAS ELOGIOSAS À COMPANHIA:

- O trabalho da 32ª na operação 'Libélula' foi elogiado, a nível operacional e militar, pelo brigadeiro comandante do sector. (19 de Outubro de 1971)
- A companhia recebeu um louvor do comandante do comando operacional de Cabora Bassa, Rodrigo da Silveira, porque, durante a sua permanência como reforço do CODCB «*se comportou de molde a merecer os mais rasgados elogios, pela sua forma de actuar, o seu comportamento, a sua apresentação e o seu aprumo*». Obteve um nível de actuação «*só acessível a uma companhia muito boa, de que se colheram valiosos resultados*», tudo se devendo «*ao impecável enquadramento do pessoal realizado pelo seu comandante, seus oficiais e sargentos*». (21 de Janeiro de 1972)
- Referência elogiosa do comandante do COFI, Alves Morgado, ao «*elevado espírito de equipa, capacidade de organização e entusiasmo*» da 32ª na operação Mecumbura. Apesar de estar no final da sua comissão, a companhia demonstrou «*a sua agressividade, espírito ofensivo e elevado sentimento de missão*». Elogios ainda «*ao entusiasmo*» com que a 32ª se dedicou à construção do aldeamento de Nura. (2 de Abril de 1973)

- Referência elogiosa à 32<sup>a</sup>, pelo comandante Rodrigo Silveira, pela actuação da companhia na operação Rampa 4. (4 de Fevereiro de 1972)
- Referência elogiosa, pelo brigadeiro Francisco Rocha Simões, ao trabalho da companhia na área de Zobué e o seu contributo para tornar a zona segura. (19 de Abril de 1972)
- Referência elogiosa à 32<sup>a</sup>, pelo «*alto nível de instrução e a forma de selecção do seu pessoal*», na operação Linda. (30 de Agosto de 1972)
- Elogios ao «*alto nível espiritual e grande sentido patriótico*», «*inexcedível em garbo e sentido de missão*», na formação da e entrega de distintivos à 7<sup>a</sup> companhia de comandos. (19 de Maio de 1973)
- Elogio ao trabalho desenvolvido no âmbito da Operação Rajada, pelo comandante Rodrigo Silveira. (2 de Fevereiro de 1972)
- Elogio do comandante Fernando Pedro à «*excelente preparação e mentalização de todo o pessoal e eficiente acção de comando a todos os níveis*», pela actuação da companhia nas imediações de Mueda. (21 de Junho de 1972)
- Agradecimento do general Venâncio Deslandes à 32<sup>a</sup>, nomeadamente às tropas «*em operações ISTMO de Tête, pelos bons resultados alcançados*». (7 de Outubro de 1972)
- Referência elogiosa do comandante Leopoldo Ferreira Pinto ao «*interesse, abnegação, espírito de sacrifício e iniciativa e o aprumo*» da 32<sup>a</sup>, em Montepuez. (8 de Novembro de 1972)
- Referência do comandante Carlos Alves Morgado, que saúda a companhia classificando-a como «*unidade de elite*» e se mostra grato pela «*preciosa e eficiente colaboração prestada, facto determinante do êxito da operação Mecumbura*». (27 de Junho de 1973)

#### REFERÊNCIAS ELOGIOSAS INDIVIDUAIS

- Referência especial ao 1<sup>o</sup> cabo Manuel da Cruz Vinagre pelo seu «*elevado espírito de sacrifício, coragem e garra, reagindo prontamente pelo fogo da metralhadora HK21*». Elogio à actuação da companhia na região de Chipera-Velha. (7 de Fevereiro de 1972)
- Elogio ao desempenho do 2<sup>o</sup> sargento Moreira, relativo à operação Palanca. (14 de Março de 1972)
- Elogio ao desempenho do comandante da 32<sup>a</sup>, que acompanhou os seus homens depois de ter tido um acidente, pela acção desenvolvida no âmbito da Operação Orchata. (5 de Julho de 1972)

## CAPÍTULO 2

# OS COMANDOS

Foi em Junho de 1962, no norte de Angola (Zemba), que começou a história dos comandos em Portugal, com a formação de seis grupos e a criação do Centro de Instrução de Contraguerrilha (CI21), comandado pelo Tenente-Coronel Nave. A designação dessa tropa especial nasceu a partir do termo Kommando que os Boers da África do Sul davam às suas tropas de operações especiais, no início do século XX, na guerra contra os britânicos. A palavra referir-se-á ao facto dessas tropas terem um comando comum.

Actuavam em pequenos destacamentos, deslocando-se normalmente a cavalo, e lançando ataques rápidos às tropas britânicas, modelo que terá sido também usado como referência para a actuação em Portugal.

O termo Comando foi, posteriormente, adoptado, quer por alemães, quer por britânicos, durante a segunda guerra mundial, para designar as novas tropas de operações especiais. E estendeu-se, depois, a outros países que assim designam as suas forças de elite.

Em Portugal, os comandos são uma unidade de forças especiais do Exército. «Mama Sumae»<sup>222</sup> é o seu grito de guerra e «A Sorte protege os Auda-

---

<sup>222</sup> O Grito de Guerra MAMA SUMAE adoptado pelos comandos tem a sua origem no Grito de Caça ao leão de uma tribo bantu do Sul de África. Significa: «AQUI ESTAMOS PRONTOS PARA O SACRIFÍCIO» e é uma afirmação de valor e orgulho, no desafio de estar presente no momento do perigo.

zes», o seu lema. Foram criados como uma força especial de contra-guerrilha, como resposta às necessidades do Exército de ter unidades especializadas adaptadas ao tipo de guerra que, em 1961, começou em Angola e, mais tarde, na Guiné e em Moçambique.

Mas os primeiros comandos portugueses acabaram por ter um papel relevante noutras missões, que não apenas a contra-guerrilha, executando operações de assalto, muitas bem próximas da guerra convencional. São disso exemplo muitas das missões desenvolvidas nos últimos anos de guerra colonial, apoiados por outras forças, como a Força Aérea.

Na actualidade têm o seu aquartelamento na Serra da Carregueira em Sintra, realizando missões no estrangeiro, nomeadamente em Timor, Afeganistão e Bósnia, integrados nas forças militares da União Europeia.

A formação dos comandos incidiu, desde a sua formação, em dois aspectos fundamentais: a preparação para a guerra e para o combate; e a preparação para a resistência psicológica. Esta segunda é, até, a mais valorizada na sua preparação: a resistência psicológica é vista como a principal arma de defesa e ataque, capaz de transformar um homem numa máquina de guerra, preparado para actuar em qualquer situação.

Na origem dos Comandos, as companhias eram mais pequenas, com três grupos. Depois, tornaram-se maiores, com cinco grupos. Apesar disso, houve sempre companhias com três, quatro e cinco grupos, em função dos militares que concluíam o curso de Comandos com aproveitamento. Das equipas de cada grupo, uma é liderada pelo alferes que comanda o grupo e as restantes por furriéis.

Complementarmente, na parte logística, existe uma estrutura de apoio, chamada «formação», constituída por distintos elementos: secretaria, escriturários, condutores, mecânico/auto, médico, enfermeiros, socorristas, maqueiros, equipa de transmissões, radiotelegrafistas, operadores *cripto* (criptografia), equipa de alimentação, cozinheiros, padeiros, corneteiros e básicos, que no caso da companhia 32ª perfazia um total de 181 elementos.

A estrutura foi sofrendo adaptações com o tempo, mas a célula-base, a equipa de cinco homens, permaneceu durante a guerra e ainda permanece.

A evolução da guerra, e as necessidades que começaram a sentir-se no combate, levaram à criação de batalhões de comandos na Guiné e Moçambique. Por esse motivo, foi criado em Angola o CIC — Centro de Instrução de Comandos, que formava as novas unidades operacionais no quartel de Belo Horizonte, em Luanda.

Em Portugal, existia anteriormente o CIOE — Centro de Instrução de Operações Especiais, em Lamego. Ali era dada também instrução às unidades mobilizadas para a Guiné e Moçambique.

Com o fim da guerra colonial e a independência das antigas colónias, a instrução dos comandos passou a ser feita inicialmente no Regimento de Comandos de Amadora. Encerrada a unidade, temporariamente, em 1 de Outubro de 1995, reabriu em 2002 na sua actual sede, em Sintra. A partir de 2006, passou a chamar-se CTC — Centro de Tropas dos Comandos.

## O CÓDIGO COMANDO

O comando é regido por um código, composto por princípios e valores conhecidos e aceites por todos os que integram esta força especial. O Código Comando foi retirado do Estatuto do Oficial do Exército, tendo sido objecto de ligeiras adaptações, específicas para este tipo de força militar.

Estas são as suas principais regras:

*O Comando ama devotadamente a sua pátria, estando sempre pronto a fazer por ela todos os sacrifícios. Constante exemplo de energia, de amor ao trabalho, de dedicação e de lealdade aos chefes, não discute as ordens que recebe, não admite nem conhece embaraços ou resistências à sua integral execução.*

*O Comando pratica a camaradagem e procura assegurar a solidariedade moral entre todos os seus irmãos de armas; mas não aceita a indignidade, nem a desobediência, nem o desrespeito pelas regras da disciplina e da honra. Sempre disposto a auxiliar quem precisa do seu apoio material ou do seu amparo moral, quer na paz, quer na guerra, e em frente ao inimigo, afirma-se constantemente pessoa de carácter.*

*O Comando ama as responsabilidades; sempre pronto a comandar e disposto a obedecer, não admite a suspeita de haver nos seus superiores a intenção de oprimi-lo ou de, por qualquer forma, o diminuir.*

*Porque é sua constante preocupação agir como verdadeiro Comando tem nos seus chefes ou comandantes a mais segura confiança e a mais acrisolada fé.*

*Sempre generoso na vitória e paciente na adversidade, o verdadeiro Comando trata com solicitude, acarinha e estimula aqueles que lutam e sabem vencer todos os obstáculos. Não admite a mentira mas respeita os estóicos e abnegados que servem sem preocupação de paga ou de satisfação de interesses de qualquer natureza.*

*O carácter, a lealdade, a fidelidade, a obediência e a determinação são virtudes inalienáveis do Comando. Sejam quais forem os seus dotes de saber o Comando que as não possua ou as despreze deve ser inexoravelmente privado do seu título.*

*O Comando não foge ao perigo, não evita as situações que possam acarretar-lhe incómodos. Incumbido de uma missão, põe no cumprimento dela todas as suas possibilidades de actuação, todas as suas forças físicas, intelectuais e morais.*

A leitura do Código Comando é um elemento essencial da sua aprendizagem e interiorização e obedece a um ritual diário que se realiza na formatura, todas as manhãs.

Com todos os militares presentes, é feita uma revista rigorosa que vai progressivamente sendo realizada pelo comandante da unidade aos comandantes de batalhão, por estes aos da companhia e, finalmente, por estes últimos aos comandantes de grupo que, por sua vez, passam revista aos seus homens. Procedem-se ao içar da bandeira nacional, que é transportada por um oficial escoltado por dois sargentos e um praça.

Seguidamente, um militar nomeado para esse fim recolhe das mãos do comandante da unidade o Código Comando e realiza a sua leitura em voz alta e forte.

Terminada esta leitura e devolvido o Código, os distintos grupos podem dar, então, início à instrução.

## O CURSO DE COMANDOS

O curso de comandos tem como objectivo preparar os militares para o combate. É uma componente fundamental na formação e escolha dos futuros combatentes, porque, para além de garantir a preparação necessária a um tipo muito específico de guerra, permite fazer, durante as distintas fases que o compõem, a selecção imprescindível entre os candidatos.

O curso de comandos está organizado em três fases sucessivas: individual, de equipa e de grupo, que permitem pôr à prova as distintas capacidades do candidato em situações comportamentais de autonomia e defesa pessoal, de partilha de responsabilidades e de liderança.

### A Fase Individual

A fase individual tem como primeira etapa do curso a **prova da sede**, que é apontada por todos como a mais dura das provas pelas que os futuros comandos são obrigados a passar.

A prova procura desenvolver as capacidades de adaptação ao terreno em condições de profunda incomodidade e ansiedade, dando início por esta via à selecção dos melhores entre os melhores, com vista a constituir uma unidade de elite.

O objectivo da prova da sede é levar à exaustão e reduzir ao estado psicológico zero os instruendos, de forma a estarem em condições de absorver totalmente e interiorizar as duras regras de aprendizagem e desempenho sem contestação, assim como adquirir uma nova cultura comportamental.

Para atingir tal preparação é imprescindível, anular e remover temporariamente todos os preconceitos e hábitos anteriores.

A prova tem uma duração de 3 a 4 dias e, a partir do momento em que os instruídos chegam ao terreno e montam as tendas, é-lhes atribuído um único cantil de água que deverá dar para todas as necessidades: desde saciar a sede até à higiene pessoal.

A realização de duros exercícios físicos constantes, a severidade e a procura permanente de razões para ordenar castigos físicos e psicológicos fazem com que à medida que os dias passem, os organismos vão cedendo ao esforço. A elevada desidratação, que em África aumenta com o clima tropical, leva os instruídos a perder a vontade de comer, agravando ainda mais a sua capacidade de resistência.

A prova só termina quando cerca de sessenta por cento dos instruídos desmaiam por desidratação. Mas têm que cair mesmo esgotados. Não vale a pena atirar-se para o chão e eles sabem-no. Se isso acontece e são apanhados pelos instrutores, a sua situação só piora, podendo, até, ser eliminados do curso.

No desespero e na ânsia de conseguir levar a prova até ao fim, alguns tentam artimanhas, o que até nem é totalmente proibido pela Doutrina Comando. Desde que não sejam descobertos, o importante é conseguir ultrapassar a prova com êxito, mostrando resistência, argúcia e destreza, qualidades consideradas positivas para um futuro comando na superação das dificuldades.

A seguir, a instrução decorre com duros exercícios de educação física, armamento e tiro, técnica de combate individual e acção psicológica.

Ainda nesta fase realiza-se a chamada **semana maluca** ou semana invertida, durante a qual os futuros comandos passam a executar de noite todas as missões e tarefas que executam de dia, pondo à prova a sua capacidade de resistência física e psicológica. Nesta prova, a primeira refeição é feita às 19h00, o almoço à meia-noite e meia, e o jantar às 6h30 da madrugada.

Finalmente, a fase individual termina com a chamada **prova de fogo**. É uma prova dura e difícil, que exige a superação de cerca de vinte situações diferentes e é realizada com fogo real. Nela, são postos à prova os conhecimentos adquiridos anteriormente, a agressividade, a coragem e a presença de espírito em situações de grande risco.

## A Fase de Equipa

É a fase reveladora da confiança e do espírito de equipa. Aqui, são organizadas as equipas de 5 elementos. Os soldados agrupam-se entre si e são eles quem escolhe os seus chefes de equipa. Noções precisas de responsabilidade colectiva são acrescentadas à formação da equipa Comando, que deve formar um corpo coeso, coordenado e eficiente, cujo rendimento depende do modo como cada um dos elementos executa as respectivas tarefas.

Esta segunda fase termina com a **prova de equipa**, em que são testadas as capacidades de execução e eficiência da célula base comando. Também com cerca de vinte situações que devem ser resolvidas em conjunto, são aqui analisadas a capacidade de chefia, de colaboração e de entreatajuda e a habilidade para superar os obstáculos, assumindo responsabilidades colectivas.

## A Fase de Grupo

Nesta fase, em que as equipas escolhem também o seu comandante de grupo, a formação é dada em conjunto para todas as equipas, procurando colocar os instruendos em situações muito próximas das que irão viver no cenário de guerra.

Esta fase termina com a chamada **prova operacional**, em que, numa situação real, os futuros comandos são postos à prova e obrigados a exercer tudo o que aprenderam durante o curso.

## As eliminações

Durante o curso, existem várias fases de eliminação que se materializam num ritual em que os eliminados são expulsos publicamente na formação, de forma a provocar nos que ficam o orgulho do sucesso conseguido até então e a vontade de não querer passar pela mesma humilhação.

Neste cerimonial, a companhia forma na parada. Há um palanque onde se encontra o comandante da companhia e é lido o Código Comando. Logo

a seguir, são lidos os nomes dos eliminados do curso, que saem a correr, sem despedidas, sem últimas palavras, sem sequer um último olhar aos que ficam a vê-los partir pela porta de armas, nos carros já preparados e que os esperam com as suas bagagens.

## A entrega do Guião e dos Crachás

No final do curso, procede-se, na parada, à entrega do Guião (a bandeira distintiva de cada companhia) e os crachás de identificação individual.

O comandante da unidade entrega o Guião ao comandante da companhia, que, por sua vez, faz dele entrega ao sargento da companhia; este desfilará com ele no final da cerimónia.

A entrega dos crachás é feita individualmente e realiza-se, com cada um, o seguinte diálogo:

- «Queres ser comando?»
- «Quero.»
- «Então, vai e cumpre o teu dever.»

## A HOMENAGEM AOS MORTOS

A morte lembra, a cada comando, que a realidade é bem diferente da invencibilidade que sentem no final do curso. Cada comando que parte é sentidamente recordado. A homenagem aos mortos é, até, uma das cerimónias mais emocionantes e tem um significado muito particular para todos.

Um locutor vai fazendo a sua explicação, a medida que vai decorrendo:

*«... Vamos prestar homenagem a todos os militares que nos «Comandos» tombaram ao serviço da Pátria. Cerimónia do mais alto sentido e significado para todas as tropas «Comando», nela são homenageados todos os Comandos caídos no cumprimento das suas missões, e estão aqui representados por um Oficial, um Sargento e um Praça, que transportam uma boina e uma arma que cravarão na terra, junto à Bandeira Nacional».*

Os três militares saem do fundo da formatura e marcham pausadamente em direcção à Bandeira Nacional, com as armas em baioneta e as boinas representativas. Iniciam a marcha quando é dita pelo locutor a palavra «caíram»...

*«... Caíram no campo da honra, no cumprimento do dever, pela pátria e pelos comandos:*

*OFICIAIS!* (todos respondem: PRESENTE! e a arma é cravada na terra)

*SARGENTOS!* (todos respondem: PRESENTE! e a arma é cravada na terra)

PRAÇAS! (todos respondem: PRESENTE! e a arma é cravada na terra)

«... Neste momento será executado o Toque de Silêncio, seguido do Hino aos Mortos, em que todos, em profundo recolhimento, recordamos com saudade e orgulho aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando».

«... Seguir-se-á o Toque da Alvorada, simbolizando um hino de Esperança e Fé, certos de que o sacrifício dos nossos camaradas não foi em vão».

## POSFÁCIO

Esta obra resultou de um equilíbrio aparentemente difícil de alcançar. Tínhamos dois desafios pela frente; por um lado, pretendia-se que as pessoas nele retratadas se reconhecessem e se identificassem com o que liam e se sentissem parte fundamental do livro, sentindo-o como o *seu* livro; por outro lado, ambicionava-se que os leitores que desconheciam de todo a experiência de passagem por uma guerra pudessem retirar da leitura uma imagem sólida e consistente da guerra colonial, de acordo com uma perspectiva muito concreta e específica: a de uma companhia de comandos.

Procurámos construir um livro simultaneamente íntimo e abrangente, pessoal mas também genérico; um livro assumidamente subjectivo mas do qual é possível extrair conclusões objectivas. Optou-se, então, por atribuir total protagonismo às declarações e aos testemunhos dos intervenientes, tentando proceder-se ao seu enquadramento e contextualização, estruturando o livro na justaposição, conjugação e confrontação das diferentes memórias e opiniões pessoais (assumidas na primeira pessoa e vinculando e responsabilizando apenas quem as profere). O resultado é um mosaico complexo e denso de opiniões, histórias e recordações, simultaneamente pessoal e inclusivo, individual mas generalizável, com especial enfoque no seu carácter humanista.

Para chegar a esse resultado foi indispensável recolher o testemunho de dezenas de pessoas. Se a ideia inicial começou por ser a composição do retrato histórico da 32ª companhia a partir dos relatos e memórias dos seus oficiais, logo se percebeu que seria mais enriquecedor alargar o âmbito das

opiniões recolhidas a todos os elementos da companhia que estivessem dispostos a colaborar; quanto mais extenso fosse o número de testemunhos, mais completo, diferenciado e rico seria o resultado final.

Assim, a execução do livro comportou diversas fases. Começou-se pela recolha de testemunhos, o que implicou inúmeras viagens e longas horas de entrevistas; depois foi necessário efectuar a transcrição das gravações e a edição dos textos, bem como a selecção de elementos a usar (excluindo, por exemplo, repetições e declarações que não se enquadrassem no âmbito do livro ou que fossem demasiado delicadas ou sensíveis para exposição pública); seguidamente, efectuou-se a composição do texto, conjugando os diversos testemunhos de forma a que contassem uma história (uma história construída a diversas vozes mas que resultasse coerente e coesa).

Foi ainda indispensável proceder a pesquisas e levantamentos fotográficos, de forma a redigir uma memória descritiva dos factos relacionados com o percurso da companhia.

Esta é uma história contada pelos seus próprios protagonistas. Torna-se, portanto, óbvio que a essência e riqueza deste livro reside na variedade e riqueza dos testemunhos concedidos, sem os quais este projecto não teria sido viável. Pelo que importa agradecer a todos os que confiaram e partilharam as suas memórias, colocando-as ao dispor dos autores. Da mesma forma que importa que a última palavra deste livro seja: obrigado.

## ÍNDICE

PREFÁCIO .....	5
APRESENTAÇÃO .....	9

### PRIMEIRA PARTE

Memórias e sentimentos: a guerra na primeira pessoa .....	13
CAPÍTULO UM: A COMPANHIA .....	17
Cada um é livre, faz o que entender .....	19
A tropa nunca fez mal a ninguém .....	22
O curso em si é um sacrifício que tem que se fazer .....	26
Não sabem o que é tirar um curso de comandos .....	28
Coisas que, hoje, nem sequer é bom recordar .....	32
É melhor matar do que morrer .....	35
Confiávamos a vida uns aos outros .....	38
A gente tinha a capacidade de desligar .....	41
Saudades? Tinha e não tinha .....	44
Não me venham cá com histórias de que não tinham medo .....	47
Tínhamos um que era um pai e outro que era um irmão .....	51
África já tinha lá gente .....	54
Aquilo parecia que nunca mais passava .....	58
Sentia-se que ia acontecer alguma coisa .....	63
Não tenho o que me martirize .....	69

E dormi descansado .....	73
Laços para a vida toda .....	77
 CAPÍTULO 2: OS OFICIAIS .....	 82
Rodrigo Moura .....	86
José Loureiro .....	101
José Barbosa .....	108
Francisco Van Uden .....	121
Luís Avillez .....	132
Rui Stoffel .....	152
Humberto Carapeta .....	166
 CAPÍTULO 3: OS OUTROS .....	 171
As mulheres que esperaram .....	173
Os amigos que permaneceram .....	181

## SEGUNDA PARTE

Factos e história: uma experiência única .....	193
 CAPÍTULO 1: A 32ª COMPANHIA .....	 197
GEOGRAFIA DA GUERRA .....	200
A 32ª EM DATAS .....	202
OPERAÇÕES E MOMENTOS MARCANTES .....	206
• O resgate da companhia do Capitão Camelo .....	206
• As libélulas .....	208
• A equipa desaparecida no assalto a base de Moçambique .....	208
• A defesa da linha do comboio .....	209
• Uma aventura no lado de lá .....	210
• Uma nova aldeia em Nura .....	211
• E do céu choveu cerveja .....	213
• Os acidentes .....	214
• O regresso do morto .....	216
O OUTRO LADO DA GUERRA .....	217
• Um cruzeiro de Angola para Moçambique .....	217

• Uma natureza diferente .....	218
• A ilha de Moçambique .....	219
• Descontrair para esquecer .....	220
• Os soldados caçadores .....	222
• Os reencontros .....	223
O RECONHECIMENTO .....	224
• Condecorações .....	224
• Louvores .....	225
• Referências elogiosas .....	226
CAPÍTULO 2: OS COMANDOS .....	228
O CÓDIGO COMANDO .....	231
O CURSO DE COMANDOS .....	233
• A fase individual: A prova da sede .....	233
• A fase de equipa .....	235
• A fase de grupo .....	235
• As eliminações .....	235
• A entrega do guião e dos crachás .....	236
A HOMENAGEM AOS MORTOS .....	237
POSFÁCIO .....	239



## **HELENA SILVA**

Nasceu em 1971. É jornalista desde 1989, com diversos trabalhos publicados na imprensa, rádio e televisão.

Este é o seu primeiro livro.

## **PAULO KELLERMAN**

Nasceu em 1974. Além de numerosas edições de autor, colaborações dispersas na imprensa e participações em antologias literárias, publicou cinco livros de contos e foi responsável por diversos *e-books* em colaboração com fotógrafos, ilustradores, músicos, pintores e escritores. Recebeu, entre outras distinções, o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, da Associação Portuguesa de Escritores.

Recentemente, o seu trabalho foi traduzido em Espanha. O presente livro, uma colaboração com a jornalista Helena Silva, é o seu primeiro trabalho na área de não-ficção.

“Todos marcharam na mesma direcção e dispararam com idêntica determinação, todos partilharam segredos e cervejas com idêntica confiança e generosidade, todos saltaram dos helicópteros com a mesma destreza e confiança, todos foram heróicos ou atozes, todos se arrependeram de algo, todos foram e todos regressaram; como um ser único e indivisível, um ser único e indivisível com muitas identidades.

Mas essa experiência comum, transversal a todos, não impediu que alguns se dedicassem à leitura ou à fotografia e outros não, que alguns contemplassem o pôr-do-sol africano com prazer e outros não, que alguns visitassem as «meninas» de Luanda e outros não, que alguns cometessem actos de selvajaria e outros não, que alguns chorassem e outros não, que alguns escrevessem diários e outros não, que alguns recordem os anos de guerra como os melhores das suas vidas e outros não, que alguns regressassem com consciências pesadas e outros não, que alguns apenas queiram esquecer e outros não.

Que alguns aceitassem participar neste livro e outros não.”

Distribuição de:

